2.º ex. - c/ muitas ilustrações, esgotado

GUSTAVO BARROZO
(JOÃO DO NORTE)
DA ACADEMIA BRAZILEIRA

O BRAZIL EM FACE DO PRATA

RIO DE JANEIRO * IMPRENSA NACIONAL * 1930

Os 40 Livros de Gustavo Barrozo:

1. Terra de sol, 2ª edição.
2. Praias e varzeas, esgotado.
3. Mosquita muerta, idem.
4. Mula sem cabeça, idem.
5. Alma sertaneja, idem.
6. Mapirunga, idem.
7. Tição do inferno, idem.
8. A ronda dos seculos, idem.
9. Pergaminhos, edição numerada e limitada.
10. Antes do bolschevismo, esgotado.
11. En el tiempo de los zares, idem.
12. Livro dos milagres, 2ª edição.
13. Tradições militares, esgotado.
14. Uniformes do ezercito, idem
15. Catalogo geral do Muzeu Historico.
16. A balata, esgotado.
17. Idéas e palavras, idem.
18. Heróis e bandidos, idem.
19. Almas de lama e aço.
20. Coração da Europa, esgotado.
21. Intelijencia das couzas.
22. Discurso de recepção, esgotado.
23. Ao som da viola.
24. Caza de maribondos, esgotado.
25. O sertão e o mundo.
26. Atravez dos folclores.
27. Tratado de paz, esgotado.
28. Comedias e proverbios.
29. Fausto, esgotado.
30. O ramo de Oliveira, idem.
31. Lições de moral.
32. Vocabulario das crianças.
33. O anel das maravilhas.
34. Apologos orientais.
35. A guerra do López, 3ª edição.
36. A guerra do Flores, 2ª edição.
37. A guerra do Rozas.
38. A guerra do Vidéu.
39. A guerra de Artigas.
40. O Brazil em face do Prata.

——«*»——

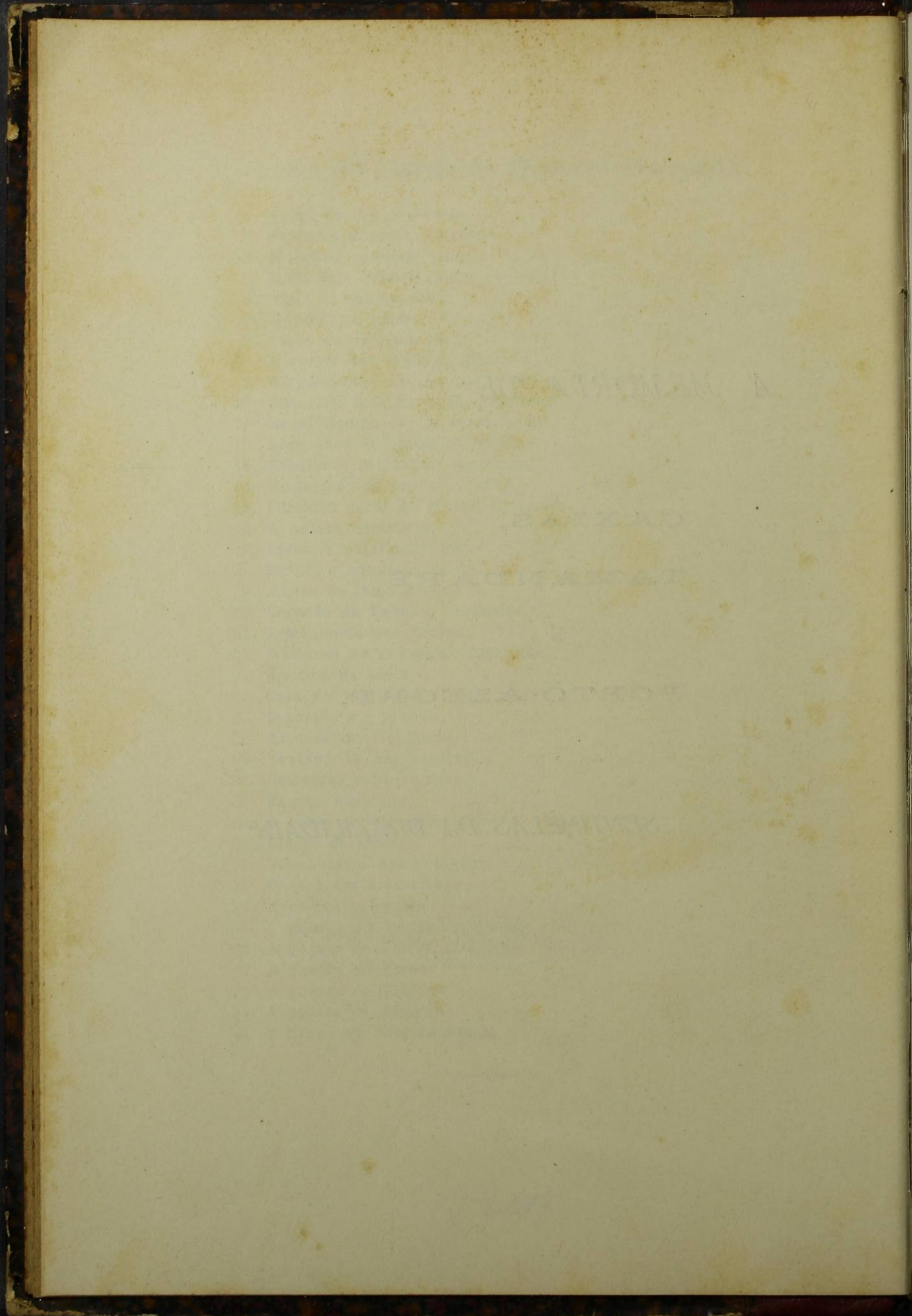
A' MEMORIA DE

CAXIAS,

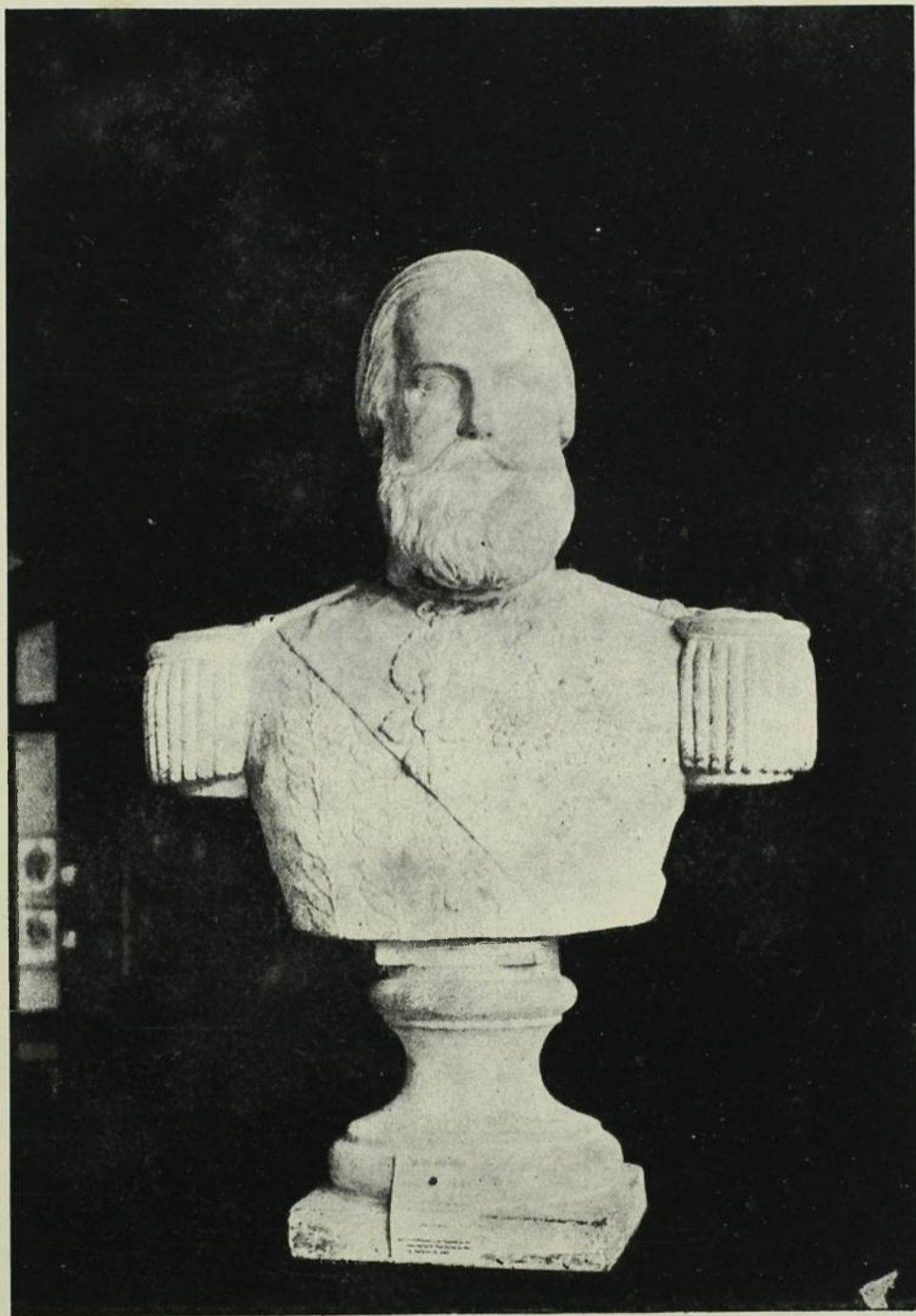
TAMANDARÉ

E

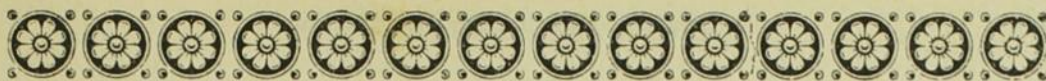
PORTO-ALÉGRE,

SENTINELAS DA BRAZILIDADE

Gustavo Barrozo (João do Norte), da Academia Brazileira de Letras, da Royal Society of Litterature, etc.

"...ostentando ante todo el Rio de la Plata, salvo alguna que otra inteligencia incapaz de sobreponerse á los prejuicios de partido, ó á la aversion al Imperio, el papel de representante desinteresado de la civilisación en la America del Sur."

(JOAQUIM NABUCO — *La guerra del Paraguay* — versión castellana de Gonzalo Reparaz — Garnier — Paris — 1905 — Pjs. 47 e 48).

Busto de D. Pedro II

Muzeu Historico — Rio

A CAMPANHA LOPISTA

O LOPISMO DE O'LEARY

No dia 5 de setembro de 1905, ao escritor paraguaio O' Leary, tão tristemente celebre no nosso paiz pela animozidade que lhe vota e pela sua obra de glorificação de Solano López, o poeta Alejandro Guanes dirijia este soneto sob o titulo "Dilema", ofertando-o a Pompeyo Gonzalez, pseudonimo do mesmo O' Leary:

"El necio audaz que a la fortuna loca
no más debio la suma de poderes,
el endeosar a toda costa quieres,
el que tu labio sin rubor invoca.

Las armas de la patria, alma de roca,
las huelló en flagelar pobres mujeres,
y cuán de cerca algunos de esos seres
algunas de esas mártires te tóca!

Yo nada soy para que encuentres gloria
en enlodar mi frente o que te cuadre
blanco hacerme de mofas chabacanas.

Toda tu hiel escupe en la memoria
del que su mano vil puso en tu madre:
o eres deshonra de sus tristes canas!

Eis aí ha treze annos o que se pensava do tirano e daqueles que, consoante as proprias palavras do soneto, queriam a todo custo endeuza-lo. Então, afirmava o poeta, si o despota tinha torturado a mãi daquele que o elojiava, isso seria deshonrar-lhe os tristes cabelos brancos.

Note-se bem: as palavras empregadas não são minhas; são de um homem de letras paraguaio contra O'Leary. A mãi e o pai deste escritor foram duas vitimas inocentes da crueldade de Solano López. Recorramos aos seus proprios escritos para que nos dê bôa conta de tais sucessos. Tiremos alguns trechos de suas celebres pajinas " A mi madre ". São categoricos:

"Pobre madre mia! Dolorosos recuerdos oprimen tu corazon en este dia. Todas las escenas de aquel horrible drama, de sangre y de martirio para nuestra raza, se levantan ante tus ojos para renovar en tu alma las amarguras infinitas de horas nefandas de implacable tirania."

"En este mesmo dia, hace treinta y seis años, eras conduzida ante el juez inicuo que habia de dictar tu sentencia. Acusada de traición a la patria, habias pasado largos dias en el fondo de obscuro calabozo. Y te condenaron por traidora. El destierro perpetuo, allá en los confines de nuestra tierra, fué el tremendo castigo de tu crimen. Antes habia muerto en la cárcel, victima tambien del tirano, tu generoso compañero. Tu hermana, cargada de grillos, lloraba por ti en el silencio de su prisión. Tus hermanos, perseguidos por el tirano, morian unos tras otros, ya lanceados, ya en el cepo de Uruguaiana o ya de miseria y de hambre... Desde tu niñez habias aprendido a soportar las des-

gracias con resignación. Nacida en los buenos tiempos del doctor Francia, habias visto a tu padre y a otros miembros de tu familia pasar lo mejor de su vida en las pocilgas del tirano. Habias esperado, durante largos años, la muerte del autor de tus dias, puesto en interminable capilla por aquel viejo con alma de chacal!"

"...descalza, con los pies destrozados por las zargas del camino, con tus hijos hambrientos en los brazos..."

"Cada dia, cada instante, se levantan ante tus ojos las sombras de tus hijos, mis hermanos, muertos de hambre en las soledades de tu peregrinación... Pobres hermanitos mios!"

"Ah! madre querida, tu me enseñaste a perdonar. Tu no guardas rencores para nadie. Pero, a pesar de todo, siento agigantar-se el odio inmenso que llena mi alma; odio hacia el tirano y odio hacia los lobos hambrientos que se derramaron sobre nuestra tierra... Muchas vezes, madre mia, el odio es la más sublime de las virtudes... Para tus verdugos y para los verdugos de nuestra patria — perdona-me madre mia — mi odio es eterno."

"Tu perdonaste al tirano, que tan brutalmente te maltrató. Yo no lo perdono."

Nesse tempo, o escritor O'Leary chamava o Dr. Francia de "velho chacal", jurava odio eterno ao tirana López e descrevia os sofrimentos de sua familia: o avô morto no carcere, a pai falecido na prizão, a mãi desterrada e torturada, os tios supliciados por López e seus pequeninos irmãos mortos de fome! Hoje, O'Leary esqueceu tudo isso e quer erijir o lo-

pismo em bandeira de nacionalismo, ataca o Brazil que ultimou o monstro e libertou o Paraguai, faz de Solano López em heroi e um simbolo. E' incrivel que o cabotinismo leve um brilhante homem de letras a procedimento de tal ordem e mais incrivel ainda que haja brazileiros credulos ou pouco escrupolozos que se deixem embalar por suas cantigas.

O' Leary é uma ventoinha que gira ao sopro das conveniencias do momento. Foi partidario de Cecilio Báez, ao tempo em que atacava López. Passou-se para o governo por uma comissão a Buenos Aires. Injuriou violentamente esse mesmo governo, quando caiu. Iniciou a campanha de reivindicação do "verdugo de sua mãi", com chamava a López, depois de ter aceito aquele favor de um governo anti-lopista. Deputado, nada fez de notavel. Foi propagandista do militarismo contra o governo Aayla e, apóz o fracasso da revolução de Chirife, tornou-se ás bôas com o governo, pretendendo uma comissão na Europa. E assim por deante.

Quem o não conhecer, portanto, que o compre.

A seu respeito, Découd escreveu esta nota á pj. 242, do *Una decada*: "Bernardo Jovellanos foi encarcerado porque, sendo juiz, se negou a pronunciar uma sentença nos termos ezijidos pelo marechal López. Doente do peito, pouco depois de ser internado no carcere, em Assunção, faleceu. Sua infeliz espoza, Dolores Urdapilleta, depois de ter estado agrilhoada e de ter sido martirizada na mesma prizão, foi desterrada em Emboscada para aumentar o pessoal de serviço do leprozario ali ezistente, á marjem do arroio Guazú-Piré, hoje propriedade de Heitor Francisco Decoud. Daí foi transferida para

Luque, de onde a conduziram a Ajos e desta povoação a Ihú, de onde, em companhia das demais *destinadas* passou a Curuguati e finalmente a Espadin, como se sabe. A senhora Urdapilleta de Jovellanos soffreu todos os martirios com as outras qualificadas de *traidoras*. Mais de uma vez, durante a viajem á Espadin, esteve a pique de ser lanceada, porém, felizmente, circunstancias fortuitas a livraram de tal sorte. Terminada a guerra, a senhora Dolores Urdapilleta de Jovellanos contraíu matrimonio, em segundas nupcias, com o Sr. Juan O'Leary. Deste casamento, naceram cinco filhos, dos quais o mais aproveitavel, Juan, indignado pelos injustos agravos sofridos por ordem do marechal López, na adolecencia dedicou-lhe estas sentidas palavras:

A MINHA MÃI

"Acuzada de traição á patria, passaste longos dias no fundo de escuro calabouço. E te condenaram por traição. O desterro perpetuo lá nos confins de nossa terra, foi o tremendo castigo do teu crime! Antes, morrera no carcere, vitima tambem do tirano, teu generozo companheiro. Tua irmã, carregada de grilhões, chorava por ti no silencio da sua prizão. Teus irmãos, perseguidos pelo tirano, morriam uns apóz outros, ou no cêpo uruguaio, ou de mizeria, ou de fome."

Que os leitores agora possam discernir o merito pessoal de quem, em certa epoca, condenou o tirano para depois se converter em ardorozo e entuziasta defensor do mesmo tirano."

Sem duvida, concluimos nós, sobram razões a O' Leary para ser lopista. Aliáz, em *La masacre de Concepción,* pj. 341, a ironia de Découd novamente o xicoteia: "Juan E. O' Leary, en la publicación que, adolescente aún, y viendo, desde su nacimiento, las cicatrices que llevaba la pobre madre, producidas por los grillos y azotes, no pudo resistir a tamaño ultraje inferido injustamiente a la autora de sus dias. Y en um rapto de suprema indignación, cumplió con um deber de hijo, maldiciento la memoria del tirano."

López perseguiu cruelmente a familia de O'Leary. Arturo Rebaudi narra na sua *Guerra del Paraguay,* paj. 47, este epizodio:

"Um dia, o marechal mandou chamar o tenente de marinha José Urdapilleta (tio de O'Leary), um dos heróis da abordajem aos encouraçados e, quando o teve em sua prezença, disse-lhe: — Trousseram ao acampamento seu pai e dei ordem que lhe metam quatro balas como traidor. Cuide, portanto, de portar-se bem, para lhe não acontecer o mesmo que a seu pai. E despediu-o. O joven militar, que não pestanejara nas mais arriscadas e sangrentas ações, ficou estarrecido e retirou-se cabisbaixo. Sua irmã Assunção, quando ouviu de seus labios a tremenda noticia da morte do pai, indignada lhe gritou: — E não foste capaz de dar um tiro nesse monstro!"

Vê-se que o demonio de López sobre o sangue de O'Leary data de lonje. O neto dum fuzilado, o sobrinho dum desfeiteado, o filho duma digna senhora vilmente açoitada pelo tirano trabalha para fazer deste "un ser superior, legendario, epónimo, para inculcar en sus conciudadanos el sentimiento del na-

cionalismo, y cultivarlo artificialmente como en su invernaculo." E daí o majistral conceito do mesmo Découd:

"Quien leyera detenidamente la infinidad de documientos que condenan a ese angel exterminador, y supiera que hay jóvenes paraguayos que pretenden vindicar su memoria ,no saldria de asombro, diría que son seres degenerados, que han sido victimas de la locura o de la ley fatal de atavismo que les fuera transmitido por sus ascendientes directos y de segunda linea..."

Quem conheceu bem a situação do povo paraguaio estrangulado por una tirania tártara durante longos anos, quem, no manuzeio dos livros e documentos, tiver pasmado deante dos horrores da caudilhajem platense, compreende facilmente que haja paraguaios fanaticos que lamentem a perda de López II. Fala neles o atavismo a que se refere Découd, o atavismo fatal da escravidão fizica, moral e mental.

Porque, no paiz guarani, segundo um de seus maiores pensadores, Cardús Huerta, "el entronizamiento del despotismo, por el abrigo sistematico de la fuerza llegó a constituir el estado permanente y normal del escenario politico, fundado en la pasividad e ignorancia de la población, que así por una sola vez pudo levantar la protesta armada que la vindicase ante la historia de haber consentido la tirania en forma de una tendencia estable y un régimen arraigado."

Essa opinião mais se radica no nosso espirito, quando pensamos na extensão da barbárie paraguaia no tempo. Ela é mais antiga do que o proprio Fran-

cia, que não passou de mero produto de sua epoca e do seu povo. Em 1857, na primeira edição de sua *Historia de Belgrano,* quazi uma decada antes da guerra da Triplice Aliança, Mitre escrevia á testa de sua magnifica descrição do Paraguai, onde ia fazer entrar o ezercito do seu herói:

"El Paraguay, cuna de la civilización del Rio de la Plata, era ya en 1810, el paíz más atrazado y más oprimido de la America del Sur."

E, si o leitor quizer pasmar ante um expoente da caudilhajem barbara do Rio da Prata, peço-lhe que leia comigo as pajinas 99 e 100 do tomo III da citada obra:

"Fernando de Otorgués era uma especie de besta féra. Sua tez branca e seu cabelo ruivo, como seu nome, acuzavam origem ezotica. Fôra lavrador nos arredores de Montevidéu, e um dos primeiros que se alistaram sob as bandeiras revolucionarias. Não tardou em assinalar-se pelo seu valor e fria crueldade, adquirindo acendente sobre as massas, e era respeitado até pelo proprio Artigas, a quem aspirava suplantar e que lhe dava certo grau de liberdade. Vestia casaco vermelho e botas de potro. Nos combates, pelejava de lança em punho. Rodeava-o sempre um bando de sicarios e era para ele crime de morte ser espanhol, portenho ou portuguez. Durante a guerra de 1814 a 1815 com os portenhos, fizera castrar uma partida de arjentinos aprizionada, afim de vingar-se do chefe da mesma que uma vez lhe tomara a namorada. Nos bailes a que comparecia, mandava os sequazes apagar as luzes para se apoderar, como de uma preza, da mulher que tivesse despertado sua brutal concupicencia. Emquanto foi governador de

Montevidéu, em 1815, tinha dois satelites, que reprezentavam nas ruas a sua vontade. Um deles, o mulato Gay, fazia os espanhóis se pôrem de quatro pés, montava-os de rebenque e espóras, e passeava, assim, pelas vias publicas. Sua cavalgadura habitual era um leigo franciscano ao qual obrigava a beijar o trazeiro das beatas gordas que saíam da missa. O outro, um tal Castilho, estendia a bandeira espanhola sobre o cais e os espanhóis que a não pizavam e lhe não cuspiam em cima eram cruelmente açoitados no mesmo instante, amarrados a um poste. Certa ocazião, um soldado de sua escolta quiz violar uma senhora distinta. Indignada, ela levou imediatamente sua queixa ao governador. Este, depois de ouvir o relato, exclamou jocozamente: — Safa! como devia estar excitado o rapaz! E essa foi a sentença absolutoria. Quando o secretario lhe levava o expediente para assinar, convidava-o a tomar um copo de aguardente e continuava a beber sem compreender nada do que lhe liam."

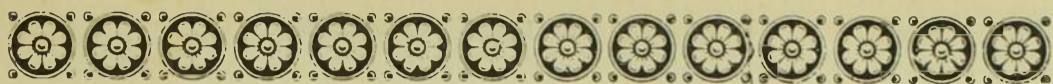
O coronel Manuel Antonio Puerreydon, nos seus *Escritos historicos,* pj. 172, confirma essa vergonha:

"Durante el gobierno de Otorgués una soldadesca desenfreada cometia todo género de desórdenes, de crimenes, diré mejor. Por este motivo se cerraron las tiendas y pulperias, las familias viviam encerradas, nadie se determinaba a salir a la calle, sobre todo las mujeres, que eran ultrajadas a plena luz del dia. Llegó a crecer pasto en las ventanas de estar siempre cerradas."

Tais cenas nunca foram possiveis no Brasil. *Mutatis,* levemente *mutandis,* da mesma felpa eram os Artigas, os Francias, Ramirez, que se fizera apeli-

dar *El Supremo Entreriano,* titulo que Solano plajiou, os López de Santa Fé e os López do Paraguai, os Quiroga, Oribe o Corta-cabeças, D. Juan Manuel de Rozas, dezenas de outros. E foram os nossos ezercitos que os varrêram da face da America.

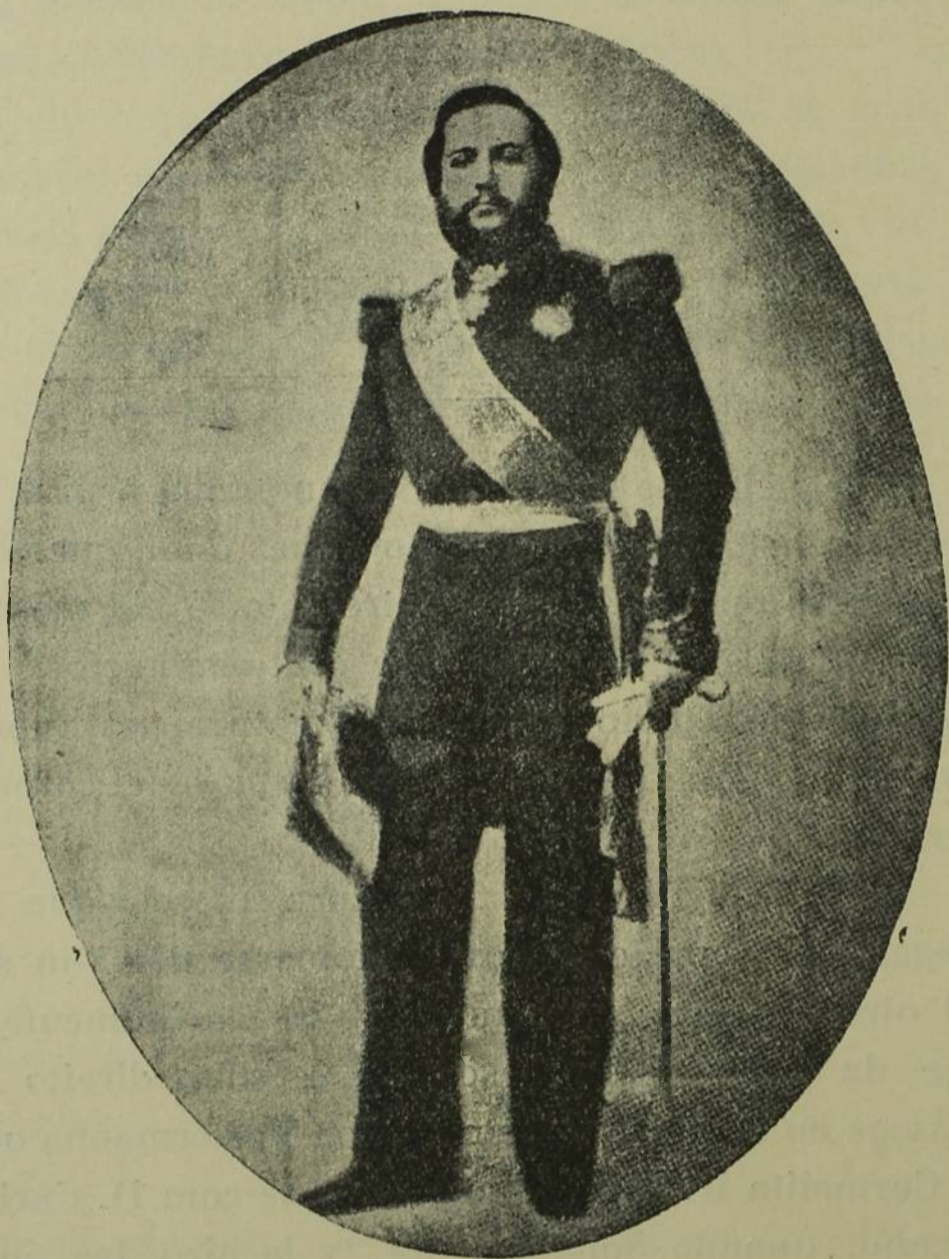
Resta hoje sómente a triste memoria de suas atrocidades e de suas infamias. E, como acompanhamento da mesma, na alma dos decendentes das vitimas desses monstros, uma saudade atavica do servilismo ancestral que é um dos mais condenaveis e, ao mesmo tempo, mais curiozos sadismos literarios.

——«*»——

SOLANO O CASTO

A cegueira de O' Leary na campanha a prol da pseudo rehabilitação de Solano López é tal, que chega a dizer que era casto. Entretanto, é ele mesmo quem se encarrega de nos dar conta minucioza da ezistencia de Emilio López, filho natural do Supremo e de D. Juana Pessoa, "esposa después del coronel Hermosa".

Alem da Lynch, cuja formozura fez com que, ao chegar em Asunção, o povo a tomasse por "un ser del otro mundo", com quem vivia maritalmente á face da nação, julgava-se com o velho direito de *cuissage* no Paraguai. Sabemos por Mastermanna que D. Carmelita R. estava para cazar-se com D. Carlos Découd, quando Solano a viu "y le hizo las suas vergonzosas proposiciones." Repelido, prendeu o noivo e o irmão da noiva sob um pretexto de conspiração. Poucos dias depois, eram fuzilados e o cadaver nu do joven Découd atirado á porta de sua pobre mãi...

O famoso cazo da linda Pancha Garmendia é tipico. Amou-a. Dezejou-a. Encomendou versos em sua intenção. Amimou-a. Ameaçou-a. Fez tudo o que

era posivel para posui-la. Nada conseguiu. Vingou-se atrozmente. Basta a respeito o quadro pintado por Hector Découd na *Decada* sobre essa donzela — "or-

O ditador Solano Lopez

gullo de la raza, por su deslumbrante belleza, y ejemplo de entereza en defensa de su honor". *Destinada* no ezilio das serras dezertas, esfaimada, ferida, reduzida, a um espetro, foi lanceada por sua ordem á marjem do arroio Guazú.

A memoria das vitimas femininas do tirano: Pancha, Juana Martinez, Bernarda Barrios de Mareó.

Margarita Barrios de Valdevinos, Consolación Barrios, Prudencia Barrios, Chepita, Rosaria, Oliva, e tantas outras, cujo sangue ensopou a terra paraguaia protesta contra a glorificação do seu verdugo. E os homens de pensamento interrogam-se com espanto:

— Será possivel que o unico remedio capaz de salvar o Paraguai de seu abatimento seja erguer um pedestal áquele que o reduziu a esse estado?

——«*»——

LOPISMO BRAZILEIRO

Um dos fenomenos literarios mais curiozos do Paraguai atual é o lopismo. Esquecendo as amarguras e dôres a que arrastou sua patria o caudilho cruel, certa escola entendeu de transforma-lo em heroi espartano, conferindo-lhe todas as virtudes. Para isso, era necessario pôr de parte os documentos, falsear a historia e imputar ao imperio brazileiro os mais negros crimes. Fez-se isso.

Mascarou-se a pobreza de documentação com palavreados ôcos e sonoros, finjiu-se discutir com a injuria e procurou-se continuar no prezente a velha campanha de descredito levada a efeito contra o Brazil nos tempos dos regulos platinos que lhe invejavam as instituições e temiam a sua intervenção, quando ela se fazia mistér, a pról da ordem, da liberdade e da paz.

A campanha lopista ecoou em outros estados sulamericanos, o que é natural por se tratar de gente da mesma raça, lingua e idéas. Homens de merito entraram nela, levianamente ,sem maior ezame dos seus alicerces e sem a menor reflexão sobre seus fins. Lantejoulas de estilo ofuscaram o pensamento de

muitos e, assim, se estabeleceu essa curioza corrente de historiadores e escritores empenhados em levantar do seu tumulo das marjens do Aquidaban a féra humana lanceada pela cavalaria brazileira, vestindo-lhe a tunica branca da inocencia.

Têm-se visto peores couzas por amor á notoriedade, á orijinalidade de arranjo e ao paradoxo. Já se justificou o proprio Nero como um artista delirante. Já se tentou polir o vulto ensanguentado do tirano Rozas. A's chicanas da intelijencia tudo é possivel. E a pequena minoria de inteletuais paraguaios e espano-americanos que prega o lopismo, gritando muito, como todas as minorias, para se fazer ouvir, tem o direito de pensar como entender.

Quem não tem esse direito é o brazileiro. A este assiste o dever patriotico de velar pela bôa fama de seu paiz como vela pelo bom nome de sua familia. A este não compete julgar o seu paiz no passado, levianamente, e sim ante os documentos compulsados com honestidade e vagar. A este não cabe sinão o silencio, quando mesmo reconheça os erros da terra que o viu nacer. E' preciso ser um renegado para romper com a tradição de seus maiores e entregar-se de corpo e alma aos que detratam o seu torrão. Não ha no Brasil monarquia nem republica para os corações verdadeiramente brazileiros. Ha de 1822 até hoje o Brazil-patria, expressão de uma cultura á parte e de uma civilização diversa na America do Sul, ordenado e calmo entre os pronunciamentos, unido e coeso no meio das fragmentações, vagarozo na sua marcha e seguro nos seus passos entre o oscilar das caudilhajens. Esse Brazil se ama sob a corôa ou sob o barrete frigio; esse Brazil se defende com as ar-

mas na mão como os nossos maiores o defenderam; por esse Brazil se morre como morreram cem mil brazileiros nos pantanos do Paraguai. Essa é que é a obrigação do homem nacido no territorio patrio e digno de viver nele com altivez.

Foi a esse Brazil que o Paraguai fez uma guerra de vandalos, tão bem sintetizada nestas palavras do grande Nabuco — "...levando nas tropas as mesmas ordens de saque e destruição, os mesmos propozitos de rapina e lascivia com que mais tarde os veremos atravessar o Uruguai. Não era uma guerra civilizada a que nos surpreendia. Era uma invazão de barbaros, uma horda de hunos lançada de repente sobre nossas indefezas populações."

Ademais, aí estão os documentos comprobatorios da justiça de nossa cauza na guerra, expostos aos olhos de todos, nas publicações, nos arquivos, nos proprios livros de arjentinos, uruguaios e paraguaios. Aí estão eles reunidos em volumes e volumes, de Jourdan a Rio Branco, a Batista Pereira, a Ronald de Carvalho, ao general Mario Barreto.

De maneira que é admissivel o lopismo no Paraguai e mesmo nas nações que tomaram parte no conflito ou dele estiveram afastadas. Aceitemos o lopismo na Colombia ou na Arjentina, no Perú ou no Equador. Mas não o admitamos no Brazil em condição alguma.

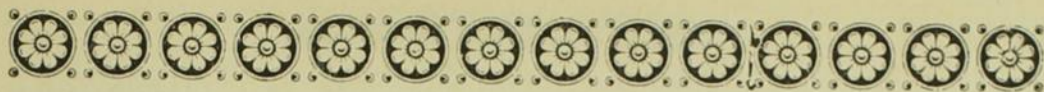
O lopismo brazileiro só não é um crime, porque é uma asneira. Ninguem de mediano bom senso, conhecendo documentadamente cauzas e efeitos de nossa ação nas fronteiras do sul, nos condenará. Antes pelo contrario, verificará completamente quanto fomos sempre tolerantes, cortezes, civilizados, sinceros

e dezinteressados, como nos pagaram os platinos essas atitudes e que intenso odio nos foi sempre dedicado.

Não devemos reviver isso para que os odios continuem. Devemos ensinar a nossos filhos o perdão das ofensas e o amor intenso de tudo o que é americano; mas para isso não precizamos nem esconder a verdade, nem dezacreditar a nossa patria. Assim, somos obrigados a contar o cazo como o cazo foi.

Arrastados a uma guerra sem treguas, pagamos caro a nossa victoria e é dolorozo que haja brazileiros capazes de, caluniando a sua terra e os homens do passado de sua terra, ingressar nas fileiras do lopismo. D. Francisco Solano López, do outro lado da vida, deve sorrir de prazer com essa vingança postuma, sem duvida lamentando não estar mais á face da terra, para mandar mete-los no cêpo uruguaio, como o fez ao infeliz Las Carreras, o incauto estadista "blanco" que se refujiou no covil do lobo...

São esses brazileiros, lopistas por paixão da notoriedade, por ezibição, por ignorancia, por pozitivismo ou por entenderem que, para serem americanos, é necessario se tornarem máos brazileiros, que permitem aumente com o seu nome, seu apoio moral e intelletual a propaganda contra a historia, a ação, os ideais e os feitos do Brazil. Acoroçoada por eles, que na maior dos cazos, não sabem o que fazem, a atoarda prosegue e, interpretando mal a nossa longanimidade, julgando-a talvez fraqueza, certos individuos, estranjeiros sem valor algum, tomam liberdades perigozas, que é urjente repelir...

——«*»——

O DEZEJO DE SER CRETINO

Os inimigos do Brazil na America do Sul, inimigos pelo odio de raça transplantado a este lado do Atlantico e por outras circunstancias decorrentes de varios fatores historicos, nunca lhe perdoaram nem jámais lhe perdoarão o tamanho do territorio e a grandeza da população, essa aparencia formidavel de colosso, unido e coeso no meio da fragmentação dos antigos vice-reinados espanhóis. Nunca lhe perdoaram as instituições monarquicas que teve por herança, emquanto eles as procuraram obter, sem rezultado, por emprestimo. Nunca perdoaram ao imperio a sua ordem civil e militar, jurando á fisionomia do continente no meio da anarquia caudilhesca que o rodeava por todos os lados. Nunca lhe perdoaram as derrotas inflinjidas aos seus regulos crueis em nome da civilização.

O papel do imperio preciza ainda ser estudado minuciozamente nas suas intervenções além das fronteiras do sul. Nossas armas libertaram os povos tiranizados pelos gauchos-malos elevados ás curúes de governo. Vivendo tranquilos e felizes, nós nos impressionavamos com a sangueira que corria na vi-

zinhança e mais de uma vez aussiliamos gratuita e generozamente os nossos irmãos para se livrarem de seus algozes.

As grandes almas dos Mitres, dos Sarmientos e dos Andrés Lamas compreenderam talvez isso; mas os espiritos inferiores, os de má fé, os dezejosos de renome rapido e barato á custa de paradoxos ou de afirmações sensacionais, todos esses sempre se combinaram numa campanha de descredito do Brazil e dos brazileiros, do *gigante dos pés de barro* e *dos macaquitos* campanha que começou antes da guerra do Paraguai, se prolongou durante ela e ainda hoje continúa.

Que a façam os povos vencidos pelas espadas de Caxias, de Ozorio, de Porto Alegre e dos Menas Barretos, compreende-se. Que a ajudem outras mentalidades do continente a esses povos ligados por laços de sangue e sentimentos comuns, admite-se. Mas que alguns brazileiros nela intervenham, ajudando a demolir a reputação da propria patria e contribuindo para a adulteração da verdade historica, é *incrivel de se acreditar* como diz o nosso matuto, para dar maior força a expressão. Eu não qualifico a atitude dos brazileiros que enegrecem o nosso passado, para canonizar Rozas, López e quejandos, de crime, porque ela é um dispauterio. O brazileiro que apregôa idéas rozistas ou lopistas não passa aos olhos de quem tem bom senso de um individuo possuido do dezejo de ser cretino...

O Sr. Batista Pereira pronunciou na Faculdade de Direito de Bello Horizonte, uma notavel conferencia subordinada ao titulo *Civilização contra barbárie*, na qual demonstrou á saciedade, com um

raro brilho de linguajem e uma documentação insofismavel, a verdade e a justiça da cauza brazileira e a inanidade, a insustentabilidade, a tolice dos defensores de tiranos, dos advogados do caudilhismo contra o Brasil.

Fez o ilustre conferencista larga exposição das cauzas e efeitos da insidioza propaganda preparada de ante-mão no estranjeiro, sobretudo nos paizes europeus, contra o Brasil, propaganda esta a que devemos a antipatia que nos cercou durante a campanha, propaganda e antipatia que ainda continuam. Esqueceu-se, todavia, de um ponto muito importante e que pedimos venia para lembrar: de que essa propaganda encontrava, tanto nos Estados Unidos como na Europa, o terreno preparado para frutificar devido ao ciume de ambos ante o dezenvolvimento militar e naval do Brazil na America do Sul.

Não lhes convinha isso por diversos motivos. A observação não é minha, é de Theodoro Fix á pajina 161 do seu livro *La Guerre du Paraguay* (edição de 1870). Transcrevamo-la na integra: *l'Amérique du Nord et l'Angleterre voyaient avec mauvaise humeur le déploiement de forces du Brésil et n'auraient pas manqué d'intervenir si elles n'avaient eu á s'adresser qu'á lui seul...*

Fix escrevia a sua obra em França, lonje do teatro dos acontecimentos e perto dos comentarios da imprensa e do publico observador.

Uma das afirmações categoricas do lopismo paraguaio-brazileiro, monstro hibrido, é de que nós nos preparamos para a guerra, em Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, com antecedencia de muitos anos. Não ha maior mentira. Dois documentos de pri-

meira ordem destruiriam completamente essa balela, si ela só por si não fôsse inconsistente. Primeiro: assumindo a administração da provincia do Rio Grande do Sul em agosto de 1865, dizia textualmente o presidente Souza Gonzaga, no relatorio enviado ao visconde da Boa Vista:

"Poucas eram as forças de linha, e estas mal armadas, mal fardadas e disseminadas em diversos pontos lonjinquos. O arsenal e os depozitos belicos estavam desprovidos de material; os rejimentos não tinham cavalhadas... Havia na provincia cinco rejimentos e trez batalhões (efetivo total: 2.503 homens...)."

Segundo: Em 1858, sete anos antes da guerra, na Camara dos Deputados, o reprezentante de Mato Grosso, Sr. Antonio Corrêa do Couto, pronunciava estas palavras:

"Estou convencido que, si se desse agora o cazo de guerra com o Paraguai, além da provincia não estar preparada, o governo se veria embaraçado em mandar para ali o que ainda lhe falta, pois que nada está preparado na provincia, nem para transportes."

A isso, o ministro da Marinha de então, replicou:

"Temos esperança de que a paz continue."

O deputado era menos otimista do que o ministro e concluiu, profeticamente:

"Eu, particularmente, não tenho esta esperança; e, si tivesse occasião de falar nos nossos negocios com relação ao Paraguai, diria a razão."

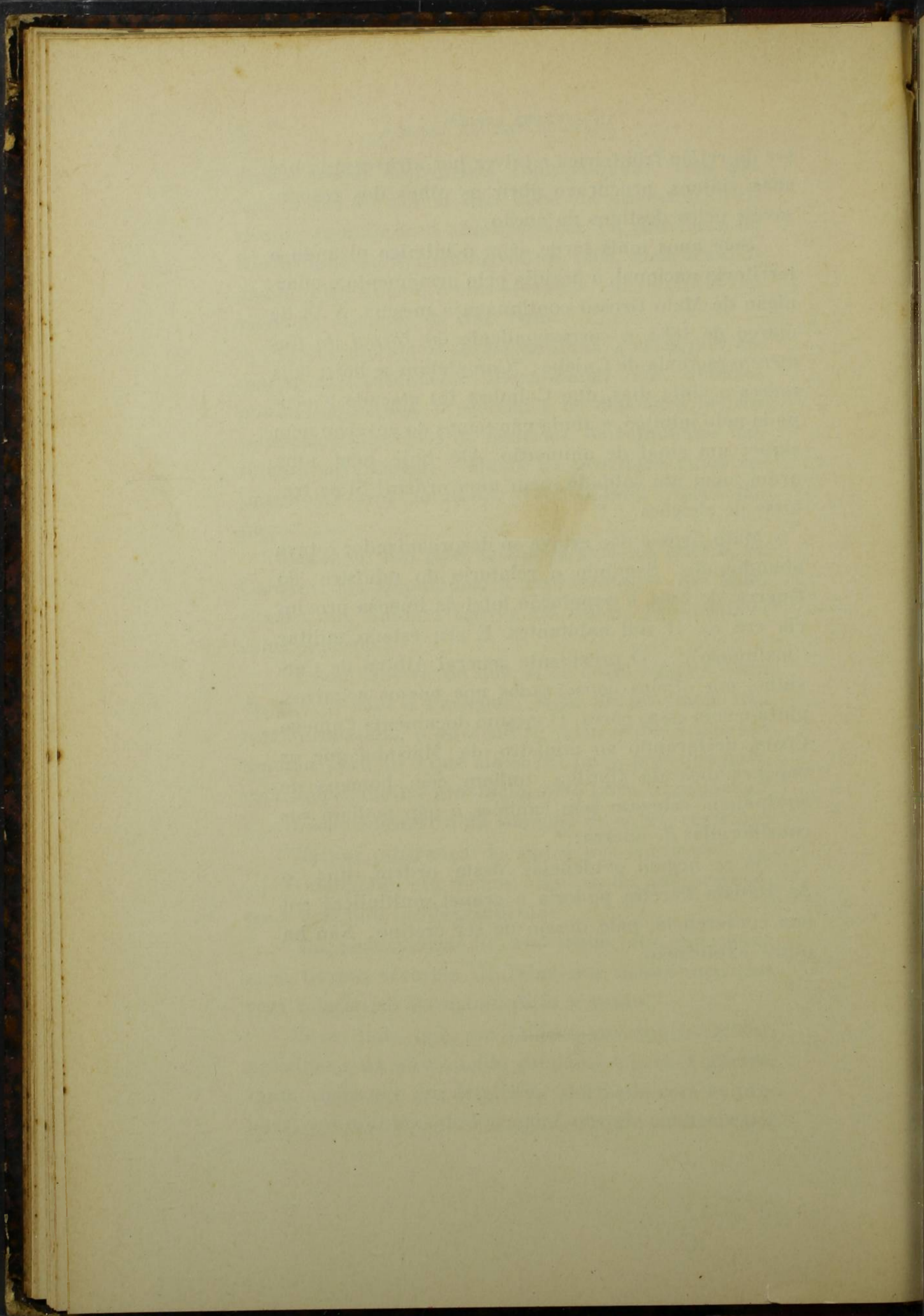
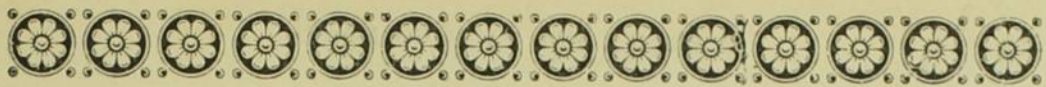
Vê-se, pois, que, em 1858, o governo brazileiro acreditava na paz e nada preparava para a guerra, tanto assim que um deputado, alarmado com os preparativos militares do Paraguai, que ele conhecia por

ser da rejião fronteiriça e talvez por atravessa-lo nas suas viajens, procurava abrir os olhos dos responsaveis pelos destinos da nação.

Sete anos mais tarde, com o inimigo pizando o territorio nacional, a dezidia pelo armamento e guarnição de Mato Grosso continuava a mesma. A 18 de março de 1865, o correspondente do *Jornal do Comercio* escrevia de Cuiabá: "Completam-se hoje, dois mezes e vinte dias, que Coimbra foi atacada e ocupada pelo inimigo, e ainda não temos do governo nem siquer um sinal de animação. Até hoje nem uma arma, nem um soldado, nem uma ordem! Si se tratasse de eleições..."

Mato Grosso não estava só dezorganizado; estava abandonado. Segundo o relatorio do ministro da Guerra, de 1864, a população total da imensa provincia era de 41 mil habitantes. E seu estado militar "lastimozo"... O prezidente general Albino de Carvalho, em oficios conservados nos nossos arquivos, pinta-o com essas côres. O mesmo documenta Lamego Costa, declarando ao ministro da Marinha que os vaporezinhos da flotilha tinham cem homens de equipajem, estavam sem canhões e não podiam ser considerados de guerra.

Só se negam evidencias desta ordem, que o Sr. Batista Pereira poderia a granel multiplicar em sua conferencia, pelo desejo de ser cretino. Não ha outra explicação.

——«*»——

AS BANDEIRAS DE AVAI'

Quando o duque de Caxias regressou do Paraguai, em começos de 1869, trousse comsigo grande numero de troféus tomados aos guerreiros do ditador López. Entre essas reliquias que provavam os sacrificios e o valor dos nossos soldados, estavam as onze bandeiras de que nos apoderámos na batalha de Avaí. Não tendo nenhum estabelecimento publico proprio para recolher esses trapos preciozos, o ex-comandante em chefe dos ezercitos aliados obedeceu ao costume da época, que era depozita-los numa igreja, e entregou-os á irmandade da Cruz dos Militares.

Muitos templos católicos do Brazil receberam desses sagrados depozitos. Na matriz de Fortaleza, se guardou a bandeira do heroico 26° de Voluntarios da Patria, bordada a ouro e sêda pelas moças cearenses, uma das primeiras a tremular no Passo da Patria e milagrozamente salva em conjunturas muito dificeis. Na sé de Mariana, se dependurou na capela-mór a do 17° de Voluntarios, o batalhão mineiro que combateu e sofreu na retirada da Laguna. Ha quatro anos, transferiu-a o Arcebispo D. Helvecio Gomes de

Oliveira, com grande pompa, para o Muzeu arquiepiscopal da igreja de S. Pedro, na mesma cidade.

Foi, portanto, obedecendo ao costume da época, que o Duque de Caxias depozitou na igreja da Cruz dos Militares as bandeiras tomadas em Avaí, aos valentes batalhões paraguaios de Caballero. Não pertencem, portanto, esses troféus, nem áquela igreja, nem áquela irmandade. Nenhum titulo assiste a uma ou outra para se arrogarem a propriedade deles. São méras depozitarias. As reliquias de Avaí pertencem á nação, porque custaram o sangue da nação. Que o atestem o ferimento de Ozorio e a memoria glorioza do barão do Triunfo.

Quando se instituiu no Rio de Janeiro, o Muzeu Historico Nacional, o primeiro cuidado de sua diretoria foi reunir todas as reliquias historicas e todos os troféus que ainda porventura ezistissem nos varios estabelecimentos publicos da União. Recolheram-se assim os acêrvos de antigos pequenos muzeus especiais do Arquivo, da Quinta da Bôa Vista, dos Ministérios da Guerra e da Marinha. Lembrou-se a referida diretoria das bandeiras depozitadas pelo duque de Caxias na Cruz dos Militares. Durante longos anos, elas fôram vistas entregues á poeira e ás moscas naquele templo. Depois, entrou o mesmo em obras e elas dezapareceram da vista dos mortais. Oficiou o Muzeu á irmandade, pedindo informações sobre o numero e qualidade das bandeiras, e solicitando a sua cessão, si possivel, delicadamente.

Embora estivesse convencida que se tratava dum depozito e que o mesmo depozito deveria ser restituido ao seu depozitante, a Nação Brazileira, de quem Caxias fôra representante ou procurador, a

diretoria não tocou nesse ponto e limitou-se a pedir informações e a solicitar a cessão. Apezar da cortezia mandar que se responda a qualquer carta, desde que ela esteja em termos, não se dignou a irmandade de dar uma resposta, mesmo negativa, ao oficio em questão. Tentativas particulares levadas a efeito

Carro do general Ozorio na batalha de Avai
(Muzeu Historico — Rio)

para o mesmo fim por diversas vezes tambem não surtiram o menor rezultado.

Decorreram alguns anos e não tratou mais a diretoria do assunto.

Pois bem: o grupêlho pozitivoide, que, desde o advento da Republica, com a sua "sã politica" procura entravar o dezenvolvimento natural da nação,

já lhe estragando a bandeira, já propugnando idéas muito bonitas teoricamente, porém, fóra de tempo e fóra de propozito no sentido pratico, já deformando o bom gosto até nos monumentos publicos; esse grupêlho, dia a dia felizmente reduzido á expressão mais simples, ajiu nos bastidores e quazi conseguiu esta couza hedionda: que a irmandade da Cruz dos Militares entregasse ao Sr. Guggiari, prezidente do Paraguti, quando esteve no Brazil, as bandeiras que conquistamos em Avaí.

E' um dos tristes capitulos dessa famijerada restituição de troféus que se apregôa no nosso paiz desde o começo da Republica, idéa pozitivoide por excelencia. Até hoje nenhum arjentino se lembrou de propôr que nos fôssem devolvidas as bandeiras de "rechange" encontradas pela cavalaria de Alvear nas bagajens de Barbacena, no Passo do Rosario. Mas nós devemos perdoar dividas e devolver troféus.

Procuremos, em nome da fraternidade americana, esquecer o passado e pugnar pela paz no prezente e no futuro; mas que isso não implique na ingratidão áqueles que pela honra e pela integridade nacional derramaram o seu sangue. Essas reliquias não são destinadas a avivar odios contra os vencidos de hontem; mas sim a ensinar á geração presente e ás vindouras o respeito e a admiração pelos heróis que as conquistaram.

E' uma falta de patriotismo entrega-las a quem quer que seja. Eu não duvido dos sinceros propozitos de fraternidade dos pozitivistas que querem essa restituição; porém eles são a minoria, infima minoria, no Brazil e este, de coração, é contra esse gesto infeliz e dezarrazoado.

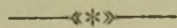
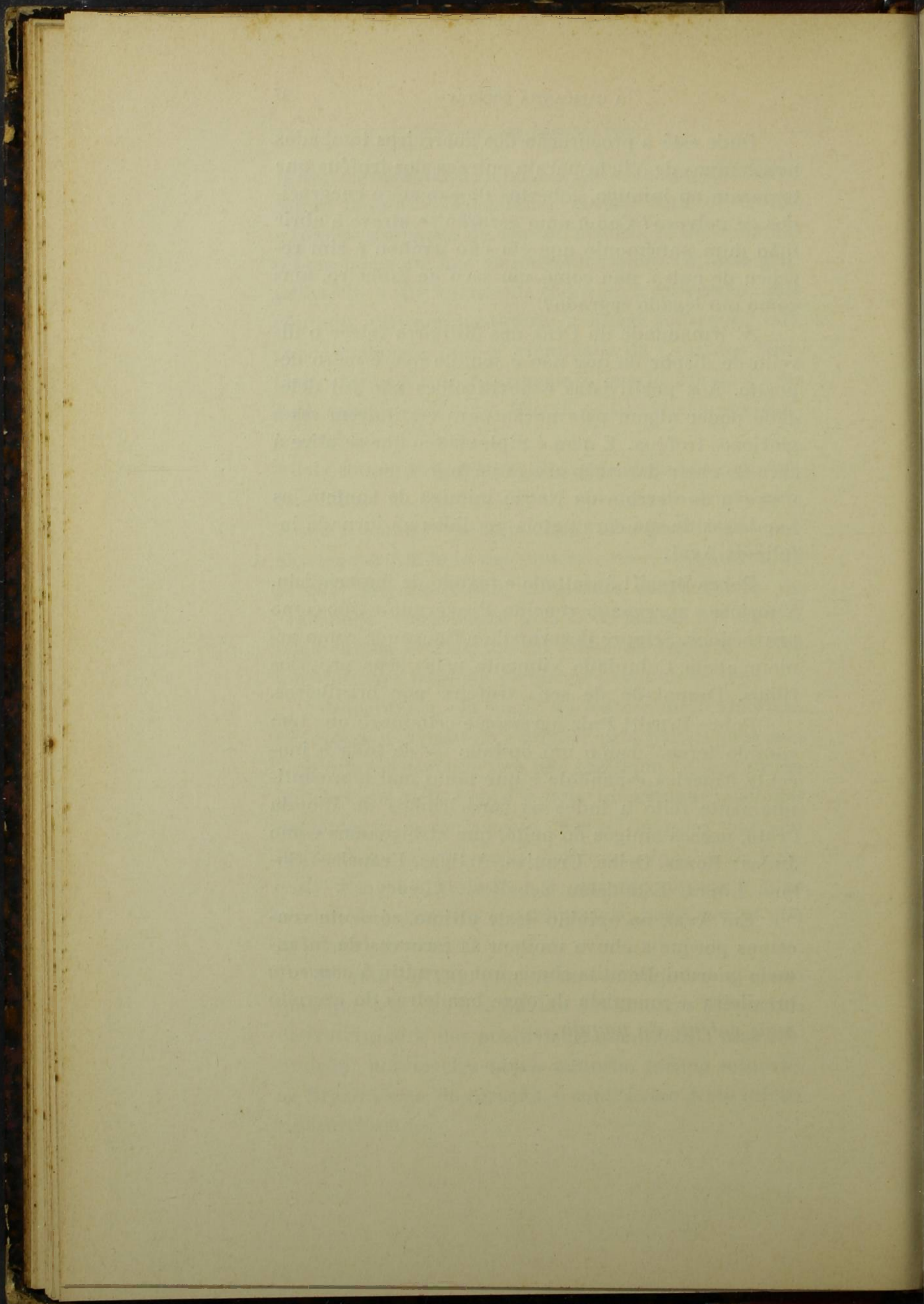
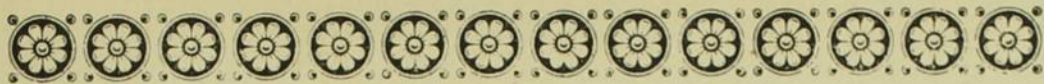
Onde está a procuração dos guerreiros tombados nos campos de Vileta para a entrega dos troféus que tomaram ao inimigo, cobertos de sangue e enegracidos de polvora? Como uma geração se atreve a abrir mão dum patrimonio que ela não ganhou e sim recebeu de outra, não como um saco de dinheiro, mas como um legado sagrado?

A' irmandade da Cruz dos Militares falece o direito de dispôr do que não é seu, do que é méro depozito. Aos pozitivistas e pozitivoides não foi delegado poder algum pela nação para restituirem esses gloriozos troféus. E nem é diplomatico que se atire á cara do chefe da nação amiga de hoje, que nos vizita, a prova da derrota da Nação inimiga de hontem, as bandeiras de sua cara patria perdidas na jornada infeliz de Avaí.

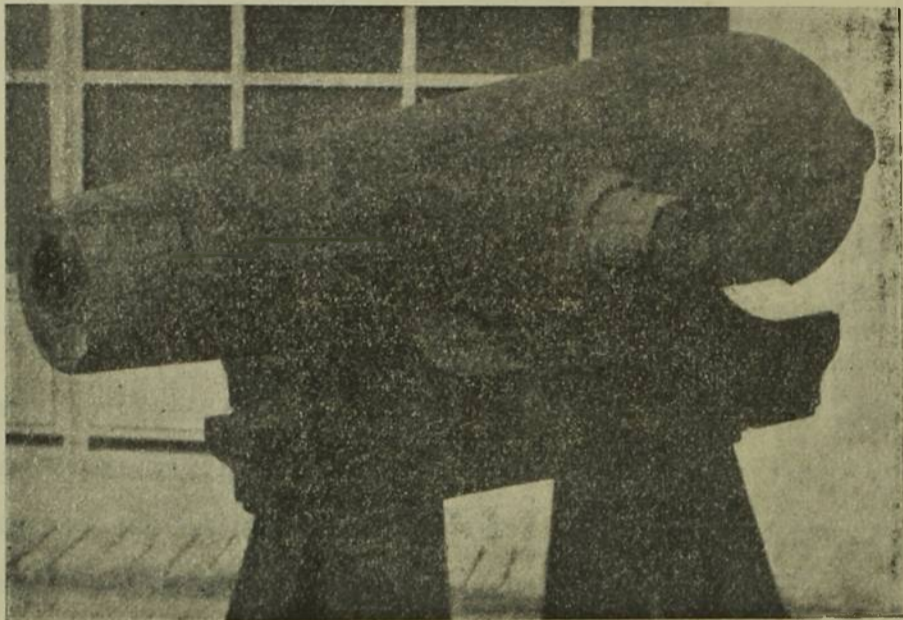
Pobre Brazil! Assaltado e taxado de imperialista. Vitorioso e apregoado vencido. Provocado e tido como provocador. Sempre dezarmado e figurando como armamentista. Caluniado vilmente pelos seus proprios filhos. Despojado de seus troféus por brazileiros.

Pobre Brazil! Paiz agressor e criminozo que tem comido terra— como um opilado — de toda a inocente America espanhola e que tanto mal tem continuamente feito a todos os cordeirinhos do Rio da Prata, nossos amigos do peito, que atraiçoamos como Judas: Rozas, Oribe, Urquiza, Artigas, Francisco Solano López, Estanislau Zeballos, O'Leary...

Em Avaí, na opinião deste ultimo, sómente vencemos porque a chuva molhou as escorvas da infantaria guarani. Bendita chuva que permitiu á *covardia* brasileira a conquista de onze bandeiras do ezercito *mais valente do mundo*...

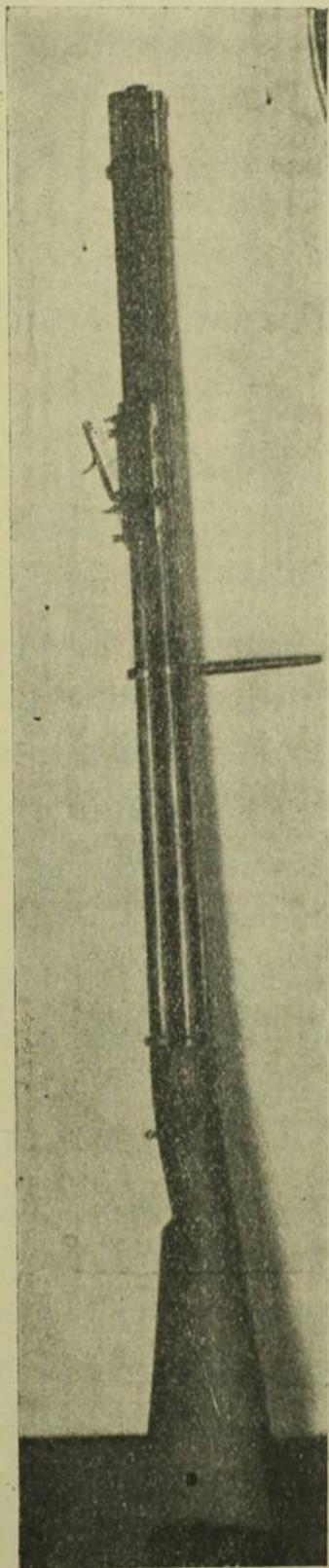
——«*»——

UMA CITAÇÃO DE MÁ FÉ

De todos os recursos lança mão o escritor paraguaio contra nós. De todos. Até de citações truncadas. Um ezemplo: pj. 246 do *El Centauro de Ybicuí*— "El batallon 5° de infanteria, dice el historiador Garmendia, fué disuelto, haciendose pesar sobre él la acusación de cobardia." Refere-se ao combate de Surubi. Entretanto, o periodo total de Garmendia a respeito é a unica resposta que merece esse ato de má fé. Pajina 270 dos *Recuerdos de la guerra del Paraguay*, ed. Peuser, 1890: "El batallon 5° de infanteria fué disuelto, haciendose pesar sobre el la acusación de cobardia. El decreto figura en la orden del dia 28 de setiembro de 1868, donde se infama con injusticia á un cuerpo que tuvo un mal momento del cual no se hubiera escapado la mejor tropa del mundo, y olvidó el Marquéz de Caxias con una severidad romana que ese cuerpo en otros combates habia lidiado con gallardia, derramando su sangre por la gloria de su nación. Antes de ejecutar una tal sentencia, mil veces más cruel que la misma muerte, se le amonesta, se le estimula y tocando las fibras del patriotismo, se le somete á otras pruebas, dandole ocasión de con-

quistar los nuevos lauros que con tanta ancia se desea, y la historia consigna con justicia que con mui raras excepciones, cuerpos que sufrieron un descala-

Obuz paraguaio fundido no arsenal de Assunção em 1867
Troféu de guerra
(Muzeu Historico)

bro en casi identicas circunstancias, reaccionando en seguida por el espiritu noble y grande que anima al soldado, volvieron por su honor con heroico impulso, ejecutando proezas alimentadas por la sospecha de una cobardia. Eso estaba bien en un exercito de cobardes, pero el de la alianza podia formar al lado de las mejores tropas del viejo continente."

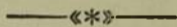
Esta pajina que honra o ezercito brazileiro, em que o historiador-guerreiro lamenta e justifica o mau momento duma unidade brazileira e combate, e demonstra sobejamente a "severidade romana" de Caxias, começa infelizmente por um periodo que, separado do resto, se presta a uma acuzação soez. Convenhamos, porém, que o processo de que, no cazo

uzou o Sr. O'Leary, é o que póde haver de menos decente e de menos digno. Que fé póde merecer um

«Cohetera» paraguaia de Wagener, fabricada em Assunção
(Muzeu Historico)

historiador que propozitalmente procura uma fraze que nos insulta, quando essa fraze é justamente o

inicio duma formoza ezaltação de nossos soldados e duma linda defeza dum corpo atinjido em cheio pela diciplina sem piedade do marquez de Caxias.

O'Leary, póde limpar as mãos á parede.

——«*»——

ARMAMENTO BRAZILEIRO E PARAGUAIO

Precizamos de verdadeira reeducação historica. As mentiralhas sobre o papel do imperio, a tendencioza propaganda pozitivoide na classe militar contra os atos e os homens do nosso passado, as covardias mesquinhas daqueles que procuram agradar ao estranjeiro para receberem elojios lá fóra, embora sacrifiquem a verdade, o derrotismo inato de alguns e, sobretudo, a ignorancia de nossa documentação e da propria literatura historica de nossos antigos adversarios, tudo isso, atravez do tempo, tem contribuido para a creação duma mentalidade errada em face dos acontecimentos em que fomos mór parte na America do Sul. Trombetêa-se nosso pretenso imperialismo. Condenam-se como crimes as mais lejitimas aspirações de nossos maiores. E até se convertem em derrotas completas, ao sabor dos peores inimigos do Brazil, as pugnas indecizas em que muito mais do que eles nos cobrimos de gloria.

Ha mesmo brazileiros que acham elegante seguir, em materia de historia da ação imperial no Prata, aquilo que denomino *beverinismo*. Trata-se de fazer da tecnica militar uma muralha da China para os paizanos, intransponivel, esquecendo que as

melhores obras sobre as campanhas napoleonicas de 1806, 1814 e 1815 são dum civil, Henri Houssaye, para não citar outros, ás dezenas. Com esse muro, defende-se o mau estilo, a má educação e a falta de lojica. E culmina-se tudo com lamentavel má fé. E' uma especie de calunia sutil contra o passado.

Urje essa reeducação historica pela qual alguns espiritos dedicados e patrioticos trabalham perseverantemente, porque o veneno do derrotismo e do beverinismo já está muito entranhado para ser extraido com facilidade.

Creou-se, por ezemplo, a lenda de que as tropas de Solano López eram todas pessimamente armadas.

Ninguem discute mais esse ponto. Passou a assioma. E' uma das premissas de O' Leary no *El Mariscal* e no *Centauro de Ybicui.*

Ela preciza ser desfeita pela critica e documentação historicas. O Paraguai possuia arsenais e fabricas bem montados sob a direção de habeis artifices estranjeiros. O arsenal de Assunção era excelente. A fundição de Ibicui, otima. A fabrica de polvora de Itacurubi, de primeira ordem. Raiavam-se canhões e canos de armas portateis. Raiaram-se, calandraram-se e se proveram de alças de mira, os canhões coloniais de bronze trazidos pela expedição invazora de Mato Groso do forte de Coimbra, conforme se póde verificar nos ezemplares conservados no Muzeu Historico:

"Nos canhões capturados em Humaitá, diz a nota 49 á *Guerra da Triplice Aliança* de Schneider (Imp. Mil. 1925, 4º fac. paj. 40), achavam-se 32 que tinham gravadas as armas de Portugal e do Brazil, que os paraguaios haviam trazido de Mato Grosso, apoz a invazão daquela provincia brazileira."

Transformavam-se as velhas Brown Bess de pederneira em carabinas de fulminante e fabricaram-se armas de modelo desconhecido aos nossos mais experimentados oficiais, diz o visconde de Taunay, No Muzeu Historico, existe uma delas. E' uma *cohetera.* Verdadeira metralhadora da época, servia para lançar foguetes á Congréve, trez de cada vez. Traz esta inscrição no cano superior: *Inventada y fabricada por Guillermo Wagener, Arsenal de Asunción,* 1867. Esse Wagener era um *armero de profesión* contratado na Alemanha.

En artilharia, achava-se o Paraguai munido de 400 canhões de todos os calibres, raiados e lizos, e possuia mesmo uma bateria moderna de canhões de aço (Schneider, vol. I, pj. 91). Era tal o seu preparo para a guerra premeditada que se verificou em Humaitá, pelos rejistros, que, em certos paióis, houvera em depozito 500 toneladas de polvora! A peça de 12 do *Jejuí* era de carregar pela culatra (idem).

E' verdade que, nos ultimos tempos da guerra, cortadas totalmente as comunicações com o exterior, os paraguaios tiveram penuria de armas, roupas e munições; ainda assim, houve violações do bloqueio, raras, mas houve; porém, quando se aprezentaram á luta, estavam bem apetrechados e não sómente armados com pederneiras, conforme geralmente se afirma. Em verdade, nós uzamos armamento superior, de um modo geral. Todavia isto não quer dizer que os iinmigos sentissem falta dele e só dispuzessem de velhos fuzis de chispa. Admitir isso é dar fóros de couza veridica a uma téze falsa que diminúe o papel do nosso soldado na guerra.

Découd, em *Una decada de vida nacionad,* assegura que os arsenais estavam montados *a la altura de muchos de Europa.* Neles se construiram navios de guerra, como o *Igurei.* Então, não se podiam transformar as pederneiras em fulminantes, nem raiar estas, couzas que o nosso Arsenal da Côrte, na ponta do Calabouço, constantemente fazia, segundo se verifica na coleção de armas do Muzeu Historico, tendo chegado até a tornar Miniés belgas espingardas de retrocarga, com ferrolho? Uma Dresse-Laloux nessas condições atesta a perfeição do trabalho.

Ainda em agosto de 1869, quando tomámos Caacupé, ali encontrámos "todo material destinado a tornear, a raiar (*sic!*) ou concertar trem de guerra" (Moreira de Azevedo — *Quadros guerreiros,* pj. 178 e Relatorio do Ministerio da Guerra, 1870).

O boticario Mastermann, apóz dizer á pajina 65 de sua obra que dos cem mil paraguaios do inicio da guerra, um quinto, vinte mil, portanto, tinha fuzis de fulminante, um quinto de pederneira e o restante sómente facões e lanças, esquece isso á pajina 72 e escreve:" un cuerpo de doce mil hombres... bien armado, la maioria (*sic!*) con rifles Enfield." Era o corpo de Estigarribia.

O ferroviario Thompson, faz-nos magnificas revelações sobre o armamento paraguaio. Paj. 42: "La escolta del presidente se componia de doscientos y cincuenta hombres armados con carabinas rayadas, de cargar por la recámara, sistema Turner; el regimiento de dragones de la escolta, con carabinas comunes, rayadas. Tres batallones estaban armados de riffles Witton" (raiados e, sem duvida Withon-Brothers). Pajina 43: "Los maritimos usabam rifles

Withon con bayonetos sables. Tres ó cuatro batallones estabam armados com fuziles fulminantes y los demás fusiles de chispa, que teniam la marca de las armas de la Torre de Londres." Aqui o ferroviario comete um erro, pondo á mostra sua refinada ignorancia em materia de armamento. Nunca houve armas fabricadas na Torre de Londres. Essas espingardas inglezas trazem o nome do fabricante Tower, isto é, torre, gravado no cano sob a corôa real da Grã Bretanha, porque era fornecedor dos seus ezercitos. O armamento velho inglez foi, depois, vendido na America do Sul. Tivemos no Brasil clavinas, pistolas e espingardas dessa marca nos dois reinados, sobretudo no primeiro, sendo que as do segundo trazem sempre no fêcho as iniciais: P. II, sob a corôa imperial brazileira.

Tivemos, tambem, velhos canhões de ferro inglezes, com os monogramas de Jorge II e Jorge III dados em consumo na Inglaterra e trazidos para cá como lastro nos navios de vela. O mesmo aconteceu no Paraguai (V. Thompson, pj. 43 e Schneider, vol. I, pj. 91).

A' *pajina* 120, Thompson declara mais que, em Curupaití, os guaranis recolheram dos mortos aliados umas trez mil espingardas belgas, Miniés de Liége, com as quais se armaram.

Palleja rejistrou no seu *Diario,* em 27 de maio de 1865: "Tanto neste combate, como nos anteriores, sustentados desde a passajem do Paraná, temos visto que o inimigo se acha bem armado. Todo o armamento tomado é de espoleta (a piston) de fabrica ingleza e alemã, e ha corpos armados a Rifleman (repetição), com carabinas de sabre. As munições são inglezas."

Da pajina 22 da *Nuestra Epopeya* de O'Leary se depreende que López recebia clandestinamente partidas de carabinas Minié. Ele conta que o comandante Romualdo Nuñez, que levou a Buenos Aires o plenipotenciario Viana de Lima, barão de Jaurú, obedecendo as instrucções de López, trousse dali, como contrabando de guerra, escondida nas carvoeiras, uma grande partida de carabinas Minié encomendadas na Europa com todos os petrechos correspondentes.

Da pagina 250, que os paraguaios recolhiam, desde os combates da Bocaina, o armamento deixado com os nossos mortos. Ai diz que o botim foi de cinco mil fuzis!... E da pagina 308, que de documentos paraguaios constam as vantajens dessa colheita sistematica. "Nuestros batallones han mejorado de armamento".

Rezulta do exposto o seguinte: armas paraguaias superiores ou iguais ás brazileiras; fuzis Turner, de carregar pela culatra — 250, segundo Thompson, 1.000, segundo Juansilvano Godoi; fuzis Enfield, raiados, cerca de 12.000, assegura Mastermann; fuzis raiados Withon-Brothers, uns 2.000, trez batalhões e os marinheiros ou *bogavantes,* afirma Thompson; espingardas prussianas de percussão, das fabricas de Potsdam e Danzig, quatro batalhões, segundo Schneider; fuzis Miniés, de fulminante e raiados, vinte mil, diz Mastermann, além das partidas clandestinas de que fala O'Leary, das cinco mil do Boquerón e das tres mil apanhadas em Curupaití. E o armamento de pederneira era o melhor que havia no genero: Tower, Barnett, Brown, Bess, Kuhfuss.

Em rezumo, são mais ou menos quarenta mil homens com armamento bom, além das

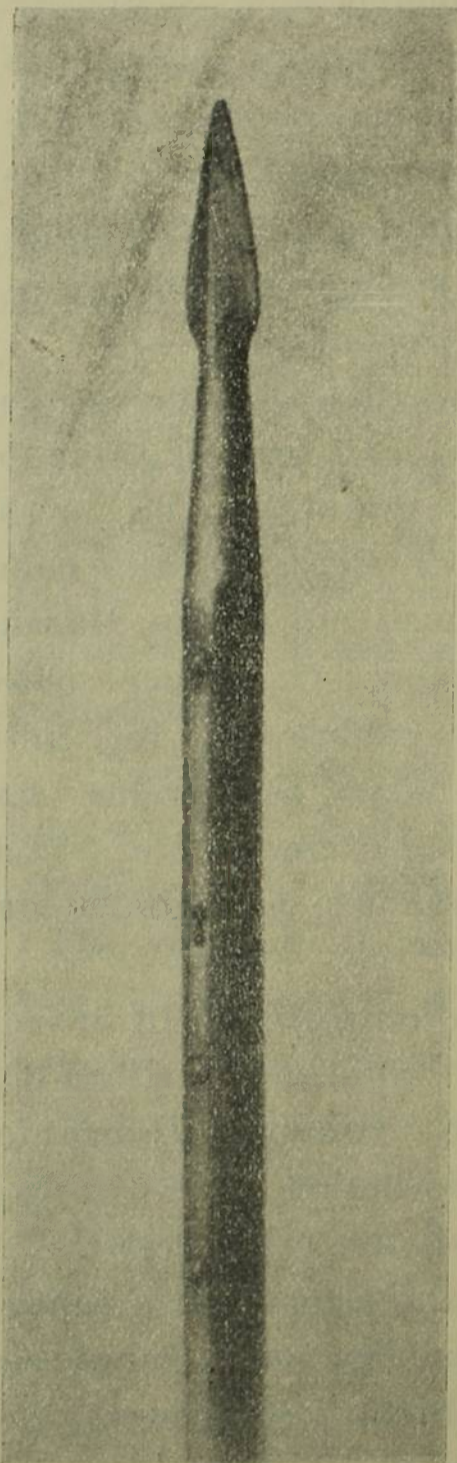
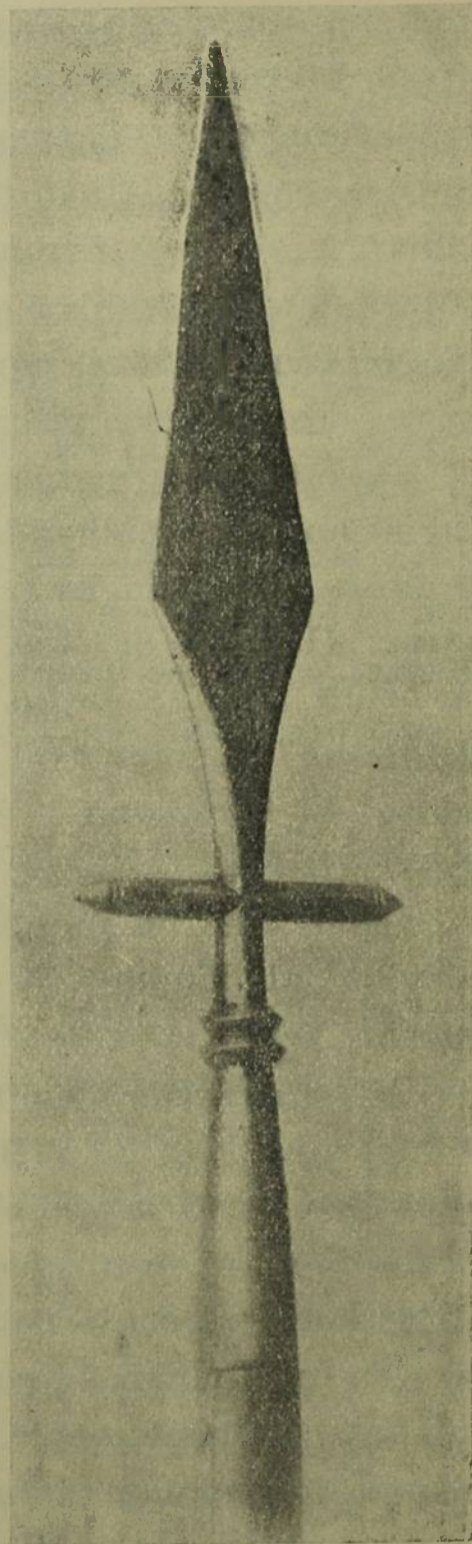
pederneiras. Este total rezulta do computo feito pelo que dizem historiadores, todos contrarios a nós. E' uma simples adição. E, assim, se desfaz a lenda da inferioridade das armas paraguaias.

Inferioridade tão apregoada pelos paraguaios lopistas, cujo *papa* não trepida em escrever que Caballero, para ele o Centauro do Ibicuí, para outros historiadores guaranis o *general das eternas derrotas*, não venceu em Avaí, porque a chuva molhou as escorvas dos fuzis de chispa de seus infantes...

Quanto ao armamento brazileiro, os erros que por aí andam espalhando, são mais graves. Falando de nossa artilharia, escreveu já um militar de curtas letras: O obuz de 150, o El Cristino, feito com os sinos de Assunção, figura no nosso Muzeu Historico." Lamentavel engano,. O canhão chama-se El Cristiano, é de calibre 80, foi fundido com os sinos de todas as igrejas do Paraguai, traz no munhão este oferecimento: "La religion al Estado", e o tomamos ao inimigo na guerra...

V. *Guerra da Triplice Aliança,* Imp. Mil 3º vol. 3º fac. pj. CCCLXXVIII: " 1 canhão de calibre 80, alma liza (*El Cristiano*)" Isto é tirado do *Diario do Ezercito,* segundo a relação do major Aires Ancora. Dizer que esse canhão é brazileiro, é horrivel!!!

Na campanha, geralmente, uzavamos a lança-punhal, eminentemente brazileira, ou a lança de choupa lozangular, ambas, porém, com cruzeta, variando esta desde o travessão simples, roliço ou retangular, dos rejimentos de linha, até a meia lua dos corpos provizorios gaúchos. O travessão é tipico nas lanças brazileiras, desde as primeiras guerras do sul, e tráe a sua orijem pampeana. A fórma classica

da lança brazileira de cruzeta foi modificada primeiro em 1872, depois em 1881 e 1885, dezapare-

Lança franceza — Modelo de experiencia — Guerra do Paraguai
(Muzeu Historico)

Lança brazileira de Cruzeta — Modelo regulamentar — Guerra do Paraguai
(Muzeu Historico)

cendo daí por deante, como muitas outras tradições veneraveis.

Os paraguaios, e isso se póde examinar no armamento inimigo exposto no Muzeu Historico, tinham lanças, em geral, sem cruzeta, de choupa aprossimada á que uzavam os cossacos, porém maior, com hastes excelentes e contos de aço. Seus sabres de cavalaria eram do nosso modelo de 1922, *rabo de galo,* do nosso modelo de 1860, com copos diferentes, e do modelo pezado europeu (*latte*) para os *Acá-caraiá*.

As lanças de procedencia européa, experimentadas por nós não deram bom rezultado.

Quanto á infantaria, nosso armamento no Paraguai foi este:

Infantaria de linha, — fuzileiros

a) Espingardas Miniés de alma liza: Tower, modelo de 1864-1865; Barnett, modelo de 1864-1865; Mordant, modelo de 1864-1865.

b) Espingardas Miniés raiadas: P. J. Malherbe, Liége; Lemille, modelo de 1865; Ancion & Cie., Liége; Sistema Withworth; Sistema Shuhl; Fabrica de Chatellerault, modelo de 1853.

Infantaria ligeira — caçadores

a) Carabinas de fulminante de alma liza: Sederl, modelo de 1858; Tower, modelo de 1864; Barnett, modelo de 1858.

b) Carabinas de fulminante raiadas: Pirlot Fréres, Liége; Mordant, Liége; Dresse-Ancion-Laloux, Liége; Collman; Withon-Brothers; Barnett, de culatra movel; Minié, mosquetão transformado.

Marinha e fuzileiros navais

Espingarda de fulminante raiada: Mordant, sistema Tyge.

Cavalaria ligeira — clavineiros e caçadores a cavalo

a) Clavinas de alma liza e vareta articulada: Minié, modelo Bros; Malherbe, Liége, modelo de 1864-1865; Edward Lindener, modelo de 1859; Minié de Barnett; Minié de Laport.

b) Clavinas raiadas; Minié de Malherbe, com protetor de espoleta; Minié de G. Mordant.

E' conveniente dizer em tempo que, na quazi totalidade, essas espingardas, carabinas e clavinas são Miniés. O nome do fabricante varia. O typo é o mesmo. O sistema raramente sofre pequenas alterações. Quando o duque de Caxias oficialmente se refere ás sessenta e tantas mil Miniés da campanha, fala de modo geral, não esmiuça as fabricas.

O imperio fez experiencias seguidas e adoções parciais de armas de carregar pela culatra. A primeira, na guerra contra Rozas, 1851-1852, como se vê em Bormann, vol. II, pj. 53, armando atiradores com o fuzil de agulha Dreise, modelo de 1841. Foi o fuzil da guerra dos ducados do Elba.

A segunda com as espingardas de agulha Dreise, (fuzil de Sadowa), modelo de 1857, sem baioneta, com que se armou o 15 de infantaria dizimado no ataque do Estabelecimento. A impericia dos soldados motivou esse dezastre e fez com que a comissão de enjenheiros dezaconselhasse a Caxias o aproveitamento das espingardas Robert, da fabrica Savàge e da fabrica Mason, modelos norte-americanos de 1867,

retrocarga e tiro simples, mandados buscar pelo governo imperial e chegados aos depozitos do Passo da Patria, (Vide a proposito Maracajú, pjs. 12, 14, 74 e 75, e *Diario do Ezercito*, pjs. 258 e 310). Em 1869, o conde d'Eu armou com elas a infantaria, obtendo excelente rezultado. O mesmo aconteceu quando, nos ultimos dias da campanha, a nossa cavalaria começou a uzar as clavinas Lawrence, modelo de 1859, Spencer, modelos de 1865 a 1867 e da Union Armuriére Belge, modelo de 1847.

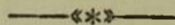
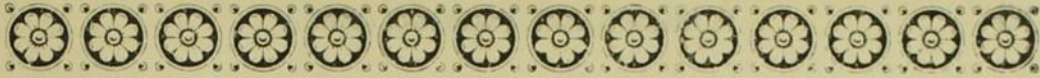
Uma das couzas que mais me horrorizaram foi ter um oficial nosso escrito, num trabalho com pretenções a historia, que o ezercito brazileiro uzou no Paraguai o fuzil Chassepot, tristemente celebre depois de 1870. Adquiriu o governo imperial algum armamento desse tipo dois anos apoz a campanha contra López, segundo consta de documentos oficiais (*) mas ele não saiu dos depozitos. O ezercito nunca, jamais, em tempo algum dele se serviu.

Mesmo no fim da guerra, López ainda possuia armamento bom e não sómente pederneiras. A' pajina 338 da *Historia da Guerra do Paraguai*, Pereira da Costa transcreve a parte do conde d'Eu, ao governo imperial, datada de 3 de setembro de 1869, sobre as operações nas Cordilheiras no mez de agosto, na qual diz textualmente, que "algumas espingardas achadas no campo de batalha, eram americanas e dos modernos sistemas aperfeiçoados, por nós ainda não conhecidos." A nota a Schneider, 44, pj. 39 do 4º volume 1º fac. acrecenta: "Tambem em Humaitá fo-

---

(*) Relatorio do Ministerio da Guerra de 1873, referindo a compra em 1872.

ram encontradas algumas espingardas modernas. Esta informação vem mostrar que López efetuara operações de contrabando com algum navio de guerra estranjeiro dos que se comunicaram com o ditador, aliás unica comunicação que depois do bloqueio conseguiu lograr."

——«*»——

A BATALHA DE TUIUTI

Pouco antes de meio dia, um foguete de guerra rasgou o espaço. Era o sinal do ataque ao acampamento do ezercito aliado em Tuiuti. Imediatamente, do quartel general brazileiro partiu o toque de sentido. Responderam-lhe as cornetas dos comandos uruguaio e arjentino. E, em poucos momentos, os batalhões ocuparam seus postos de combate.

A proverbial insidia paraguaia preparara terrivel golpe contra os aliados, que invadiam a terra de Solano López. O general Bárrios, com perto de nove mil homens, devia, atravessando os bosques, atacar o flanco esquerdo dos invazores, guarnecido pelos brazileiros. Ao mesmo tempo, o coronel Diaz, trazendo cinco mil soldados e quatro obuzes, investiria as posições entre a esquerda e o centro, emquanto os quatro mil e duzentos infantes e cavaleiros de Marcó procurariam romper o centro, composto de orientais e brazileiros. E Resquín, á frente duns seis mil, bateria o flanco direito, onde se achavam os arjentinos.

Esse ataque formidavel devia começar ao romper do dia. Mas o atrazo na marcha das tropas,

devido ás dificuldades que encontraram na travessia das selvas e dos pantanos somente permitiu que o foguete do general Bruguez, que se achava á frente das rezervas, fôsse lançado ás onze horas e meia da manhã. Os aliados que pretendiam realizar um reconhecimento geral das posições inimigas, puderam tomar rapidamente as suas armas.

As colunas paraguaias caíram de modo fulminante sobre os objetivos que lhes tinham sido designados. Eram vinte e quatro mil homens que atacavam violentamente trinta e dois mil, contrabalançando a diferença de numero com a vantajem da surpreza e do conhecimento do terreno. Foi uma luta épica e memoravel. A maior batalha campal travada na America do Sul. Uma peleja que durou cinco horas, em que as cargas de cavalaria se sucederam como marteladas, a voz potente da artilharia espantou a solidão dos esteiros, os entreveros misturaram a soldadesca em rodamoinhos mortiferos e no corpo a corpo tomaram parte os proprios generais.

Atirando-se contra o flanco direito aliado, os paraguaios de Resquín desbarataram a cavalaria argentina dos generais Cáceres e Hornos, cujos fujitivos fôram parar em Itapirú. Mas os infantes e artilheiros cumpriram seu dever e os atacantes fôram repelidos. O general Paunero, batendo-se como um bravo, obrigou-os a buscar refujio nas selvas e carrizais. E, quando avizado do perigo que corria aquele ponto, Ozorio, que acudia a toda parte, ali apareceu, ouviu as aclamações da vitoria.

No flanco esquerdo, a agressão de Bárrios e Diaz não logrou melhor rezultado. A terceira divizão bra-

zileira, *a divizão encouraçada*, comandada pelo bravo cearense general Antonio Sampaio, barroulhes o passo. "Seus soldados eram como aqueles hoplitas dos combates antigos, que, junjidos por uma cadeia de bronze, não arredavam pé do lugar, os mortos unidos aos vivos!" São oito batalhões de herois que rezistem ao pezo de todas as cargas de baioneta e de cavalaria, a todas as descargas, a todos os impulsos furiozos do adversario no meio das aguas alumiantes dos esteiros, entre a fumaceira da peleja, respingados de sangue, as bôcas que mordiam os cartuchos sujas de polvora e cheias de insultos e de blasfemias contra o inimigo. Sampaio cái mortalmente ferido. Mas eles, reduzidos quazi á metade, continuam a combater. Junto aos bosques do Potreiro Piris, Andréa, Guilherme Xavier de Souza, Jozé Luiz Mena Barreto opoem-se, impávidos, ás forças de Bárrios, parte das quais manobra sobre a nossa retaguarda, afim de nos assaltar pelas costas e apoderar-se do parque de munições. O 1° e o 24° de voluntarios rechassam, porem, os guaranis traiçoeiros e vão palita-los a baioneta na escarpa de suas proprias trincheiras, dentro da selva perigoza.

O que se passou no centro foi homerico. Ali estava Flores com os batalhões orientais, a artilharia a cavalo de Mallet, o rejimento arjentino San Martin, Marcó lançou seus esquadrões e batalhões sobre os uruguaios e o nosso 41° de voluntarios, que recuaram dezordenados ao impeto do avanço. A divisão de Vitorino corre a sustenta-los. E as peças de Mallet, em bateria por traz dum fôsso, esperam tranquilamente a carga dos cavaleiros rubros.

"A cavalaria avança, dezenfreiada. Ao tropel dos milhares de cascos, a terra estremece. O uivo dos clarins rompe, ás vezes, o rumor estrondeante do galope. E o sol chispa nas laminas açacaladas, coroando de raios os rejimentos que carregam... A voz de Mallet dece sobre o seu querido rejimento do alto do belo cavalo zebruno:

— Granada e metralha! Espoletas a seis segundos!

A carga vem como um furacão. Está a quinhentos metros das baterias, a duzentos, a cem, a cincoenta! Os artilheiros empalidecem de ansiedade. As mãos dos chefes de peça crispam-se nos cordões das espoletas de detonação. Os oficiais, sofregos, não tiram os olhos do gigantesco e amado comandante, que segue calmamente o ataque com o seu binocculo de campanha. Ha mais do que um murmurio de impaciencia no grande rejimento. Ha uma trepidação. Mallet sente-a. Tira a luneta dos olhos e deixa cair estas palavras sibilantes:

— Os primeiros são para o buraco. Precizamos honrar o fôsso, que nos deu tanto trabalho, amigos! Por aqui eles não passam!

Um suspiro de alivio. Todos compreendem. Todos sentem que o seu coronel sabe bem o que faz. Mas um barbarizo atroz, a velha uzança guarani de amedrontar o inimigo, gritando, ganindo, vociferando, estronda e se avoluma quazi aos seus ouvidos. A cavalaria paraguaia está a quatorze metros dos canhões, sabres alçados, lanças sacudidas no ar, os homens sobre os estribos, de pé, todos os clarins esganiçando-se! Mas as primeiras filas emborcam no fôsso. Embrulham-se homens e cavalos. Ha um es-

pernear gemente e louco naquele valado horrivel. E o galopar das outras filas passa por cima daquele solo mole, movediço e ensanguentado. A corneta do comando dá o sinal de fogo. As vinte e oito peças vomitam uma chuva de chamas e de ferro sobre os soldados de Marcó. E a cavalaria de López recua em dezordem, dizimada lateralmente pela fuzilaria dos infantes de Flores, emquanto que, erguendo a espada luminoza, Mallet grita, rubro, estuante de alegria:

— Por aqui não entram!

E o rejimento inteiro, fremente de entuziasmo, atrôa os ares com a antiga aclamação do nosso ezercito:

— Viva o imperador!

Os cavaleiros rubros refluem até os arvoredos de Iataiti-corá e ali reformam seus esquadrões, repouzam minutos e investem a artilharia a cavalo, ainda mais furiozos. De novo galopam e carregam, aos berros, os sabres relampeando. De novo se acercam, como loucos, das baterias brazileiras. De novo, Mallet somente manda fazer fogo quando os esquadrões se engolfam no fôjo que mandára abrir. E de meio dia até quatro horas da tarde, epicamente, dez vezes a coluna de Marcó carrega o *Boi de botas* e dez vezes recúa, desbaratada e diminuida, até reduzir-se de tres mil homens a quinhentos.

Em frente ás baterias, os soldados e cavalos mortos formavam horrendos montões, em que ainda pernas e braços se mexiam, e dos quais saiam gemidos lancinantes. Um ou outro cavalariano de farda vermelha arrastava-se pela lama ensanguentada. Os vinte e oito canhões estão em silencio. Serventes e ar-

tilheiros limpam o suor do rosto. Os oficiais aprossimam-se um pouco para trocar impressões. Entretanto, a batalha continúa· Argolo, indo por ordem de Ozorio, em socorro da divizão de Sampaio, que caíra mortalmente ferido, determinara a vitoria á esquerda do centro. Mas Ozorio ainda se batia com as forças da Bárrios e os arjentinos sustentavam o pezo dos ataques de Diaz. Marcó lança-se á testa daqueles ultimos quinhentos soldados contra a infantaria de Mitre. Mallet vê o movimento e ordena á bateria Krupp (a bateria alemã, de que fala Cunha Matos, no seu artigo do *Jornal do Commercio* de 24 de maio de 1908), do rejimento que desfaça aquela operação. Os canhões trôam e a sua pontaria majistral faz com que as granadas acompanhem a tropa inimiga, no dezenvolvimento de sua carga, como si fôssem a sua sombra, ceifando pelotões inteiros. Então, os derradeiros esquadrões de Lopez dão meia volta e somem-se no mato." (1)

Ao longo dos albardões, dentro dos pajonais traidores, á beira dos esteiros perfidos, a pugna era formidavel. A cavalaria, a pé, batia-se a espada. Ozorio, de lança em punho, corria a toda a parte onde a luta era mais acêza, distribuia reforços, preenchia claros, dirijia, emfim, a batalha, emquanto o general em chefe, Mitre, somente se ocupava com o seu ezercito. Ele foi a alma do Brazil nesse dia memoravel, pairando sobre as tropas ensopadas em sangue, no meio do esvoaçar das bandeiras rasgadas pelas balas. A brigada lijeira do general Neto lanceava o inimigo e o coronel Amaro Barboza, á frente

---

(1) Gustavo Barrozo — *A Guerra do Lopez.*

de duzentos oficiais transformados em lanceiros, obrava prodijios de valor.

No Potreiro Piris, á nossa retaguarda, as forças de Bárrios chocam-se com a divizão de Guilherme Xavier de Souza. Ozorio faz avançar em seu apoio a brigada de Gomes de Freitas. Dela faz parte o 42º de voluntarios paulistas. Um de seus corneteiros, o negro João Jozé de Jezus, caminhava a poucos passos do coronel, "repetindo no metal curvo e sonoro as ordens que ele transmitia. O suor aljofrava-lhe a face de azeviche. Uma bala levara-lhe de raspão o quepi branco e ele sorria, mostrando os dentes muito alvos. Mal o batalhão se aprossimou da luta formidavel, travada á esquerda, do lado do esteiro, os obuzeiros trazidos pelos paraguaios e rapidamente assentados no arraial brazileiro, abriram fogo contra ele. Uma rajada de metralaha passou, silvando. Houve gritos de dôr e de raiva. As baionetas diminuiram nas fileiras ceifadas. Quatro dos seis corneteiros morderam o chão. E o comandante, do alto do cavalo, ajitando a espada, descabelado, uivou como um possesso:

— A elles, paulistas! A eles!

Os aços triangulares apunhalaram, ranjendo, os bronzeos peitos nús dum rejimento de indios mansos do Chaco, de saiotes, balandráus e guritões de couro crú. Na confuzão do horrendo entrevero, os rostos tomavam expressões demoniacas... As cornetas calaram-se. O anjo da morte abafara suas vozes para sempre. E o batalhão de voluntarios cedia agora terreno a um choque brutal da cavalaria... O cavalo do comandante abateu e ele, de pé, lutava como um simples soldado.

— João Jozé! gritou .

E o corneteiro negro, de um pulo, ao seu lado:

— Pronto!

— Toque avançar!

A corneta vibrou no meio do rumor, da confuzão, da fumaceira e da poeirada. Vibrou ardente, heroica. E, de repente, Ozorio veiu de poncho ao vento e lança em punho, como um semi-deus das batalhas. Um fremito ajitou as linhas desfalcadas do 42. A cavalaria rubra foi repelida a arma branca. Os voluntarios trepavam sobre os corpos quentes dos cavalos mortos para melhor ferirem no rosto os cavaleiros que teimavam em não fujir. Subito, a voz de metal que incitava aqueles valentes parou. O negro soltou um gemido e deixou cair o instrumento. Uma bala quebrara-lhe o braço... Uma chuva de pelouros caíu, sibilando, sobre o 42. Cinco ou seis oficiais tombaram aqui e ali. De todos os lados, nuvens de paraguaios a pé e a cavalo, aproveitando o momento, assaltam os voluntarios de S. Paulo. Do batalhão, não restam mais, dentro de minutos, do que algumas dezenas de homens em volta do trapo augusto da bandeira imperial... Entre eles, coberto de sangue, a corneta empunhada pelo braço esquerdo, o negro toca de novo — fogo e avançar! De repente, ajoelha-se... Desta feita é uma perna que as balas lhe quebraram. Porém o toque de avançar e fogo contínua a vibrar no espaço. Mais uma vez, o vulto de Ozorio surje entre pontas de baionetas e choupas de lanças que alumiam ao sol. Resôam clarins. Os paraguaios não rezistem ao seu ataque. Fojem desmoralizados, perseguidos pelos lanceiros, e as reliquias do 42 são salvas. Uma das ultimas balas do inimigo

vencido vara o peito do corneteiro. João Jozé vê as fardas encarnadas que se retiram e as fardas azúes que as perseguem, avista o general idolatrado, que galopa de poncho ao vento e tudo compreende. Leva aos labios ensanguentados a corneta e morre, tocando a marcha batida da vitoria." (2)

Entardece. Ao rujir do canhoneio sucede o clangor das cornetas e clarins, o som das bandas de muzica anunciam o triunfo. A derrota paraguaia era completa, como declarou Resquin, chefe do estado maior de López e comandante duma das colunas atacantes. Doze mil destes, entre mortos e feridos, juncavam o campo de batalha, que "ficou repugnante — diz Palleja — cheio de cadaveres mutilados e cavalos estripados". O ezercito de Lópes fôra destruido, declara Thompson, e o seu poder militar para sempre arruinado, lamenta O'Leary. Desse "completo dezastre", na opinião de Juansilvano Godoi, em que a "raza española del Paraguay fué aniquilada", graças á apatia do general em chefe arjentino não obtivemos as vantagens que poderiamos obter. Coube-nos nele, porém, não só o *maior esforço,* como confessou Mitre, oficialmente, mas a maior gloria. E é esta que comemoramos neste grande dia. (3)

Entretanto, acerca dessa batalha, aqui sucintamente descrita, um agente paraguaio na Europa, durante a campanha, Cayo Miltos, escrevia o seguinte

---

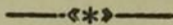
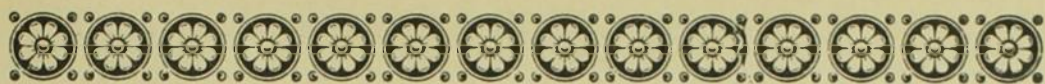
(2) Gustavo Barrozo — *A Guerra do Lopez.*

(3) Lido no Clube dos Bandeirantes, em 24 de maio de 1930, no almoço aos veteranos do Paraguai, prezidido pelos ministros da Guerra e da Marinha.

num folheto "Guerre du Paraguay — Mensonge et verité", editado por Dentu, em 1867:

"Le 24 mai fut une des journées les plus sanglantes de toute la guerre. La bataille commença a midi, par une attaque générale des paraguayens, et dura jusqu'au soir. Les Alliés, qui étaient sortis de leurs retranchements pour attaquer aux-mêmes, y furent rejétés en desordre et avec des pertes considerables."

Esse foi um precursor de O'Leary...

——◆✱◆——

O CADERNINHO DO CENTAURO

Na sua faina de elevar ás nuvens Francisco Solano López e de glorificar todos quantos o rodearam e o apoiaram na sua luta contra o imperio brazileiro, pouco se incomoda o sr. Juan O'Leary em fazer afirmações levianas, em documentar asserções unicamente com a sua palavra e em fraudar por todos os meios e modos a historia, como sobejamente o tem provado, á luz de formidavel documentação, o ilustre general Mario Barreto.

Devo a este o oferecimento do ultimo livro do *leader* lopista *El centauro de Ybicui,* biografia romanceada do general paraguaio Bernardino Caballero, prefaciada por nosso *grando amigo* Carlos Pereyra. O mesmo realejo de sempre. O Paraguai era um paraizo: feliz, rico, tranquilo e até hospitaleiro... López era um santo: casto, culto, digno, incapaz duma maldade e governando com inteligencia e justiça. O Brazil, dominado pelo imperialismo bragantino, covarde, desleal, barbaro, provocou o pobre Paraguai, atacou-o, fez-lhe uma guerra cruel para esmaga-lo e tomar-lhe parte do territorio. Vê-se que as vitrolas não têm mais discos novos. Nem o gra-

mofone de Carlos Pereyra. Nem o fonografo de O'Leary.

Não pretendo fazer a critica do espesso volume do escritor paraguaio, mas das proprias declarações dele tirar a demonstração de que o general Caballero não era o paladino puro, cuja imajem está mentirozamente traçada nessas lendas parciais, de um unico merito: serem o hino dos vencidos aos seus chefes mortos ou definitivamente batidos pelos brazileiros vencedores.

Quando partiu para Mato Grosso a expedição de Barrios, levou seis sarjentos de cavalaria destinados a se incorporarem á coluna de Resquín, que já se achava naquela provincia do imperio. Um deles era o futuro general Caballero. López o distinguia e, segundo as palavras de O'Leary, lhe "dió instrucciones especiales (*sic* !), recommendandole que observasse con la mayor atención el curso de las operaciones y hasta entregandole un caderno para que fuera anotando fechas y lugares para hacerle a la vuelta una relación detallada y completa de todo lo ocurrido."

Apezar das roupajens que lhe põe o prozador paraguaio, a denuncia é digna dum ezame minuciozo. Então, é regular, é decente, é militar que, numa expedição comandada por oficiais superiores, o chefe do Estado agregue um simples sarjento de cavalaria que ia receber o seu batismo de fogo, com *instruções especiais*, para as quais não foram ouvidos os guias da coluna, e munido dum caderninho, afim de tomar notas de suas observações, de datas e lugares, devendo entrega-lo ao Supremo, na volta ?

O'Leary, tenha paciencia, póde dourar a pilula como quizer e podem minhas palavras ser duras, ofensivas; porém isso, em linguajem de gente, chama-se espionajem com todas as letras. No Brazil,

O centauro de Ibicui, general Caballero.
Oleo de Pablo Aborno, Ministerio da Guerra, Assunção

nem o imperador nem seus ministros encarregavam sarjentos prediletos de tomar notas em caderninhos com instruções especiais...

Vejamos no proprio livro de O'Leary o magnifico uzo que o sarjento Caballero fez do tal caderno e quais foram as observações que anotou. Travou-se

um combate no rio Desbarrancado, em Mato Grosso. As cavalarias paraguaias chocaram-se com as brazileiras do coronel Jozé Dias da Silva. Foi a primeira vez que o centauro entrou em ação. Emquanto houve a luta, Resquín permaneceu inativo no rio Feio, sem enviar reforços á sua vanguarda. De regresso da pugna, o sarjento o encontrou, afirma O'Leary: "medio sofocado, refrescandose a la sombra de los altos barrancos, en el fondo del cauce del rio. Aquel gesto de su despreocupado jefe mereció los honores de una anotación en la libreta de apuntes que puso en sus manos el mariscal López." Responda-lhe o leitor si uma anotação dessa ordem se refere ás operações de guerra, a *fechas* e *lugares* ? Absolutamente não. Ela se enquadra melhor dentro daquelas *instrucciones especiales* dadas pelo ditador a um sarjento, ás escondidas de seus generais.

Estes não gostaram nada da couza, quando a farejaram. E convenhamos que tinham toda a razão. "Durante esta campaña no ocultó Resquín su inquina a Caballero." O'Leary explica-a pela inveja do renome, da simpatia, da bravura sem par do sarjento. Não me parece bôa a explicação. Um chefe não póde ter grande inveja dum simples sarjento, por mais extraordinarias que sejam suas qualidades pessoais. Seria cazo virjem na historia. O que acabou por *fastidiar* Resquín foi, sem duvida, sentir-se anotado no caderninho especialmente dado ao inferior por El Mariscal... Não ha argumentos em contrario que rezistam á lojica dos fatos articulados pel proprio O'Leary.

Sinão vejamos. Sob um pretexto qualquer, o general mandou meter o sarjento a ferros. E "su

venganza", — acrecenta o *leader* lopezguaio, — fué anotar esta nueva debilidad de Resquín en su libreta de apuntes." Estou rindo-me por dentro a bandeiras despregadas. Então, eram essas as notas sobre operações militares, datas e lugares, recomendadas especialmente?... Esse caderninho é uma preciozidade...

De volta, apoz varias peripecias e fatos, Caballero um dia vai a Humaitá, onde se achava López e, então, se passou a seguinte cena, que ponho ante os olhos do publico: "Anunciada su presencia en el Cuartel General, fué recebido cariñosamente (*sic*!) por el mariscal López. Resquín, recién agraciado con las palmas de general, en premio de su feliz actuación en el Brasil, departia con el presidente de la Republica en ese instante. Esta circunstancia casual puso a prueba el carácter (*sic*!) de nuestro heróe. Interrogado sobre los incidentes de la campaña en que habia tomado parte, no titubeó en contar toda la verdad, en dar todos los detalles — aun los más molestos para Resquín —, apelando a los apuntes (*sic*!) de su libreta. Su injusto y arbitrario jefe pasaba del pálido al rojo oyendo a su joven y apuesto subordinado, que nada omitió, ni el episodio del rio Feio, ni el cruel y inmotivado castigo de villa Miranda." Eram essas as operações, as observações militares, as datas e os lugares inscritos no caderninho...

Uma cena tão degradante e tão triste foi sempre impossivel no Brazil. A mais desregrada imajinação brazileira nunca poderia pintar D. Pedro II no paço de S. Cristovão recebendo carinhozamente um sarjento de cavalaria e ouvindo-o lêr suas notinhas secretas sobre o duque de Caxias ou o ge-

neral Ozorio na prezença destes. Pois isso era possivel no Paraguai de Solano López ! ! ! Os sarjentos preferidos por ele anotavam os passos dos generais. E O'Leary conta isso como um epizodio que honra o carater do centauro. Que falta de bom senso!...

Quando Caballero terminou o seu relatorio contra Resquín e este tinha tomado as côres do arcoiris, López falou "con visibles muestras de satisfacción":

— "Muy bien! Asi me gusta. Ha hablado usted con la franqueza y lealtad que deseaba. Es usted el hombre que me habia imaginado. Sea siempre asi y contará com toda mi protección. Queda ascendido a alférez y pasa a ser uno de mis ayudantes..."

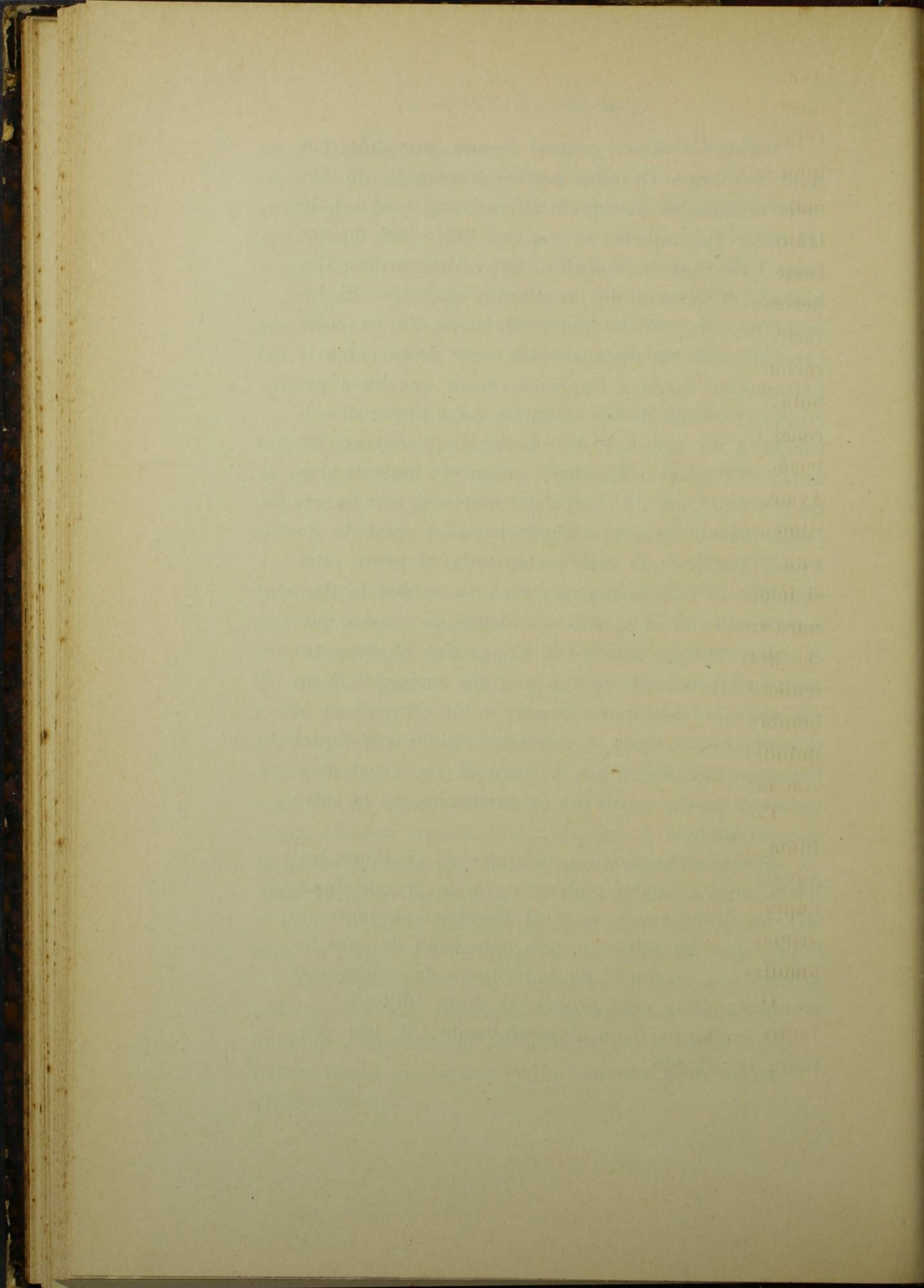
Belo inicio de carreira militar o da do centauro, máu grado toda a douração de pilulas de O'Leary! Sarjento, antes de entrar em fogo, não foi promovido a alferes no campo de batalha, mas numa sala do quartel general do tirano, apoz lhe ter lido as notas dum caderninho secreto que este lhe entregára, referentes á atuação de seu chefe na campanha e em prezença deste... E' edificante! E, como ajudante de ordens do tirano, foi o seu aulico, o seu espia e o seu travesseiro: "Siempre a su lado, no le guardaba secretos. Era el que transmitia sus órdens verbales reservadas, el que velaba su sueño, el que compartia sus intimas esperanzas". Emquanto isso, os outros alferes estavam na linha de fogo...

Querendo glorificar a memoria do general Caballero, O'Leary cauzou-lhe um mal horrendo, revelando a historia do caderninho, em verdade bem pouco digna do carater e da bravura dum verdadeiro centauro...

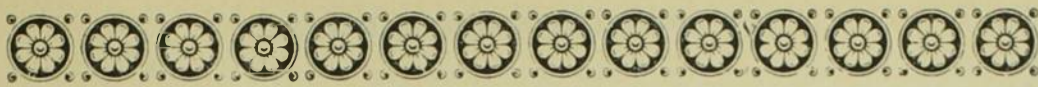
A respeito desse general batido por nós em Avaí e Campo Grande, prefiro a opinião do notavel historiador paraguaio Juansilvano Godoi á de O'Leary. Diz aquele, ás pajinas 107 e 108 do volume I de suas *Monografias,* isto: "Bernardino Caballero, el general de las eternas derrotas! El talento de este curioso personaje consistia en colocarse á prudente distancia del logar de la pelea: i permanecer mudo e impasible hasta que haya perecido el ultimo de sus soldados, para librar su salvación á la ajilidad de su caballo." Acrece em nota: "El general Escobar, entonces teniente coronel i ayudante de campo del mariscal, nos ha referido que el general Caballero en el combate de Avaic, despues que hizo matar toda su gente esterilmente, le lloró á lagrima viva — no por la derrota sufrida ni el sacrificio consumado — sino por el temor de que informado López por el, desaprobara su reprochable conducta. I nos agregaba: A *mi me debe la vida,* pues gracias a mi compañero el teniente Molas, que se interesó i pidió por aquel hombre (Caballero) que á costa de tan cruel mesquindad queria conservar su existencia, yo lo salvé con mi silencio."

Contra o *heroismo* e o *carater* do centauro, militam, pois, opiniões poderozas: a do grande Juansilvano Godoi, a do general Escobar, ajudante de López, que lhe salvou a vida com pena de suas lagrimas, e a revelação do caderninho de espionajem manifesta, feita pelo proprio d. Juan O'Leary.

O centauro ficou desmoralizado. E' um centauro falsificado...

——«*»——

LEVIANDADES

DE

CARLOS PEREYRA

OS PARAGUAIOS CONTRA ROZAS

O brilho estilistico e a cultura fóra do comum do escritor mexicano Carlos Pereyra não o absolvem de suas leviandades como historiador, si é possivel lhe dar este titulo. Nunca houve quem jogueteasse mais facilmente com as palavras em assuntos de natureza muito séria, atirando á face de seus leitores afirmações rapidas e sinteticas, que á primeira vista impressionam. O espirito acostumado, porém, á observação e á critica, detem-se um instante, esmiuça as expressões e vê-se deante duma leviandade, sinão de uma fraude...

Ora, si isso pode passar sem maior reparo num romance historico, tem de ser censurado severamente em volume que pretenda ser de historia ou de apreciação filozofica da mesma.

Neste ultimo cazo, tem a pretenção de estar o livro de Carlos Pereyra — *El mariscal Solano López y la guerra del Paraguay*. E' uma obra de teze americana e de propaganda anti-brazileira; mas inconsistente e falha pela falta de baze das premissas que procura dezenvolver e provar, pela lijeireza das afirmativas tendentes a produzir efeitos. Salva-se só-

mente do mesmo o calor da linguajem, o notavel brilho literario. E' simplesmente um livro de cenografia.

Vejamos um ezemplo da maneira rapida e sintetica com que o autor assegura isto ou aquilo — como si sua palavra fôsse o mais completo documento deste mundo. Abramos a citada obra á pajina 13: "Los paraguayos, como los brasileños, lucharon contra Rozas". Deixando de parte o raciocinio que o autor faz decorrer desta curta e inciziva afirmação, estudemos o que nela ha de verdade.

Já se disse alhures e o Sr. Luiz Alberto de Herrera repetiu que verdadeiramente se não póde escrever a historia do Prata sem recorrer aos arquivos brazileiros. E' verdade. Mas nós havemos de destruir o que dizem O'Leary e Carlos Pereyra com documentação platina, para que se não acoimem de suspeitos os comprovantes do nosso lado.

Onde encontrou o panejirista de López a noticia dessa luta dos paraguaios, igual á nossa, contra Don Juan Manuel Rozas? Rezolvida a intervenção em favor das provincias rebeldes de Corrientes e de Entre-Rios, o Imperio mandou um ezercito até a Colonia do Sacramento sob as ordens de Caxias e a nossa esquadra fechou o rio da Prata. O general em chefe enviou uma divizão ás ordens do brigadeiro Marques de Souza, futuro conde do Porto Alegre, para cooperar com o ezercito aliado, o qual era composto dos entrerianos de Urquiza, dos correntinos de Virasoro e da divizão oriental de Cezar Dias. Foi a nossa gente, que formava o centro, quem decidiu a batalha de Caseros, embora todos os esforços dos platinos para lhe apagarem a ação brilhantissima. Mas,

naquele ezercito indiciplinado e gauchesco, Sarmiento a destacou como a unica *tropa decente*. E'

Figura de prôa do vapor de guerra D. Afonso, capitánea da divisão do almirante Grenfell, que forçou a passajem de Toneleros
(Muzeu Historico – Rio)

essa a sua expressão textual nas pajinas em que descreve a campanha do Grande Ezercito Aliado.

E os paraguaios que lutaram — assegura Carlos Pereyra — como os brazileiros, contra Rozas? Um conto de fadas para adormecer crianças grandes...

Na questão rozina, o papel do Paraguai foi inutil, insincero e triste. Não sou eu quem o diz. E' Adolfo Saldias, um dos maiores historiadores arjentinos, ás pajinas 212 e seguintes do 5º volume de sua obra *Historia de la Confederación Argentina — Rozas y su época*. Rezumamos escrupulozamente os seus periodos. O Imperio — segundo ele — inspirou ao Paraguai que se declarasse contra o tirano portenho. Emquanto o ezercito imperial invadia a Banda Oriental, destacamentos paraguaios penetraram em Corrientes. Fôram repelidos com perdas até das bagajens. E, então, D. Carlos Antonio López, ocupando os pontos estratejicos das *tranqueras* de San Miguel e Loreto, começou a ezijir subsidios e recursos do Imperio, sem adeantar em couza alguma suas operações de guerra. O ajente imperial que acompanhava seus passos, no dizer de Saldias, declarou-lhe que lhe não daria mais um vintem, pois era dinheiro posto fóra, o que motivou da parte de López I aquilo que hoje na giria se denomina uma fita. Ele reuniu 1.500 homens e foi postar-se nas alturas de Santo Tomé. Virasoro, governador de Corrientes, que ainda era fiel a Rozas, tomou pozições na marjem fronteira do Aguapeí, afim de impedir a passajem dos paraguaios. Durante cinco dias seguidos, estes fizeram tais marchas e contra-marchas que inutilizaram a cavalhada, e só não foram liquidados pelos arjentinos porque Virasoro tinha ordem formal de Rozas de não tomar a ofensiva.

Thompson documenta a inutilidade dessa expedição (edição de 1910), pajs. 4 e 9: "En las guerras de Rozas, el Paraguay envió algunos hombres á Corrientes bajo las órdenes de López, quien era en esa época un joven de diez y ocho años y ya *General en jefe de los ejércitos paraguayos;* pero no hubo combate, de modo que puede decirse: los paraguayos ignoraban enteramente la ciencia militar..." "En 1845 se envió una expedición á Corrientes, bajo las órdenes del general López, la que poco despúes volvió sin haber abierto hostilidades."

Em 1845, o Paraguai fizera um tratado ofensivo e defensivo contra Rozas com a provincia de Corrientes, nas mãos de Madariaga. Urquiza, apoderando-se dela, destruiu-o. E' a lição de Bormann, que afirma que do ezercito invazor de 1851 não fazia parte "um continjente siquer do Paraguai, que, em outubro de 1851", aderira á mesma provincia. "Concentrou força no Passo da Patria e aguardou os acontecimentos." E a lição de Benitez é que "el Brasil exigió como requisito indispensable de su aliança con las provincias arjentinas el reconocimiento de la independencia de la republica del Paraguay."

O fim dessa palhaçada militar foi um quazi rompimento entre o Brazil e López I. Numa carta de Virasoro ao general Lagos, autografo em poder de Saldias, diz o primeiro: "La novedad entre brasileros y paraguayos, sin embargo de su gravedad, no ha produzido los efectos en desinteligencia que eran de esperar-se; el encargado de negocios del Brasil salió en retirada, llegó solo hasta Itapuá, alli recibió despachos del gobierno imperial en que le ordenaba se restituyese á la Asunción, como de facto lo veri-

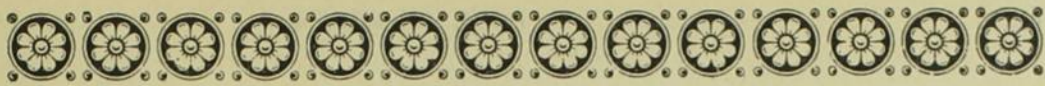
ficó, y de este modo esa diferencia, seguramente ha calmado la agitación que ocasionó".

Saldias termina o raconto da ridicula cooperação paraguaia desta maneira: "Ante semejantes resultados, el Imperio le cerró por el momento su bolsa á López. Este dió riendas á su enojo; invocó compromisos isolados; hizo mérito de sus hechos, y, como nada consiguiesse, llegó a amenazar al agente brasilero con que mandaria á su hijo don Francisco Solano López á Buenos Aires".

Eis aí como os paraguaios, do mesmo modo que os brazileiros, na sinteze aérea de Carlos Pereyra, lutaram contra o ensanguentado poder de Rozas. Don Carlos Antonio López fez um papel de condotiere, de caudilho mercenario, que, depois de embolsar as patacas, procura iludir a bôa fé de quem lhe pagou, para obter mais em troca de serviços extraordinarios. A' face da opinião historica do Prata, a cooperação paraguáia contra Rozas cifrou-se nessa vergonheira.

Entretanto, quem lê a fraze rapida, detonante, chispante de Carlos Pereyra, cuida outra couza. "Os paraguaios, como os brazileiros, lutaram contra Rozas". E' o cumulo!

Parece-me que não é assim que se escreve a historia.

——«*»——

A EZECUÇÃO DE LEANDRO GÓMEZ

No seu livro de ataque ao Brazil, *Francisco Solano López y la Guerra del Paraguay*, á paj. 62, Carlos Pereyra diz o seguinte: "El general uruguayo Don Leandro Gómez, defensor de Paysandú, fué vencido el 2 enero de 1865, con dos mil hombres, por las fuerzas de Venancio Flores y del general brasileño Menna Barreto, que ascendiam a once mil, y que contaron además con el concurso de la flota de Tamandaré. Después del combate, los dos jefes victoriosos mandaron ejecutar a Gómez". E em nota complementar acrecenta: "El verbo ejecutar se emplea como eufemismo. El lector podrá poner en su lugar algun otro más aplicable al caso".

Deixando de parte o que ha de maldozo nesse rapido raconto dos conhecidisimos sucessos de Paisandú, tiremos unicamente a infame calunia do assassinio de Leandro Gómez, imputada a Flôres e a Mena Barreto ou Tamandaré, afim de destrui-la e mostrar como desconhece a historia ou a falseia, criminozamente, ao seu talante, para nos deprimir, o famijerado escritor mexicano.

Jourdan, que é um historiador circunspecto e documentado, conta o facto da seguinte maneira: "Leandro Gomez, aprizionado durante o assalto, quando procurava fujir disfarçado, foi levado á prezença do tenente-coronel André Alves de Oliveira Belo, chefe do estado-maior de Mena Barreto. Estava prezente o coronel oriental Goyo Suarez — declara textualmente Jourdan — que o reclamou como prizioneiro. Leandro Gómez manifestou então ao tenente-coronel Belo que preferia ser prizioneiro dos seus compatriotas a se-lo dos brazileiros. O coronel Belo entregou-o então a Goyo Suarez, que o levou e o mandou fuzilar pouco depois com mais quatro oficiais prizioneiros... Tamandaré e Flôres ficaram sentidissimos e reprovaram francamente a crueldade do coronel Goyo Suarez".

Rio Branco, nas *Efemerides Brazileiras,* narra o acontecido quazi do mesmo modo: "O general Leandro Gómez entregou-se ao coronel brasileiro Oliveira Belo; mas, tendo sido reclamado por um oficial do ezercito de Flôres (o commandante Belén), declarou que preferia ir com seus compatriotas. Pouco depois, era fuzilado, assim como outros prizioneiros, por ordem do coronel Gregorio (Goyo) Suarez". E aduz, para provar a indignação do governo brazileiro ante o crime: Em despacho de 22 desse mez, dizia o ministro dos Negocios Estranjeiros ao plenipotenciario brazileiro: "O Governo Imperial julga conveniente que V. Ex. solicite do general Flôres a punição de Goyo Suarez e dos outros subordinados do mesmo general que concorreram para ser levado a efeito semelhante atentado, que tanto deslustra a vitoria que obtivemos em Paisandú".

Apezar de documentos desta ordem, a opinião de publicistas brazileiros, mesmo quando se chamam Rio Branco, póde ser taxada de suspeita. Recorramos, pois, á opinião uruguaia. Em 1923, o Sr. Romulo Rossi publicou em livro os inqueritos a que procedeu para *El Diario* de Montevidéu sobre a Cruzada Libertadora de Flôres e a tomada de Paisandú, ouvindo varias testemunhas de vista ou participantes dos acontecimentos. Intitula-se o volume *Episodios historicos* e foi editado no Uruguai por Peña Hermanos.

O Sr. Pablo A. Dugrós, de orijem franceza, um dos praticos da esquadra brazileira no Uruguai e no Paraguai, rezidente em Montevidéu, declarou ter ouvido a descarga do fuzilamento de Leandro Gómez e que o cazo se passara desta fórma: "... cruzaba la plaza en dirección hacia el puerto el grupo de prisioneiros custodiados por militares brasileños, cuando se encontraron con el mayor Belén, que mandaba uma pequeña fuerza — quien, dirigiendose al general Gomez, le dijo:

— General. Aqui estamos nosotros. Por que no se cobija bajo nuestra bandera?

— Con mucho gusto, mayor, contestó el prisionero a la vez que dirigiendose al coronel brasileño agregó:

— Si usted lo consiente, coronel, pasaremos a ser prisioneros de nuestros compatriotas.

Como el jefe brasileño accediese al pedido que se le formulaba, el grupo de los rendidos pasó asi a depender del mayor Belén: y este en conocimiento de que el entonces coronel don Gregorio Suarez se

encontraba en la casa del señor Ribero, se encaminó hacia alli.

— Coronel, le dijo: aqui le trago estos prisioneros.

— Quitelos de mi presencia... "ajo!" No los quiero ver!! Páselos para el fondo y cumpla usted con su deber!!!

Y Belén, sin otra fórmula de proceso, les hizo pegar inmediatamente cuatro tiros, en el jardin..."

O Sr. Dugrós adeanta que os soldados roubaram a roupa dos cadavares e que o major Belén arrancou do peito do oficial Fernandez a medalha de Monte Caseros, passando a usa-la como si a tivesse ganho naquela pugna historica. Narra mais que Tamandaré fez vir Goyo á sua presença e á de Flôres, exprobrando-lhe o procedimento, e que o segundo se justificara contando que Leandro Gómez queimara viva sua mãi.

Com efeito, ao tempo da celebre matança de Quinteros, esse chefe blanco surpreendera a mãi de Goyo Suarez refujiada num rancho em Polanco del Rio Negro, mandara amarra-la com tiras de couro a um dos esteios da habitação e nesta pôr fogo.

D. Ildefonso Fernandez Garcia, ajudante de ordens do coronel Azambuja, valente chefe uruguaio de orijem brazileira, que morreu na defeza de Paisandú, entrevistado pelo jornal referido, disse:

"— En qué circunstantcias vió por ultima vez a Leandro Gomez?

— Cuando lo llevaban a él y a los demás que fusilaran más tarde, rumbo a lo de Ribero.

— Quien o quienes los llevaban?

— El entonces mayor Belén e un sobriño suyo de apellido Rodriguez y otros oficiales y soldados más.

— Y a usted quien lo tomó prisionero ?

— Los brasileños."

A prova, poderiamos acrecentar á guiza de comentario dirijido aos historiadores da marca de Carlos Pereyra, é que meio seculo mais tarde ainda estava vivo...

D. Mario Perez, antigo blandengue de Artigas, reliquia viva do passado uruguaio, falou desta sorte:

"— Por orden de quien fueron fusilados Leandro Gomez, Acuña, Fernandez y Braga?

— Por orden de Goyo Suarez.

— Está usted seguro?

— Y tan seguro como que estoy hablando con usted.

— Entonces... el mayor Belén qué rol desempeñó en ese hecho ?

— El de un mero ejecutor... Mire: y es tan cierto lo que le digo que, cuando Flôres, profundamente indignado por essa enormidad, ordenó que se praticara una investigacióı para deslindar responsabilidades, Suarez escapó del ejercito y no se le vió más hasta que hubo terminado la guerra, porque supo que se le iba a formar consejo de guerra para pegarle cuatro tiros."

O general D. Zenon de Tezanos, veterano das campanhas uruguaias, expressou-se da seguinte maneira:

"— Usted alcanzó a ver a Leandro Gomez, general?

— Si, señor; a poco de haber caido en nuestro poder. Yo ya era oficial abanderado del batallón 24 de Abril y me encontraba sobre la trinchera de la bocacalle de la Jefatura cuando de pronto vi que un grupo de hombres se dirigia hacia lo de Ribero. En eso grupo marchaban Leandro Gomez y otros prisioneros.

— Quien los mandaba?

— El mayor Belén... Al pasar cerca de nosotros, un oficial que acompañaba a Belén se nos aproximó para pedirnos una escolta que custodiara a los prisioneros, proporcionandosele de la compañia del capitán Trueba seis infantes y un cabo, que fueron quienes fusilaron después á aquéllos.

— Quien fué que ordenó el fusilamiento de Gomez, Fernandez, Acuña y Braga?

— Desde el primer momento se dijo que habia sido Don Goyo Suarez."

Testemunho sobretudo valiozo é o da viuva de Goyo Suarez, Dona Carolina Umpierres de Suarez. A digna matrona contou a morte da projenitora de seu marido, cruelmente imolado par Leandro Gómez, e explicou, assim, as razões porque Suarez mortalmente o odiava. Ao representante de *El Diario* deu estas respostas:

"— ...pero con respecto al fusilamiento de Leandro Gomez y demás compañeros de infortunio nunca le oyó decir nada al general Suarez?

— A mi nunca me dijo nada sobre el particular... pero, en conversaciones que sostenia con sus amigos, pude oirile más de una vez que él no habia sido quien diera la orden de fusilar a los prisioneros, sino que ella habia sido fruto de una decisión

personalissima de Belén. Suarez decia en tales conversaciones que a el lo habia sorprendido tambien la ejecución.

—Y como entonces se responsabilizó con semejante acto?

—Yo no lo sé, señor. El era un hombre raro. Talvez por salvar al indio Belén, de que lo fusilaron..."

Os comentadores de Mastermann, na edição de 1911, mostram-se, pois, bem informados, escrevendo em nota, á pag. 63:

"...Leandro Gomez capituló y fué fusilado despiadadamente por los *colorados* (aliás blancos), acto que la hecatombe de Quinteros pareció justificar..."

Os documentos oficiais, os historiadores de nota e os depoimentos das testemunhas oculares dos acontecimentos são unanimes em atribuir ao coronel Goyo Suarez o assassinio de Leandro Gómez. Sua propria viuva nada mais faz do que descarregar a culpa toda sobre os hombros do ezecutor de suas ordens. Suarez, que era um chefe importante e coberto de serviços á cauza de Flôres, confessou a este e a Tamandaré o seu crime, justificando-o como vingança da monstruozidade praticada pelo outro contra sua mãi. Entretanto, teve de abandonar o ezercito e ocultar-se até o fim da guerra, porque o governo imperial fazia questão do seu castigo, como se vê do despacho do gabinete de S. Cristovam ao ministro Paranhos. Mena Barreto ezijiu de Flôres a punição de Belén, que só não foi ezecutado por interferencia do coronel Vencesláu Régules, sendo posto fóra do ezercito antes da entrada triunfal deste com as tropas brazileiras em Montevidéu.

Aliáz, o historiador paraguaio Juansilvano Godoi assegura, em nota, á pag. 58 das *Monografias historicas* (1ª serie):

"El lejendario defensor de Paisandú en 1864, asesinado por orden del general Gregorio Suarez."

E o que a historia proclama pela bôca de Thompson, tão mentiroza em tantos pontos, é que Leandro Gomez fuzilou 24 brazileiros prizioneiros de guerra...

Eis aí a verdade dos fatos, bem documentada. Como, depois de assunto tão esclarecido, passado em julgado, acuzar Venancio Flôres e sobretudo Mena Barreto desse crime ? E' o que faz Carlos Pereyra, levianamente ou de má fé: "los dós jefes victoriosos mandaron ejecutar a Gómez".

Que confiança póde merecer de pessôas cultas e sensatas o escritor que formúla contra quem quer que seja calunias dessa ordem? E semelhantes são muitas asseverações contidas na sua obra a respeito de nossa ação no Prata. Felizmente, podem ser reduzidas á expressão mais simples como esta e com documentação estranjeira.

Os brazileiros devem estudar a historia de nossos vizinhos espanhóis e ler os seus documentos. Aprenderão a conhecer melhor o Brazil e a estimalo ainda mais.

Schneider, no seu tomo I, ed. de 1876, pajs. 52 e 53, conta: "Ou por traição ou por acazo, Leandro Gómez foi descoberto em seu esconderijo e conduzido prezo para o acampamento. Com a conciencia de ter sido em toda a sua vida violento inimigo do Brazil, parece que receiava ser fuzilado, pois, passando deante dum grupo de *colorados,* que o reconheceram e pediram que ele lhes fôsse entregue, de-

clarou ao oficial brazileiro que o escoltava, que esse era tambem o seu dezejo. Talvez supunha que seus patricios, a despeito do odio politico, o tratariam com menos severidade do que os abominados brazileiros, e não podia ignorar quão facilmente na vida revolucionaria do Prata os inimigos se tornam amigos, os adversarios aliados. Em rezumo, ele consentiu em ser entregue como prizioneiro de guerra aos soldados do general Flôres. O oficial brazileiro ezijiu dos orientais a promessa de que nenhum mal fariam ao prizioneiro até sua entrega aos chefes do ezercito. De novo o grito de — "Quinteros!" — produziu uma cena de sangue. O prizioneiro foi levado para uma caza e logo se espalhou pelas tropas a noticia da captura de um inimigo antes tão temido. Então, ecoou o grito: "Foi um dos assassinos de nossos camaradas em Quinteros!" e esta recordação custou a vida do mizero. Cruel, ateou-se a chama da vingança e, aos gritos de — "Venganza, venganza por Quinteros!", foi ele arrastado para uma caza prossima e logo fuzilado. Tendo sido aprizionado por soldados brazileiros, atribuiu-se a principio sua morte a estes, e com as primeiras noticias da guerra espalhou-se esta falsidade (*sic !*) pela Europa. Quando o fato chegou aos ouvidos do vice-almirante Tamandaré, mandou este proceder a um rigorozo inquerito para completa elucidação da verdade. Justamente indignado pela calunia de atribuir-se aos seus compatriotas o fuzilamento dum prizioneiro de guerra, declarou o vice-almirante ao general Flôres que, para reparação do crime praticado, soltava a todos os oficiais orientais que estavam prizioneiros e em qualquer operação posterior dos *colorados* contra os *blancos* pedia que se abstivessem de repetir tais atentados."

Rio Branco corrijiu as falhas dessa pajina com uma precioza emenda: "Leandro Gómez foi aprizionado pelo coronel Oliveira Belo, mas Gregorio (Goyo) Suarez, um dos chefes do ezercito de Flôres, reclamou-o e ele proprio declarou que preferia ser prizioneiro dos seus compatriotas. O rezultado foi passarem-no pelas armas, momentos depois. O almirante Tamandaré, dando conta ao governo imperial deste lamentavel acontecimento, exprime-se nos seguintes termos: "Entretanto, o fogo continuava por toda a parte e nossas tropas fôram avançando e chegaram ao interior da praça, quando o general Leandro Gómes escrevia sua resposta a esta ultima concessão, que não pôde concluir, porque foi aprizionado pelo coronel Belo, que o entregou ao coronel oriental Goyo Suárez, em virtude de reclama-lo este em nome do general em chefe, e preferir aquele segui-lo. Daí a poucos momentos eramos informados daquele fato, e de que o general Leandro Gómez, com dois ou tres oficiais, tinham sido fuzilados. Não pude conter a indignação que se apoderou de mim (*sic !*) por ver manchar assim uma esplendida vitoria. Grande era a afronta que tinhamos a vingar, inumeros os insultos que o Brazil e os brazileiros sofreram deste homem; comtudo eu queria que sua vida fôsse respeitada, como havia pozitivamente recommendado, com uma solicitude que não disfarçava. Mas a fatalidade o impeliu a seu destino, fazendo-o, pelo seu orgulho, deixar a proteção da bandeira brazileira, sem se recordar de que os odios politicos são sempre mais crueis que os nacionais." O ministro dos negocios estranjeiros, Dias Vieira, dirijiu-se, nos seguintes termos, em 22 de janeiro de

1865, ao plenipotenciario brazileiro, sr. visconde do Rio Branco: "Acuzo a recepção do oficio rezervado de V. Ex., de 7 do corrente, sob n. 5, em aditamento ao ostensivo que me dirijiu na mesma data, sob n. 15, relatando o triunfo que, com a tomada da praça de Paizandú, no dia 2, alcançamos contra o governo de Montevidéu e seus defensores; e, inteirado de tudo quanto refere V. Ex. a respeito do fuzilamento do general Leandro Gómez e outros chefes do mesmo lado, depois de prizioneiros, e das reflexões que lhe sucitou tão reprovado procedimento, tenho em resposta a communicar-lhe que *o governo imperial julga conveniente que V. Ex. solicite do general Flôres a punição de Goyo Suárez e dos outros subordinados do mesmo general que concorreram para levar a efeito semelhante atentado, que tanto deslustra a vitoria que obtivemos em Paisandú*..." Não falta, entretanto, quem, no Rio da Prata, ainda hoje, impute aos brazileiros esse crime. Referindo-se ao mesmo Leandro Gómez, disse no Senado o Sr. visconde do Rio Branco: "... Leandro Gómez não devera ser fuzilado por aquele modo, si o foi; mas, pelo que fez em Paisandú, podia ser ezecutado por sentença dum conselho de guerra. Tratou cruelmente aos prizioneiros; sobre as trincheiras de Paisandú mostrou as cabeças ainda quentes dos soldados brazileiros que mandára degolar. De seus máus precedentes orijinou-se o odio que lhe votava o coronel Goyo Suárez, cuja familia fôra vitima das crueldades daquele chefe."

A's barbas dos acontecimentos, escrevia Moreira de Azevedo, em 1871: "Encontrados ocultos em uma caza, Leandro Gómez e alguns companheiros, foram

espingardeados pelo oriental Goyo Suárez, que desse modo se quiz vingar de afrontas pessoais."

Ezaustiva, essa documentação prova que é um ato de cinismo continuar a imputar ao Brazil aquilo que, em 1876, ha meio seculo, Schneider já reputava falsidade. O assassinio de Leandro Gómez é um ato de barbárie platina, condenado pela civilização brazileira. Praticaram-no os orientais e desde os primeiros dias os nossos documentos o profligam com enerjia. Graças ás reclamações do nosso governo, Flôres afastou do seu ezercito o coronel Goyo Suárez e seu assecla, o major Belén.

Receiava Leandro Gómez o fuzilamento, porque sabia que estava fóra da lei, tendo praticado atos indignos dum soldado e somente compativeis com o procedimento dum chefe de bandidos. Antes do ataque á cidade, ele mandára açoitar publicamente, até mata-lo, a um pobre cidadão brazileiro de côr parda, tropeiro dum salgadouro da vizinhança. Conta Moreira de Azevedo em *Quadros Guerreiros*, paj. 18: "Em dias de fevereiro de 1864, foi por ordem de Leandro Gómez, governador de Paisandú, açoitado publicamente um guarda-nacional riograndense, por se haver negado ao serviço militar da republica, ezibindo o seu titulo de cidadão brazileiro autenticado por um ajente consular do imperio." O mesmo facto está registrado num livro uruguaio, os *Episodios historicos de Rossi*: "... al dia siguiente al toque de diana, se dió tan fenomenal palliza al pobre pardo en el batallón en donde era obligado a prestar servicios militares, que falleció a consequencia de los golpes recibidos." Durante a luta, degolava os prizioneiros, como o fez a quarenta orientais

de Flôres, declara Jourdan (V. I., paj. 59). Um tambor da canhonheira imperial *Ivaí,* destacado na bateria da Bela Vista, extraviou-se e caíu em poder dos sitiados. Leandro Gómez mandou tortura-lo; depois, fez expôr á ponta duma vara a sua cabeça sobre as trincheiras. (Jourdan, id., paj. 62 e Moreira de Azevedo, op. cit., paj. 22).

Foi esse o heroi imaculado de Paisandú, um assassino já celebrizado desde Quinteros.

——«*»——

OS HEROIS NEGROS

Uma caricatura paraguaia do tempo da campanha,, ezistente no Muzeu Historico, mostra o almirante José Joaquim Inacio, visconde de Inhaúma, com uma penca de rozarios á cintura, trepado nas chaminés dum barco de guerra, dando ordens a uma tripulação de negros. Essa caricatura reprezenta em verdade a idéa que os nossos amaveis vizinhos do Prata se esforçam por fazer da nossa terra: para eles, sempre fomos o paiz dos negros, com marinheiros e soldados negros. E a ouvi-los parece que, na America do Sul, a escravidão foi especialidade nossa.

Nas produções folcloricas guaranis sobre a guerra do Paraguai, que constam do belo livro de Narcizo Colman, *Ocara-Poty*, o nosso soldado é sempre o preto. O vate popular Natalicio Veras canta no *Jataity-Corá*:

Eye jheyá Pedro Segundo
Ndé reipy jhyhi chéve Assuncion,
Y pituvá co ne cambá
Iiha ndipú acai co ne canon.

Cambá, em guarani, é negro e, assim, nós vemos que Pedro II mandou tomar Assunção por um ezer-

cito de negros. *Los negros* era como o terrivel Solano López chamava ás nossas tropas. Estão ai os livros dos O'Leary e dos Carlos Pereyra para nos pôrem essas duas palavras sob os olhos. O ultimo chega ao ponto de dizer o seguinte, no seu volume *Francisco Solano López y la guerra del Paraguay,* injusta diatribe contra o Brazil e que alguns brazileiros sem alma acham bonito elojiar: "Empezó (o governo imperial) a comprar esclavos, ofreciendo de tres mil a cuatro mil francos por cada negro destinado a los esteros del Paraguay."

Entretanto, a verdade historica é outra. Escravidão houve, tanto quanto no Brazil, em todas as possessões espanholas da America, muitas das quais continuaram a mante-la apoz sua emancipação. No Paraguai, por ezemplo, foi o Brazil quem libertou os escravos. No Uruguai, a influencia negra na formação social foi tão digna de nota que sobre ela o Sr. Vicente Rossi escreveu um livro admiravel, intitulado *Cosas de Negros*. Nele demonstra á saciedade que o tango arjentino, hoje tão querido nas altas rodas e de cuja propriedade tanto se orgulham os portenhos, é herança negra. E chega ao ponto de propugnar pela origem platina de vocabulos dos negros, que vivem prezentemente no Brazil. Quer que dela tenham vindo palavras como *candomblé,* filha do *candombé* arjentino e oriental. E lamenta que fiquem muitas couzas de negros á marjem da historia sul-americana.

A entrada compulsoria de negros nos quadros do nosso ezercito, que, aliaz, não foi feita nas condições que os nossos inimigos expõem, porém de maneira muito mais lojica e justa, é sempre motivo de dicho-

tes e baze de acuzações por parte dos escritores que nos detestam. Todavia, não passa de uma dentada que se póde curar com o pelo dos proprios mordedores.

As maiores nações do mundo têm recorrido aos escravos para preencher os claros de suas tropas em momentos de necessidade. "Oito mil escravos — declarava o nosso eminente conselho de Estado ao imperador — comprou e armou Roma, depois da batalha de Canes". A 22 de setembro de 1862 e a 1 de janeiro de 1864, o prezidente Lincoln dispunha, por decreto, que os escravos que tivessem aptidões suficientes poderiam ingressar nas fileiras do ezercito nacional. E o mesmo conselho de Estado lembrava que os escravos haviam tomado parte glorioza na guerra da independencia, que D. Pedro I deles lançara mão em 1828 e que eram "um recurso proprio, um elemento nacional."

No Uruguai, uzou-se do mesmo processo e de má fé. Leia-se Rossi, *Cosas de Negros*, edição de 1926, pajina 46, em nota:

"Después de la batalla del Arroyo-Grande, em 1842, la necessidad de soldados produjo la ley de *libertad* de esclavos, con el objeto de quitarselos a sus dueños sin indemnizarlos. Como es de suponer, no hubo tal *libertad* y los esclavos salieron perdiendo, pués fueron a parar todos en los cuarteles."

E o mesmo autor nos descreve (paj. 45 — texto) a escolta prezidencial de Santos. Esse chefe de Estado dava um grande prestijio aos negros. Apeava-se do carro para lhes estender a mão. Os cavaleiros que, de lança em punho, o guardavam em revistas, paradas, cortejos e passeios eram pretos retintos. De

tão herculeos e belos que eram, esses soldados de ebano — diz Rossi — fariam inveja ao kaiser...

Em 1864, quando intervimos no Uruguai, os negros enxameavam nas tropas *blancas*. Na artilharia, especialmente. Diz o escritor oriental Orlando Ribeiro, num opusculo publicado em 1901: "casi todos los negros artilleros..."

Artigas, o *padre Artigas*, formou com negros *el primer ejercito de la patria*. E' a voz autorizada de Zorrilla de San Martin que proclama, na pajina 219 do volume I de sua *Epopeya de Artigas*. a gloria do *puñado de negros lanceros* que o acompanhava.

Dos 33 ou, melhor, 34, que dezembarcaram com Lavalleja na Cañada de Gutierrez, para libertar a Cisplatina, participavam *dois africanos* (Souza Doca — Notas aos *Anais* do marechal Lima e Silva — *Revista do Instituto Historico do Rio Grande do Sul* — 1927).

Na Arjentina, o negro — "desde la independencia fué siempre ejemplo de fidelidad, valor y resistencia, consagrados por la tradición militar de la Republica" — declara á pajina 165 de sua obra majistral *Rosas y su tiempo*, o grande escritor Ramos Mejia. Continúa: "Eran compuestos de negros los numeros Siete y Ocho, tan célebres en la guerra de Chile y el Perú, que formaron parte del ejercito del Desaguadero. Y el numero Dos, de vuelta de la campaña del Brasil, tuvo aquellas celebres compañias de valientes veteranos con la cara negra y la cabeza blanca, como dijo Sarmiento, que sorprendidos por Quiroga, perecieron en las lagunas de Guanacacho en 1831, al mando del comandante Castro."

Nos *Conflitos y Armonias*. Sarmiento fala-nos dos quatro batalhões de negros mobilizados em Montevidéu contra Oribe, que tinha sob suas ordens tambem um rejimento preto. Ainda é Sarmiento, no mesmo livro, quem noticia que o general Urquiza recrutou em Buenos Aires todos os negros que pôde, mandando-os para Entrerios, afim de assentarem praça nas suas milicias.

Entre os que defendiam Montevideu contra esse proprio Oribe, havia um batalhão de ex-escravos, transformados em cidadãos por decreto, conta Bormann, em *Rosas e o exercito alliado,* vol. I, paj. 112.

Em virtude duma lei de 17 de outubro de 1823, constante do *Registro Oficial* arjentino, em 1830 o governo de Balcarce organizou um rejimento de negros com o titulo de *Defensores de Buenos Aires*.

Todas as pessoas medianamente instruidas em historia das Republicas do Prata sabem que o ditador Rozas estimava extraordinariamente os negros aos quais dava tal primazia que eles mandavam de verdade na Arjentina do seu tempo. Dava-lhes empregos e influencia, dansava em suas festas, recebia-os na quinta dos Santos Logares como amigos do peito. Então, o ezercito arjentino — póde-se afirmar sem ezagero — era quazi inteiramente composto de pretos. Havia o oficio de *tasador de esclavos*. Era o preposto do governo encarregado de ezaminar e avaliar os negros destinados ao serviço do Estado (*Registro Oficial* arjentino, 1831). Deante dele se punha o negro inteiramente nú. Fazia-o marchar, mover os braços, mostrar os dentes e, depois, gritava:

— "Acceptado ! Granadero !"

Ou então:

— "Acceptado! Cazador!"

No movimento da independencia do Prata, os escravos tomaram as armas como "hijos y hermanos de sus antigos amos domesticos, se hicieron ciudadanos de la nueva democracia, formaron el nucleo de los batallones veteranos..." Durante a conquista ingleza, nas tropas arjentinas, alternavam nas filas "blancos, pardos, indios y negros". Da expedição ao Paraguai participaram "pardos y morenos". E, no centro da linha de Belgrano, na batalha de Vilcapugio contra os espanhóis, formava o batalhão de homens de côr, comandado pelo coronel don José Superi (Mitre — *Historia de Belgrano,* I, 33, 170, 353; II, 215).

Uma nota do Congresso Arjentino ao diretor Puerreydon, datada de 4 de setembro de 1816, e impressa em *La Extraordinaria* de 17 de janeiro de 1817, afim de pôr o paiz *á cubierto contra cualquier invasión extranjera,* decreta varias medidas militares, sendo a principal delas *un nuevo enrolamiento de esclavos libertos.* As palavras do texto demonstram que houvera outros desses *enrolamientos.*

Em setembro de 1818, no ezercito arjentino, que levou a guerra á provincia rebelde de Santa Fé, denominado *Ejercito de observación,* sob o comando de Balcarce, num efetivo de menos de trez mil homens figuravam duas companhias de *pardos y morenos voluntarios* (Mitre, idem, III, 167).

Mais ou menos um ano antes, escreve o mesmo historiador, "entre los jefes que se hallaban á ordenes de Otorgués, encontrabase el coronel don Rufino Bauzá, á la cabeza de un batallón de 600 negros libertos, con tres piezas de artilleria, que constituian el núcleo y el nervio (*sic!*) del ejercito sitiador de Montevideo (id. III, 102)."

Os rejimentos de *pardos y morenos,* na Arjentina, continham mais negros do que mestiços. Deles sairam muitos oficiais superiores do ezercito e até personalidades notaveis. Tiremos uma dessas de A. Beccar Varela y E. Udaondo — *Plazas y calles de Buenos Aires* (I, 95). Era Lorenzo Barcala. Filho duma escrava africana, naceu escravo. Assentou praça no rejimento de *pardos* de Mendoza, sua patria. Alferes em 1820. Major em 1824. Fez a campanha de repozição do governador del Carril, em San Juan, batendo-se com vigor no combate de Las Leñas. Na campanha do Brazil (1825-1828), era tenente-coronel e foi feito nosso prizioneiro. Acompanhou o general Paz em 1829. Militou sob as ordens de La Madrid, sendo o unico dos rendidos da Cidadela, cuja vida Fernando Quiroga respeitou. Participou da famosa expedição ao deserto em 1833. Quiz derrubar o governo de Aldáo em 1835, descobriram-lhe o plano e o fuzilaram. O coronel Puerreydon conta nos seus *Escritos historicos*, paj. 109, ter sido esse negro, então simples ajudante dum batalhão de Civicos, quem conduzira ao fuzilamento, em Mendoza, o general Carrera.

Desta ultima obra citada se infere á pajina 164 que os corpos de caçadores que formavam no ezercito do general Martin Rodriguez mobilizado contra os indios do sul, eram compostos de negros, que fôram os mais sacrificados nessa dificil campanha.

Um decreto de 1831 mandava todo escravo liberto maior de quinze annos ser aprezentado no prazo de vinte dias ao juiz de paz para servir no ezercito arjentino. Organizava-se, então, o grande corpo de infantaria intitulado *Libertos de Buenos*

Aires. Na sua *Mensajem* do mesmo ano ao Congreso, Rozas elojia o Quarto Batalhão, composto de negros, superior aos corpos de linha, de ardor militar sem ezemplo.

Em 1827, assegura Clemente Fregeiro no *La batalla de Ituzaingó,* os infantes arjentinos que nela combateram "eram negros, viejos soldados en su mayoria" (paj. 108).

Ramos Mejia escreve que os negros, no ezercito da Republica Argentina, "llegaron hasta mandar compañías y hasta batallones, llevaron al fuego y a la gloria legiones enteras..." E o mesmo autor lamenta nestes termos o dezaparecimento do negro das milicias de sua patria: "La talla de los negros ha sido proverbial en nuestra historia militar. Nuestros ejército perdieron sus granaderos, los zapadores de feliz memoria, y el Tambor Mayor, flor de la estatura criolla, el día en que la talla del soldado argentino comenzó a hacerse pequeña por la falta de ejercicio y la abundancia relativa de la vida muelle. Con la desapparición de sus negros, orgullo del tasador diestro, han huido de los regimientos, las famosas compañias de veteranos en las que a la talla se agregaba el gesto adusto del verdadero soldado, la elegante corpulencia de una osatura llena y armonica; todo lo cual formaba el bello conjuncto, que despertaba en la imaginación del pueblo ese sentimento de viril respeto, que ha contribuido tanto al justo prestigio del antiguo sodado nacional."

Estas palavras impressas ainda em 1927, fazem pensar, dada a autoridade de Ramos Mejia, que, em verdade, grande falta faz o soldado negro ao ezercito arjentino do prezente, pois que no seu tempo era maior o prestijio do militar nacional.

Desta sorte, glorificam os espano-americanos os negros que vestiram o uniforme de suas patrias e sob as suas bandeiras derramaram um sangue heroico. Tambem pódem recorrer a Ferrero, na *Grandeza e Decadencia de Roma,* para elojiar as creações artificiais de homens tornados heróis pela solidariedade duma idéa e pela diciplina.

Comtudo, quando essas creações artificiais são nossas e quando os soldados negros são brazileiros, não nos poupam pilherias, remoques e ataques. Por que? Porque é necessario sempre amesquinhar as couzas brazileiras, pois o Brazil, na fraze de Carlos Pereyra, (ob. cit., pajs. 16 e 37) é — "el enemigo tradicional" e "un contraste y una oposición de lo español en America"

Porque os espano-americanos querem que o antagonismo peninsular não se limite á Europa e se estenda, como escreveu Mitre, aos *dois hemisferios.*

Eis tudo.

Não nos envergonhemos dos soldados negros que tivemos. Elles vieram de Henrique Dias e da guerra flamenga. Durante mais de um seculo, a nossa milicia possuiu brilhantes rejimentos de Henriques, todos compostos de negros. E os nossos soldados de côr bateram os celebres recrutas e veteranos dos *tasadores platinos* em quazi todas as pugnas em que se defrontaram.

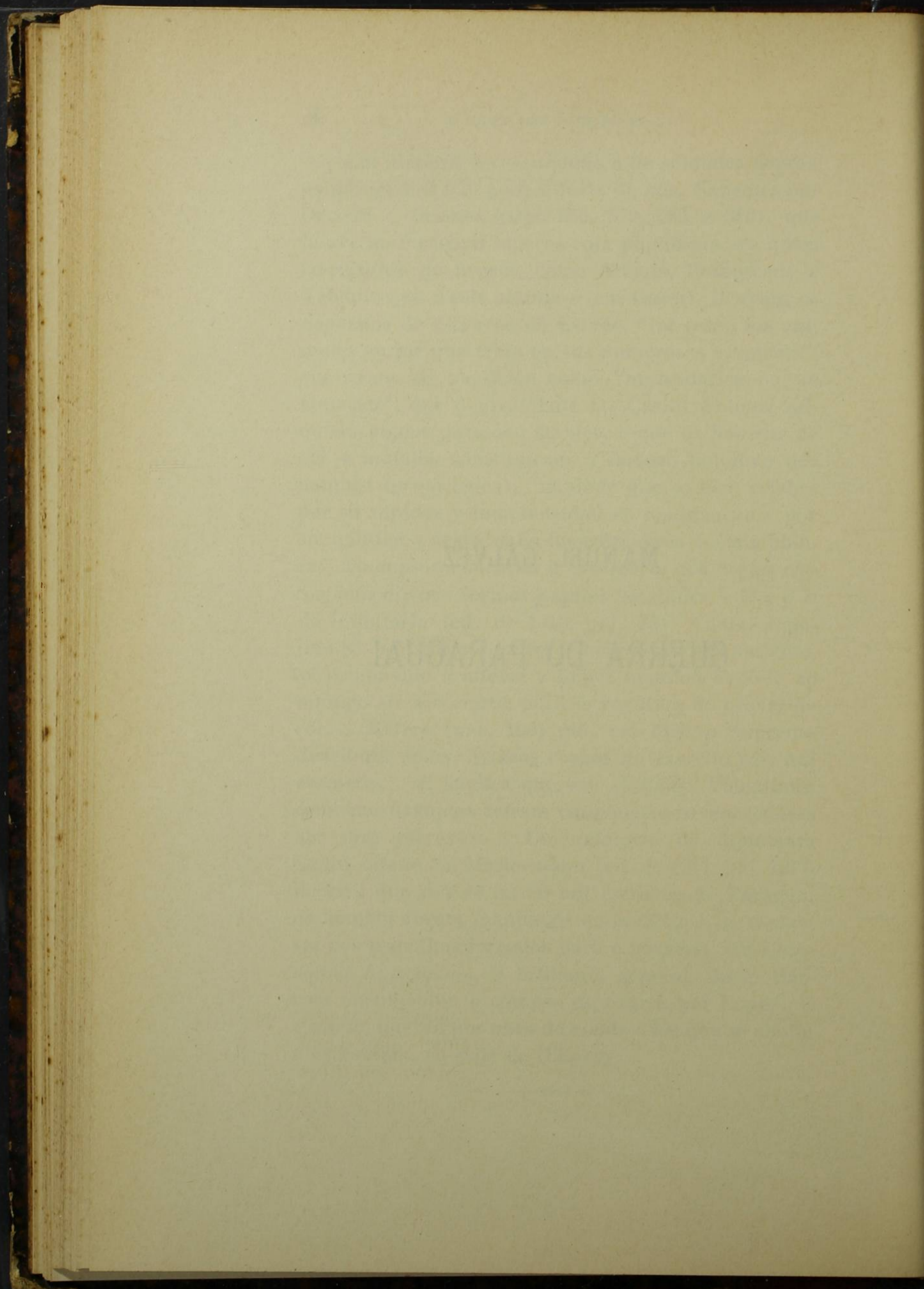
Quando os publicistas da escola dos Carlos Pereyra e dos O'Leary nos fizerem uma acuzação, é bom procurar vêr si os povos que eles elojiam e põem acima de nós não têm no seu passado erros ou uzos iguais. Eles costumam vêr o grão de areia nos nossos olhos e não enxergar a trave que lhes barra a vizão justa e ezata das couzas.

Em materia de escravidão e de soldados negros, os paraguaios não podem falar de nós. Sabemos por Decoud (*Decada,* pajs. 259, 379, 382 e 383), que houve no Paraguai lugares cuja população era quazi constituida de negros, como Areguá, Emboscada e Tabapi; que, nesta ultima e em Gasori, ficavam os depozitos de escravos do Estado, "tal como los animales en pié que tenia en sus numerosas estancias"; que eram ali vendidos como "mercaderias en un almacen"; que o prezidente D. Carlos Antonio adquiriu alguns para seu serviço, e que os homens de côr e mulatos constituiram o famozo batalhão dos nambi-i (*oreja chica*), "unidade que se hizo celebre por su rapidez y impetuosidad en los ataques y por su agilidad y destreza en los entreveros a arma blanca." Thompson confirma a excelencia dos *orejas chicas,* mas diz que formavam dois batalhões, o 6º e o 7º de infantaria (ed. de 1910, paj. 23). Conta, á pajina 83, a historia dum feroz negro, que era sarjento, foi promovido a alferes e López mandou expô-lo ao inimigo até ser morto, para se ver livre do oficial de côr... Refere (paj. 103) que, em 1866, o Supremo distribuiu pelos diversos corpos do ezercito seis mil escravos... E lembra que, em Lomas Valentinas, com suas bagajens cairam em poder dos venecedores até suas escravas... Um relatorio do diplomata Gould, citado em Mastermann (ed. de 1911, paj. 127), declara que dos 40 ou 50 mil escravos do Paraguai os homens foram mandados ao ezercito e as mulheres aos trabalhos forçados para o governo. Na *Campanha Lopezguaia,* o brilhante general Mario Barreto documentou a compra de negros por Lopez. E é sabido que foi por obra do conde d'Eu que se aboliu a escravidão no paiz de O'Leary...

——«*»——

MANUEL GÁLVEZ

E A

GUERRA DO PARAGUAI

A PREMEDITAÇÃO DA GUERRA

O romancista arjentino Manuel Gálvez está ultimamente se ocupando com frequencia, já em livro, já em jornal, da campanha da Triplice Aliança contra o Paraguai, ou melhor, do que se deve, em verdade, chamar a guerra do Brazil contra López. A esse propozito publica de vez em quando alguns artigos bastante curiozos em *La Nación* de Buenos Aires.

Vamos procurar rezumir e comentar um deles, estampado a 7 de outubro de 1928, que muito interessa a nós brazileiros, porque mostra a idéa preconcebida que tinha Solano López de fazer a guerra ao imperio antes de ser chefe de sua nação e quasi dez anos antes dos factos que motivaram a memoravel luta.

HEITOR VARELA NO PARAGUAI

Conta Gálvez que, em 1856, o publicista arjentino Heitor Varela fez uma viajem ao Paraguai, em busca de melhoras de saude por mudança de clima. Nesse tempo, ezercia a ditadura naquele paiz Dom Carlos Antonio López, o López I, e Solano, seu filho, era já general e ministro da guerra, apezar de sua

pouca idade e pouca experiencia. Creio que era tambem ministro da marinha. Seu panejirista O'Leary tem a coragem de afirmar que deveu essas pozições a seu incontestael merito e não ao papai...

Heitor Varela era moço e insinuante. Solano López era joven, intelijente e sobretudo muito verbozo. Sua palavra sonora, quente e facil dizem que seduzia. Em poucos dias, ambos eram amigos.

A ENTREVISTA DE VARELA E LÓPEZ

Traduzamos fielmente a curioza entrevista de Varela e López, realizada uma noite antes de deixar aquele o paiz guarani, na caza do futuro López II, apoz alguns copos de excelente Xerez, segundo a descreve Gálvez, afim de sermos tão fieis quanto possivel:

"...tocou-se no tema facinador de todo sul americano — a Europa. López disse que jamais voltaria ali.

— Por que? Dir-lhe-ei por que, meu amigo, com toda a franqueza. Talvez as minhas palavras o surpreendam; mas é um pensamento fixo o meu. Tome outro calice de Xerez.

López, segundo conta Varela, estava um pouco *espiritualizado,* isto é, de humor alegre, os olhos brilhantes, a palavra fácil e a intelijencia á flôr da pele, situação, entretanto, muito distante da embriaguez.

— Sabe por que não poderei voltar á Europa? Porque minha sorte está intimamente unida á do meu povo. Meu pai está velho e padece duma enfermidade cronica que, com sua avançada idade, lhe abreviará a vida. Sua vontade e a de meus compatriotas é que eu o substitua no poder. Nesse dia, farei

o que ele não tem querido fazer, apezar de meus conselhos. Sei que o Brazil e vocês arjentinos cobiçam o Paraguai. Temos aqui elementos suficientes para rezistir a ambos. Mas não hei de esperar que me ataquem. Eu é que atacarei. Com efeito, ao primeiro pretexto que me derem, declararei guerra ao imperio e ás duas republicas do Prata, que, embora mutuamente vivam se receiando, se unirão para me combater.

Varela, naturalmente, contestou que houvesse tal cobiça entre os arjentinos.

— Você é ainda muito moço, respondeu-lhe o futuro marechal. Eu tambem não sou velho, porém estou de posse de segredos que você inteiramente ignora. Não poderei assegurar a independencia do Paraguai, sem antes abater a preponderancia do imperio e as republicas do Prata. Quando fôr o momento oportuno, começaremos a nos preparar.

UMA REFLEXÃO DE MANUEL GÁLVEZ

A' primeira vista, parece isto uma fantazia de Heitor Varela e nela qualquer um pode entender de enxergar que ele quiz arranjar desculpas para a entrada da Arjentina na guerra. Todavia, como faz notar o autor do artigo, essa opinião é destruida pelos factos de maneira completa, pois a entrevista de Varela não foi dada á publicidade depois da guerra e sim quazi dez anos antes.

Regressando de Assunção, o publicista arjentino deu-a a lume no famozo orgão portenho *La Tribuna*. Das coleções desta fôlha de 1856 é que o articulista a tirou para o seu esplendido estudo.

Assim sendo, tal documento tem um valor imenso e a reflexão de Manuel Gálvez a respeito de sua data, reflexão que não póde ser iludida nem destruida, coloca-o na sua verdadeira pozição em face dos acontecimentos posteriores.

A VERDADE DOS FACTOS

Nem o Brazil nem a Arjentina pretendiam fazer o menor mal ao Paraguai. Aquela debatia-se numa horrivel anarquia, as provincias contra Buenos Aires e Buenos Aires contra as provincias. O Brazil estava dezarmado e, si fôra obrigado a mandar ao Paraguai a infeliz missão do almirante Pedro Ferreira, isso se deve ao proprio López I, que nos fez perder um instante a paciencia. Entretanto, soubemos ter bastante calma e aceitar na questão de limites que então discutiamos as procrastinações que o governo paraguaio entendeu de utilidade e conveniencia fazer.

As couzas arrastaram-se lentamente. Não se solucionou pendencia alguma. E o Paraguai se armou, chegando a tal ponto a sua boa situação militar que, segundo os melhores documentos paraguaios, pôde López levantar em 1864 mais de oitenta mil homens. Ha mesmo historiadores que afirmam que ele teve sob as armas cento e cincoenta mil. Num paiz de menos de um milhão de habitantes é formidavel! (1)

---

(1) "La Republica se ha convertido en un vasto acampamento militar. Treinta mil reclutas afilan sus sables en los cimientos removidos de Cerro Leon; diez y siete mil pratican sin descanso ejercicios militares en la Encarnación; doce mil han reforzado el ejercito veterano de Humaitá; cinco mil la guarnición de Asunción i tres mil el departamento

Os Benitez, os Pereyra, os Fombona e os O'Leary asseguram que o Paraguai fez a guerra ao Brazil, provocado por este e que a fez em defeza propria, para não ser engolido pelo nosso pseudo imperialismo. Alguns brazileiros formam nessa corrente lopista, maravilhados pelo canto das sereias dum americanismo barato. Então, vêem seus nomes em letra de fôrma em publicações de lingua espanhola. E essa gloriola de plaqué paga-lhes a traição moral cometida contra o passado da patria e o sangue dos antepassados. Os lopistas ezultam e gostam de mos-

---

norte de Concepción" — Juansilvano Godoi — "Monografias historicas" — Primeira serie — Felix Lajouane — Buenos Aires — 1893, pajs 3 e 4 — São 67 mil homens só de reforço. Ajunte-se-lhe o exercito veterano...

Mastermann, em nota, á paj. 56 (ed. de 1911), declara que os *enormes aprestos belicos* de López, "además de commover á las poblaciones vecinas, turbaban el equilibrio politico del Rio de la Plata."

Juansilvano Godoi documenta a premeditação lopista. *Monografias historicas*, 1ª serie, pajs. 4 e 5: "Desde el 16 de octubre de 1862, en que fué investido con la presidencia de la republica, se habia seriamente preocupado de la posible guerra con el Brasil; mandando, á este objecto, construir en Europa tres acorazados, e encargar la adquisición de cincoenta cañones rayados.""

Antonio Zinny, na *Historia de los gobernantes del Paraguay*, assegura ter sido sempre pensamento secreto de López uma guerra de conquista, afim de apoderar-se da provincia brazileira de Mato Grosso e da arjentina, de Missões. Emquanto isso, nós, segundo Nabuco, não ambicionavamos a anexação do Paraguai nem dezejavamos intervir em seus negocios internos, sendo "nosso unico propozito ter uma fronteira tranquila e segura, para o que era condição essencial a completa independencia daquelle Estado". E Rio Branco confirma: "A politica internacional creada pelo partido conservador e principalmente pelo ministro Paulino de Souza, visconde do Uruguai, consistia, então, como ainda hoje, em manter a independencia dos Estados ameaçados pela ambição arjentina: o Paraguai e o Uruguai."

trar que eles são importantes. Por exemplo, o semi-papa pozitivista Sr. Bagueira Leal, que desconhece completamente a historia da guerra, escreve asneiras e mais asneiras sobre a mesma, batendo-se pelos pontos de vista paraguaios da entrega de troféus do perdão da divida e outras couzinhas mais. Os O'Leary transcrevem as suas moxinifadas insulsas, soltando foguetes desta qualidade: "Palavras dum general brazileiro". E' pozitivamente ridiculo, porque não passa o autor de semelhantes tolices dum simples medico militar, que, graças ao tempo, conseguiu as honras de general. General de bobagem. General de fandangos ou de congos. Mas pelo publico da America espanhola é tido por um verdadeiro general do nosso ezercito, condenando a campanha contra López como um atentado. E' triste que brazileiros não sintam que estão fornecendo armas a inimigos tradicionais e rancorozos, que os exploram de maneira pouco honesta...

"MOT DE LA FIN"

A premeditação da guerra do Paraguai por parte de López fica provada com o notavel documento trazido á historia por Manuel Gálvez. Dez annos antes do rompimento das hostilidades, López II já pensava em arranjar um pretexto para atacar o Brazil de surpreza. E', que a guerra não naceu do perigo do Paraguai ser absorvido pelo Brazil nem do seu dezinteresse em defender o Uruguai da justa e imprecindivel intervenção brazileira e nem da sua obrigação em manter o equilibrio do Prata, absolutamente não ameaçado; mas da ambição do seu despota, que queria alargar-se á custa dos outros e dar azas á sua descomunal vaidade.

Desde muitos anos, seu pensamento fixara-se na guerra. Pedro S. Lamas, no seu livro *Etapas de una gran politica,* transmite as confidencias de Solano López a seu ilustre pai, D. André Lamas, uns dois lustros antes da campanha: "Si alguma vez — declarou — se repetirem contra o Uruguai agressões como a de Rozas, venham de onde vierem — e frizou bastante estas ultimas palavras — lembrem-se os orientais que eziste um povo no seio das selvas do continente que saberá fazê-los respeitar. O Paraguai vai poder o que até agora não pôde; e, si o seu povo, como os da antiguidade, conciliar os instrumentos da lavoura com os da milicia, foi isso obra de Rozas, que, pretendendo submeter-nos, despertou um instinto que nem suspeitavamos ezistisse em nós: o da rezistencia, o da força que repele a força... Ninguem sabe o destino que o espera e, quanto ao meu paiz, si algum pensamento o ajita é o de pezar na politica do Rio da Prata (*sic*) num sentido pacifico e sem outro propozito sinão o de manter o equilibrio atual, buscando nele a garantia de sua propria conservação e autonomia, beneficio que perigará no dia em que a Arjentina ou o Brazil, eternos rivais, cheguem a preponderar decididamente e sem peias nesta parte da America... Entre o Paraguai e o Uruguai, ha um interesse comúm. Portanto, deveriam entender-se. E' o de evitar que dezapareça e se rompa o equilibrio, o de prevenir que impere um ou outro de nossos vizinhos."

O papa lopista, O'Leary, aceita como autenticas estas declarações e transcreve-as na sua obra *El Mariscal Solano López*.

Todavia López era o rezultado humano da formação sociolojica do enclauzurado Paraguai. Ele reprezentava bem as volições do seu povo, que Francia encarcerára e envilecêra. No fundo, o que .o impelia, sem que ele proprio — instrumento de forças mais poderozas — talvez sentisse, era a necessidade geografica do seu paiz ter uma saida para o mar... No seu esplendido livro *Arado, pluma y espada,* o sociologo paraguaio Cardús Huerta traça este quadro daquele paiz: "Los materiales que el pasado colonial legaba para los cimientos de la nacionalidad paraguaya eran los mismos que distribuia a las demás, escatimando á todas el cemento de unión y dotandolas del separatismo ambicioso; pero á aquella reservó, con el lote mayor de ignorancia, el molde jesuitico para que sirviera de crisol á sus creaciones futuras: patrón de comunismo en lo economico, de servidumbre en lo politico y de estancamiento en lo inteletual y moral." Ao lado desse retrato social, o retrato geografico: "Su comunicación — en el momento de su emancipación — con el Rio de la Plata se hacia principalmente por el Paraná, y, dada su posición mediterranea y las desavencias con Buenos Aires, era imperiosa la más efectiva ocupación de las Misiones y la navegación del Uruguay para asegurarse una via complementaria. Este era el camino indicado para cooperar con la Banda Oriental (*sic*), ó para dominar Entre-Rios y Corrientes." Notai bem.. E o cientista enumera o que chama *ocasiones propicias que hubieran facilitado la salida del Paraguay en el periodo de la independencia,* aproveitando os apuros de Buenos Aires, de maneira a "repetir sua expansão colonial para o sul e assegurar

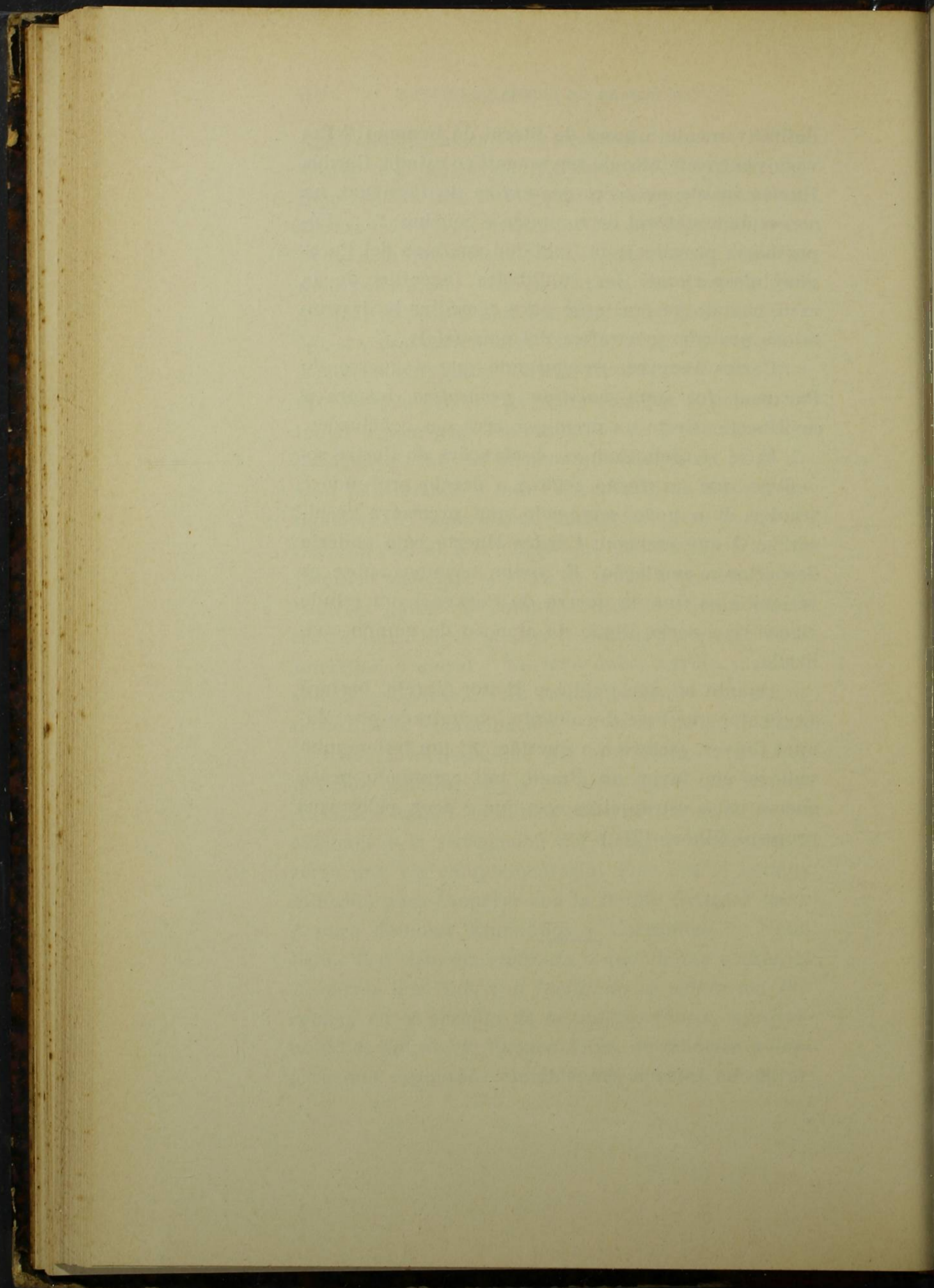
definitivamente a posse do litoral do Uruguai." Em varios outros pontos do seu magnifico estudo, Cardús Huerta insiste no *cerco geografico* do Paraguai, na necessidade natural de rompê-lo e conclue: "... López hacia prevalecer la finalidad guerrera del Paraguay despertando las cualidades ingénitas de la raza, cuando ya era tarde para remediar la desventajosa posición geografica del pais (*sic*)..."

Carlos Pereyra, assegurando que a guerra do Paraguai foi uma *cuestión geografica,* inspira-se em Huerta. Certo na premissa, erra nas concluzões.

Já se vê, pois, com as observações do ilustre sociologo, que no tirano ecoava o dezejo profundo e secular dum povo segregado que precizava respirar... O que escreveu Cardús Huerta bem poderia despertar a emulação. E, assim, teriamos sobre as orijens e os fins da guerra do Paraguai um estudo cientifico e serio, digno da atenção do mundo civilizado.

Quanto ao que publicou Heitor Varela, bastará acrecentar que esse documento, encontrado por Manuel Gálvez, esclarece a questão. E' um testemunho valiozo em favor do Brazil, tão caluniado nessa guerra pelos estranjeiros e, o que é peor, pelos seus proprios filhos. (2)

———«*»———

(2) V. *Apendice,* doc. n.1

OS CAMINHOS DA MORTE

As prevenções de longa data creadas contra nós por um conjunto de circumstancias e uma sequencia de fatos historicos, que incutiram no animo dos platinos a idéa de um imperialismo brazileiro; as intervenções a que nos forçaram as sangrentas anarquias de nossos vizinhos do sul, danozas aos nossos interesses e ameaçadoras de nossa honra e integridade nacional; o facto de sermos um paiz monarquico no meio de uma moldura de republicas caudilhescas; nossas instituições firmes, nossa feição especial, nossa civilização ante certas barbáries; o ouro paraguaio espalhado ás mancheias no estranjeiro; a insidioza propaganda de alguns dos nossos mais trêdos e astutos inimigos; tudo isso creou um ambiente terrivel contra nós nas campanhas a que fomos obrigados de 1864 a 1870, no Uruguai e no Paraguai. Caluniaram o Brazil de todos os modos, criticaram-no de todas as maneiras, injuriaram-no de todas as fórmas e por muito tempo fizeram crer quanta mentira se forjou em livrécos ou papeluchos. Foi precizo que, lentamente, fossemos destruindo um a um esses falsos testemunhos, com a documentação

de nossos arquivos, com os papeis do proprio López, com o depoimento dos seus comparsas, com as terjiversações, as incoerencias e as contradições de nossos caluniadores. E ao grande brazileiro que foi o barão do Rio Branco cabe o primeiro lugar nas fileiras dos que têm rebatido essas injurias e desfeito essas infamias.

Ele não ficou sem continuadores e, entre estes, manda a justiça que citemos com orgulho o dedicado, estudiozo e competente general Mario Barreto, cujos serviços á cauza da verdade, na historia da guerra contra o governo do Paraguai, são inestimaveis. Apezar de rebatidas, as acusações caluniozas voltam, tal a força de sua repetição, e é triste vê-las brotarem da pena de escritores que merecem a nossa admiração e a nossa estima.

Manuel Gálvez, um dos mais notaveis romancistas contemporaneos da Arjentina, preocupa-se atualmente muito com a Guerra do Paraguai. Tem escrito sobre a mesma varios artigos interessantes na *Nacion* e publicou uma trilojia de novelas sobre o mesmo assunto. A mim que, desde alguns anos, professo grande admiração pelo seu talento, enviou-me a primeira delas, já em segunda edição. Li *Los caminos de la muerte* com o prazer que me dá tudo quanto sai da pena do autor de *La Maestra Normal.* As historias de duas familias arjentinas, uma de Buenos Aires, outra de Corrientes, entrelaçam-se graças aos acontecimentos da guerra. Um estilo amplo, claro, sonoro. Cenas rapidas, vivas, pinturescas. O alegre e o dramatico entresachados. Enredo otimamente imajinado e dezenvolvido. Um senso novo em muitos asuntos. Mas, de quando a quando,

a injustiça contra nós, a repetição de sediças inverdades a nosso respeito, que mostram quão perversa foi a propaganda anti-brazileira, quão profundas são suas raizes e, ao mesmo tempo, que, infelizmente, Manuel Gálvez desconhece os nossos livros e os nossos documentos. Entretanto, sem eles não é possivel escrever nada certo sobre a Guerra do Paraguai, quazi excluzivamente feita por nós.

Em verdade, *Los caminos de la muerte* não é um livro de historia e sim um romance. Todavia o autor confessa em nota final: "Documentado este libro como si fuera una historia..." Assim, como explicar que claudique em pontos já definitivamente julgados á luz da mais segura documentação ? Não o consideramos capaz de má vontade e muito menos de má fé. Por isso, só podemos atribuir certas couzas contrarias ao Brazil á sua ignorancia do que se tem escrito e publicado fartamente.

Por duas vezes, nas pajs. 37 e 269, repete pela bôca de seus personajens: "Leandro Gomez barbaramente sacrificado por los brasileros..." "... la horrible matanza de Paysandú y el sacrificio de Leandro Gomez". Frazes deste jaéz ficam muito bem nos panfletos de Carlos Pereyra; porém, muito mal num livro repouzado e belo de Manuel Gálvez. O assassinio de Leandro Gomez foi obra do major oriental Belén, mandado pelo coronel oriental Goyo Suarez, por vingança pessoal, á revelia de Flôres e dos chefes brazileiros. E o governo imperial ezigiu em oficio a Paranhos que conseguisse a punição dos culpados. Com documentos uruguaios na mão, já provei isso á saciedade. A repetição dessa acuzação perfida dezabona quem insista em faze-la.

Gálvez reporta-se tambem a "la esclavitud de los negros" e a "las negradas que puede movilizar el Brasil". O barão do Rio Branco, nas notas a Schneider, e o general Mario Barreto, na *A Campanha Lopezguaya,* reduziram a cacaréos as insulsas pilherias dessa natureza, mostrando como a escravidão nas terras platinas foi igual á nossa e como nos seus ezercitos o negro era a melhor materia prima. López alistou nas suas tropas seis mil escravos. E está provado com os melhores historiadores arjentinos que o negro teve papel preponderante no ezercito das Provincias Unidas, onde ezistia o cargo oficial, que nunca tivemos no Brazil, de *tasador de esclavos* para a tropa.

Multiplica, pela voz de seus personajens, as acuzações á nossa esquadra, todas elas majistralmente desfeitas pelo visconde de Ouro Preto, pelo barão do Rio Branco e pelo almirante Baltazar da Silveira. Pajina 87: "criticabase la lentitud de la escuadra brasilera". Pajina 116: "la escuadra brasilera se rasca". Pajina 140: "... la incapacidad de la escuadra brasilera..." Os autores a que aludi e mais a correspondencia e as ordens do dia do grande Inhaúma estão encarregadas de destruir essas picadas. E qualquer brazileiro poderá perguntar ao simpatico Manuel Gálvez onde se achava a esquadra arjentina, de certo capaz e rapida, quando combatemos no Riachuelo, passámos Cuevas e Mercedes, protejemos o dezembarque do Passo da Patria, bombardeámos o Curuzú, subimos o rio sob os canhões de Curupaiti, Humaitá, Timbó e Angostura. Sim, onde estava ?

Si é verdade que o ilustre novelista nos faz alguma justiça, verberando as atrocidades tártaras dos paraguaios em Mato Grosso, reconhecendo que nossos oficiais eram "de una fineza que los argentinos y los orientales no poseian", mostra-se de uma triste ignorancia a nosso respeito em outros pontos. Sinão vejamos. Fala da dezidia brazileira, porque não leu o depoimento dos estranjeiros, alguns nossos adversarios, que vizitaram o nosso ezercito e ficaram admirados. Aliaz, essa admiração era velha entre os gaúchos, e Urquiza não a pudera conter em 1851. A dezidia brazileira é um mito. Vizite Gálvez, ainda hoje, um dos nossos navios de guerra, mantidos por milagroza conservação, um dos nossos quarteis ou arsenais. Verá ezemplos flagrantes dessa dezidia... Põe nos labios de um alferes nosso, cujo nome desmezuradamente estira, como si ele fosse espanhol, varios cantos que diz impregnados de saudade, de moleza e de tropicalidade: lundús, modinhas, sambas, choradinhos e caxambús. Mal informado, não sabe que o choradinho se toca e dansa, mas não se canta, e que o caxambú é simplesmente um tambor dos negros...

Sobre a batalha naval do Riachuelo, não vai ao ezajero daquele jornal portenho que anunciou: "la escuadra argentina y algunos buques brasileros..."; porém se nota que terjiversa sobre a noticia do cazo. A' paj. 127: "La escuadra brasilera habia destruido por entero a la paraguaya, en el combate del Riachuelo !". A's pajs. 150 e 151: "El triunfo habia sido magnifico, pero en Corrientes, como en Buenos Aires, criticabase a la escuadra brasilera por haber dejado al enemigo la huida". A's pajs. 189

e 190: "la escuadra brasilera habia destruido la del despota, en el combate del Riachuelo. Millares de paraguayos, en pie, sobre grandes canoas y chatas, atacaron a los buques del Brasil, pretendiendo abordarlos..." Refere-se ás baterias armadas na curva do rio, a uma pretensa cilada paraguaia e nada mais. E' bôa ! Quem ler isso e não dispuzer de bôas informações ha de cuidar que nossos navios não tiveram outros navios a combater e sim canôas e chatas. Contudo o mapa das forças navais em luta dá este resultado:

Esquadra brazileira: *Amazonas,* seis canhões; *Jequitinhonha,* oito; *Beberibe,* sete; *Parnaiba,* sete; *Belmonte,* oito; *Mearim,* sete; *Iguatemi,* cinco; *Ipiranga,* sete; *Araguari,* quatro. Total, nove navios com 59 canhões e 2.287 homens.

Esquadra paraguaia: *Tacuari,* oito canhões; *Paraguari,* oito; *Igurei,* cinco; *Marquez de Olinda,* oito; *Jejui,* dois; *Salto Oriental,* quatro; *Pirabêbe,* dois; seis chatas artilhadas com um canhão de grosso calibre cada uma. Total: oito navios, seis chatas. 47 canhões e 2.500 homens. Na barranca do rio, os 22 ou 30 canhões de Bruguez.

Rezultado da batalha: o chefe paraguaio Meza mortalmente ferido; os comandantes paraguaios Robles, Alcaráz e Ortiz mortos; trez navios tomados com as suas bandeiras; todas as chatas destruidas; 1.500 homens fóra de combate; os navios paraguaios restantes fujindo rio acima, uns a reboque dos outros, perseguidos até cair a noite pela *Araguari,* comandada pelo bravo barão de Tefé, que aí está vivo para contar a historia. E o poder naval do Paraguai para sempre liquidado.

Que perdemos nós nessa batalha ? Incendiamos com as nossas proprias mãos a *Jequitinhonha* que encalhara e tivemos 247 homens fóra de combate, entre mortos e feridos. Eis ai os dados absolutamente autenticos, compulsados nas melhores fontes, que mostram a Manuel Gálvez o que foi o *Riachuelo,* ação naval de que nos orgulhamos com justiça e que não tem igual na historia de nenhum dos povos latino-americanos.

Si ela fôsse uma batalha arjentina, certamente o romancista lhe daria pinceladas de mais verdadeira luz. A' paj. 265, esquecendo que foi a esquadra brazileira que forçou o passo de Cuevas, escreve: "... habia visto, extático, el combate del *Guardia Nacional* contra las baterias de Cuevas..." Esta fraze vem em linha reta da paj. 100 da tradução espanhola de Mastermann, onde se lê que, na dita passajem, "el vapor argentino *Guardia Nacional* fué el unico buque que se condujo bizarramente". O mesmo está nos parciais comentarios do mentirozo Thompson. Leia Manuel Gálvez a anotação de Rio Branco á paj. 185 do 1º volume de Schneider e verá como o barão esmagou essa tolice. Bastará saber que, emquanto duas divizões da esquadra brazileira forçavam os canhões das baterias de Bruguez, no dia 12 de agosto de 1865, perdendo 21 homens mortos e tendo 38 feridos, o *Guardia Nacional,* que, sózinho, nunca transporia aquele passo e que Rio Branco qualifica nas *Efemerides Brazileiras* "famozo pelas ezajerações da imprensa de Buenos Aires", tinha trez mortos e seis feridos. Seria precizo que os herois do Riachuelo e de Mercedes tivessem ficado

doentes para se comportarem de tal modo nessa terceira ação que sómente servissem de *repoussoir* ao *Guardia Nacional*...

Continuamos a respigar referencias pouco amaveis e pouco verdadeiras contra o Brazil no romance de Manuel Gálvez, *Los caminos de la muerte*, e a responde-las uma por uma.

A' paj. 307 está este dialogo:

"Lo escuchado con asombro, capitán. Se ve que es usted muy joven, por su optimismo. Yo he hablado con nuestros jefes y le aseguro que hay guerra para rato. La valentia y la audacia de los paraguayos no tiene igual en la historia del mundo. En el Riachuelo, asaltaron en canoas a los grandes buques. Y aqui, no hace muchos dias, una chata con un sólo cañon ha tenido en jaque a la poderosa escuadra brasilera.

— Si ya sé. Cincuenta jefes y oficiales del *Tamandaré* se refugiaron en la casamata, temblando de miedo, y alli los vino a matar e a herir el cañon de la chata paraguaya."

Antes de tudo, ha aí um plajiozinho de O' Leary (*El Mariscal*, paj. 186): "Y aquella canoa tuvo en jaque, durante dias, la escuadra brasilera."

Analizemos este trecho e teremos ocazião de ver que nunca se escreveu em tão poucas frazes tanta inverdade... Não posso conter o meu assombro deante do que aí está e não me posso explicar como um escritor da envergadura mental e moral de Manuel Gálvez pôde, sem que lhe tremesse a mão, traçar essas linhas.

Em primeiro lugar, a valentia e audacia dos paraguaios são muito discutiveis. Em campo razo,

homem para homem, eles foram sempre batidos pelos brazileiros. Durante toda a guerra, sómente puderam contar algumas vantajens detraz de trincheiras formidaveis. Protejidos pela noite, pelo clima, pela surpreza, pela emboscada, pelo banhado, pelo esteiro, pelo pantano, com espaldões, fóssos, escarpas, bôcas de lobo e abatizes, eles rezistiam a nossa gente. Peito a peito, nunca. Inflijimo-lhes as maiores derrotas sempre e sempre. Não houve nem excepções para confirmar a regra. Duas vezes em Tuiuti, em Tatajibá, em Avaí, nas Lomas Valentinas, em Itororó, em Campo Grande e em Peribebuí, eles viram o que nós valemos. A corajem paraguaia era mais fanatismo do que outra couza e a sua audacia instinto de selvajem. A prova é que, na retirada da Laguna, a sua cavalaria foi constantemente derrotada por um pujilo de famintos e de colericos.

Em segundo lugar, na batalha do Riachuelo, não houve ataque de canôas a grandes navios. Gálvez troca as bolas. Os paraguaios do celebre corpo de *bogabantes* tentaram a abordajem dos encouraçados brazileiros por duas vezes. A primeira foi a 2 de março de 1868. Cerca de 1.500 paraguaios decem á noite de Humaitá em canôas junjidas duas a duas e cobertas de ramos, afim de parecerem camalotes, para abordar os encouraçados brazileiros. Um escaler de ronda dá o sinal de alarma. Os paraguaios conseguem trepar no convez do *Lima Barros* e do *Cabral*. Ha terrivel luta. Os outros navios metralham a paraguaiada de todos os lados e ela é repelida com grandes perdas, deixando, sómente nas cobertas dos encouraçados, 400 mortos. E as canôas são quazi todas metidas a pique.

A segunda foi a 9 de julho do mesmo ano. Vinte canôas paraguaias conduzindo 260 *bogabantes* abordam o encouraçado *Barrozo* acima de Humaitá, perto da ilha de Monterita, e são repelidos pela guarnição do navio, tendo sido aprizionados 24 paraguaios, entre os quais o chefe da expedição Tomas Céspedes, cuja espada se acha no nosso Muzeu Historico. Quazi todos os outros foram mortos e feridos. Ficaram em nosso poder 18 canôas. O monitor *Rio Grande* metralhou os fujitivos e os atiradores de Mena Barreto espingardearam-nos da barranca do rio.

Os nossos encouraçados estavam naturalmente sujeitos a isso devido ao meio onde ajiam, num rio tortuozo, cheio de bancos, de restingas, de ilhas, com um dificil e estreito canal navegavel, rio em que dezembocavam dédalos de sangas, de riachos, de arroios, de ipueiras e de escoadouros de lagunas e pantanais. Tudo isso facilitava ações dessa ordem, aliaz sem resultado pratico, sómente demonstrativas da loucura de López e da obediencia do pobre povo inculto que ele dominava.

Si tivermos de nos maravilhar dessas canôas abordando couraçados, então nos assombremos ante a façanha dos hussares de Pichegru apoderando-se de uma esquadra ingleza. De fato, quem ouvir contar que a cavalaria da vanguarda do ezercito francez que invadia a Holanda tomou navios de guerra britanicos, ha de ficar boquiaberto. E sorrirá quando lhe explicarem que assim o fez, porque os referidos navios estavam no meio da planicie gelada do Texel e que os hussares se apearam dos

cavalos nos portalós. Os paraguaios abordaram couraçados em canôas, porém á noite e naquele rio...

Assim ou assado, esses sucessos passaram-se trez anos apoz o Riachuelo.

O cazo que Gálvez desfigura no seu dialogo é um daqueles que mais podem ferir um coração brazileiro. E' de doer profundamente na alma de um patriota. Vejamos o que se passou, de acôrdo com os melhores documentos historicos que são os alinhados a respeito pelo barão do Rio Branco.

No dia 26 de março de 1866, o encouraçado *Tamandaré*, que, com outros navios, bombardeava o forte do Itapirú, preparando o dezembarque dos ezercitos aliados em territorio inimigo, foi hostilizado por uma chata paraguaia fundeada sob a proteção das baterias daquela fortaleza. Apezar da dificuldade em alvejar uma embarcação sem calado e sem bordos, o *Tamandaré* meteu-lhe uma bala no paiol e rebentou-a. No dia seguinte, 27 de março, nova chata rompe fogo, bem protejida, contra o *Tamandaré*, commandado por um heroi — Mariz e Barros. Eis como Garcez Palha narra o acontecimento:

"Desde as 10 horas da manhã até ás 4 horas da tarde, permaneceu este navio batendo-se com o forte e a chata sem grandes avarias e sem perda de gente; a essa hora, porém, já regressando para o seu lugar na linha, uma bala, batendo na cortina de correntes que protejia uma portinhola, penetrou na cazamata, produzindo medonha catastrofe; 34 pessôas, entre oficiais e praças, são vitimadas pelo projetil de 68 e pelos élos das correntes. Mortos e completamente desfigurados ficaram imediatamente

o imediato do navio, 1° tenente Vassimon, o comissario Acioli, o escrivão Alpoim e 10 praças; mortalmente feridos, o comandante Mariz e Barros, o 1° tenente Silveira e quatro imperiais marinheiros; feridos levementes, além de outros, os 2os tenentes José Vitor De Lamare e Dionizio Manhães Barreto, que assume o comando do encouraçado."

Toda essa gente não se refujiou na cazamata, como diz Gálvez; mas estava na cazamata, o que é diferente. No primeiro cazo, parece que, por cauza dos tiros, correram para esse abrigo. No segundo, se vê que ali é estavam, porque ali é que deviam estar. Naturalmente. Num encouraçado do tipo do antigo *Tamandaré*, a cazamata é o lugar onde fica a tripulação todo o tempo, e não creio que ninguem, em seu juizo perfeito, ezija que, nas horas de bombardeio, os tripulantes de um encouraçado saiam das cazamatas e vão espairecer na coberta. Só si isso era de praxe na esquadra arjentina...

O Muzeu Historico possúe gravuras e planos do *Tamandaré*. Por elas se vê que a cazamata cobria a meia-nau, como uma verdadeira caza, e não defendia sómente canhões, como a dos encouraçados atuais.

Tremendo de medo, diz Gálvez. Uma inconciencia ! Mariz e Barros é uma das mais belas e das mais puras glorias da nossa marinha. Em nome dela, embora seja um simples jornalista, protesto contra a asserção injurioza. Nunca tivemos covardes na nossa esquadra e um escritor arjentino não tem o direito de escrever isso, sobretudo um romancista que nós todos admiramos e estimamos como Manuel Gálvez. E' lamentavel que o tenha feito. Si ele

soubesse quem foi Mariz e Barros, como se deixou amputar as pernas sem anestezia, fumando calmamente um charuto, como morreu serenamente, mandando dizer a seu pai que lhe honrara o nome, não teria praticado a injustiça horrivel de dizer embora pela bôca de um personajem de romance, que ele e seus companheiros tremeram de medo.

Leia Gálvez os depoimentos de seus patricios eminentes que fizeram a guerra ao nosso lado e aprenderá que os brazileiros não tremem de medo. Seus defeitos são outros. Leia Rottjer sobre Ituzaingó e encontrará esta expressão textual: "inconmovible infanteria". Leia Rivas e deparará: "Presencié con enthusiasmo el coraje y la bravura de las tropas brasileras..." "Son soldados que después de quemaren diez mazos de cartuchos no piensan en abandonar las trincheras..." "La victoria pertence a los brasileños, porque el flanco derecho que guarnecen fué lo que recebió el asalto y ellos sólos lo repelliron". A respeito de nossos soldados, Garmendia uza destas expressões: "avance bizarro"; "el ejercito brasilero se batió gallardamente, avanzó con violencia y resistió con sangre frio"; "los brazileros se batieron bizarramente"; "Porto Alegre y su ejercito se batieron gallardamente"; "batiendose con arrojo"; "la escuadra brasilera cumplia gallardamente su comission"; "la constancia y valor del ejercito brasilero." Leia a ordem do dia de Gelly y Obes sobre Ozorio no reconhecimento de Humaitá. Leia o proprio Mitre.

Mastermann proclama a *bizarria* de Argolo, de Mena Barreto e de seus soldados. "Las fuerzas brasileras — afirma Juansilvano Godri — se condujeron

valientemente." Louva mais seu *arrojo* e *tenacidad*, seu *lujo de valor* e *desprecio de la vida*. O proprio O' Leary nos faz justiça: "si los paraguayos se resistieron con heroismo, los brasileños se condujeron con innegable osadia..." (*Nuestra Epopeya*, pajina 262.)

Queria saber si não ficaria indignado com um romancista brazileiro que descrevesse em livro seu o famozo epizodio de Timbó-Chico, no Chaco, ou o que se passou nas linhas arjentinas, em Tuiuti, a 3 de novembro. Entretanto, esse escritor poderia alicerçar-se em documentos de primeira ordem. Quanto ao segundo acontecimento, na parte oficial do coronel Baez: "O corpo arjentino e o comercio foram incendiados pelo inimigo, salvando-se as carretas de munições milagrozamente. Queimou-se o armamento depozitado em um galpão. Foram destruidos pelo incendio todos os documentos e o arquivo do estado-maior general arjentino (*sic* !), que aí se achavam por ordem do general Gelly y Obes".

Nessa ocazião, os paraguaios conduziram um canhão brazileiro e 12 arjentinos.

Quanto ao primeiro, nas partes de Rivas, nas ordens do dia do nosso ezercito e de nossa esquadra, nos documentos paraguaios e nas *Memorias* de Resquin se lê que a Lejião de Voluntarios arjentinos, no dia 2 de maio de 1868, foi destroçada pelos paraguaios no Chaco. "Apenas o comandante pôde escapar para referir a Rivas a historia. Os extraviados que apareceram depois foram distribuidos pelos outros batalhões, e os oficiais enviados a Buenos Aires debaixo de prisão por covardia (*A Guerra da Triplice Aliança* — Schneider — Tra-

dução de T. A. Nogueira, anotada por J. M. da Silva Paranhos — Imprensa Militar — Rio, 1925 — 3º volume — 2º faciculo — pajina CCXC). " A força arjentina dispersou-se inteiramente. Alguns dos extraviados, e a banda de muzica, que ia na frente, chegaram a Iuassi, onde estava o coronel Barros Falcão. Outros lançaram-se ao rio e foram recolhidos pelos monitores brazileiros... O alferes porta-bandeira afogou-se quando a nado procurava salvar a insignia que lhe fôra confiada (idem, volume 3º — 2º faciculo — pajina 332)." "... Vi paraguaios acutilarem arjentinos na marjem do rio. O escaler do meu navio, que apanhou a bandeira arjentina (*sic* !), trousse para bordo dez ou doze dos nossos aliados, que se atiraram ao rio. Tambem no dia 2 de maio do ano acima (1868), quando os arjentinos foram surpreendidos em marcha e destroçados, foi o meu monitor *Pará*, que salvou os que se lançaram ao rio, entre os quais um enjenheiro polaco, um medico, quazi toda a banda de muzica do batalhão surpreendido, e o nosso pratico Etchebarne, que servia de guia á coluna do general Rivas". (Londres — 16 de agosto — 1882.)

"E' uma inverdade o que Burton refere relativamente á bandeira (*arjentina*) apanhada pelo monitor *Pará*. Essa bandeira foi entregue por mim proprio ao barão da Passajem, que a mandou ao general Rivas sem ezijir recibo algum." (Franzensbad — 26 — agosto — 1828). (Cartas do então capitão de mar e guerra Custodio de Melo: *op. cit.*, volume 3º, 3º faciculo).

Assim, nessa esquadra de covardes que tremiam de medo dentro das cazamatas, houve gente

que serviu para salvar a vida de arjentinos derrotados e salvar das mãos do inimigo a sua nobre bandeira.

Manuel Gálvez errou escrevendo essa pajina 307. Nós procuraremos demonstrar que, em muitos outros pontos, *Los caminos de la muerte* não está *documentado como uma historia,* segundo ele diz.

Nossos chefes militares nunca se referiram em documentos escritos ao pouco valor de nossas tropas. Mitre, general em chefe arjentino, escreveu uma feita ao general Gelly y Obes estas palavras: "Recién nos vamos convencendo de que no somos los primeros soldados del mundo, como creiamos, y de que todavia falta a nuestros oficiales y jefes mucho del temple de las almas heroicas." Caxias nunca fez uma confissão dessa ordem, nunca lançou esse labéu sobre seus proprios camaradas...

Terminemos a longa analize do livro de Manuel Gálvez, refugando ainda umas trez das suas descrições.

Da paj. 179 a paj. 187, ele conta os sucessos de Uruguaiana. Respiguemos algumas de suas frazes: "En el campamento no se hablaba sino de la desidia brasilera. Habian dejado Uruguayana llena de provisiones; no impidieron la nueva entrada de los paraguayos que habian abandonado la plaza; esperaban refuerzos inecessarios y que no llegaban; el Emperador y su sequito, que habian salido hacia diez y ocho dias, no aparecian y los jefes mirabanse con mutuos resentimientos".

Tudo isso é fluo, vago. A nossa *decantada* dezidia alí foi simplesmente ter acumulado recursos militares em Montevidéu e Corrientes, e ter uma

grande força naval no rio Paraguai, deixando as nossas provincias do Rio Grande e de Mato Grosso desprevenidas. Bem que o visconde do Rio Branco criticou isso. Em lugar de guarnecermos as provincias uruguaias e arjentinas, deveriamos ter concentrado nossas tropas nas nossas fronteiras, ter trazido navios para o alto Uruguai e ter deixado os paraguaios pilharem demoradamente Corrientes e Entre Rios, e se cansarem e desmoralizarem nesses arremessos fóra de seu territorio. Depois, iriamos lá ajustar contas com eles, tendo á retaguarda todos os nossos bons vizinhos enfraquecidos. Mas procedemos de bôa fé e isso no codigo da ingratidão se denomina *dezidia*...

O plano do marquez de S. Vicente, do ponto de vista brazileiro, era bem pensado: levar o ataque ao Paraguai por Mato Grosso e deixar Lopez divertir-se com os arjentinos...

Não deixamos Uruguaiana cheia de provizões. Era uma vila mais ou menos rica onde os paraguaios encontraram certos recursos, sem duvida, e nada mais. Tambem nunca eles sairam e tornaram a voltar da fórma que das palavras do romancista se depreende.

O que se deu foi simplesmente uma sortida: "No dia 19 (agosto), as tropas de Flôres, acampadas na vila da Restauração, "Paso de los libres", viram as tropas paraguaias sair de Uruguaiana e empenhar um tiroteio de infantaria e artilharia com as tropas do tenente-general Caldwell e do brigadeiro Canabarro. Não obstante terem saido de manhã para romper as linhas brazileiras, voltaram para dentro da vila rechassadas pelos nossos (*Historia*

das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai. E. C. Jourdan, 1º volume, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1893)".

Uruguaiana já estava investida pelos brazileiros, quando Flôres, depois de Jataí, chegou á outra marjem do rio. Os paraguaios de Estigarribia estavam de comunicações cortadas com os de Duarte, que Flôres esmagara, graças á esquadrilha improvizada por Floriano Peixoto no rio Uruguai, com dois lanchões e um vaporzinho desse nome. O bravo coronel oriental Leon de Palleja escreveu a propozito no seu *Diario de Campaña*: "Este buquecito, apezar de su insignificancia, pués es un juguete de niños, está llamado a prestarnos grandes servicios." Querendo enfeitar-se com o triunfo de Uruguaiana, D. Venancio, antes de passar o rio, mandou intimar Estigarribia á rendição pelo prizioneiro Zorrilla, acompanhado de D. Nicacio Borges. E as primeiras trocas de notas sobre esse assunto que Gálvez descreve — "pasabanse los dias en notas... y en recibir sus respuestas", se devem a Flôres.

A 23 de agosto, o barão de Porto Alegre assumiu o comando das forças brazileiras sitiantes, que se elevaram a 12.393 homens (Rio Branco — *Efemerides* — paj. 447). E Tamandaré vinha com alguns de seus navios completar o assedio da vila e assegurar as comunicações dos aliados.

Os chefes aliados queriam fazer figuração á custa da rendição de uma localidade brazileira. Já se viu como Flôres ajiu. "Logo que o general D. Bartolomeu Mitre teve conhecimento da vitoria de Jataí e dos sucessos de Uruguaiana, onde era esperado o imperador do Brazil, deixou o comando em chefe

do ezercito aliado ao general Ozorio, embarcou com o almirante Tamandaré que ia para Uruguaiana com os vapores *Onze de Junho* e *Iniciador*, e chegou no dia 10 ao acampamento em frente a esta vila".

Manuel Gálvez refere-se ao conflito entre os chefes aliados quanto ao mando supremo das operações. "Los orientales y argentinos alegaban que correspondia al general Flôres, de acuerdo con el tratado de la Triple Alianza, por cuanto la acción de Uruguayana no era sino continuación de la del Yatay". Os brazileiros reclamavam o comando e é forçozo convir que tinham razão. Além do referido tratado da-lo ao comandante do ezercito em cujo territorio se fizesse a guerra, nesse cazo o Brasil, as forças brazileiras eram infinitamente superiores ás outras. No cerco de Uruguaiana, os arjentinos tinham 3.733 homens e os uruguaios 1.220 (Rio Branco — idem).

Diz mais o autor de *Los caminos de la muerte* que, chegando o imperador, em sua prezença se discutiu a pendencia e que, então, Mitre dissera com firmeza:

" — O mando yo o manda el Emperador."

E accrecenta:

"En caso de mandar otro que él o el imperador, él y el general Flores se retirarian y, pasando a la orilla opuesta del rio, contemplarian la obra de los jefes brasileros."

Ora, aos olhos de uma critica sensata, esta pajina do romance é simplesmente ridicula. Então, os doze mil brazileiros com uma flotilha de cinco vapores só dariam conta dos 5.515 paraguaios, alí já

por eles encurralados, com o aussilio desses trez mil e poucos arjentinos e mil e poucos uruguaios ? Parece pilheria.

Em resposta a Mitre, conta Gálvez que Dom Pedro II dissera:

— Eu mando. Vossa excelencia fará.

Todo esse raconto é falso. Peor ainda: é infantil. Então, o imperador, o ministro da Guerra, Porto Alegre, Tamandaré, Caxias, ajudante de campo do soberano, Canabarro, todos os grandes brazileiros que alí se achavam eram uns medrozos e uns toleirões que receassem caretas de Flôres, protejido nosso, pago por nós, que só foi alguma couza á sombra de nossas armas, e de Mitre, que sentia atraz de si a Arjentina tão enfraquecida e anarquizada que suas provincias, segundo o proprio Galvéz, pouco mais de cem homens lhe deram para a guerra ?...

E' verdade que, nesse romance, o autor taxa Tamandaré de *imbecil* e fa-lo ter um tom "adulador" para Mitre. Si houvesse lido o oficio de Tamandaré ao ministro Ferraz, enviado de Montevidéu e datado de 25 de novembro de 1865, veria como ele julgava o chefe arjentino e como lhe penetrava os pensamentos...

Os factos passaram-se de modo diverso como a fortissima documentação de Rio Branco e Jourdan prova. Mitre quiz, como chefe de Estado, assumir o comando geral, quando chegou. Porto Alegre recuzou-se a essa ezijencia e conservou o comando. O imperador rezolveu a questão deixando ás operações militares a cargo dos generais que comandavam

cada ezercito: Porto Alegre, Flôres e Paunero. E Mitre não assumiu comando nenhum em territorio brazileiro.

A prova mais completa disso se acha em nossos arquivos. Em todos os documentos relativos á rendição de Uruguaiana só figuram duas assinaturas: o tenente-general barão de Porto Alegre, comandante do ezercito brazileiro, e o ministro da Guerra do Brazil, Anjelo Moniz da Silva Ferraz. E Mitre, que foi quem levantou a pendencia do comando em chefe, compreendeu tanto a situação que nem respondeu ao pedido de propozições "dignas" que Estigarribia lhe enviou no dia 13 de setembro. O mais é fabula, não é historia.

Outra couza em que Gálvez insiste é no roubo de prisioneiros paraguaios pela nossa cavalaria. Não sei para que os riograndenses quereriam esses guaranis. Não podiam te-los como escravos. Mitre é quem dá curso á calunia numa carta a Marcos Paz, seu vice-prezidente. Mas tambem afirma que a cavalaria oriental se ocupava de "robar prisioneros". Entretanto, os nossos documentos relacionam os prisioneiros de Uruguaiana e dão provas de que recebêram até soldo...

Haveria bastante o que comentar no livro do ilustre escritor arjentino, como por ezemplo a afirmação de que só o Rio Grande, o Paraná e Santa Catarina sustentaram o pezo da guerra. Isso só póde ser rezultado de absoluta ignorancia do que se passou no nosso paiz durante a memoravel campanha. A verdade, segundo demonstrou com as estatisticas o senador Jaguaribe, é que o primeiro lugar na defeza nacional coube, então, á Baia; o segundo,

incontestavelmente, ao Rio Grande do Sul; e o terceiro a Pernambuco ou á provincia do Rio. E as contribuições de sangue de S. Paulo, do Municipio Neutro, do Ceará, de Alagôas, foram muito maiores do que quasquer das citadas, menos a primeira.

Los caminos de la muerte termina com a passajem do Paraná pelas tropas aliadas. Antes disso, tem este pedacinho de ouro, posto tambem á bôca de um dos personajens: "Sin duda los brasileros querian gañar la guerra, pero con soldados argentinos y orientales. Y querian gañarla viviendo bien, alimentandose bien".

E' o cumulo ! A maior força que o ezercito arjentino teve no Paraguai foi de uns onze mil homens, e por pouco tempo. O Uruguai nunca conseguiu completar dois mil homens e acabou por ter sómente uns sessenta ! Depois de Curupaiti, Mitre levou o tempo a retirar tropas para dominar sublevações. Ainda na vespera da marcha pelo Chaco, Gelly y Obes comunicava a Caxias que não o podia acompanhar, porque ia mandar Emilio Mitre com grandes efetivos para a Arjentina. As tropas orientais eram pagas pelo tezouro imperial. E é facto indiscutivel que a riqueza arjentina se iniciou com o dinheiro que gastamos no Prata com a guerra.

São de *La Epoca* de Buenos Aires, na ocazião dirigida pelo Dr. Delfor do Valle, estas palavras: "... prosperaba e enriqueciase una sordida y arida vivanderia... provedores, gentes de altas influencias amasaban millones...".

A' borda do Paraná, o proprio Gálvez afirmou sobre Mitre: "Contó con el patriotismo de todo el pais, y ese patriotismo le faltó. Las provincias no

le habian ayudado: en un año, sólo le enviaron, para el ejercito de linea ciento y treinta y tres hombres! Muchos batallones provincianos de guardias nacionales se habian sublevado". Mitre renunciou a pedir recrutas a seu paiz, declara O' Leary e recorreu ao seu ajente na Europa, coronel Acasubi, que aranjou espanhóis e italianos... Esta é que é a verdade. No Brazil, uma das provincias que menos gente deu, Minas Geraes, deu mais do que todas as da Arjentina. O patriotismo brazileiro não mentiu fogo. Nenhum batalhão jámais se revoltou. Tivemos sempre efetivos superiores a 25 mil homens no campo da ação. E perdemos, nos cinco annos de luta, cerca de oitenta mil, sinão mais!

Descrita por Gálvez, a passajem do Paraná parece ser um feito de armas sómente arjentino, quando foi um feito de armas eminentemente brazileiro, pois o ezercito arjentino não passou, desde o começo das operações, de mero aussiliar. Põe á bôca de Mitre estas palavras para Ozorio:

— "General: yo he elegido a usted para que sea el heróe clasico de la operacion. Seguro estoy que la victoria no ha de abandonar a las gloriosas banderas brasileras."

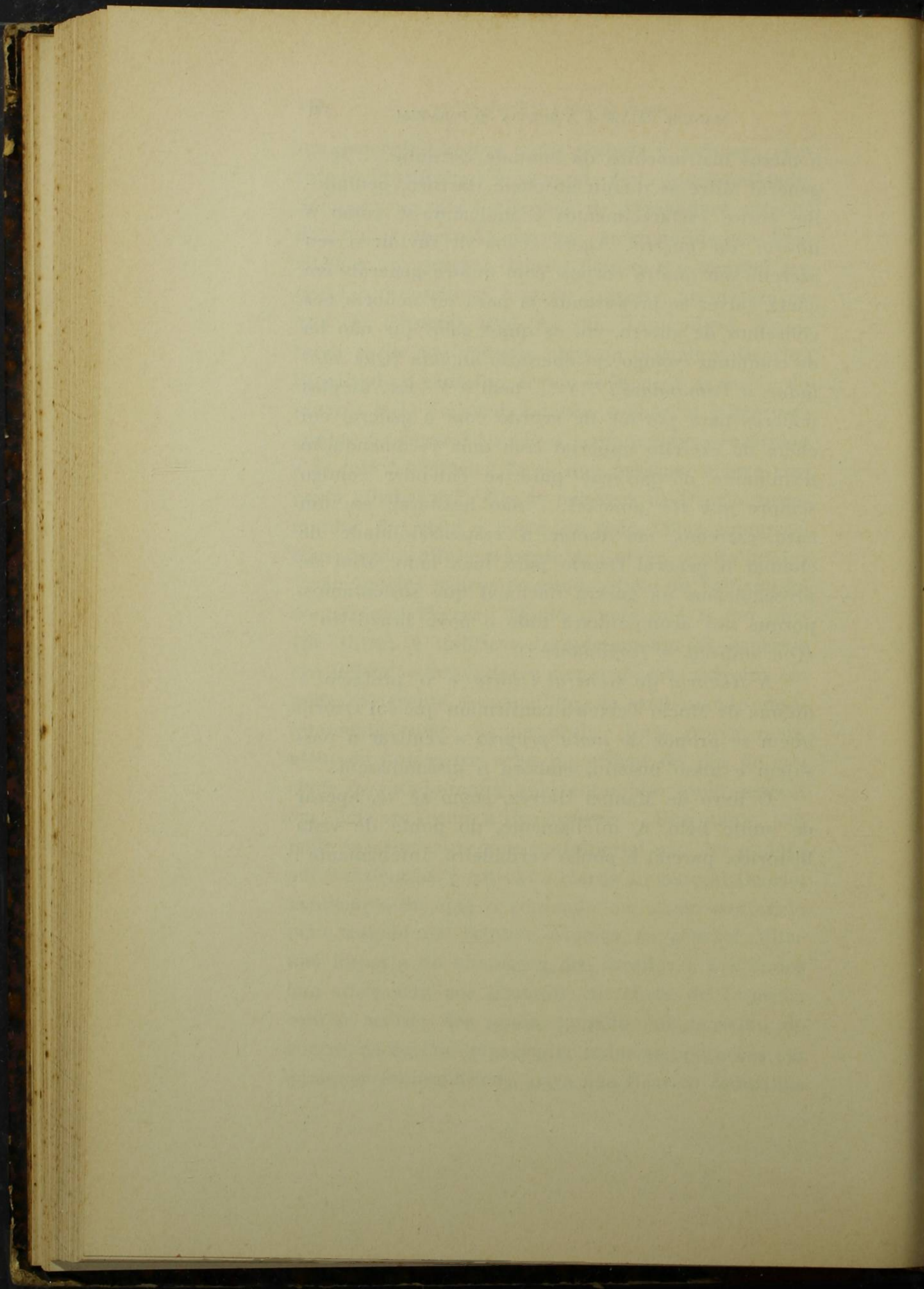
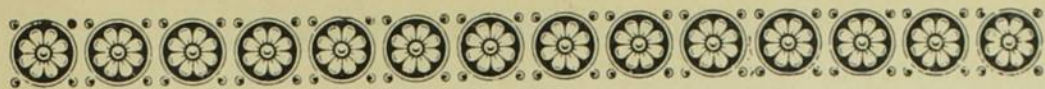
Recorra-se ao 3º faciculo do 3º volume da obra de Schneider editada pelo Estado-Maior. Ali estão os apontamentos de Ozorio á "Guerra do Paraguai", de Theodoro Fix. Eis o que escreve com seu proprio punho o general que dezembarcou no Passo da Patria á frente só de brazileiros: "Rezolveu se tentar por ali o dezembarque e invazão, si fosse possivel, depois do que o general Mitre, consultando que general seria encarregado da operação *ofereceu*

um general arjentino e que poderia ir tambem, com forças brazileiras, o general desta nacionalidade, Sampaio, ao que o visconde de Tamandaré respondeu que a operação deveria ser cometida aos brazileiros; o general Ozorio disse que o general em chefe podia mandar a quem quizesse, na certeza de que ele (Ozorio) iria. Ao que Tamandaré, levantando-se de sua cadeira, abraçou o general Ozorio. Finalizado o conselho, tratou-se logo da ezecução do plano e a 14 de abril, á tarde, o general Mitre perguntou ao general Ozorio si sempre estava rezolvido a ir com a primeira força que passasse e teve resposta afirmativa". Eis as palavras de Ozorio, testemunha de vista e parte na ação. Elas contam a couza muito diferentemente de Galvéz, dando inteira razão áqueles topicos do citado oficio de Tamandaré ao ministro Ferraz: "Tudo revela que a sua idéa (de Mitre) é nulificar completamente os generais brazileiros, e converter o nosso grande ezercito em parte integrante do arjentino, no qual mande absolutamente como manda neste. Uma prova mais, além de outras, se acha na ordem do dia de seu chefe de estado-maior aprezentando-o como general em chefe em frente a Uruguaiana... Entretanto, isto póde succeder si o governo imperial não der quanto antes instruções pozitivas e claras ao general Ozorio, explicando-lhe que o comando em chefe conferido pelo tratado da Triplice Aliança ao general Mitre não importa no abandono dos direitos e privilejios que competem aos generais em chefe do Imperio, com o acôrdo dos quais, tomado em conselho de guerra, se devem empreender todas as operações em qualquer eventualidade, para não ficarem reduzidos

a méros instrumentos da vontade estranha... Já o general Mitre se dirijiu ao chefe Barrozo, pedindo-lhe certos esclarecimentos e indicando-se como o *diretor da guerra*. Agora acaba de dividir o seu ezercito em quatro corpos, com quatro generais em chefe, talvez se preparando já para ter maioria nos conselhos de guerra, em os quais sabe que não ha de combinar comigo em operação alguma (*Que adulador, o Tamandaré !...*) ... pedi a V. Ex. amplos poderes para pôr-me de acôrdo com o general em chefe do ezercito imperial com uma recomendação terminante do governo para se entender comigo sempre que fôr possivel... não hezitarei, em um cazo extremo, em tomar a responsabilidade de chamar o general Ozorio para meu lado, afim de proseguirmos na guerra nacional que sustentamos, porque nos acompanhará todo o povo brazileiro". (*Que imbecil, o Tamandaré* !).

A *Historia do General Ozorio* e o prefacio á mesma de Mucio Teixeira confirmam que foi Ozorio quem se propôz de *motu proprio* a realizar a passajem e nisso insistiu, embora o dissuadissem.

O livro de Manuel Gálvez, como se vê, apezar de muito belo, é, infelizmente, do ponto de vista historico, parcial e pouco verdadeiro. Infelizmente !

——«✻»——

ALTERCAÇÕES FRATERNAIS

O ilustre escritor arjentino Manuel Gálvez, cujo talento muito admiro, publica uma trilojia sobre a guerra do Paraguai. O primeiro romance foi *Los caminos de la muerte*. O segundo é *Humaitá*. E o terceiro, *Jornadas de agonia*. Fiz pormenorizada critica do *Caminhos da morte*, anotando os pontos injustos e desfavoraveis ao Brazil — porque Gálvez poderia realizar sua obra, fazendo dos arjentinos os unicos heróis da guerra, sem nos pôr quazi sempre em situações ridiculas, falsas e mesmo peores do que isso.

Respondeu-me o colega arjentino pela revista portenha *Criterio* sob o titulo *Rencillas fraternales*. Desculpe-me o emerito novelista, porém, achei fraca a sua defeza. Fraca e pouco estribada em argumentos de pezo. Assegura, por ezemplo, que nas suas pajinas nada ha contra o Brazil e sómente os personajens dizem algumas *burlas* contra os chefes brazileiros. Na verdade, a maior parte das sediças pilherias rioplatenses são postas por Gálvez á bôca dos figurantes da novela, sendo, todavia, muito interessante de notar que jámais apareça um deles

favoravel aos nossos antepassados. A sua aluzão a nada haver contra o *Brazil atual*, contra o *Brazil eterno* é um sôpro sobre as dentadas, que se não póde aceitar. Sei que, infelizmente, ha brazileiros que escrevem contra o nosso passado, porque desconhecem a nossa historia, porque estão eivados de setarismos ou porque querem angariar sorrizos do estranjeiro lizonjeado. Mas essa é uma triste minoria, cada vez mais reduzida. O brazileiro conciente é solidario *in totum* com a ação dos seus maiores. Para ele, não ha imperio nem republica no sentido da politica exterior. O Brazil é um só, cuja gloria preterita se respeita, cujos atos se defendem e cujo espirito se ama. E, perante a grande massa da nação, todo aquele que não pensa deste modo não é digno de ser brazileiro.

Sobre o fuzilamento de Leandro Goméz em Paisandú, Gálvez convém que nós não o ezecutamos; mas, conforme tinha dito, o sacrificamos (barbaramente, escreveu), pois que o entregamos aos seus peores inimigos, embora esses prometessem respeitar-lhe a vida. O romancista arjentino devia dar as mãos á palmatoria e não voltar sobre o assunto. Está *documentadamente* provado á saciedade que Leandro Goméz se constituiu prizioneiro dos *blancos* por sua livre e espontanea vontade, recuzando a proteção que lhe oferecíamos. A maneira como o eminente escritor se apega a argumentos de ultima hora — perdôe-me a franqueza — para sustentar um ponto de vista demonstrado falso, me faz duvidar de sua fraternidade para conosco. Insiste ainda em sua resposta em assegurar a verdade de suas acuzações á esquadra imperial e a Tamandaré, citando a

pról de sua teze jornais de Montevidéu e discursos de parlamentares opozicionistas no congresso do imperio. Em todas as assembléas do mundo, sempre houve barões de S. Lourenço para fazer rir as galerias inconcientes com a critica imbecil aos responsaveis por uma campanha naval ou terrestre. Entretanto, não é com as orações espalhafatozas de tal gente que se escreve a historia. Esta requer serenidade maior e mais espirito de justiça. Os julgamentos apressados, as invetivas de ocasião e as calunias contra a esquadra imperial e o seu grande chefe veiculadas pela imprensa platina e pelos São Lourenço foram pulverizadas por um dos maiores homens que o Brazil tem tido — Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde de Ouro Preto. Leia Gálvez, com um pouco menos de arjentinidade á antiga, com uma pequena bôa vontade as suas duas obras — *A Marinha de Outrora* e *A esquadra e a opozição parlamentar*, e sómente se não convencerá da verdade ezata de tudo, si não quizer. E' pena que não possa deliciar-se com a correspondencia secreta de Tamandaré trancada nos nossos arquivos e que ainda não é tempo de ser publicada. Conheceria, então, com documentos insofismaveis, muitos segredos. E' bom não esquecer o conceito de Luiz Alberto de Herrera, nosso inimigo, de que sem o concurso da nossa documentação nada se póde escrever com ezatidão sobre as questões do Prata.

A propozito de suas afirmativas sobre o Riachuelo, insiste, *fraternalmente*, nas mesmas couzas, bazeado nos jornais platinos — como si a opinião de jornais lançados em acerba campanha valesse historicamente alguma couza, e em Thompson, o fa-

mijerado Thompson, que nos odiava de morte, que vivia a nos acuzar de covardes e que se rendeu em Angostura, covardemente, sem dar um tiro. Thompson é uma arma de dois gumes. Cuidado, Gálvez! Si é verdade e como tal aceita o que ele diz do almirante Barrozo — que este se escondeu no porão com medo, é tambem verdade e devemos aceitar como tal o que ele diz, no fim do capitulo XVII: "En la batalla de Tuyuti, el ejercito oriental que el dia anterior consistia en 40 hombres y un general, quedó reducido á un general y 20 hombres". Ora, um historiador que faz gracinhas dessa ordem não póde ser levado a sério. Aliaz, Rio Branco o reduziu ás suas justas proporções de mentirozo, de mediocre e de ingrato.

Quando Gálvez não acha um documento tompsoniano, limita-se a reafirmar o que disse — como nas suas asseverações sobre Uruguaiana, acrecentando: "Todos esos hechos son exactos, bien conocidos y irrefutables". Então, si eu catar em Godoi, em Mastermann, em O'Leary e em outros os pedacinhos em que dizem que os arjentinos, sobretudo a cavalaria de Corriente, correram com medo, isso passa ser facto indiscutivel? Absolutamente não, e eu não faço aos arjentinos, nem ninguem no Brazil, a injustiça de considera-los covardes. Mesmo nenhum brazileiro, creio, escreverá obras sobre a guerra, pondo á bôca de seus personagens balelas, boatos e calunias contra seus antigos aliados e contra eles procurando sustentar acuzações deprimentes. E a guerra, apezar dos pezares, recaíu de fato sobre nossas costas.

Ainda sobre a ação do Riachuelo o visconde de Ouro Preto pôz tudo em pratos limpos, não valendo a pena repetir o que toda a gente entendida no assunto de sobra conhece. E' pena que Gálvez se agarre a Thompson, o qual estava encerrado no Paraguai, adulando Lópèz e a Lynch, para depois infama-los, e *sabia* do que se propalava *dentro da Amazonas* sobre a *covardia* do chefe Barrozo. Estupendo !

De resto, a quem Thompson mais acuzou de covardia foi ao seu amigo e protetor López, praticando uma infamia. Quando a nossa esquadra apareceu frente a Itapirú — narra ele — Lopez, "por el temor que el enemigo le reconociera, y le hiciera fuego, se retiró á caballo, seguido á una larga distancia por sus ayudantes, los cuales no se reunieron con el hasta que estuvo bien fuera de la vista de la escuadra." "... vivia con el temor continuo de ser asesinado." Prezenciava as batalhas com telescopios "a cinco millas de distancia." Suas "heroicidades" ao ouvir o sibilo das balas eram correr "como un gamo." O colera quazi o "enloqueció de susto." O aparecimento dos balões cativos brazileiros produziu-lhe "un estado nervioso lamentable." Durante os bombardeios, "comia y vivia" dentro duma cazamata." Em Ita-Ivaté, ficou a cavalo dentro duma caza de taipa, de muros espessos que o protejiam das balas. Ao fujir para Cerro Leon abandonou a propria Lynch, que o andou buscando "entre las balas."

O' Thompson !...

Quando disse que o romancista confundira a batalha do Riachuelo com a famoza abordajem aos

encouraçados a 2 de março de 1868, disse-o porque ele escreveu isto: "En el Riachuelo assaltaron en canoas a los grandes buques". O erro é grosseiro e a sua defeza na *Criterio* esconsa, dubia e palida, pois alude á descrição do venerando barão de Tefé, que diz o seguinte: "A esquadra paraguaia trazia, além das guarnições, um reforço de mil e tantos homens escolhidos para a abordajem". E mais: "Os vapores... traziam, trepados sobre a amurada de estibordo, os soldados formados em fila destinados ao assalto". E a abordajem foi feita de navio a navio. O romancista alude ainda ás chatas que esses navios puxavam a reboque, aliaz em que só vinham os artilheiros, mesmo por não haver espaço para mais, e assegura com grande seriedade: "no he faltado a la verdad historica". Espero que Gálvez se não zangue comigo; porém agora me deu vontade de rir... Tenha paciencia, deixe-me dezopilar um pouco o figado...

Ele tem o máu gosto de insistir na velha e mentiroza historia da tripulação do *Tamandaré* escondida com medo na cazamata, onde a foi colher o tiro duma chata paraguaia. E' o epizodio da morte do bravo Mariz e Barros. E diz que, sendo a cazamata um recinto, de, no maximo, dois metros quadrados nos encouraçados atuais, poderia ser pouco maior em 1865 ou 1866, não tanto, porém, para caberem ali 50 homens. Eis a que leva a ignorancia dum escritor em questões de armamento. Já viu Gálvez a planta do *Tamandaré* ou uma gravura reprezentando um dos nossos couraçados daquela época ? Si algum dia passar pelo Rio, eu o convido a ve-las no Muzeu Historico, ou o modelo oficial

do barco no Muzeu Naval. Os encouraçados desse tipo são todos cazamatados. A cazamata cobre o espaço da meia-náu, entre os dois mastros. E toda a tripulação fica a coberto do fogo inimigo. De um e outro lado, ao correr das amuradas, ha escotilhas, para os canhões e a ventilação, que podem ser hermeticamente fechadas, e, abertas, fica a abertura protejida por uma cortina de correntes.

Foi numa dessas cortinas que bateu a bala paraguaia, despedaçando-a e transformando-a em metralha que atinjiu os homens da bateria, toda ela protejida pela cazamata. Hoje não ha mais cazamatas e sim torres-cazamatadas. Consulte a propozito um technico naval.

A referencia ao que Thompson diz na sua obra sobre a covardia eterna de Lopez, o heroi oleariano, lembro ao leitor que ele talvez tenha razão, pois outros asseguram a mesma couza, o que o não livra do labéu infamante de denegrir, cuspindo no prato em que comeu, aquele que lhe ofereceu uma espada de honra... para figurar entre os nossos troféus...

Para o jornalista paraguaio Belizario Rivarola, o *mariscal* não passou do "capitan Araña de la guerra del Paraguay", "indigno del pavoroso y tremendo drama", "alejado de las balas", emquanto seus valentes defensores morriam, "chacal que encontró la muerte huyendo, consecuente con la conducta que habia observado durante los cinco años de la guerra." Mastermann conta miudamente a historia da cazamata em que se ocultava dia e noite, receiozo das balas; que vivia "deseoso siempre de alejarse cuanto podia del lugar del combate", e que fujiu de Lomas Valentinas, sem prevenir a propria

Lynch. Para o ministro Washburn, que foi de sua privança, era "naturalmente covarde." O que o paraguaio Juansilvano Godoi conta da entrevista de Iataiti-corá depõe muito contra a corajem do Supremo, no qual esse escritor reconhece um alto gráu de valor civico e de enerjia, porém a carencia de "valor guerrero." E Garmendia, éco do que se dizia nos acampamentos, declara que a audacia de Lopez era ilimitada, porque não punha "en peligro su vida", que permanecia sempre arredado do *silbo de la metralla* e abandonava no momento da derrota o campo " como un pusilanime." (1)

——«*»——

(1) V. *Apendice* — doc. II.

MITRE EM URUGUAIANA

Tendo o notavel romancista arjentino Manuel Gálvez afirmado no seu livro *Los caminos de la muerte* que o general Mitre, comandante em chefe dos ezercitos da Triplice Aliança na campanha do Paraguai, ezercera esse comando no sitio de Uruguiana, contestei-lhe a asserção. Gálvez replica-me pelas pajinas de *Criterio* com este deliciozo periodo, que julga esmagador: "Pero Barroso va más allá que los historiadores de su pais: niega que Mitre ejerciese el alto comando frente a Uruguayana. Para refutarle, bastaria citar unas palabras de la *Historia da guerra do Brasil contra as republicas do Uruguay e Paraguay*, esplendida colección de documentos, en su mayoria oficiales, publicada en Rio de Janeiro, en 1870. En este libro se dice que Mitre "apenas llegado a Uruguayana, tomó el comando en jefe de todas las tropas aliadas que cercaban la plaza". Palleja, en su diario, que es la veracidad misma, escribio frente á Uruguayana: "Como tengo referido, el presidente Mitre, general en chefe aliado...". El proprio Mitre, en su informe al vice-presidente Paz, escribió desde Uruguayana: "Llegué hoy a este

punto, habiendo sido saludado a bordo por los generales Flores e Barón de Porto Alegre, con quienes bajé a tierra, pasando en seguida a visitar los tres campamentos de los aliados. He sido muy bien recibido en todos ellos, quedando salvadas todas las dificultades que habian surgido, y hecho yo cargo del mandó en jefe del ejercito aliado". Y ahora conviene preguntar: quien está mal informado, el escritor argentino o el brasileño ?"

Quem está pessimamente informado é o escritor arjentino, como se verá. O comando em chefe de Mitre deante de Uruguaiana é uma fabula platina. Nada mais. Os generais brazileiros Caldwell e Canabarro enfurnaram Estigarribia naquela povoação. Porto Alegre assumiu o comando de suas forças, emquanto Flores se achava além do rio Uruguai e Mitre na Concordia. Sabedores do acontecido, Flores atravessou o rio e veiu completar o cerco dos paraguaios; Mitre acorreu tambem, em companhia de Tamandaré. São fatos notorios e sem necessidade de documentação que recapitulamos para explicar o que nos interessa. Tambem não ha necessidade de citar a dispozição do tratado da Triplice Aliança sobre o comando em chefe, para dizer que ela o conferia ao general da nação em cujo territorio se realizassem as operações. Mitre quiz assumir esse comando em territorio brazileiro, o que era descabida pretenção. Porto Alegre repeliu-a. E ficou assentado que cada general comandaria suas tropas sem haver comando em chefe, pois que Flores tambem alegava ter direito ao mesmo, sob um pretexto qualquer. Todos os documentos referentes á capitulação de Uruguaiana trazem as assinaturas de Porto

Alegre, Flores e Paunero. A ata da rendição sómente foi assinada pelo primeiro e pelo ministro Anjelo Moniz da Silva Ferraz. Dezafio Gálvez a ezibir um

O general Mitre na guerra do Paraguai

documento oficial da capitulação assinado por Mitre.

O livro a que o novelista arjentino se refere, decerto é o de Pereira da Costa, publicado sem

seu nome, póde ser *uma esplendida coleção de documentos na maioria oficiais,* entretanto duvido que contenha algum provando a chefia de Mitre. Tanto assim que o trecho alegado pelo escritor não é dum documento e sim duma nota, comentario ou couza que o valha, pois diz: "Como dissemos, apenas o general Mitre chegou deante de Uruguaiana, tomou o comando em chefe..." O pedacinho do *Diario* de Palleja nada prova. Eis o que avança: "Como referi, o prezidente Mitre, general em chefe aliado..." Ora, chamar Mitre de general em chefe aliado, cargo que ele ezercia no territorio arjentino, não é assegurar que o tivesse ezercido em Uruguaiana. Aliaz, Palleja não é "la veracidad misma", como quer Gálvez. No Apendice ao 2º volume de Schneider, edição de 1876, Rio Branco demonstra que ele é confuzo, irrefletido, inezato e incoerente. Leiamos um pedacinho dessas observações: "A sua curta e confuza descrição da batalha de 24 de maio foi redijida tão precipitada e irrefletidamente que, tendo ele assegurado haver o batalhão *Libertad* perdido a sua bandeira, para não mais acha-la, logo que os paraguaios se arremessaram sobre o ezercito aliado, mais adeante diz que os restos desse batalhão, colocados depois daquele choque á retaguarda da artilharia, mantinham desfraldada essa mesma bandeira..."

La veracidad misma !...

Quanto á comunicação de Mitre a Paz, foi, sem duvida, ditada no meio do entuziasmo da chegada antes da repulsa de Porto Alegre, com a qual não se contava. Aliaz — perdõe-me Gálvez — as comunicações arjentinas não merecem muita fé. Na

Correspondence respecting hostilities in the River Plate presented to both houses by command of His Majesty, 1865, se encontra, por ezemplo, um oficio do ministro Thornton a Lord Russell, contendo a comunicação do ministro do Exterior de Mitre, Elizalde, a qual declara que, dentro de pouco tempo, a Arjentina teria em armas 50.000 homens... Digame o ilustre contraditor si isso não foi sonho e si comunicações dessa ordem podem ser tomadas a sério ?

Agora, vejamos a documentação em contrario:

1º. A ezistencia de documentos abundantes sobre a rendição de Uruguaiana — intimações e respostas, projetos de convenios, etc., quazi todos publicados por Jourdan e na edição brazileira de Schneider. Em nenhum ha a firma de Mitre. Primeira intimação dos sitiantes, 19 de agosto de 1865, — assinatura de Flores. Proposta de rendição de 20 de agosto, — assinatura de Caldwell. Projeto de convenio de 2 de setembro — assinaturas de Flores, Tamandaré, Porto Alegre e Paunero. A ultima intimação, datada de 18 de setembro, começa assim: "Em nome do Imperador e dos chefes aliados". Assina-a, unicamente, o *tenente-general barão de Porto Alegre.* E a rendição da cidade foi assinada por este e pelo ministro Ferraz.

Que comando em chefe foi esse de Mitre que nada, absolutamente nada, assinou?

2º. Na nota 6 á pajina 216 do 1º volume de Schneider, edição de 1875, Rio Branco, que conhecia a fundo a questão, escreveu esta apostila notavel: "Houve dezinteligencias entre os generais aliados sobre o comando em chefe deante de Uruguaiana.

O conde de Porto Alegre recuzou entregar ao general Mitre o comando em chefe do ezercito em territorio brazileiro. Com efeito, o art. 3º do tratado, depois de dizer que, "devendo começar as operações de guerra no territorio arjentino", competia o comando em chefe ao general Mitre, acrescentava: "Embora as altas partes contratantes estejam convencidas de que não mudará o terreno das operações de guerra, todavia, para salvar os direitos soberanos das trez nações, *firmam desde já o principio da reciprocidade para o comando em chefe, cazo as ditas operações se houverem de traspassar para o territorio brazileiro ou oriental*". Não conhecemos os pormenores da discussão que a esse respeito houve. Ela deve constar de documentos oficiais, que podem ser ezaminados pelos que quizerem escrever a historia desta guerra. Segundo os anotadores da obra de Thompson, o general Mitre fundava-se em que as forças aliadas do seu comando tinham entrado no territorio brazileiro perseguindo o inimigo. Não se dava isso, entretanto, porque a divizão de Estigarribia não fôra até então hostilizada pelos aliados, mas unicamente pelos brazileiros, que a encurralaram em Uruguaiana. Mas, quando mesmo se tratasse de perseguição do inimigo por forças aliadas, nem assim podia, em vista do art· 3º do tratado, competir o comando em chefe ao general Mitre. O tratado não excetuava o *cazo de perseguição,* como supõem os anotadores arjentinos. Si tal dispozição houvesse, dar-se-ia o absurdo de ficar o general Mitre comandando em nosso territorio, ainda mesmo quando todo o ezercito brazileiro de Ozorio se transferisse para o Rio Grande,

seguido apenas de dois ou trez batalhões arjentinos. O general Porto Alegre conservou o comando do ezercito brazileiro, e a chegada do Imperador e do seu ministro da Guerra rezolveu a questão".

Rio Branco refuta, depois, serenamente as tolices de Thompson sobre o assunto, tolices que Gálvez inadvertidamente espozou na sua novela, entre as quais a dos preceitos constitucionais impeditivos do Imperador ficar sob o comando de general algum e de estar ao alcance dos tiros. Tais preceitos não constam da Constituição do Imperio. Nunca constaram. E Gálvez, amigo de Thompson, repete-os!...

A apostila continúa: "O Imperador, pela lei fundamental do Estado, é inviolavel e sagrado, e não está sujeito a responsabilidade alguma; não podia, portanto, comandar ezercitos e delegar comandos. As operações militares ficaram a cargo do general Porto Alegre, comandante em chefe do ezercito brazileiro, e dos generais aliados, sem que o prezidente Mitre assumisse em nosso territorio o comando em chefe das forças aliadas. *Nas negociações com Estigarribia,* figuraram *apenas* o ministro da Guerra do Brazil e o general Porto Alegre... As palavras atribuidas ao Imperador, segundo nos informam pessoas de sua comitiva, nunca foram proferidas por S. M. O Imperador assistiu ao sitio de Uruguaiana, mas não comandou as tropas, e teve sempre ao seu lado o ministro da Guerra, Ferraz, responsavel, como o general Porto Alegre e o almirante Tamandaré, por todas as deliberações. Sem a firmeza que mostraram esses dois generais, o prezidente da Republica Arjentina teria assumido o comando em chefe em territorio brazileiro".

Rio Branco diz mais que alguns documentos arjentinos insinuam isto. Cita-os e os destróe com um oficio de Tamandaré e com a resposta categorica do ministro Ferraz, na Camara, em 26 de março de 1866, quando interpelado a respeito pelos deputados Nebias e José Bonifacio. Ferraz respondeu que "o general estranjeiro não comandou os sitiantes em Uruguaiana". As provas — adeantou — eram as intimações, a capitulação, a internação dos prizioneiros, a ocupação da vila, o destino do material tomado, providencias essas "cuja iniciativa coube sempre ao general brazileiro". E terminou desta maneira: "O general Mitre portou-se sempre de maneira que captou a amizade de todos: logo que as forças do ezercito aliado que ele comandava, pertencentes ao Brazil, chegaram ao porto, *mandou entrega-las ao nosso general*..."

E Rio Branco põe a derradeira pá de cal sobre a balela do comando em chefe de Mitre com estas palavras: "Sobre esta questão do comando em chefe em Uruguaiana veja-se uma ata que foi assinada entre Ferraz, Mitre e Flores. Não a encontramos no Arquivo da Secretaria da Guerra, mas provavelmente estará no da Secretaria dos Negocios Estrangeiros".

Agora sou eu quem pergunta: qual o mal informado, o escritor brazileiro ou o escritor arjentino?

3°. Para contrapôr alguma couza ainda ao *Diario* de Palleja, ha este trecho de Schneider, vol. I, pajina 224, edição citada: "O general em chefe Porto Alegre dirijiu uma proclamação ao ezercito e, *tendo determinado a pozição conveniente* para 40 peças e quatro estativas de foguetes, *pôz-se em marcha* para

a frente". Além disso, ha tudo quanto, *documentadamente,* disse Jourdan, que lembrei quando critiquei Gálvez e que este pretende rebater com tão pouca sorte; todos os documentos da famosa *Memoria* do conego Gay, da propria obra de Pereira da Costa e do folheto do visconde do Rio Branco, *A convenção de 20 de fevereiro esplicada á luz dos debates do Senado e dos sucessos de Uruguaiana, 1865.*

Vê, pois, o ilustre Gálvez que não quero ir *más allá que los historiadores* do meu paiz. Não. Convenha: a verdade está comigo. E estou com esses historiadores. O mais, deante da documentação aqui ezarada, é, como se diz na nossa linguajem familiar: *tapeação...*

Em Uruguaiana, estavam o conde de Porto Alegre e Tamandaré, duas sentinelas da brazilidade, duas enerjias, duas vontades contra as quais não poderia ser vencedora a apatia proverbial de Mitre, "el hombre de las frases." Gálvez mesmo reconhece neles um "empeño tenaz" e um "fuerte amor propio." Marques de Souza, que, nas vesperas de Curupaiti, quando Mitre era general em chefe de verdade, deu lugar na junta de guerra a um incidente que O'Leary, neste ponto insuspeito como nosso inimigo, regista com estas palavras: "Porto Alegre, que se sentia muy superior al generalisimo. al cual habia conocido, actuando en Caseros como general, cuando Mitre era un simple coronel de artilleria, se apresuró a contestarle con su proverbial altivez"; certamente não se sujeitaria ao seu capricho em territorio brazileiro, comandando forças superiores e

tendo por si os elementos morais do tratado e do bom senso.

Joaquim Nabuco, historiando a questão do comando em chefe em Uruguaiana, põe, imparcialmente, as couzas no seu lugar. Ele reporta-se a um oficio do ministro Ferraz, enviado a 5 de julho de 1865 ao prezidente da provincia do Rio Grande do Sul, no qual o titular da pasta da Guerra do gabinete Olinda lhe dá instruções sobre o comando em chefe, no cazo de entrada do ezercito aliado no territorio da mesma em perseguição do inimigo, comando que, então, competiria a Mitre. Esse oficio, transcrito nos *Apontamentos* de Pereira Pinto, segundo Nabuco, deve ser assim interpretado: "o general Mitre sómente poderia ezercer o comando, em virtude do art. 3º do tratado da Triplice Aliança, fóra do nosso territorio; porém o governo imperial abriria mão do mesmo no cazo em que ele proseguisse dentro de nossas fronteiras, atravessadas em perseguição do inimigo, o dezenvolvimento dum plano estrategico. E' claro que o governo esperava a reciprocidade no cazo contrario..."

Desse procedimento generozo do governo imperial, anterior a qualquer anuncio da vinda de Mitre ao Rio Grande e demonstrativo unicamente da alta sinceridade dos nossos homens de Estado, teve, por qualquer via, conhecimento o general arjentino. E, quando reclamou indevidamente o comando em Uruguaiana, tentou bazear-se nesse principio que parece orijinal e é um simples aproveitamento da idéa de Ferraz... Aliaz, Nabuco transcreve o trecho dum discurso desse ministro, pronunciado em 1860, cinco anos antes da guerra, no qual dezenvolve em

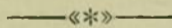
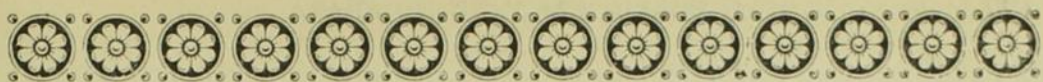
teze o seu pensamento em relação á entrada de tropas estranjeiras aliadas no territorio do imperio... Depois, escreve: "Ferraz não pensou, ao expedir o avizo, que tal dispensa do tratado, feita em supozição tão remota que parecia absurda, lhe haveria de crear tantas dificuldades em Uruguiana. O fato é que Mitre chegou ali trazido por Tamandaré e dezejozo de ter uma entrevista com o imperador. A concessão de Ferraz deve ter chegado ao seu conhecimento antes de partir. Ferraz não pensava numa situação como a que surjia deante dele em Uruguaiana, naquele momento, isto é, na reunião dentro do territorio brazileiro dos chefes das trez nações aliadas. Apenas chegado, Mitre pretende no conselho de generais tomar o comando em chefe, alegando que vem com o ezercito de Jataí em perseguição do inimigo, ezecutando o plano combinado desde o inicio da campanha com Ozorio, a quem deixara na Concordia o comando em chefe. Porto Alegre recuza obedecer ás ordens de Mitre dentro do territorio brazileiro, invocando a clauzula da reciprocidade do tratado de 1º de maio. Com o seu tacto e bom senso habitual (*sic*), Mitre não insiste em aproveitar a concessão feita em seu favor, tendo em conta a prossima chegada do imperador a Uruguiana." Alicerçado nas declarações de Ferraz, feitas em março de 1866 no Congresso, as quais não foram desmentidas por Mitre naquele tempo, nem depois, Nabuco conclue: "Eis como ficou dividido o comando das forças aliadas: Porto Alegre comandava os brazileiros e Mitre os arjentinos, orientais e a brigada Kelly, brazileira, mas que fazia parte da divizão de Flores, o qual, ao chegar a Uruguaiana,

entregara espontaneamente (*sic*) a Porto Alegre o das outras tropas brazileiras do ezercito aliado. No ataque e na entrada da Praça, Mitre cedeu o primeiro lugar a Porto Alegre e a Ferraz. Sua lealdade é perfeita e sua urbanidade consumada."

Houve, sem duvida, concessões de parte a parte em momento tão delicado. Ferraz deixa entrever isso claramente no seu discurso de 13 de abril de 1866: "O comando do ezercito não foi ezercido por nenhum general estranjeiro. Aplanaram-se todas as dificuldades, adiaram-se todas as questões. E' tudo quanto tenho a dizer." E, na mesma sessão, do parlamento, o deputado Pinheiro Machado fazia esta declaração definitiva sobre o assunto, que não sofreu a menor contestação da parte de Mitre: "O sr. barão de Porto Alegre não sómente comandou, sr. prezidente, como se fez credor da veneração do paiz pela sua digna e nobre conduta deante dos muros de Uruguaiana. O primeiro chefe aliado que ali chegou foi o sr. general Flores, que pretendeu ezercer o comando em chefe, mas o barão de Porto Alegre recuzou-se a entrega-lo. Logo depois, o goneral em chefe sr. Mitre teve igual pretenção e o barão de Porto Alegre, sempre firme, manteve a autonomia brazileira."

Apoz a capitulação de Uruguaiana, a questão do comando em chefe ajitou o Brazil. A nação inteira revoltou-se contra a noticia corrente, vinda do Prata, de que ele fôra confiado a Mitre. Daí as interpelações no congresso e na imprensa. Daí as respostas categoricas dos militares e dos estadistas que restabeleceram a verdade dos factos sem sofrer contestaçóos. O visconde de Jequitinhonha foi o lider

dos nacionalistas que se sentiam ultrajados por essa injerencia de Mitre. Opusculos e folhetos de ataque e defeza pulularam. Pouco e pouco, contudo, os fatos se esclareceram. O silencio arjentino corroborou a documentação brazileira. E a verdade historica é esta: Mitre não comandou em chefe no nosso territorio.

O leitor compare a documentação de Gálvez e a sua lojica com a minha lojica e a minha documentação, e escolha.

——«*»——

O VERDADEIRO VENCEDOR DE CASEROS

Escrevendo na revista portenha *Criterio*, em resposta a algumas de minhas criticas no *Correio da Manhã*, Manuel Gálvez assim se referiu a um topico de Jourdan: "...que le llama a Porto-Alegre, por haber combatido contra Rosas junto a Urquiza... el vencedor de Caseros!"

A gracinha não tem ao menos o merito da orijinalidade. Ela está numa notinha em tipo miudo, em baixo da pajina 159 do 3º volume da *Guerra del Paraguay*, de Beverina, edição de Ferrari, Buenos Aires, 1921: "... Jourdan aplica *modestamente* al baron de Porto-Alegre el titulo de *vencedor da batalha de Caseros* (!?)."

Pois bem, apezar das ironias de Beverina e Gálvez, nós estamos no Brazil na dôce iluzão de que a divizão brazileira de Manuel Marques de Souza foi quem decidiu em verdade a batatlha de Caseros. Mesmo, porém, que o seu papel não tivesse sido o principal, Porto Alegre fôra um dos vencedores da pugna e poderia ser chamado por Jourdan vencedor, sem ezajero, como o foi. Eu sei perfeitamente que, não tendo nunca um general arjentino derro-

tado as nossas tropas nos suburbios do Rio de Janeiro e neste com elas desfilado triunfalmente, bandeiras desfraldadas, muzicas tocando, embora ao lado de revolucionarios nossos, não é nada agradavel aos nossos amabilissimos vizinhos que Porto Alegre tenha conseguido essas duas glorias.

Eis como se explica que um espirito cultissimo como Ramos Mejia tenha parado a sua majistral obra *Rosas y su tiempo* justamente quando se ia levantar o pano para a entrada dos brazileiros; que Saldias, panejirista do tirano, na *Historia de la Confederación Argentina,* no esboço que traça da batalha, marque o movimento da divizão brazileira como si ela tivesse avançado até meio caminho das linhas inimigas e retrocedido á pozição anterior sem dar um tiro; e que Gálvez desenterre das notas de Beverina a pilheria...

Na sua parte da batalha de Caseros (*Historia Numismatica de la campaña libertadora de Urquiza,* Buenos Aires, 1928, paj. 65), o major general Virasoro, chefe do estado-maior do proprio Urquiza, declara a este: "El centro medio de nuestra linea, dispuesto para una resistencia tenaz, era mandado por el brigadier del Imperio, jefe de la División Brasilera, don Manuel Marques de Souza..." Mais adeante (pajina 66): "...dispuse el ataque general, ordenando a la división de caballaria del coronel Urdinarrain se corriese al frente de nuestra izquierda a desbordar la derecha del enemigo, al mismo tiempo que la división oriental, apoyada por dos batallones del Ejercito Brasilero y descabezando un obstaculo, atravesaba los pantanos del centro de la Cañada intermediaria entre ambas lineas, bajo

el amparo de los fuegos de las baterias del centro (artilharia a cavalo brazileira de Gonçalves Fontes), que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enemigas, a fin de tomar posiciones en columnas de ataque, formando ángulo recto sobre la derecha del enemigo, amenazando su retaguarda y dando frente a las fortificaciones de carretas que las defendiam". E, por fim: "Envuelta la derecha enemiga y asaltada a la bayoneta por las fuerzas orientales y brasileras, *al mismo tiempo que nuestro centro se aproximaba a su linea* (o grifo é meu), la derrota no tardó en pronunciarse, no obstante la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados en la Casa de Monte Caseros, y el incendio del campo por ese lado, y en el frente que tenia que recorrer *nuestro centro* (idem), en su avance sobre el enemigo".

O arjentinismo de Urquiza é conhecidissimo. Sua má vontade para conosco, proverbial. Seu decendente, Eduardo de Urquiza, autor da *Historia* Numismatica, citada, confessa isso claramente á paj. 82: "El general Urquiza, no obstante las continuas lluvias que hacían intransitables los caminos, avanza rapidamente hacia Montevidéo, inspirado en un sentimiento de argentinismo, prescindiendo para dar el golpe decisivo, de las fuerzas brasileras, que en aquellos momentos y en número de veinte mil hombres, se hallaban en la frontera brasilera, al mando del conde de Caxias, las que se habían retrasado a causa de la insuficiencia en los medios de transportes." Pois bem, apezar do seu arjentinismo, a parte do seu major general, não desmentida pelo caudilho entreriano, é o melhor testemunho da si-

tuação deciziva dos brazileiros em Caseros. Ela declara que o centro — *disposto para tenaz resistencia* — era composto pela divizão de Marques de Souza e que *dois batalhões nossos* apoiaram a divizão oriental. Com estes dados, analizemos a parte em questão. Segundo ela diz, a derrota, apoz as eternas cargas de cavalaria nas alas, tatica conhecidissima de Urquiza que Beverina critica admiravelmente, só se deu depois que as pozições da direita inimiga foram assaltadas e envolvidas por orientais e brazileiros, ao mesmo tempo que *nuestro centro,* isto é, a divizão imperial de Porto Alegre, pronunciava o seu ataque. Ora, o centro era a parte mais forte do inimigo; *la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados... el incendio del campo*. Quem superou todos esses obstaculos, *en su avance sobre el enemigo,* depois do que se pronunciou a derrota? *Nuestro centro,* declara Benjamin Virasoro, textualmente, a Urquiza. Ora, é bastante substituir em todos os lugares da parte onde, agradando ao *argentinismo* de Urquiza, pôz o chefe do Estado-Maior *nuestro centro* as palavras que lhe correspondem: a divizão brazileira, e veremos que foi ela quem *de verdade venceu* em Caseros. Portanto, as ironiazinhas de Beverina e de seu copista cáem lamentavelmente sobre suas proprias cabeças.

A parte de Porto Alegre ao conde de Caxias combina nas suas linhas gerais com a de Virasoro a Urquiza, o que comprova a veracidade dos factos nelas narrados. Nesse documento comedido e modesto, o general brazileiro pinta a pozição do centro inimigo tal qual a descreve Urquiza: "...senhor de duas cazas de sotéa, onde entrincheirou trez bata-

lhões de infantaria, tendo além disto a sua direita apoiada por um forte banhado. Não obstante esta superioridade, o ezercito tomou a formatura conveniente, ocupando as forças do meu comando o *centro da linha de batalha.*" Um pouco mais lonje declara: "...ordenou-me que atacasse o centro da linha inimiga logo que sentisse os movimentos da infantaria que ficava á minha direita ao mando do coronel Galán, devendo a divizão oriental carregar sobre o flanco direito". E Marques de Souza prosegue: "Dispuz as forças para este movimento, e só depois das 11 horas é que o general Virasoro, ponderando-lhe eu a demora que havia em hostilizar o inimigo, respondeu-me que o general em chefe estava naquele momento acometendo o flanco esquerdo e retaguarda do inimigo, e que a divizão oriental ia avançar pelo flanco direito. Logo que vi esta divizão pôr-se em movimento, entendi que, além de outras providencias a tomar, a devia proteger por se dirijir ao ponto mais forte; mandei avançar a artilharia para lugar de onde pudesse bater o inimigo, e destruir seus fogos daquella divizão (*las baterias del centro que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enemigas* — afirma Virasoro). A' primeira brigada determinei que avançasse em aussilio dos orientais, no entanto que eu, á testa da segunda, o fazia de frente sobre a dita pozição. Esse movimento arriscadissimo teve um brilhante ezito..."

Porto Alegre dá pormenorizadamente conta do combate e acrecenta: "Apezar de tão assinalada derrota, contudo ainda o inimigo conservava á nossa direita uma bateria. (E' o que Virasoro chama *baterias de lo que antes habia sido su izquierda...*)

de quatorze bôcas de fogo: avancei contra ela com o batalhão 6 de infantaria, e tal foi o valor dos defensores que sómente abandonaram o seu posto quando nos viram a 80 ou 100 passos de distancia."

Urquiza deixára a batalha tão sem direção que Porto Alegre, tendo reclamado cavalaria para ultimar a sua vitoria, não teve quem o atendesse e, como ele proprio diz: "mandei ordem a um corpo de cavalaria que vi mais prossimo para ajudar-me a perseguir o inimigo que se retirava".

As nossas tropas tomaram aos rozinos 34 canhões, duas estativas de foguetes, dezenas de carretas com munições, bagajens, fardamentos, armas, equipamentos, e mil prizioneiros, tres mil cavalos, a carruajem do coronel Santa Coloma, principal assecla de Rozas, e uma bandeira arjentina, a unica tomada na batalha, da qual se apoderou um soldado do 2º rejimento de cavalaria, comandado por Ozorio, Jozé Martins, devidamente recompensado pelos seus chefes. O governo imperial generozamente restituiu esse trofeu á Republica Arjentina. Nenhuma outra tropa tomou, nesse dia, tanta couza.

O general Mitre, na carta que escreveu a Saldias e se encontra no prefacio da obra deste autor, diz, nas pajinas XX, etc., que a batalha de Caseros se rezume nisto: canhoneio preliminar, carga de cavalaria sobre uma ala, ataque sobre o centro e outra ala, carga de Ozorio *no vazio* pela fuga do inimigo. Acrecenta ainda que Urquiza esqueceu seu papel de comandante em chefe e não teve chefe de estado maior que o substituisse, deixando durante a batalha 14 mil homens inativos. Mitre esteve presente á ação como oficial de artilharia e assegura que, no

campo, se reuniu um conselho de guerra eventual, composto de Marques de Souza, Piran, Galán, Sarmiento e o proprio Mitre, o qual, *por proposta do primeiro, rezolveu o ataque ao centro rozista,* fazendo-se o coronel Chenaut dar ordem a outros comandantes para secundarem esse movimento, em nome de Urquiza.

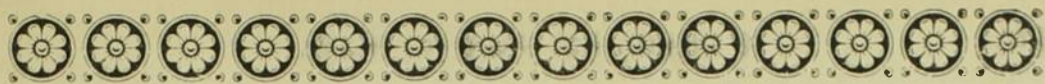
Vejamos o cazo por partes, seguindo o esquema traçado por Mitre: canhoneio preliminar — a artilharia de Urquiza era mal dirijida, coube a ação á boa artilharia do Imperio sob as ordens de Gonçalves Fontes; carga de cavalaria sobre uma ala — efetuada pelos confederados com Urquiza; ataque ao centro — levado a efeito por Marques de Souza com a divizão imperial; ataque da outra ala (direita) — realizado pelos orientais e brazileiros, os primeiros eram 1.700 homens, calcula Rio Branco, 1.880, calcula Bormann, os segundos, 1ª brigada imperial, deviam supera-los, porque, coforme Titara, o efetivo da divizão, duas brigadas, atinjia 4.020 homens; e a carga brazileira final de Ozorio.

Como esconder que foi a atuação brazileira que decidiu a vitoria? Saldias (op. cit., paj. 300), que chegára ao ponto de afirmar que os brazileiros não sairam do lugar, sem se recordar disso, diz que eles cercaram o hospital de sangue, que ficava na retaguarda... Mais depressa se pega um mentirozo do que um côxo. O proprio Cezar Dias, chefe da divizão oriental, cuja corajem é elojiada em todos os nossos documentos, procura tambem empanar o que fizemos em Caseros. Entretanto, nas suas *Memorias,* conta que, ao penetrar nas cazas de sotéa, tão famozas, cuja tomada constituiu, na opinião de Sar-

miento, a chave da vitotria, o fez passando sobre os cadaveres dos caçadores imperiais — sinal de que nelas entraram antes dele.

Ante os titulos irrefutaveis que aí se acham, qualquer escritor póde qualificar o conde de Porto Alegre como vencedor de Caseros, serenamente, sem receiar as alfinetadas da ironia que Manuel Gálvez foi buscar numa notinha miuda de Beverina. E, como vencedor de Caseros, ele entrou em Buenos Aires de espada dezembainhada, comandando aqueles soldados que Sarmiento, no seu livro sobre a *Campanha do Ezercito Aliado,* denomina de *tropas decentes*... E Buenos Aires, comovida, lhe oferecia no dia 5 de março de 1852, solenemente, o celebre album, ainda em poder de sua familia, com capa de tartaruga e madreperola, cheio de autographos e dezenhos aluzivos á sua atuação e com este distico: "Los argentinos agradecidos a sus libertadores". Os arjentinos desse tempo não pensavam como Gálvez atravez de Beverina... (1)

———

(1) V. *Apendice,* docs. III, IV e V.

SATELITES DO BRAZIL

Criticando o romance de Manuel Gálvez, *Los caminos de la muerte*, em tudo quanto o mesmo diz de parcial e falso sobre a atitude do Brazil na campanha do Paraguai, escrevi que Flores não poderia ter voz altiva deante de nossos generais, porque era pago por nós. Alguem que se assina *Um uruguaio*, fez-me uma carta um tanto aspera, dezafiando-me a provar o que denomina "uma inverdade".

Embora se trate dum anonimo, não quero deixar o desmentido sem resposta, porque essa missiva poderá reprezentar a opinião de alguns leitores, que, no intimo, tenham duvidado do que afirmei categoricamente.

Afim de provar que o general D. Venancio Flores viveu subsidiado pelo Brazil e que seus soldados eram pagos pelo nosso erario, poderia recorrer com vantajem aos nossos arquivos; porém prefiro ir buscar a minha documentação do lado de lá, como sempre. Com a gente do Prata, o melhor sistema é combater com suas proprias armas. Não faltam. São otimas. E fica-se com a vantajem de deixa-la de cara á banda.

Assim, em lugar de irmos ao Arquivo Nacional, aos arquivos do Tezouro e do Itamarati, abramos simplesmente a obra de Luiz Alberto de Herrera, *La Diplomacia oriental en el Paraguay*, no seu 3º volume — *Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay*. Esse brilhante escritor não morre de amores pelos brazileiros e é filho de um dos nossos maiores inimigos, Don Juan José de Herrera, ministro das Relações Exteriores dos governos *blancos* de Berro e Aguirre, contra os quais guerreámos em Paisandú, Salto, Melo, Jaguarão e Montevideu. A' paj. 211, ele cita alguns periodos do livro de Oneto y Viana, que pintam o que Herrera pessoalmente chama *el angustioso cuadro*:

"El gobierno de don Venancio Flores, que tuvo una vida financiera miserable, vivió merced al subsidio pecuniario mensual que le pasara el Imperio, conseguido por el plenipotenciario en la corte, don Andrés Lamas."

Por este, se vê que, atravessando uma crise financeira horrivel, o governo de Flores recebia do Brazil um estipendio mensal, e pelo seguinte, que, retirada a proteção do Imperio, antes dele, o Uruguai caíra como aquele ministerio portuguez a que cruamente se referia Fialho de Almeida:

"El gobierno imperial puso termino a la proteción que nos dispensaba, en noviembre de 1854. (Essa proteção é aquilo a que D. Andrés Lamas alude: "...los auxilios pecuniarios que nos dió el Imperio...") Desde ese momento la republica quedó librada a sus propios recursos, con lo que no podia atender ni a las más indispensables exigencias del presupuesto. Don Gabriel Antonio Pereira encontró

en el fuerte una miseria desoladara. El señor don Doroteo Garcia, nombrado ministro de Hacienda en los primeiros dias de marzo, se declaró impotente, después de cuatro meses de constante labor."

O Brazil fôra pai do Uruguai. Nabuco traçou este quadro admiravel de nossas relações: "A prova completa de que morrera inteiramente no espirito brazileiro a idéa da anexação ou influencia em Montevidéu nos dá a historia do periodo subsequente á queda de Oribe, quando os dois partidos, isto é, quazi todos os homens de Montevidéu solicitavam, ora alternada, ora simultaneamente, a intervenção brazileira, oferecendo-nos todas as oportunidades possiveis para fazer do Estado Oriental uma dependencia politica do Imperio. A tudo rezistiu nossa falta de ambição." Dera-lhe um corpo de ocupação para nele manter a ordem, salvara-o das garras de Oribe, em 1851, e sustentara-o financeiramente de tal modo que, no dia em que rezolveu cessar essa proteção, tudo ali foi por agua abaixo: nem um vintem em caixa, os ministros impotentes e as mais indispensaveis ezijencias do orçamento sem poderem ser atendidas. "El pais estaba agotado", clama Herrera. Dez anos mais tarde, pagamos mensalmente um tanto a Flores, para que ele possa manter-se e manter o seu ezercito diminuto ao nosso lado.

Onde, pois, a baze para a altivez de Flores perante os nossos chefes? Lenda. Absolutamente lenda. Aliaz, não era só o caudilho uruguaio quem estava prezo ás têtas do erario imperial. Contemos as couzas com franqueza e tirando as provas dos proprios autores platinos. As nossas seriam melhores, mais completas, porém dariam marjem a acuzações de parcialidade. As deles não: são de tapar a bòca.

E' o mesmo Herrera quem assegura, no seu citado tomo (paj. 88), depois de citar a fraze de Mitre, num artigo de *Los Debates* de 2 de fevereiro de 1858, chamando a politica imperial de *mezquina*, que "quatrocientos mil patacones prestó el Brasil a Entre Rios y Corrientes en 1851, al interés de seis por ciento anual. Con trescientos mil patacones ayudó en 1867 el exhausto tesoro de la Confederación".

Aliáz, o artigo 6º do convenio entre o Brazil, Corrientes e Entrerios contra Rozas estipula o "subsidio mensal de cem mil patacões ao general Urquiza", além do fornecimento de duas mil espadas de cavalaria...

Desta sorte, pela confissão deles proprios, nós chegamos ao conhecimento de muito mais do que aquilo que avancei. Disse simplesmente que Flores e suas tropas eram pagos por nós. Um reputado e otimamente documentado autor uruguaio nos ensina que, não sómente isso é verdade, como que para Urquiza e Virasoro marcharem contra Rozas pagou-lhes o Imperio oitocentos contos de réis, soma importante naquela época, a titulo de emprestimo e a juros de seis por cento ao ano, isto é de pai para filho; e como o proprio Mitre, com toda a sua farófia, estendeu a mão ao Brazil e recolheu-a com seiscentos contos.

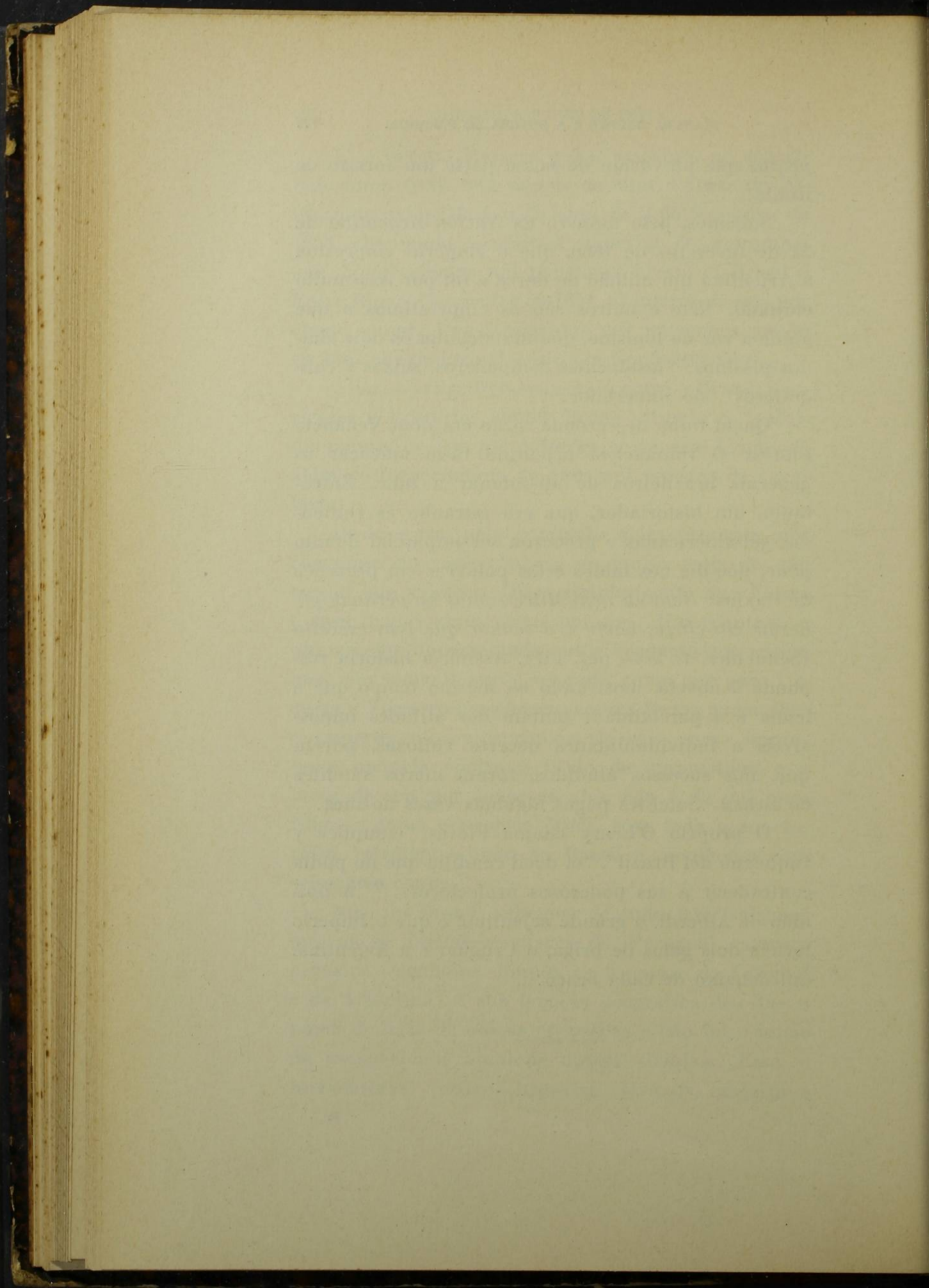
Nós, no Brazil, sabemos de tudo isso, sabemos que ao se iniciar a guerra do Paraguai estavam ezaustos, esgotados, limpos os tezouros do Uruguai e da Arjentina. A sua pozição geografica deu-lhes o papel de baze de nossas operações e isto foi o inicio da prosperidade atual de nossos vizinhos. Essa, a incontestavel verdade historica. O mais, ezajeros e

prozas que provocam de nossa parte um sorrizo de ironia...

Sabemos, pelo numero da *Nacion Argentina* de 24 de fevereiro de 1866, que o Imperio emprestou á Arjentina um milhão de duros e foi por isso muito elojiado. Este e outros são os emprestimos a que alude a voz do lopismo, quando alcunha os dois aliados platinos: "insolventes compañeros, suizos y condotieros", do imperador...

Quem tinha de verdade razão era dom Venancio Flores. O romancista arjentino fa-lo ameaçar os generais brazileiros de abandonar a luta. Entretanto, um historiador, que era estranho ás contendas sul-americanas e procurou ser imparcial quanto pôde, põe-lhe nos labios estas palavras em prezença de Caxias: *Nem eu nem Mitre somos na verdade generais em chefe; chefe é o senhor que tem ezercito* (Schneider, t. 2 — paj. 147). Assim, a historia responde á novela, mostrando ao mesmo tempo que a lenda e a parcialidade tentam dar atitudes impossiveis a individualidades decerto valiozas, porém que, nos sucessos aludidos, fôram méros satelites do Brazil. Satelites pagos algumas vezes ao mez...

O proprio O'Leary chama Flores "cumplice y vaqueano del Brazil", "el docil caudillo que no podia contradecir a sus poderosos protectores..." A opinião de Alberdi, o grande arjentino, é que o Imperio levava dois galos de briga, o Uruguai e a Arjentina, um debaixo de cada braço...

——«*»——

A ODISSÉA DUM PEQUENO PARAGUAIO

Manuel Gálvez, narrando en *Los caminos de la muerte* a rendição de Uruguaiana, escreve isto: "Apenas salian los paraguayos de la plaza muchos de los cuales eran adolecentes — los jinetes de Rio Grande metianse a caballo entre ellos y arrebataban a algun paraguayito, llevandolo en ancas y huyendo hacia el campamento. Querianlos para esclavos, sirvientes o asistentes".

Procuremos as fontes dessa acuzação. Elas são uma referencia de Palleja, no seu *Diario,* e outra do proprio general Mitre, numa carta ao vice-prezidente Paz. Ambos fizeram-se écos inconcientes de uma balela perversa ou de um boato de acampamento. Os nossos arquivos conservam a documentação completa dos sucessos de Uruguaiana e, segundo ela, sabemos do destino de toda a tropa prizioneira, nomes de soldados e oficiais, com o soldo que sempre lhes pagou o Imperio. Emquanto o coronel Carneiro de Campos, prezidente de Mato Grosso, capturado de surpreza a bordo do *Marquez de Olinda,* curtia a poucos passos do quartel general de

López as mais horrendas mizerias e morria de inanição, Estigarribia, na Côrte, tendo o Rio de Janeiro por menajem, vivia pelos botequins, gozando o soldo de coronel. A barbárie do Prata, felizmente, nunca contaminou o Brazil.

O Sr. Silvano Mosquera, antigo ministro do Paraguai no Rio de Janeiro, publicista de renome no seu paiz, editou em Assunção um livro com estes titulos: — *Siluetas femeninas* — *Los Españoles en el Paraguay* — *El ocaso de los grandes hombres*, no qual se encontra um capitulo que desmente a falsidade do apregoado roubo de prizioneiros em Uruguaiana. Denomina-se o mesmo *Una paraguaya de los tiempos heroicos* e refere-se a D. Roza Candida Acosta, viuva Matos uma das ultimas sobreviventes da grande catastrofe provocada por Solano López, falecida na capital do Brazil, em 16 de novembro de 1918: E diz: "El motivo que originó la salida de dona Candida del Paraguay daria tema suficiente para un poema; pero nosotros solo vamos referirlo en sencilla prosa, utilizando, al efecto, algunas páginas de unas memorias intimas, escritas por el protagonista, algún tiempo después de su encuentro, asociando sus recuerdos a los de su señora madre, y en colaboración".

Sigamos o relato desse cavalheiro paraguaio: Quando os encouraçados brazileiros bombardearam Assunção, o filho da viuva Matos, autor do documento, tinha cinco anos de idade e, por acazo, se achava a bordo dum dos vapores de guerra de seu paiz surtos no porto, aonde fôra levado a passeio por seu parente, o capitão de mar e guerra Romualdo Nuñez. Os barcos paraguaios fujiram para o norte,

levando a criança, que, assim, foi, inesperadamente, separada de sua mãi. Os brazileiros perseguiram esses vapores, e seus tripulantes os destruiram no Iagui. Então, o comandante Nuñez entregou o pequeno Adolfo a um criado, para que o troussesse consigo e dele cuidasse. Esse servidor fiel caiu prizioneiro dos brazileiros na tomada de Peribebuí. "Alli comenzó la triste peregrinación del niño perdido, que desde el Yhaguy hasta Peribebuy e de Peribebuy hasta Panadero, siguió la ruta del ejercito enemigo en operaciones, yendo a parar a la ciudad de Pelotas, en Rio Grande del Sur".

Abandonada, a criança acompanhou as forças brazileiras em marcha, com outros meninos nas mesmas condiçõis. Tinham fome e, "cuando los soldados comian ibamos a pedirles a ellos que nos diesen un pedazo de maiz con fariña para comer, y esos cariñosos soldados (*sic!*) nos daban un bocado de fariña com azucar". Em certo lugar, um soldado guarani invalido tomou conta dos petizes. Quando se acabaram seus recursos, entregou-os ao chefe local. Reinava a fome. Chegaram ali forças brazileiras "a quienes ibamos a pedir que comer y nos daban un poco de fariña".

"Un oficial de ese batallón, que se llamaba teniente Vianna, se compadeció de mi y me dijo si yo no queria ir con el". O pequeno acedeu e o tenente o *cuidó muy bien*. Do Panadero, esse oficial foi em serviço urjente a Assunção e deixou Adolfo com seu colega Malagueta. Por esse tempo, sua mãi andava como louca em sua procura. Encontrou Viana na capital, soube noticias do filho; porém uma inesperada falta de coincidencia não permitiu que regres-

sasse com ele. As tropas, acossadas de privações, partiram, nesse interim, do Panadero. A marcha de regresso foi horrivel. Faltaram de todo os viveres. E o tenente Malagueta teve de abandonar o menino, que não podia acompanhar mais os soldados, á beira da estrada.

A mãi martir viu Malagueta em Vila do Rozario e soube, consternada, do abandono do filho no caminho. Mandou procura-lo e já lá não estava. O capitão Jozé Simeão Torres, ajudante de campo do general Ozorio, passando por ali, tomara-o na garupa e levara-o, conforme se soube depois.

Em Assunção, dona Candida, fazendo-se acompanhar de seu primo, o diplomata Candido Bareiro, que fôra da privança de Solano López e seu parente, falou com o conde d'Eu, que "la atendió galantemente y mandó circulares a todo el ejercito en busca" do petiz perdido. Entretanto, ele já se achava em Pelotas, no Rio Grande, com o capitão que o recolhera e que voltara á patria.

"Aprovechando su entrevista con el conde d'Eu. mi madre — escreve Adolfo — intercedio a favor de un jefe paraguayo, prisionero y engrillado; pero aquél objetó que se trataba precisamente de uno cuyo nombre figuraba en la lista de los de la expedición a Matto Grosso. Mi madre no se amilanó: imploró, rogó, diciendole que era su pariente y que la guerra ya habia terminado, a lo que el conde accedió y ordenó la libertad." Cabem aqui umas perguntas aos propagandistas platinos contra nós: El Supremo receberia uma viuva que viesse de Mato Grosso atraz de seu filho? El Supremo mandaria circulares, *galantemente,* a todo o ezercito em sua pro-

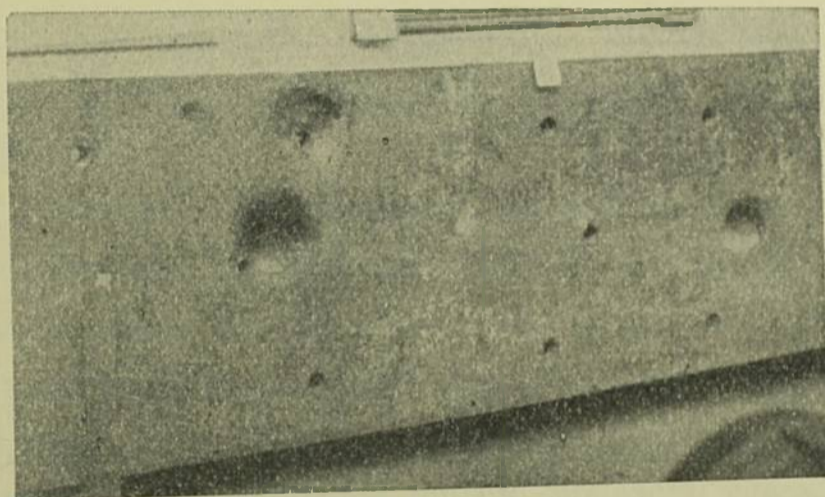
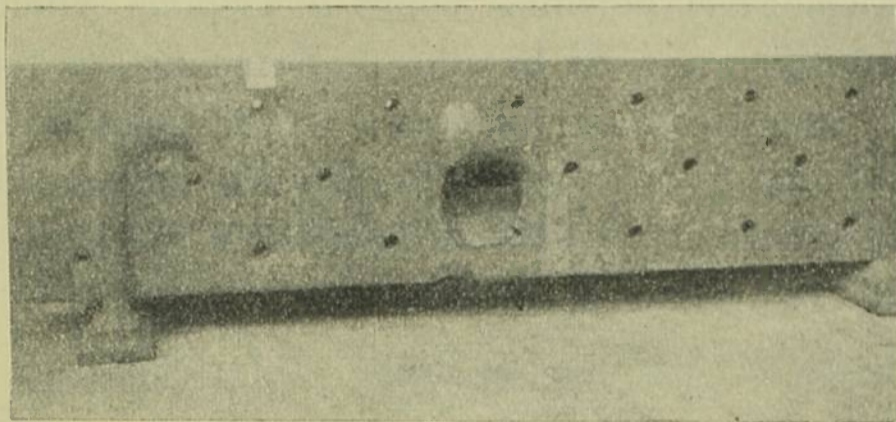
cura? El Supremo perdoaria a um prizioneiro, salteador e assassino numa provincia sua, como fôram os invazores de Mato Grosso, aos rogos duma viuva desprotejida que via pela primeira vez? Entretanto, os O'Leary apelidam o conde d'Eu *El principe Rojo*. "El joven principe—escreve o papa lopezguaio — de femenina hermozura, de cabellos de oro y suaves ojos azules, no tiene de hombre sino la figura. Como a Fernando VII, se le podia llamar tigre, hiena, pantera. Es tambien una bestia carnicera, sedienta de sangre, avida de botin". Como os fatos desmentem esta literatura barata!

E o que fizeram os paraguaios em Mato Grosso está rezumido nesta pajina de Moreira de Azevedo, escrita em 1871: "Inauditas crueldades praticaram os paraguaios na indefeza provincia de Mato Grosso; saquearam, devastaram as povoações, talaram os campos, queimaram as vilas, violentaram as mulheres, degolaram os prizioneiros e cortaram-lhes as orelhas que, enfiadas em barbantes, eram enviadas á Assunção como troféus de guerra, ou os conduziram á capital da republica, onde muitos pereceram nas aflições da fome ou vitimas de castigos que só o despotismo e a tirania sabem inventar".

Voltemos ao menino perdido, sem mais detença nesse quadro horrivel, que está historicamente provado por testemunhos e documentos. Passou-se algum tempo e, um dia, acazo ou milagre, achou-se uma carta que dava indicação do paradeiro da criança. A mãi partiu para o Rio Grande, a bordo dum vapor brazileiro, comandado pelo portuguez Joaquim da Rocha Pinto de Matos, o qual se impressionou com a senhora paraguaia e com ela se cazou.

Leiamos como o proprio protagonista do drama conta a chegada de sua projenitora: "Al llegar a la casa en que me encontraba, la familia, compartiendo la emoción de mi madre, la recebió a ella anegada en lagrimas (*sic*)". Esse menino, apanhado á beira dum caminho do interior do Paraguai, não foi pelo cavaleiro gaúcho que o tomou á garupa feito escravo ou criado, conforme querem os caluniadores de Uruguaiana. Eis o que aconteceu: "De la culta sociedad brasilera guardaba doña Candida el más elevado concepto e imborrable gratitud, especialmente de la familia Torres, en cuyo seno habia encontrado su hijo abandonado generosa protección. No sólo habia hallado alli hospitalario abrigo y solicitos cuidados, sino que era ya alumno adelantado de una escuela, hablando correctamente el portugués, olvidado por completo del castellano y del guarani, quando tuvo la dicha de volverlo a encontrar. Y cuando la escena del encuentro, todo el hogar se comovió: lloraban tanto las dueñas de casa, como la madre que llegaba de tan lejos..."

Essa é que é a civilização brazileira. Nossos soldados, *cariñosos*, no derradeiro ano da guerra, alimentavam com o pouco que tinham as crianças famintas. Nossos oficiais as recolhiam e tratavam como filhos. Isso é o que está documentado. Como é que essa mesma gente, no inicio da luta, quando os odios não estavam tão acezos, em Uruguaiana, no territorio nacional, em prezença do imperador, roubaria para escravos ou criados adolecentes paraguaios? Por que não continuou a fazer isso em plena guerra, de posse do paiz inimigo, ao ultimar sua re-

zistencia? Silvano Mosquera escreve: "Los señores Adolfo e Honorio Acosta viven hasta ahora en la ciudad de Rio de Janeiro, establecidos como comer-

Chapas do costado dos encouraçados brazileiros
que forçaram a passagem de Humaitá

(Muzeu Historico)

ciantes en la calle Carioca n. 28. Su firma Acosta Hermanos es una de las más acreditadas de aquella plaza".

A "impudente falsidade" do roubo de prizioneiros não reziste á menor analize. Gálvez repete-a de O' Leary. E ela vem de Palleja e Mitre, que se fize-

ram, levianamente, ecos de boatos maldozos. (*) Aliáz, não ha motivo algum para que a palavra de Mitre seja um Evanjelho. Dom Bartolomeu escreve, no final duma de suas cartas a Juan Carlos Gómez, em memoravel polemica sobre a Triplice Aliança, por ezemplo, que, na batalha de Azincourt, os francezes convidaram os inglezes a atirar primeiro. A historia diz que o convite heroico foi pronunciado pelo conde de Auteroche, na batalha de Fontenoy... O mais está certo...

——«*»——

(*) Tanto assim que Mitre ora acuza do roubo de prizioneiros aos imperiais, ora aos uruguaios. Eis os textos relativos ao cazo de duas de suas cartas ao vice-prezidente Paz: "...la caballeria oriental, que quedó de este lado, no teniendo que hacer, se ocupaba en robar prisioneros..." — "...por parte de la caballeria brasileña hubo tal robo de prisioneros, por lo menos, que se arrebataron 800 o 1.000 de ellos... pues los roban para esclavos y hasta hoy mismo andan robando y comprando prisioneros... El comandante Guimaraens me ha dicho que el otro dia, en Uruguayana, tenia que andar gritando que no era paraguayo para que lo no robasen..." Esta *broma* final, confessemos, não é digna de Mitre. Então haverá alguem que acredite que um oficial aliado precizava andar pelo seu acampamento a gritar que não era paraguaio, afim de que o não roubassem para escravo? Ora, isso nem merece comentario...

FÉ PUNICA

Manuel Gálvez publicou, em Buenos Aires, em 1929, o segundo volume de sua trilojia "Escenas de la guerra del Paraguay". O primeiro romance "Los caminos de la muerte", foi dedicado ao ezercito arjentino; o segundo, "Humaitá", ao ezercito paraguaio, e o terceiro, "Jornadas de agonia", ao ezercito brazileiro.

"Humaitá" é uma novela de 318 pajinas, em que se confirmam os brilhantes dotes de imajinação e estilo do autor de "El solar de la raza". Ha periodos de ouro, faulhantes, preciozos. Não estamos, porém, aqui para fazer a critica literaria do livro, cujo enredo um tanto confuzo, cujos dialogos vivos, cujas cenas incizivas e cuja linguajem formoza merecem, por certo, dos competentes no assunto acurado estudo. Nossa tarefa é mostrar mais uma vez como o Brazil e os brazileiros são tratados nesse romance de ação dezenvolvida nos campos de batalha do Paraguai, aquem e alem das trincheiras do terrivel quadrilatero. Gálvez diz-se amigo de nosso paiz e admirador de nossa gente. Reafirma isso quando responde ás minhas observações. Avalio o que faria si fôsse nosso inimigo declarado... Isto prova o

quanto continuamos a ser mal julgados, mal compreendidos e mal tratados no Prata.

A novela dezenrola-se entre estas datas: a batalha do Estero Bellaco e a rendição de Acauanguassú. Na maior parte desse periodo, a guerra ficou paralizada, tirando-nos da inação a marcha de flanco ordenada pelo marquez de Caxias, cujas consequencias fôram a tomada do Taji por Mena Barreto, a passajem de Humaitá pela esquadra brazileira e a fuga dos restos da guarnição da fortaleza para o Chaco, onde a aprizionamos, depois de heroica rezistencia. Sigamos *pari passu* a marcha dos acontecimentos no livro e veremos nele o belo papel que nos cabe. Até parece que nosso ezercito foi mero aussiliar do arjentino, na campanha. Aliáz, essa é a tendencia natural de todos quantos escrevem sobre o assunto, na caza dos nossos vizinhos. Que delicioza pilheria!...

Narrando o combate de 2 de maio de 1866, no Estero Bellaco, em que as tropas da vanguarda, comandadas por Flôres, composta, não de orientais, mas destes, duma divizão brazileira, que era a força de maior efetivo, e dum rejimento arjentino, fôram surpreendidas, eis as palavras textuais de Gálvez: "Los orientales, herói de la jornada, pelean cantando el Hinno Nacional. Un batallón paraguayo, en un pántano, niegase a rendirse, *por no tener orden,* y es fusilado. Los brasileros cáen a millares". Nesse dia, manes dos heroicos soldados do 26 de voluntarios e do 13 de linha, dai uma rizada lá nos Campos Eliseos ou onde quer que no misterio da eterna noite vos acheis, somente servistes com os vossos companheiros de outros valentes batalhões, que salvaram Flores e a sua gente, para

cair mortos como môscas! Os heróis cantantes fôram os orientais, cujos batalhões se dispersaram, e sómente não fôram os arjentinos, porque Mitre não apareceu, como em Uruguaiana, para colher os louros da jornada...

A' pajina 22, nova referencia aos brazileiros: "Mientras los buques no pasarán Humaitá, lo que nunca ocurria por el perpetuo miedo del almirante Tamandaré, fertil em pretextos..." Não vale a pena refutar a infamiazinha. Joaquim Marques Lisbôa, veterano de nossas campanhas navais, nunca teve medo. E' uma covardia insultar desta maneira um dos nossos mais gloriozos homens do mar. O visconde de Ouro Preto reduziu a pó as criticas feitas á ação da esquadra. Nem Tamandaré, nem Inhauma, que lhe sucedeu, queriam forçar Humaitá antes de haver uma baze de abastecimento além da fortaleza, o que é lojico. Mitre e os arjentinos empenhavam-se tenazmente pelo forçamento prematuro da passajem, porque isso seria a divizão, o engarrafamento, a destruição de nossa força naval, o que nos poria de mãos atadas em poder da Arjentina. O despeito todo contra a esquadra — já é tempo de pingar os pontos nos ii — vem de não termos caido na arapuca. Quando Caxias sitiou Humaitá e apoderou-se do Taji, a esquadra forçou valentemente e com a garantia do futuro a terrivel passajem. Não creio que Gálvez tivesse animo para repetir as duas palavras "perpetuo miedo" em face de Tamandaré. Bem diz o personajem da novela, Iribarne, creio que arjentino, em conversa: "El Brasil! Ese es nuestro enemigo".

Mais adeante, referindo-se ás tropas paraguaias, declara: "...una compañia del 10 batallón que llegara

de Matto Grosso, donde nunca peleara, porque los brasileros huyeron". Gálvez acha que sou excessivamente "quisquilloso"; mas ha de convir que as minucias que cato na sua obra são venenozas, ofensivas aos nossos brios e impudentemente falsas. Por que esse empenho em repeti-las? Por que insiste, mesmo depois de elucidado com documentos irretorquiveis em pontos como este: "...en Paysandú, donde entregaron a Leandro Gómez, al furor sanguinario del militarote Goyo Suárez..." Não está farto de saber que foi Leandro Gómez quem se entregou de motu proprio áquele, desprezando e insultando nossa proteção? Não sabe que, em Mato Grosso dezarmado, Antonio João morreu como um espartano, Dias da Silva bateu-se bravamente no Desbarrancado, Porto Carreiro rezistiu com cento e poucos homens a milhares e retirou admiravelmente, diz o proprio Thomson, e a epopéa da Laguna é, sem ezagero, mais glorioza do que a Anabaze de Xenofonte?

Vejamos uma festa no acampamento brazileiro, pintada por Gálvez: "El baile de los oficiales brasileros. Dos grandes carpas unidas. Iluminación de faroles. Oros, rojos y verdes en los trajes militares. Saludos remilgados, sonrisas que descobrian los dientes. Vocales muy abiertos y sonidos gangosos. Almibares en las palabras. Inclinaciones sobre las manos de las damas y cortesanos besos en los dedos. Las mujeres — algunas blancas, pero amulatadas las más — eran casi todas ojineras, caderudas, carnosas. Crinolinas acampandas. Mangas de exagerada anchura Acentos arrastrados y suaves. Expresiones de ardiente sensualidad".

Sem comentarios...

Oficiais arjentinos vão a esse baile e provocam pequenos disturbios, que os nossos suportam com paciencia covarde. Ridiculiza-se a vitoria de Curuzú, porque foi a primeira que ganhamos sozinhos, no territorio inimigo, fazendo-se um tenente-coronel descreve-la com "frases ampulosas, demonstrativas de que padecia "de la grandilocuencia de la raza". E o pobre tenente-coronel brazileiro, que denominava nossos encouraçados "terrores de los mares" não pôde continuar, porque "los argentinos reian sin disimulo"... E' fantastico! Em Curuzú não estiveram os arjentinos e couraçados não possuiam. Compreende-se por isso a ironia. Mas, querer dar ao brazileiro a maior carateristica da raça espanhola, a "espanholada", é demais! O ilustre Gálvez não devia olvidar que nós decendemos de portuguezes e que são os arjentinos os que decendem de espanhóis, os arjentinos a quem um de seus grandes publicistas apelidou "los proto fanfarrones de la America española"...

O mais engraçado de tudo, em "Humaitá", é o seu autor impinjir aos acampamentos do Paraguai um processo modernissimo do cinema americano nas fitas comicas, para fazer rir as crianças. Nessas movimentadas comedias, ha sempre um negro, que, ao avistar fantasmas, começa a tremer e fica branco de pavor. A gurizada estoura de alegria. O romancista conta que o paraguaio Justo "dedicose á asustar los brasileros. Sin armas, solo con un chicote, apareciase ante los centinelas negros envuelto en una sábana. A'nimas del purgatorio! Los negros soltaban el fusil y huian con alaridos de locos!" Narra mais que um oficial arjentino, fujindo em fraldas de ca-

miza duma entrevista com uma baiana, correu até a vanguarda e "los negros huian, imajinando al ver aquelas brancuras que era una "ánima en pena". Ora, Manuel Gálvez já tem nome, idade e responsabilidade para dar-se ao respeito. Si a isso prefere a molecajem, não se deve queixar de decair da estima das pessoas de bem.

Valem ouro estes pedacinhos do autor e não de nenhum personajem sobre a fraternização dos sequitos de Mitre e Lopez na misterioza entrevista de Iataiti-Corá; valem ouro de lei: "La identidad de raza, de idioma, de costumbres floreció en mutua simpatia. Argentinos y paraguayos no se odiaban. Los nuestros achacaban la guerra a López, no al pueblo paraguayo. Acaso ellos no tuvieron un tirano igualmente opresor: Don Juan Manuel de Rosas? Y los paraguayos detestaban a los brasileros: hablaban otro idioma, eran negros en su mayoria, y encontraban-los ridiculos, afeminados y cobardes... Y unos y otros reianse de los brasileros... Ahora los dos Heróis de la historia de America (Mitre e López, *ad ridendum*) estaban solos..." Ah! Gálvez, dedicado amigo do Brazil, quem não te conhecer que te compre...

Eis como intervem o amor no romance. Um oficial arjentino, galan e herói da peça, já se vê, ama uma viuva brazileira, a quem um oficial do Rio Grande do Sul, o vilão, faz a côrte. O retrato do gaucho brazileiro: "Viudo, deciase que mató a su mujer. Azotaba a sus negros y más de uno quedó sin vida. Vivia como un pachá, con diez mujeres, infelices esclavas mulatas. Tenia un ejercito de hijos naturales". Logo se adivinha que a viuva preferiu o

arjentino, uma perola. Este teve de bater-se com o vilão brazileiro. Embora fôsse este um brutamontes, feriu-o. Mas, coitado! Certo dia amanheceu apunhalado pelas costas...

Isto se passa na novela. A imajinação do romancista autoriza-o a fazer quantos brazileiros queira apunhalarem seus dezafetos traiçoeiramente. Entretanto, a historia minucioza da campanha, respondendo á maldade do romance, não revela nenhum crime cometido nessas condições por oficiais brazileiros contra arjentinos, mas rejista o contrario. A 19 de março de 1868, em Tuiuti, era assassinado covardemente, por um arjentino, quando dormia na sua barraca, o capitão de artilharia João Dias Cardozo de Melo (Vide Schneider, ed. de 1876, II, 12 e "Diario do Ezercito", mez de março).

A propozito do tal pachá riograndense, Gálvez repete mais uma vez uma das gracinhas triviais de "Los caminos de la muerte", procurando ridicuizar os nomes de nossa gente. Naquele primeiro romance, o bôbo alegre da peça é um alferes brazileiro chamado Napoleão da Gama e Fonseca e Silva de Guimarães e Albuquerque e Pereira e Souza. Em *Humaitá*, os nomes do vilão gaucho são estes: João Francisco Pereira de Andrade e Abreu de Morais. Deixo aos brazileiros que nunca viram no Brazil ninguem com tantos sobrenomes juntos, nem mesmo os antigos fidalgos luzos, o que era um costume mundial e não unicamente portuguez, o trabalho de julgar os sentimentos fraternais para conosco de que faz praça o escritor arjentino.

A' pajina 280, ha uma brincadeira mais grave. Leiamos o trecho, posto disfarçadamente á bôca dum

uruguaio: "...cargaron varias veces y fueron rechazados por aquel punado de hambrientos y semidesnudos. Jué pucha! Que tigres, esos paraguayos! Merecian ser orientales... Y bueno: los brasileros, convencidos de que asi peleaban al santo botón, mandaron a sus zapadores a que abriesen una brecha en la espesura. Querian entrar por la retaguardia..." A aluzão insultuoza contida nessas reticencias é tão baixa, tão vil, tão suja que não atinje os brazileiros. Ela é indigna dum homem de letras que se preze a si proprio.

Para os arjentinos da novela, o ezercito brazileiro contava "cincuenta mil negros" e não cincoenta mil homens, durante dos años los orientales y arjentinos aguentaram "la parte dura de la guerra"; Caxias era "un viejo de setenta años", cuja declaração "hei de fazer alguma couza", é metida a ridiculo. Entretanto, quem "espanholou": o general que bradou estar em trez dias nos quarteis, em quinze na campanha e em trez mezes em Assuncão, ou o que ia somente fazer alguma couza e entrou, vitoriozo, na capital do inimigo, onde jámais o outro pôz os pés?

Os pequeninos trechos transcritos e comentados rapidamente dão idéa do espirito de amizade ao Brazil que anima Gálvez. Em relação a essa apregoada fraternidade por nós, que se ostenta em tais provas, cabe aqui aquela fraze de Rabbi Robbam a Pilatos na "A Reliquia", de Eça de Queiroz: "E' a isso que chamais a fé romana? Eu não estive em Roma, mas sei que a isso se chama lá a fé punica..."

Não são essas niquices que hão de destruir a verdade da historia da guerra do Paraguai. Abstrain-

do todas as minucias, desprezando todos os pormenores, pondo de parte todas as discussões, a cam-

O Duque de Caxias

panha rezume-se, insofismavelmente, da passajem do Paraná á morte de Solano López, neste esquema:

Comando em chefe do brigadeiro-general Mitre, excetuando a passajem do rio e o dezembarque por Ozorio, o combate de Estero Bellaco com Ozorio e Flores, a batalha de 24 de maio, dirijida por Ozorio e a tomada do Curuzú por Porto Alegre: inação absoluta, paralizia completa ante as linhas de Rojas

e revez de Curupaiti, unica ação que Mitre comandou.

Comando em chefe interino do marquez de Caxias: marcha de flanco até Tuiú-cué, cerco de Humaitá.

Comando em chefe do brigadeiro-general Mitre: inação no cerco do quadrilatero.

Comando em chefe definitivo do marquez de Caxias: passajem de Humaitá e Angostura, rendição de Acauanguassú, tomada do Timbó, marcha de flanco pelo Chaco, vitorias de Itororó, Avaí, Piquisiri, Lomas Valentinas, Ita-ivaté, fuga de López desmoralizado, entrada triunfal em Assunção.

Comando em chefe do conde d'Eu: perseguição das tropas paraguaias, esmagamento das ultimas rezistencias, conquista de todo o territorio e morte de Solano López.

O mais é conversa fiada.

Nossa atuação militar no Prata, embora sejamos "negros" e "covardes", sintetiza-se neste outro esquema deliciozo:

20 de janeiro de 1817 — o general Lecor, visconde da Laguna, entra triunfalmente em Montevidéo, á frente das tropas luzo-brazileiras.

14 de fevereiro de 1824 — o visconde da Laguna entra em Montevidéu á frente do ezercito brazileiro.

Outubro de 1851 — O ezercito brazileiro do conde de Caxias ocupa Montevidéu.

16 de fevereiro de 1852 — entrada triunfal da divizão brazileira do general Marques de Souza em Buenos Aires, depois da vitoria de Caseros.

20 de fevereiro de 1865 — as tropas brazileiras do barão de S. Gabriel entram triunfalmente em Montevidéu.

5 de janeiro de 1870 — o ezercito brazileiro do marquez de Caxias entra triunfalmente em Assunção.

Até hoje ainda nenhum ezercito desfilou, depois de vitorias, "triunfalmente", pelas ruas, já não digo do Rio de Janeiro, porém duma capital de provincia Nem de Cuiabá...

O mais não nos interessa.

——«*»——

AMENDE HONORABLE

O romance do grande escriptor portenho Manuél Gálvez — *Jornadas de agonia*—completa um triptico de cenas da guerra do Paraguai e é dedicado ao ezercito brazileiro, como o segundo, *Humaitá,* foi ao ezercito paraguaio e o primeiro, *Los camiños de la muerte,* ao arjentino. As criticas documentadas que aos dois outros fiz de publico, nas partes relativas á atuação e aos homens do Imperio, parece que calaram no espirito do notavel romancista. A polemica fraternal que travámos, eu pelas colunas do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, ele pelas pajinas da revista *Criterio* de Buenos Aires, produziu seu fruto. E, melhor informado a nosso respeito, Gálvez publica um livro simpatico ao Brazil, encomiastico mesmo, do qual quazi completamente dezaparecem conceitos aleivozos, ironias e inverdades referentes ao nosso papel na campanha. Nas trezentas pajinas deste volume, não ha mais negros da Baía, brancos de pavor, fujindo á noite de avantêsmas inventadas pelos guaranis — epizodio de peliculas comicas do cinema americano. Nem oficiais brazileiros com nomes e apelidos de legua e meia, paxólas, ridiculos, covardes,

crueis e assassinando seus colegas arjentinos á traição. Respira-se outro ar no livro todo. O autor esforça-se por simpatizar com nossas couzas. Faz cauza comum com o nosso folclore. E efetua, assim, em tempo, a sua *amende honorable*.

Ora, graças a Deus, os meus artigos de critica e polemica sempre serviram para alguma couza!...

Ele descreve com brilho o nosso ezercito em campanha: "...una sinfonia de colores sobre el campo gris. En las bombachas, en las casacas, en las bocamangas, en los quepies, cantaban y se correspondian, en ardiente contrapunto, los rojos, los azules, los amarillos, los blancos, los oros, los carmezies..." E passam os chefes heroicos: "el viejo Mallet, gigantesco, rigido", Andrade Neves, "hermoso tipo de extraordinaria armonia", "el anciano Marqués de Caxias", Camara "español y aristocratico", Ozorio com sua "mirada vasta, energica y dominadora". E desfilam os corpos famozos: o *Boi de Botas*, o *Treme-terra* e o *Arranca-tôco*. Bela pajina literaria e historica!

No acampamento, as violas gemem a saudade do sertão e a voz nostaljica dos mestiços repete as estrofes dos dezafios celebres nas ribeiras da patria distante. Outros cantam fançanhas de cangaceiros. E outros recordam os nomes dos grandes troveiros sertanejos: Inacio da Catingueira, Alexandrino Caluête, Manuel das Cabeceiras. Gálvez procurou perfumar-se de brazilidade nos trabalhos dos nossos folcloristas; eu me felicito por ter colaborado, assim, na sua obra, e acho que lhe devemos ser gratos por essa prova publica de simpatia.

A pintura que faz de López, dos seus processos de tirania, dos ultimos dias de seu ensanguentado des-

potismo é, em verdade, admiravel e, entre outras couzas, rememora aquele ignominiozo artigo do padre Maiz "llegando a compararle con Jesucristo"... Esse padre horrorozo é uma das figuras centrais do romance.

Outra figura central é um cearense, meu patricio, o capitão Damaceno, natural de Fortaleza, como eu. "Todo el ejercito admiraba su valentia". Gostava de perfumes e cosmeticos. Era culto e cavalheiresco. Outros oficiais, baíanos ou gaúchos, são *temerarios, imprudentes, aristocraticos*. Nenhum mais é tipo completo de vilão, como o capitão riograndense , que figura no enredo de *Humaitá*.

A abertura da picada estratejica do Chaco, que permitiu contornar as pozições do inimigo, obra formidavel, epopeia de paciencia, tenacidade e labor, que basta a imortalizar o nome de Argolo, arranca ao romancista arjentino periodos de comovente entuziasmo. "Abrian una picada, junto al rio, y avanzaban hacia el norte. Un estero los atajaba. Vuelta a trazar, a fuerza de hacha, otra picada. El calor, espeso, húmedo, quitaba energias a los soldados. El sudor mortificaba tanto como los mosquitos. Pies y piernas hundianse en las aguas estancadas, malolientes. No importaba. Pero tampoco esta picada llevaba adonde se queria, y era preciso regresar y empezar de nuevo. "Depois: "... el 25, por orden del general Argolo, varios batallones acamparon a todo lo largo de la picada y, a un tiempo, desde frente a Palmas hasta frente a Villeta, cayeron millares de palas y de picos sobre la ciénaga. Ahora se rellena el terreno. Trabajo de titanes..." E, emfim: "Eran admirables aquellos macacos!"

No romance, seguimos a marcha vitorioza de nossas tropas: Itororó, Avaí, Lomas Valentinas, Assunção. Depois, a vida mizeravel das familias *destinadas*, como se chamavam as desterradas, no Espadim, e sua salvação pelas nossas partidas exploradoras; toda a campanha das Cordilheiras e o epizodio final de Cerro Corá.

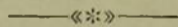
Ha umas pinceladas que esboçam admiravelmente a fizionomia do López dos ultimos tempos da luta: "Su voz era aguardentosa y sus ojos brillaban salvajemente... Faltabanle varios dientes delanteros; y los que le quedaban eran negros, inmundos. Habia engordado. Sus familiares temian los momentos en que se daba a la bebida. Era cuando ordenaba las mayores atrocidades". "López... llenó el vaso y lo bebió en dos tragos. Pidió champaña e hizo llamar a Madama... López, con una expresión de idiotez, tarareó dificultosamente *La flor de la canela* y luego emprezó a proferir obscenidade..." A triste decadencia dum caudilho!

No correr das pajinas de *Jornadas de agonia*, ha, entretanto, algumas falhas a respigar. Por ezemplo. No cazo da rendição de Isla Poi: "los defensores de Humaitá, refugiados en aquel lugar, se habian rendido a los argentinos". O general que comandava as forças que sitiavam esses refujiados era um arjentino, Rivas; mas as forças eram na maioria brazileiras. Logo que, apoz a mediação do padre Esmerat, o coronel paraguaio Martinez rezolveu entregar-se, o general Rivas foi a Humaitá, onde se entendeu com Argolo e Gelly y Obes. O marquez de Caxias acompanhou-o de regresso e a este se fez a rendição. Basta ver o *Diario do Ezercito,* na parte referente a agosto de 1867.

Na renhida peleja de Ita-ivaté, escreve: "Los argentinos atacaron por un lado, los brasileros por otro. Rodearon la colina. Comenzaron a subir. Al cañon sucedió el fusil, y al fusil la arma blanca. Los argentinos — tropas que no peleaban desde hacia tiempo — atacaban con entusiasmo y energia. Los brasileros, fatigados, desmoralizados, combatieron sin avanzar mayormente, desde poco adelante de sus lineas. "Fenomeno curiozo. Curiozissimo! Quando Caxias rezolveu a marcha de flanco, os arjentinos, diminuidos de efetivo pela retirada de tropas para dominar revoluções, *não o puderam acompanhar*, conforme lhe oficiou o general que os comandava. O ezercito brazileiro rompeu o tremedal do Chaco sozinho; sózinho passou o Itororó, esmagou sozinho a rezistencia de Avaí e sozinho subiu as primeiras mezetas das lomas entrincheiradas. Então, galhardamente, o velho marquez mandou convidar os nossos aliados, afim de participarem do triunfo do ultimo dia. Bastou isso para que o lopismo atribuisse o gesto de Caxias ao esgotamento de nossas tropas e para que os arjentinos se atribuissem a si proprios todo o merito da vitoria. Gálvez faz-se éco dessa inverdade. Então, o ezercito vencedor de dezembro de 1868 carecia de ajudantes para acabar a tarefa que até aquele ponto levara por deante gloriozamente? Além de ilojico isso, toda a documentação historica demonstra o contrario.

Outra calunia que empana o brilho do livro é a de que o conde d'Eu, em Perihebuí, mandara incendiar o hospital de sangue dos paraguaios para vingar "la muerte del general Juan Manuel Menna Barreto, asesinado friamente cuando habia cesado el

fuego". Eco das protervias de O' Leary. Foi esse escritor paraguaio quem forjou a fabula, arranjando o testemunho falho de qualquer sobrevivente daquela época. Não ha, porém, o menor documento, a menor prova, do ponto de vista da verdadeira critica historica, que autorize a continuação dessa falsidade. Em outros pontos do livro, o autor claudica algumas vezes. Por coincidencia, todas as em que se deixa levar pelo papa do lopismo. Repetem os dois a parabola do cego guiando a outro cego...

Apezar disso, não regateamos, nós brazileiros, nem podemos regatear aplauzos a este formozo romance do grande prozador arjentino. Não perdemos a esperança de que um dia O' Leary, Fombona, Pereyra façam tambem a sua *amende honorable*...

O BEVERINISMO

O BEVERINISMO

O beverinismo é um sistema arjentino de escrever a historia, pelo ilustre coronel Juan Beverina, ex-professor de historia guerreira na Escola Superior de Guerra e no Collegio Militar do nobre paiz vizinho. O metodo é facil e, á primeira vista, não se percebe o seu parcialismo. Acumulam-se documentos, mapas, quadros, descripções, comentarios, criticas sobre a atuação arjentina. Discretamente se documenta a brazileira, de modo a ir deixando-a numa certa penumbra. Com o pretexto de criticar *tecnicamente* as operações, mostram-se todos os nossos erros verdadeiros ou falsos. Toca-se em um ou outro erro arjentino — para disfarçar. Vai-se escondendo devagar o que fizemos e resaltando o que eles fizeram, e, assim, dentro de algumas pajinas o leitor se convence de que nós não passamos de méros aussiliares. Peor ainda: aussiliares de terceira ordem. Ha um cuidado sutil em nada avançar de propriamente injuriozo contra os brazileiros. De vez em quando, porém, essa atitude constranjida se relaxa e o insulto respinga o livro. Cobre tudo um estilo formozo e uma caiação de tecnica militar excelente.

Porque não ha negar: o autor é inteligente e preparado.

O coronel Beverina publicou em Buenos Aires, nos estabelecimentos graficos de Ferrari, em 1921, quatro volumes de sua obra *La guerra del Paraguay*.. São trez de texto e um de cartografia. Abarcam os acontecimentos desde os preliminares da luta até á passajem do Paraná. O autor anuncia trez novos tomos: do Passo da Patria a Curupaiti. Ignoro si pretende ir adeante. Contando a campanha de Corrientes e Uruguaiana, facilimo lhe foi aplicar o metodo exposto. Até Curupaiti não creio muito dificil essa aplicação. Entretanto, depois, não vejo muitas probabilidades de pratica-la com ezito.

Os ezemplos provarão melhor do que qualquer outra fórma como o coronel Beverina escreve *patrioticamente* a historia. Para vermos até que ponto leva o seu *beverinismo*, abramos o volume dos mapas, esboços e cartas. *Croquis n. 5 — Combate naval del Riachuelo*: o dezenho indica a pozição da esquadra brazileira fundeada deante do Chaco; por uma linha de pontos, sua marcha em busca da frota paraguaia, o encalhe da *Belmonte* na Isla Cabral e a primeira pozição de combate; a esquadra de López em movimento e *en el fundeadero* (sic). E' tudo. Nada sobre a ação e fica parecendo que nem nos aprossimamos dos navios de Meza, *ancorados* sob a proteção das baterias de Bruguez, atirando neles de longe. A unica minucia é o encalhe da *Belmonte*. E' ou não estupendo?

Em verdade, um *croquis* não póde ser uma pelicula cinematografica com uma completa sucessão de imajens; mas, em todos os *croquis* de ações na-

vais ou terrestres, ha as indicações dos principais movimentos. E neste só figuram os que convêm ao autor. A historia não se faz em *croquis* nem pelos *croquis*. Porém eles afetam a vista dos leitores superficiais, muito mais do que a leitura e é isso o que explora o maquiavelismo beverinico.

O *croquis* do Riachuelo, estampado na obra de Beverina é uma imitação do que foi levantado pelo tenente Von Hoonholtz (Barão de Tefé) e gravado pelo major Mallet. Este consta da *Guerra da Triplice Alliança* de Schneider, ed. da Tip. Americana, Rio, 1876, 2º vol. *in fine*. Aí figura a segunda pozição de combate da esquadra brazileira, a mais importante, escamoteada por Beverina.

Croquis n. 7 — *El combate de Yatay* — *Situación en la noche de* 16-17 *de agosto y representación general del terreno*. Vê-se o acampamento paraguaio de Duarte apoiado ao arroio Jataí e sua linha de avançadas; os acampamentos dos aussiliares orientais e correntinos em Paso de los Libres, os bivaques das divizões de cavalaria de Madariaga e Suárez, o da infantaria oriental do bravo Palleja e os do *grueso del ejercito de vanguardia* (Flores). Sómente. No *croquis* n. 8, vem a ordem de batalha das tropas que combateram em Jataí e a segunda faze da ação. Na primeira, os corpos estão indicados por pequenos retangulos divididos tantas vezes quantas companhias os compuham. Treze retangulos indicam as unidades da divizão arjentina de Paunero; outros 13 indicam as orientais de Flores; e trez sómente, as da 12ª brigada brazileira do tenente-coronel Coelho Kelly. E' precizo observar o mapa e refletir, para notar a fé punica. Dos 13 retangulos arjentinos um

não tem designação de corpo. Está ali para fazer numero. Dos 13 uruguaios, sete não têm a menor dezignação. Bastariam, portanto, dois deles para dezignar as cavalarias de Suárez e Castro. Si essas divizões eram compostas de quatro rejimentos, por que não indica-los ? E' uma figura sem a indicação ezata. Lê-se: *Bat. Voluntarios Garibaldinos* (coronel Fidelis). E' um batalhão brazileiro, o 16º de voluntarios organizado em Montevidéu, composto de estranjeiros, italianos na maioria, mas com farda, numeração, bandeira brazileira, soldo pago pelo Brazil, oficiais brazileiros e comandado pelo nosso patricio Fidelis Pais. Acazo a Legião Estranjeira não pertençe ao ezercito francez? Além disso, os batalhões de infantaria arjentina tinham efetivos reduzidos. A soma de suas companhias, de acôrdo com o *croquis,* dá 44. A dos uruguaios, por identico motivo, dá 22. A brigada brazileira, composta de trez batalhões — 5º e 7º de linha, e 3º de voluntarios, somava 24 companhias. E' verdade que nossos efetivos em Jataí eram menores, mas não tão desproporcionais, como o mapa faz parecer ao primeiro olhar.

A unica desculpa para o que aqui se expõe seria que a tropa imperial estivesse embrulhada no *grosso do ezercito de vanguarda.* E', todavia, uma desculpa de cabo de esquadra...

No *dispozitivo do inicio do ataque,* de todos os retangulos designativos de tropas partem setas, indicando seus movimentos na ação. Dos da brigada brazileira não sai nada. Segundo esse esboço, nós não nos mexemos do lugar.

Objetar-se-á talvez que o esboço reprezenta só o inicio do ataque. Essa subtileza é que constitue o

puro beverinismo. Foi justamente essa faze que conveiu esboçar. Por que não o dezenvolvimento completo do ataque?

O *croquis* n. 9 — *El combate de Yatay — Segunda fase* — completa e corôa a obra. A brigada brazileira de Coelho Kelly, trez solidos batalhões de oito companhias, dezapareceu *misteriosamente* dentro da indicação geral *ataque del general Paunero,* como já se sumira sob a rubrica *Grueso*...

Croquis n. 10 — Uruguaiana. Uma chave indica as tropas. Os orientais estão reduzidos a quatro numeros: batalhões Florida, 24 de abril, Libertad e artilharia. A chave dos arjentinos, pouco mais de trez mil homens, iguala quazi a dos brazileiros — mais de 13 mil! Estendidos em linha, 14 batalhões, cujos efetivos, no entanto, mal iam, ás vezes, além de 200 homens. Na chave brazileira, incluindo os garibaldinos, já batizados como 16º de voluntarios, um retangulo traz esta designação: *cuerpos provisorios de caballeria*. E' de admirar, pois sei que a ciencia militar infuza do Sr. Beverina manda que "cada unidad tactica (batallón, regimiento, etc.) sea indicada en un *croquis* con un signo convencional, generalmente un retangulo ó cuadrado". Essa lição elle me deu, acrecentando que no seu paiz *hasta el simple soldado* sabe isso. E elle não pratica!!!

Pois bem, eram 26 e, si fossem postos com numeros cada um, deixariam a chave arjentina do *croquis* de tamanho ridiculo ante a dos nossos soldados, o que não convinha... Melhor do que esse *croquis* já ezistia, publicada na edição de 1876 de Schneider, a planta de Uruguaiana e das pozições dos aliados, feita pelo enjenheiro Grivet.

Infelizmente, sou obrigado a decer a essas minuncias, porém são elas que produzem, depois, efeito. Pequeninas, imperceptiveis, verdadeiros microbios, vão lentamente minando a verdade historica e expondo o nosso paiz a calunias atrozes. Sem duvida, a critica duma obra, de certos pontos de vista notavel, como a de Beverina, não poderá ser feita assim. Nem o pretendo. Meu fim é mostrar, com ezemplos flagrantes, certos processos do beverinismo. Nada mais.

Tudo o que Mitre faz é de arromba. O que fazemos merece reparos. A' pajina 365 do 2º volume, o autor exclama: "Que pretende obtener ahora el general Mitre con la designación de Concordia como punto de reunión de las fuerzas argentinas?" E leva legua e meia a explicar *tecnicamente* a ciencia de D. Bartolomeu e os porquês *tecnicos* dessa escolha. Engraçadissimo!! Mais engraçado, sinão profundamente ridiculo, é este pedacinho, á pajina 386 do mesmo volume: "Con razón sobrada no deja de calcular el comandante en jefe que la visión confortante (*sic*) de los batallones de Buenos Aires, numerosos y bien equipados, no dejára de influir favorablemente en las decisiones del general Osorio, de pasar con sus tropas — en gran parte bisoñas — al territorio argentino, por la attracción que siempre ejercen en los más débiles (*sic!*) la presencia de un poder más solido y eficaz, aún cuando de menor entidad numerica".

E' o cumulo! Mas curemos a dentada do critico com o pêlo do proprio critico. Os quatro batalhões de Buenos Aires, "nucleo principal de los contingentes de la Guardia Nacional argentina" (vol. 2º, pajs. 383 e 384), não eram tropas veteranas e nem podiam ser.

Além desses, concentraram-se mais em Concordia pajs. 384, etc.) os batalhões da Guarda Nacional de Santa Fé, os *blandengues de Belgrano*, Guarda Nacional de Santa Fé tambem, a *rezerva* da Guarda Nacional de Buenos Aires, as Guardas Nacionais de San Juan, Córdoba, San Luiz, e mais, do ezercito de linha, o rejimento Lavalle e um esquadrão do San Martin (paj. 389).

Pois bem, para contrabalançar esse *poder más sólido y eficaz,* Ozorio trazia (idem, pajs. 419 e 420) 13 brigadas e um batalhão de enjenheiros. Dessas brigadas, além de dezoito corpos de voluntarios e guardas nacionais gaúchos, constavam vinte e um batalhões de linha: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14 e 15 de infantaria; 2, 3, 4 e 5 de cavalaria; 1 de artilharia a cavalo, 1 e 3 de artilharia a pé. A metade quazi dessas unidades *bisoñas* e *débiles* era composta de velhos soldados que tinham feito a campanha do Uruguai, em 1864, e muitos mesmo a campanha contra Rozas. Mas que poderiam valer esses pobres coitados ante *el poder* da Guarda Nacional de Buenos Aires?!

O ezercito arjentino nessa época tinha tal *poder* que o proprio Beverina escreve á paj. 184 do mesmo volume: "Tropezando con la falta de armamento, el coronel Reguera pedia al comandante de las milicias de Rio Grande do Sul, general David Canabarro, que le proporcionara algunas armas". Que *poder!*

Em setembro de 1865, Emilio Mitre escrevia a Marcos Paz: "las sublevaciones están a la orden del dia". Sublevaram-se as guardas nacionais de Cordoba e Santa Fé, o contingente de San Juan e uma escolta do 4º de cavalaria de linha. O vice-prezidente

Paz, dizia que pedir soldados ao paiz era o mesmo que pedir *peras al olmo* e que o patriotismo arjentino era um *conto tártaro*. Que *poder !* !

Narrando a passajem de Cuevas, Beverina chama a frota que a realizou: *escuadra aliada* (vol. 3°, paj. 152). Sabem por que não foi *escuadra brasilera ?* Porque vinha com ela o *Guardia Nacional!* E faz notar que os nossos navios passaram a todo vapor, emquanto que o arjentino passou a *un cuarto de vapor*. Na mesma pajina, diz que a *Amazonia* recebeu no casco 40 balas, a *Ipiranga*, a *Itajaí* e a *Majé* mais de 30 cada uma, e sómente 27 atingiram o heroico *Guardia Nacional*. Que quarto de vapor foi esse que o livrou mais das balas do que a velocidade brazileira?

Pajina 165 do 3° volume: refere-se á invazão paraguaia no Rio Grande do Sul: "Los generales brasilenos en su acción — o más bien, *inacción* — contra el invasor..." Esqueceu-se de ter escrito anteriormente, na pajina 155: "...su actitud *mantenia a los invasores en una tensión permanente*". Em que ficamos?

Curioza inação a que mantém o inimigo em tensão permanente! Até parece brincadeira do coronel, sinão falta de bom senso...

Aliáz, a atuação de Canabarro é ponto que foi discutidissimo no Brazil. Nessa discussão, tomaram parte homens eminentes e o general saiu-se airozamente. Nabuco, estudando as censuras e as defezas, dentro e fóra do Parlamento, a propozito, destacando-se entre as primeiras a do deputado Pinheiro Machado e entre as segundas as de Teofilo Otoni e Paranhos, justifica o chefe gaúcho. Com os poucos e

fracionados elementos de que dispunha, não podia fazer mais do que fez. E o proprio ministro da guerra Ferraz, que o mandou submeter a conselho de guerra, declarou que não censurava sua tatica e sim não ter hostilizado mais o inimigo. Si tivesse feito isso vigorozamente, os paraguaios não se teriam afastado tanto de seu territorio e quanto mais lonje mais fracos e expostos a uma perda completa, como aconteceu.

Pajina 181: "El *plan de ataque de Uruguayana* preparado por el general Mitre..." Pajina 183: "El plan de ataque está determinado por los tres jefes superiores", cita de Palleja. Os tres chefes são Porto Alegre, Flores e Paunero. Em que ficamos?

Anotando Thompson atravéz de Schneider, Rio Branco acha infinita graça em todos esses planos de Mitre, que nunca apareceram...

A' pajina 201, Beverina não se peja, nem lhe treme a mão escrevendo isto:: "...la poca premura del Brasil en augmentar sus fuerzas militares, por lo menos hasta igualar los efetivos reunidos por la Republica Argentina."

Tendo criticado duramente o almirante Barrozo por dizer que do ponto, onde se achava com a esquadra, não podia ver o movimento dos barcos paraguaios que faziam transpôr o rio ás tropas invazoras de Corrientes, justifica á pajina 367 os chefes arjentinos em Pehuajó: "pués el espeso monte de la costa habia ocultado la operación", isto é, o dezembarque dos paraguaios que lhes deram uma cóça, quazi liquidando o tal *poder* da famoza Guarda Nacional de Buenos Aires... Cóça que foi reputada na Arjentina, segundo O'Leary e outros, um "descalabro nacional"...

Ha um momento em que o arjentinismo supera as sutilezas florentinas do beverinismo. Pajina 541 do mesmo volume 3º: o tenente-coronel Kelly, na sua parte a Ozorio sobre Jataí, elojia um oficial que fez reunir os retardatarios a seus corpos. Diz Beverina, em nota: "Parece que la disenteria se habia propagado en la XII brigada brasileña en una forma tan alarmante que, cada vez que se iniciaba la marcha, quedaba detrás de las tropas una fila interminable de rezagados. Tal vez haya podido reproducirse este mismo fenómeno el dia del combate de Yatay, lo cual explicaria tambien la actividad del mayor Silva en reunir a los rezagados en forma tan encomiable, de merecer los honores de la citación en el parte oficial..."

Como é que um coronel do ezercito arjentino não se peja de fazer uma mera supozição dessas numa nota disfarçada em letra miuda (*talvez haya podido reproducirse este mismo fenomeno*) contra os soldados dum paiz aliado e amigo, que combatiam sob o mesmo chefe e pela mesma cauza ? Essa pseudo ironia beverinica não insulta aos brazileiros de hontem nem aos de hoje. Ela suja aquele mesmo que a pronuncia e que esquece, por um pequenino partidarismo, o seu dever militar e comete um ato indigno de seus galões.

Beverina é uzeiro e vezeiro nesse sistema. No seu trabalho *El general José Maria Paz* silencia sobre o combate de Caraguatá, no qual fôram derrotadas as forças desse general de tal modo que sua empreza contra nossas fronteiras completamente se malogrou, na opinião do tenente-coronel Amadeu Baldrich; e tem a corajem de escrever que aquele

chefe nada pôde fazer por têrem sido reforçados os imperiais com uma *divizão*, a de Bento Gonçalves. Entretanto, isso é uma impudente falsidade. As cavalarias da *brigada* brazileira de Oliverio Ortiz esmagaram em Caraguatá as avançadas de Paz, comandadas por Claudio Verdum. A derrota foi tal que o general retirou, renunciando aos seus planos. Havia na fronteira a *brigada* brazileira de Bento Gonçalves, mas esta não se reuniu áquela sinão muito posteriormente. A primeira tinha um efetivo de 700 homens; a segunda, de 800. O general Paz trazia 1.150 combatentes. Mesmo a junção das duas brigadas não lhe devia cauzar esse terror que o obrigou a sair á franceza. Os espanhois confinantes são tão reconhecidamente valentes que 1.150 deles devem bastar para bater 1.500 dos nossos. Baldrich, embora com subterfujios e conversas fiadas, confessa a derrota de Caraguatá e o malogro da expedição de Paz. Beverina não diz uma palavra sobre o combate e arranja uma *divizão* brazileira de reforço para explicar o fracasso do seu herói. E' o eterno processo de que lança mão. E, pegado em flagrante delito, esperneia...

A documentação historica sobre o combate de Caraguatá, escamoteado por Beverina, demonstra que o inimigo salvou apenas 30 homens. Para Baldrich, a retirada se fez em ordem. Para Beverina, não houve a luta... Silencio sobre ela... Otimo processo.

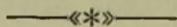
Onde quer que meta o bedelho, com toda a sua prozapia de ciencia militar, o coronel Beverina procede da mesma fórma. A seu respeito, amavelmente, escreveu o ilustrado coronel Souza Doca esta apos-

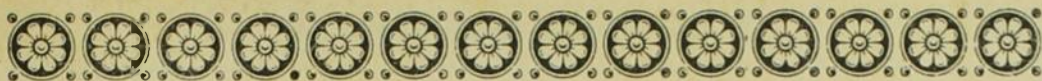
tila nos *Anais* do marechal Lima e Silva, referindo-se ao famozo combate do Herval: "O tenente-coronel Calderon, depois de entregar os prizioneiros de Serro Largo em Pelotas, procurou incorporar-se á 2ª Brigada Lijeira a que pertencia seu rejimento (*o 39 de milicias*). O coronel Lavalle, á frente de cerca de 900 homens, saiu ao encontro do chefe imperial, afim de evitar aquela junção. Consignamos esse efetivo para o chefe arjentino, visto que do Boletim de Alvear n. 10 consta que Lavalle fez essa expedição á frente dos rejimentos 4 e 16, e esses corpos, em 22 de abril, segundo mapa oficial, tinham, respetivamente, 434 e 457 homens. No dia 25, as avançadas de ambas as forças se chocaram nas prossimidades da estancia de Oliveira, na coxilha das Pedras Altas. O chefe arjentino evitou combate geral e operou em retirada, combatendo. Assim procedeu, a despeito da superioridade numerica de sua força, certamente por se achar com a cavalhada em pessimo estado. Os imperiais perseguiram os republicanos até o passo dos Carros, no Candiota. Lavalle, ao atravessar a coxilha de Pedras Altas, foi atinjido em um dos joelhos por uma bala. Ficaram tambem feridos o capitão Maciel, o tenente Anzeatégui, um sarjento e quatro soldados. A força brazileira, que constava de 400 homens (o rejimento de 2ª linha n. 39 e alguns civis que se lhe reuniram), nada sofreu. O coronel Beverina, esclarecendo (?) a *Exposición* de Alvear, que se refere simplesmente á vitoria de Yerbal, afirma que o combate foi sustentado "pelo general Lavalle contra uma divizão (?) de cavalaria inimiga ás ordens de Calderon e Juca Teodoro, sendo derrotados os imperiais." Contra

uma divizão de cavalaria, não; contra um simples rejimento de milicias engrossado por alguns paizanos, sim! Para corroborar sua afirmativa, acrecenta o erudito historiador arjentino que a *divizão* brazileira tinha como chefes Calderon e Juca Teodoro. E' um deslize estranhavel em escritor que merece respeito e simpatia, porque, si não é impecavel, procura ser o menos parcial possivel ou tanto quanto lhe permite seu espirito, não de todo emancipado dos sentimentos nacionalistas, que por vezes ainda se sobrepõem á conciencia do historiador. Não ignorava, não podia ignorar o ilustre escritor que Juca Teodoro era, então, um simples tenente e que comandava uma pequena guarda avançada que fazia a vanguarda do rejimento de Calderon. E' verdade que esse temivel guerrilheiro era o duende do inimigo. Tal era o seu valor que, quando caiu prizioneiro em 1828, foi isso tido e celebrado como uma grande vitoria. Lavalleja, então comandante em chefe dos platinos, disse em carta de 31 de janeiro a Trapani: "A 23 foi feito prizioneiro o famozo Juca Teodoro que tantos máus tratos deu ao general Alvear na campanha anterior." O *Boletim* do Ezercito Arjentino assim noticiou a prizão do formidavel guerrilheiro: "O ezercito conseguiu uma vantajem com a prizão deste oficial. Era o mais a propozito para qualquer golpe de mão e sua grande pratica e conhecimento do terreno por onde o ezercito tem caminhado e pelas parajens por onde provavelmente se póde levar a guerra, o faziam muito perigozo. Na campanha passada, sempre infatigavel, estava ora nos flancos, ora na retaguarda do ezercito, apoderando-se de todos os que se separavam ou ficavam

atraz. Era o unico oficial que estava sempre descobrindo a nossa pozição ou nossas avançadas." (*)

Aqui termina a nota de Souza Doca e eu pergunto ao leitor que idéa faz do sr. Beverina como cultor da historia ? Desses *deslizes estranhaveis* vive o coronel arjentino. A sua historia não é feita de outro material. E as luvas de pelica do nosso comentador amarrotaram-no melhor do que as de um pujilista...

—«*»—

(*) Informa-me o sr. Celso Schröder, de S. Gabriel, dedicado cultor de nossa historia, que, em 1929, a 21 de maio, o sr. M. da Costa Medeiros publicou, no *Correio do Sul*, de Bajé, interessante trabalho sobre o temivel guerrilheiro, cujo verdadeiro nome era José Teodoro Braga. Filho do mestre-escola José da Silva Braga, naceu em Mostardas, municipio de S. José do Norte, entre 1790 e 1795. Recebeu o batismo de fogo na campanha de 1811. Foi assassinado a 10 de setembro de 1835.

CRITICAS E CRITICOS

HISTORIA FALSIFICADA

Os meus livros de contos e epizodios sobre as campanhas vitoriozas de nossas armas nas fronteiras do sul, embora não tenham a pretenção de ser mais do que a sinjela narração do que ficou na memoria do nosso povo, no nosso folclore militar, são minuciozamente documentados. Na *Guerra do Lopez*, na *Guerra do Vidéu*, na *Guerra do Rozas*, na *Guerra de Artigas*, como na *Guerra do Flores*, não avanço um conceito, não faço uma descrição sem estar na posse de elementos seguros de prova historica do que escrevo. Certo do meu escrupulo nesse ponto, a minha conciencia não me acuza de nenhuma invenção ou falsidade. Daí o meu espanto ao ler em *La Mañana* de Montevidéu, no seu numero de 9 de junho de 1929, um longo e pouco amavel artigo do dr. Fernandez Saldaña sob os titulos *Leandro Gómez y Goyo Suárez* e *Historia Falsificada*.

O referido senhor, que — seja dito de passajem — ignoro absolutamente quem seja, afirma em rezumo o seguinte sobre a *Guerra do Flores*: as narrações do livro são interessantes, porém cheias de inezatidões historicas sem medida, o autor é um

escritor *indocumentado,* e os relatos não passam de verdadeiros contos, no sentido comum dessa palavra. Analiza, depois disso, as minhas afirmações em derredor do epizodio de Paisandú. Vejamos essa analize.

Como eu tenha dito que, durante a tomada da heroica cidade, Leandro Gómez fôra feito prizioneiro pelos nossos soldados na ocazião em que pretendia fujir de barba raspada e com o uniforme da gente de Flores, assegura que nisso não ha sombra de verdade: "Ni Leandro Gómez se desfiguró, afeitandose el rostro para huir, ni se disfrazó con uniforme de oficial colorado". Como neto do coronel Saldaña, que teve a gloria de ser o derradeiro parlamentario de Leandro Gómez enviado a Flores, o articulista uruguaio protesta contra a minha asserção: o chefe de Paisandú, ao ser fuzilado, conservava sua pêra carateristica, que foi cortada por um uruguaio, de maneira que as testemunhas de vista viram o cadaver sem barba, porém sentindo que ela fôra cortada e não raspada. O proprio senhor Saldaña viu nas mãos do filho de Leandro Gómez uma méxa desse cavanhaque historico. E termina por garantir que o chefe de Paisandú não podia vestir um uniforme *colorado,* porque nesse momento as tropas se distinguiam unicamente pelas divizas.

Não valia a pena o estardalhaço do sr. Fernandez Saldaña em torno de tais nugas. Juro que as barbas de Leandro Gómez não me interessam muito. Entretanto, vou demonstrar ao articulista uruguaio que não me faltam documentos onde me estribar para não mudar uma unica linha do que escrevi.

No conhecidissimo livro de Theodore Fix *La Guerre du Paraguay*, á pajina 38 da edição Tanera de 1870, se lê o seguinte sobre Leandro Gómez em Paisandú: "Lorsqu'il avait vu que la place ne pouvait plus tenir, il s'était rasé la barbe (*sic*) et avait revêtu l'uniforme d'un officier de Florés; c'est dans cet état qu'il fut pris dans une maison par les soldats brésiliens." Schneider rejista a mesma versão, com pequena diversidade de pormenores: "... seu dezanimo só se manifestou pelo ato de mandar raspar a barba e trocar a farda de coronel oriental pela de cavalheiro gaúcho. Escondeu-se numa caza..." (Ed. de 1876, vol. I, paj. 52). Eu não invento nada naquilo que escrevo sobre as nossas guerras estranjeiras. Posso, em torno duma tradição popular ou duma anedota guardada na memoria dos veteranos, tecer um epizodio, porém todos os elementos da fabulação são realmente historicos e profuzamente documentados. Assim, vê o meu critico onde fui buscar o Leandro Gómez de cara raspada, preparando-se para a fuga com o uniforme da gente de Flôres, que o fez exclamar: "Existió acaso un uniforme entre los oficiales del general Flores ?"

Mais adeante, escreve: "Gustavo Barrozo, pormenorizando su narración, llega en el articulo *A historia de Goyo Suárez* a decir efetivamente que Leandro Gómez hizo quemar viva a la madre de Suárez, dentro de un rancho. Esto no habia llegado a decirse jamás ni en serio ni en broma, entre historiadores y lo tengo por una calumnia atroz." Si o sr. Saldaña não conhece as fontes em que fui buscar essa narrativa, a culpa não é minha. E, ademais, é ísso de admirar, pois elas são uruguaias.

Repito: não invento nada. Vou prova-lo, de maneira a ficar o leitor convencido que, si o caso é de *calumnia atroz,* não sou eu o caluniador.

Abra o livro de Romulo F. Rossi *Epizodios historicos — Bombardeo y tomada de Paysandú — Cruzada libertadora,* edição de Peña Hermanos, Montevidéu, 1923. Nas pajinas 33 e 34, lerá este depoimento pessoal de D. Pablo Dugrós, pratico da esquadra brazileira no Prata, coparticipante da trajedia de Paisandú: "Flores se indignó, reprochando al coronel Suárez su conducta.

— Como ! interrumpió Tamandaré, sin forma de proceso ! ! !

— Si, señor almirante. El general Gómez habia consentido que con mi madre y mis hermanas, hace siete años, se cometieran actos reprochables. Tenia hondos agravios que vengar."

O pratico Etchebarne, que era um verdadeiro herói, tambem testemunhou a mesma couza.

Nas pajinas 154 e 155, fala a propozito do assunto o general uruguaio D. Zenón de Tezanos, que foi alferes em Paisandú:

"— Que motivos tuvo Suárez para ordenar el fuzilamiento de los prisioneros ?

— Segun lo dijo a Flores y a Tamandaré, cuando estos lo interrogaron sobre el particular al propio Suárez, fué porque tenia hondisimos agravios que vengar. Parece que años antes, cuando Quinteros, los blancos habian cometido un acto de inhumanidad con su señora madre, hecho que jamás aquel olvidó."

Na pajina 184, a viuva de Goyo Suárez, Dona Carolina Umpierrez de Suárez, declara ter ouvido

de seu marido estas palavras textuaes: "A mi familia, sindicada de *salvaje*, siempre la persiguieron los blancos y la hicieron victima en distinctas ocasiones de castigos corporales, de ultrajes y del despojo de sus bienes. Pero el colmo de la inhumanidad llegó cuando a mi madre, después de haberla atado con maneadores en el horcón del rancho en donde vivia, le prendieron fuego a este para que muriera quemada... Desde ese dia, juré ser rigidamente severo en las guerras con mis contrarios, cuando recogia los restos de mi pobre vieja en el hogar de la tragedia (Polanco del Rio Negro), en cuya tarea me ayudô mi fiel asistente Manuel Santa Bárbara."

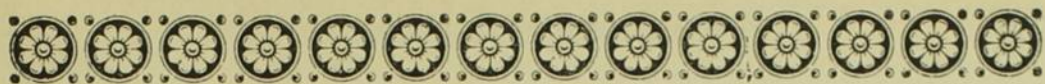
Nas pajinas da *Guerra do Flores* nada ha inventado. Até o nome do companheiro de Goyo Suárez no epizodio incriminado é o que aí figura. Os depoimentos de Tezanos e Dugrós confirmam o da viuva quanto á ezistencia dum crime que o chefe *colorado* quiz vingar. O de Dona Carolina esclarece a trajedia com palavras do proprio Suárez. Que melhores documentos de procedencia uruguaia poderia ter um escritor brazileiro para tratar o assunto ? Declarar categoricamente o sr. Saldaña que tal *calumnia* jámais fôra escrita nem a sério nem por pilheria é que é uma demonstração em publico de ignorancia do que no seu proprio paiz se tem publicado sobre a materia.

Por ultimo, o articulista de *La Mañana* increpa de inveridico o epizodio *A homenagem do Coquimbo*. Leia com atenção o livro uruguaio citado e nele encontrará todos os elementos do raconto. Não vale a pena fazer novas citações que enfadariam o leitor.

Ora, tendo unicamente anotado essas pseudo incorreções, filhas de seu apressado julgamento da obra, o sr. Fernandez Saldaña conclue com estas gentis palavras, que provam quanto sabe ser delicado com as pessoas que lhe não pediram conselho á sapiencia sobre a historia dos conflitos uruguaios-brazileiros: "Todo por el estilo, en este libro, en materia de verdad, con el agravante de que muchas falsidades asi se van al extranjero en puro daño nuestro..."

Muito obrigado! Creio ter destruido completamente a leviana asserção do sr. Fernandez — de que sou *indocumentado.* E ele, como qualquer pessoa de mediano bom senso, ha de fazer-me a justiça de compreender que eu tenha preferido e que prefira as opiniões de Theodore Fix, máu grado os erros que comete em varios pontos, de Schneider, de D. Pablo Dugrós, e do general Tezanos, personajens dos acontecimentos de Paisandú, e da propria viuva de Goyo Suárez, aos seus conceitos e ás suas idéas, embora ele seja neto do ultimo parlamentario de Leandro Gómez...

Para terminar, ofereço ao delicado critico uruguaio esta definição do titulo de seu artigo: historia falsificada é toda aquela que não agrada ao nosso ponto de vista patriotico. Felizmente, nós brazileiros não precizamos de falsificações historicas, porque a verdade historica nunca nos fez vergonha nem medo...

——«*»——

A CONVENÇÃO PRELIMINAR DE PAZ DE 1828

Tudo quanto diz respeito á famoza questão da Cisplatina, de que rezultou, independente, a atual Republica do Uruguai, vivamente interessa os espiritos brazileiros, sobretudo aqueles que amam de verdade seu paiz e, homens do prezente, se sentem solidarios com os homens do passado, seus maiores.

Em virtude de antagonismos raciais e de graves interesses contrariados, uma das partes na contenda teve sempre necessidade de turvar as aguas claras da historia, afim de que o Brazil aparecesse nesse periodo como imperialista, como militarmente vencido e como humilhado por ostensiva intervenção ingleza. *Calomniez, calomniez* — aconselha a perversidade — *il en restera toujours quelque chose*. Com efeito, essas calunias á força de repetidas do outro lado do Prata, chegaram ao ponto de achar guarida entre nós. E, infelizmente, temos tido brazileiros que se não pejam de falar na suposta *corrida para o Prata,* atribuida ao Imperio, de assegurar a nossa derrota na ação absolutamente indeciza e sem

consequencia do Passo do Rozario e em mostrar o espantalho de lord Ponsomby nas negociações da paz.

Tudo isto é integralmente falso. A verdade historica é outra, embora o juizo de muitos dos nossos historiadores, que os arjentinos citam com imenso gaudio. Em 1877, estudando a figura de D. Pedro I, o nosso patricio Luiz Francisco da Veiga disse:

"O levante da provincia Cisplatina contra o prepotente jugo do Brazil, reprezentado pela pessôa do primeiro imperador, foi, além de justa, irrezistivel necessidade para aqueles povos. Foi uma guerra santa, como a guerra brazileira de 1822."

E' de ver como se baba de gozo Carlos Corrêa Luna, transcrevendo esse trecho no seu livro *La campaña del Brasil y la batalla de Ituzaingó*.

No manifesto "Al pueblo de la Republica", em 1928, assinado por notaveis individualidades arjentinas, ha este pedacinho, logo no inicio:

"El 20 de febrero commemoramos el centenario de la batalla de Ituzaingó, la primera que libró nuestra patria constituida en nación independiente, contra el enemigo comun de toda la America republicana: el imperialismo brasileño sostenido por fuertes contingentes austriacos ? !"

Vêde o pseudo imperialismo brazileiro aí convertido em inimigo comum de *toda a America*, e o 27° batalhão de caçadores (500 homens), com o esquadrão de lanceiros alemães, unicas tropas mercenarias que fizeram a campanha do Sul (1), trans-

---

(1) Von Leenhof, testemunha ocular da guerra, no seu livro, paj. 213, não se refere a outras tropas estranjeiras. E não houve.

formados por artes de berliques e berloques em "fuertes contingentes austriacos". E a couza subirá de ponto quando o leitor souber que, no Muzeu Historico de Buenos Aires, figura um quadro a oleo, de Ituzaingó, em que a cavalaria arjentina carrega os quadrados brazileiros, constituidos de soldados com o capacete pontudo prussiano... Em 1827 ! E' o cumulo ! Haverá possibilidades de maiores mentiras historicas do que essas ?

Poderiamos dizer a mesma couza da Arjentina, pois no seu ezercito militavam os lanceiros alemães do barão Heine (C. Luna, *op. cit.*, pag. 63).

O enganozo Vicente Fidel Lopez qualifica nossas tropas em Ituzaingó — *ejercito austro-brasilero* e afirma que nele havia 3.600 austriacos comandados pelo general Braün e enviados pelo imperador d'Austria a seu genro, Pedro I. Isto se lê no *Manual de historia arjentina,* paj. 397. Julio Maria Sosa segue-lhe os passos no *Lavalleja y Oribe,* paj. 134: a cavalaria platina, em Ituzaingó, rompeu os "quadrados de aço da infantaria alemã"... Ha mais. E para todos os gostos. Refere-se Mariano A. Pelliza, em *El argentino,* á *divizão* de tropas mercenarias de Brown. José Coroleu e Ingalda, na obra *America — Historia de su colonización, dominación e independencia,* declara calmamente que o imperador d'Austria reforçou com 5.000 homens o ezercito de Barbacena. Onde bebeu o historiador espanhol tão mentirozos informes ? Sem duvida, nas fontes do Prata. Para Julian A. Miranda, nos *Apuntes sobre historia de la republica oriental del Uruguay* o ezercito brazilero compunha-se das melhores tropas do imperio e de corpos escolhidos

alemães, recrutados na Europa. Segundo Pablo Blanco Acevedo, na *Historia de la Republica Oriental del Uruguay* a infantaria do nosso ezercito era alemã e os 68 lanceiros tudescos que a nosso serviço estiveram na batalha são, por artes de berliques e berloques, transformados em terriveis couraceiros, sendo necessario, para batê-los, as divizões de Olazábal, Alegre e Leonardo Olivera ! ! ! H. D. no *Ensayo de historia patria* (ed. de 1901) conta que Barbacena se incorporou ao marechal austriaco Braün que comandava 3.000 infantes de sua nacionalidade, tropa com que "el emperador de Austria auxiliaba á sua yerno, el del Brasil."

A verdade historica mil vezes documentada ri dessas fanfarronadas, desses quixotismos e dessas tolices. Os nossos mercenarios, no Passo do Rozario, como provado está á saciedade, eram 573: 505 do 27° batalhão de caçadores e 68 do esquadrão de lanceiros imperiais. Como se fiar, pois, em certos nomes resoantes de historiadores platinos que cometem erros palmares, dão curso a boatos absurdos e repetem, concientemente, inverdades manifestas ?

Sabe-se no Brazil que a maior parte da infantaria no pequeno ezercito arjentino durante a campanha do Paraguai (VON VERSEN — *Reisen in Amerika und der südamerische Krieg,* pajs. 122-123; BURTON — *The battlefields of Paraguay,* pajs. 323-324; SCHNEIDER — *A guerra da Triplice Aliança,* 3° volume, paj. 215, apostila de Rio Branco; e nota do triunvirato correntino a López sobre o combate de 25 de maio de 1865) era composta de "enganchados francezes, italianos y suisos", de "personal de todas nacionalidades." Entretanto, nenhum historiador bra-

zileiro nunca se referiu ao ezercito arjentino aussiliado por fortes continjentes estranjeiros... Na campanha contra Rozas, num ezercito de 20 mil homens, tivemos o rejimento de artilharia do major Von Held, um batalhão de infantaria e duas companhias de pontoneiros compostas de alemães e austriacos. Poder-se-ia chamar a isso fortes continjentes ? E Rozas não fez os maiores esforços para engajar na Europa sete mil sicilianos ? Eram comuns no seculo passado os mercenarios nos ezercitos da America do Sul. Entre nós, eles fôram empregados, mas com "manifesta aversão das nossas altas patentes", segundo expõe Alfredo de Carvalho no seu prefacio á obra de Siber — *Ruckblick auf den Krieg gegen Rosas*. Caxias tinha por eles — assegura o proprio Siber — "a mais determinada indiferença."

Em Ituzaingó, o unico batalhão alemão, o 27º de caçadores, foi comandado por um brazileiro, o major Luiz Manoel de Jezus. Todavia, sem a menor documentação historica, os arjentinos proseguem na calunia, de tal modo que Ramos Mejia escreve no *Rosas y su tiempo*, vol. III, paj. 211: "La masa de infantes del ejercito imperial... en su mayor parte europeos."

Quanto ao valor de Ituzaingó, batalha nula, sómente os apaixonados do arjentinismo poderão contar lôas triunfais. Corrêa Luna tem a corajem de exclamar: "Sin disputa, la batalla de Ituzaingó fué la ultima librada por la independencia de America." Quixotismo ! O tenente-coronel Baldrich, arjentino, na sua *Historia de la guerra del Brasil*, reconhece varias vezes a inutilidade de Ituzaingó, apezar de considera-la "triunfo gloriozo". Pajina 56:

"En la anarquia argentina... inutilizando el triunfo glorioso de Ituzaingó, en el teatro de la guerra (*sic*) y en el campo de la politica internacional de la época, con la pérdida definitiva de la provincia de Montevidéo". Pajina 70: "Asi la guerra con el Imperio nos fué fatal por varios modos". Pajina 111: "... con hondo dano nuestro..." Que importa, pois, penas nossas esgrimam arjentinamente, máu grado suas responsabilidades militares, mesmo em favor da teze arjentina da grande vitoria ? O Brazil do futuro saberá maldizer os que faltaram aos seus deveres de brazileiros por amor a lendas e não a verdades.

A Arjentina estava liquidada com a guerra e ansiava loucamente pela paz. Narra D. Manuel Puerreydon que teve uma entrevista com o governador Dorrego, quando Rivera invadiu as Missões, e que este textualmente lhe dissera: "Necesitamos la paz ! la paz ! la paz ! No podemos continuar la guerra. Rivadavia ha dejado el pais en esqueleto, exhausto totalmente el tesoro. En el Parque no hay una bala que tirar a la escuadra enemiga. Hago esfuerzos inauditos para montar la fundicion, no hay un fusil ni un grano de polvora, ni con que comprarla..." (*Ecritos historicos,* pajs. 179-180).

O que realmente se passou na aurora da nossa nacionalidade em relação á questão da Cisplatina está contido neste veridico rezumo: o Brazil intervém na Banda Oriental: primeiro, para sustentar a autoridade espanhola local; depois, para expulsar Artigas, solicitado pela Arjentina, que lhe entrega a provincia, preferindo vê-la nas suas mãos do que nas do caudilho revél.

A Arjentina fomenta e aussilia, mais tarde, a sublevação oriental e força o Brazil a declarar-lhe guerra, obriga-o a isso (opinião de Baldrich, pajinas 110 e 111): "... el Brasil ni buscaba ni queria la guerra..." O primeiro Imperador sente-se em dificuldades na campanha, devido á "sestrosa megéra" da politica partidaria que conta "entre os males com que nos tem aflijido e rebaixado a campanha impatriotica contra o governo imperial em luta contra a Arjentina".

A batalha do Passo do Rozario é uma ação indeciza, depois da qual, assegura ainda uma vez Baldrich: "la impotencia presidencial era completa para imponer la paz por las armas al Imperio..." Ituzaingó esgotara a Republica. E, na paz por que Dorrego anciava aos brados, foi o governo imperial quem estabeleceu como baze a independencia da Cisplatina, integral, absoluta, emquanto as propostas arjentinas sómente a dezejavam temporaria e condicional. A intervenção ingleza verificou-se em "pourpalers" ao começo, mas não influiu absolutamente nas decizões do Brazil. Quando lord Ponsomby chegou ao Rio de Janeiro, já estava tudo realizado e os plenipotenciarios de Buenos Aires unicamente o consultaram, no final, em mera questão de pormenores. Desde sua primeira ação, que os ministros do Exterior do Brazil, Aracati e Inhambupe, o tinham posto no seu lugar, respondendo-lhe de igual para igual, repelindo-lhe os menores excessos e dando provas de uma altivez e de uma nobreza que fazem honra ao nosso paiz.

Sobre as rezoluções que motivaram a assinatura da convenção de paz de 1828, não teve o menor

efeito a celebre incursão de Rivera nas Missões. Essa expedição foi um ato de banditismo que os governos oriental e arjentino, loucos pela paz, se apressaram em condenar. Dorrego enviou o coronel Puerreydon a Rivera, a ver se evitava qualquer motivo que troussesse novo rompimento de hostilidades com o Imperio. E este já tinha convidado aquele a acompanha-lo, oferecendo-lhe gados *de los que se tomasen*, o que demonstra a premeditação do saque. Palomeque publicou já na *Campaña de Misiones* uma carta do coronel Escalada a Rivera, propondo-se a acompanha-lo, comtanto que lhe permita trazer certa quantidade de *vacas de los portugueses*, capaz de produzir-lhe *un capital regular*. Não foi sómente vacas o que roubou o caudilho, mas até *objetos del culto y hasta las campanas*. Nem os sinos escaparam! Embaindo a bôa fé do marechal Sebastião Barreto por intermedio de Puerreydon, o saqueador conseguiu passar a nossa fronteira e enganando por meio do mesmo mensajeiro o governo de Montevidéu regressou ao Uruguai (*Escritos historicos*, pajinas 175, 179, 180, 193, 194, 200, etc.). A influencia da razia das Missões na marcha dos acontecimentos em 1828 foi nula.

As tezes, ao mesmo tempo patrioticas e verdadeiras, ezaradas nesse rezumo, estão definitivamente provadas no recente livro do tenente-coronel Souza Doca, obra excelente como documentação, de expozição clarissima, despretencioza e cheia de verdade.

O autor foi aos nossos arquivos e deles tirou uma documentação esmagadora, que deixa de cara á banda todos quantos no Prata e entre nós, estes por preguiça, por vézo de dizer mal do Brazil ou

por mimetismo, se comprazem em lendas, balélas e calunias a propozito de nossa atuação no Uruguai. O brilhante autor da "A Convenção Preliminar

Ruinas jezuiticas nas Missões
(Rio Grande do Sul)

de Paz de 1828" esquadrinhou os papeis velhos do Itamarati e lá foi encontrar minutas e documentos que apagam as mentiras enraizadas.

Seu espirito de brazilidade, rigoroza e amante do verdadeiro, vibra ante os atos gloriozos de nossos

antepassados e ante o dezinteresse e a lizura das atitudes do Brazil. E todo brazileiro amante do seu paiz e do grande passado do seu paiz, tem o dever moral de ler esse livro admiravel, que é uma mina de dinamite posta no rochedo das inverdades acumuladas pela má vontade e pela má fé.

O livro estuda majistralmente, com cerrada lojica apoiada em documentos insofismaveis, a intervenção ingleza: a ocupação e incorporação da Banda Oriental; as negociações com Ponsomby no Rio de Janeiro e em Buenos Aires; a independencia do Uruguai — a proposta de paz, as instruções arjentinas, os fatores da paz (entre eles o bloqueio, a batalha do Passo do Rozario e a incursão de Rivera nas Missões), os debates da convenção e os rezultados, ou melhor, o rezultado final.

E' precizo mais uma vez pôr em relevo a couza mais notavel da obra: — a nova documentação, quazi toda inédita, que vem aclarar os pontos justamente os mais controvertidos da questão. Desse ponto de vista, o valor do livro é, em verdade, inestimavel.

Não nos furtamos ao prazer de transcrever uma das ultimas pajinas de Souza Dóca: "Os destinos politicos dos nossos vizinhos do Sul, quer se grupassem sob a denominação de Banda Oriental, quer constituissem a Provincia Oriental, quer formassem a Cisplatina, estiveram á mercê e nas mãos do Brazil. Foram as forças brazileiras que sustentaram e impuzeram a autoridade do vice-rei espanhol, na Banda Oriental, de fins de 1811 a principios de 1812. Foram as forças brazileiras que expulsaram Artigas da Provincia Oriental. Cessou, desde então,

o absolutismo do endeuzado e intrepido caudilho, e esfriou o ardente dezejo da Arjentina de submeter a provincia revél. Dá-se a cruzada de 19 de abril de 1825, que os historiadores, por um erro crasso de adição, chamam dos "Trinta e trez".

Proclama-se a dezincorporação do Brazil. Faz-se a reincorporação á Arjentina. O Brazil não aceita nenhum desses atos. A luta continúa. O Uruguai fica dividido em dois grupos: um é brazileiro, o outro é arjentino. Surjem propostas de paz. O Brazil só concorda com a terminação da guerra, conservando a Cisplatina e esse ponto de vista prevalece na Convenção Garcia. A Arjentina não ratifica essa convenção. A luta prosegue e o Uruguai continúa dividido nos dois grupos referidos. A Arjentina se aprezenta para a Convenção de Paz de 1828, pleiteando a reincorporação da Provincia ambicionada, ou a meia independencia dela. O Brazil mudára de pensamento — é agora pela independencia absoluta do Uruguai e a independencia absoluta do Uruguai é convertida em realidade.

Os historiadores que se têm ocupado da atuação do Brazil na independencia do Uruguai, entretanto, nos fazem reprezentar um papel mesquinho, iniquo, deprimente. Decorre esse julgamento da ingratidão de um grande numero deles e da injustiça de todos. Exije esse julgamento que insistamos neste assunto, porque é necessario que sejamos considerados pelos nossos vizinhos e bons amigos de hoje, tal qual fomos para com eles, e entre eles, e não, simplesmente, como uzurpadores, como em geral somos inculcados. Queremos em seus corações o lugar que aí merecemos. Queremos justiça para os nossos

maiores. Queremos respeito para o que é veneravel como a historia diplomatica do Brazil, que não teme confronto, em elevação de vistas, em generozidade, em cavalheirismo, em nobreza. Queremos que essa mesma historia não seja para o brazileiro um objeto de escarneo, de vergonha, e sim um titulo de glorias, de orgulho e do mais acendrado culto. Queremos evidenciar que motivo para a vergonha é a cópia automatica que se vem fazendo de todos os baldões que se têm atirado sobre o nosso passado. Queremos o que é nosso, o que nos pertence, o que foi conquistado pelos nossos avós e de que não devemos abrir mão e sim cuidar como de um patrimonio sagrado."

Luiz Alberto de Herrera escreveu o seguinte: "Para significar la importancia y significación de nuestras relaciones diplomaticas con el imperio, háse dicho, con acierto, que nos es posible escribir nuestra historia, en muchos y principales passages, sin estudiar antes, a conciencia, los archivos brasileros." Sarmiento os conhecia mais ou menos de oitiva e isso fôra bastante já para que afirmasse, como escreve Ernesto Quesada, que a nacionalidade uruguaia era simples "creación del imperio." O que derroca aquela torpe insinuação de Mitre, a 2 de fevereiro de 1858, no artigo "Cuestión Diplomatica", estampado no "Los Debates": "... la mezquina politica brasilera en el Rio de la Plata."

Isso não impediu que com ela se aliasse contra o Paraguai, quando lhe conveiu. A solida documentação e a exposição diafana do livro de Souza Doca reduzem a pó essas afirmativas e permitem que nós brazileiros possamos com todo o folego dar uma bôa

gargalhada ao lermos pretenciozidades como esta do citado Herrera: "... nuestra emancipación, a filo de sabre ganada." Esse "fio de sabre" é uma declaração de separação para se constituir independente, passada por Pedro I, no art. 1º da Convenção de Paz... (*)

(*) O já citado sr. Celso Schröder oferece-me estas curiozas notas a respeito da paz de 1828:

"O historiador venezuelano Carlos A. Villanueva, em seu *Resumen de la Historia General de America*, conta que, quando foi recuzado pelo governo arjentino o tratado de paz negociado por Garcia em maio de 1827, a provincia de Buenos Aires "llegó a encontrarse casi sola frente al enemigo. Todos se unieron entonces en el comun proposito de defender la integridad del territorio: las mujeres entregaron sus joyas, los empleados publicos renunciaron a la mayor parte de sus sueldos, las contribuiciones fueron triplicadas por pedido de los contribuyentes y Buenos Aires en fin renunció a ser la capital. Reunióse en seguida la Dieta Federal de Santa Fé, que tomó a su cargo negociar la paz, apoyandose en sus bayonetas".

Mariano A. Pelliza, em *El Argentino* assevera que Dorrego assignou a paz sobre a baze da independencia do Uruguai e esse sucesso foi aplaudido sem discrepancia na Europa e America como um triunfo da diplomacia arjentina !

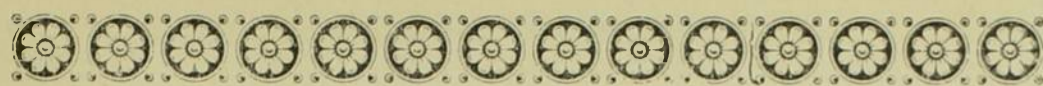
H. D., em sua *Historia Americana*, conta que Pedro I atemorizado pela conquista das Missões pelo caudilho Rivera, decidiu-se a pedir a paz, mandando então Dorrego ao Rio os generais Guido e Balcarce para negocio-la.

No *Ensayo de Historia Patria* o mesmo autor informa que "temiendo, como se acaba de ver, que los patriotas se apoderasen de otras provincias, Pedro I se apresuró a reanudar las negociaciones de paz".

Julian O. Miranda relata que, ao saber da conquista de Missões, "o Imperador reuniu em seguida os seus conselheiros e lhes disse: "Com outra discordia dos chefes orientais (refere-se ao dissidio entre Rivera e Lavalleja) vêm até Porto Alegre. E' necessario fazer a paz."

O historiador Santiago Bollo diz "vêm até o Rio de Janeiro", em vez de Porto Alegre, e todos os autores que

mencionam esta frase, atribuida a Pedro I, declaram te-la copiado do 1° volume da obra do secretario de Rivera, naturalizado brazileiro, mais tarde, Antonio Diodoro de Pascual, *Apuntes para la Historia del Uruguay*, na qual, entretanto, não se encontra a tal fraze. H. D. tambem a repete em seu *Ensayo*.

Para mostrar a arrogancia com que os autores platinos tratam da paz com o Brazil, vamos citar as palavras de Domingo Faustino Sarmiento, em seu livro sobre Juan Facundo Quiroga, ao referir-se ao regresso do ezercito, depois do tratado de paz, e ao seu descontentamento contra o governo de Dorrego: "Que les aguardaba después que el nuevo orden de cosas les habia estorbado hacer, como ellos pretendian, ondear sus penachos por las calles de la capital del Imperio ?"

A CAMPANHA LOPEZGUAIA

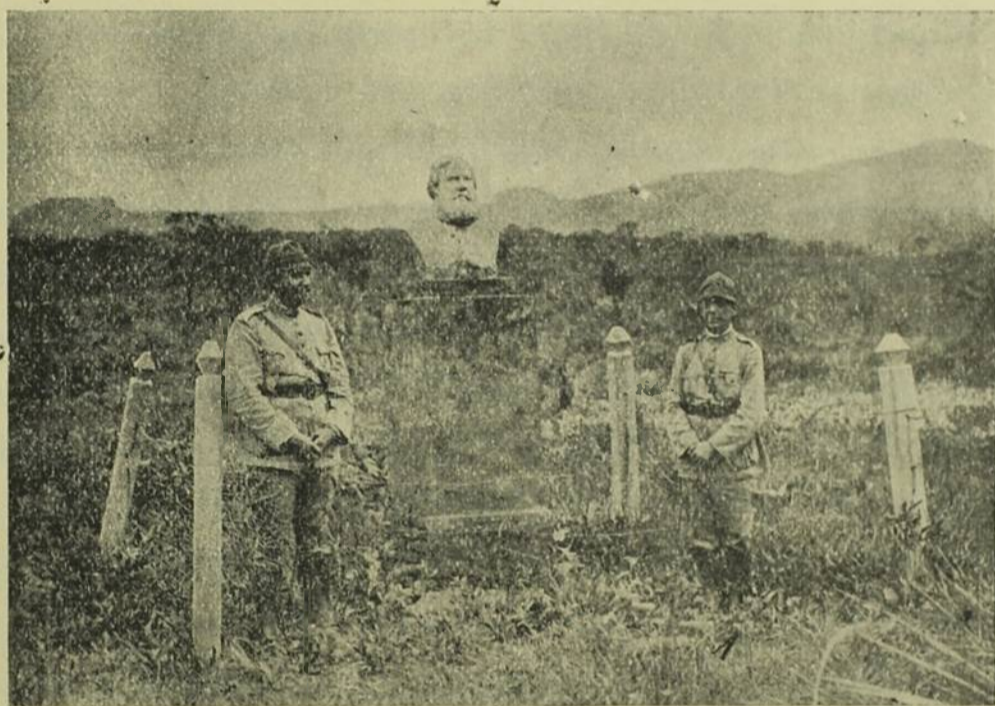
O saudozismo é um mal das nações pequenas, pobres ou infelizes. Deziludidos do prezente, os olhos se voltam para o passado. E carpem o tempo aureo de que fala a sua historia ou a sua lenda. Descobrem-se virtudes maravilhozas nas individualidades dezaparecidas, fazem-se de tiranos e despotas herois epónimos ou bandeiras de nacionalismo, erijem-se em numes tutelares aqueles mesmos que cauzaram a desgraça da patria, ou espera-se um salvador providencial que retire o povo do seu marasmo, insufle os brios e salve o paiz. O sebastianismo portuguez é bem um flagrante ezemplo desse fenomeno social.

Manifestou-se ele no Paraguai contemporaneo, depois duma longa noite de obscura anarquia, sob a fórma do lopismo. Entendeu-se necessaria a glorificação de Solano López para galvanizar o patriotismo paraguaio e salvar o espirito nacional abatido pelo infortunio e a mizeria. Alguns homens de valor mental puzeram-se á frente do movimento e começou o que se chama a rehabilitação do despota morto em Cerro Corá.

Olvidou-se o sacrificio da nação inteira nas aras do seu orgulho pessoal e de sua fereza instintiva. Esqueceram-se seus vicios, suas torpezas, suas crueldades. Apagaram-se as taboas de sangue gravadas pela sua barbárie. Transformaram-se seus erros em acertos, e seus crimes em atos nobres e elevados. Começou a rapsódia. E de todo o Paraguai, com raras excepções, se elevou o canto entuziasta que celebra a epopeia da bravura inegavel da raça e, ao mesmo tempo, a figura horrivel daquele que não merecia desse povo fanatizado e heroico o *suicidio,* que foi, no dizer de Nabuco: "na sua trajica inconciencia, o mais alto ezemplo que já deixou á historia o sentimento patrio nos tempos modernos". Este tambem afirmára: "Para os paizes aliados, a guerra foi um epizodio, um remoto epizodio exterior. Para o Paraguai foi o sacrificio deliberado de todo o seu ser, de tudo aquilo que cada cidadão estimava de qualquer forma: vida, riqueza, bem estar, familia. Semelhante sentimento, tão absoluto e imperiozo, parece sobrehumano e destaca-se da maneira de ser utilitaria dos povos modernos. Não basta para explica-lo a escravidão politica. E' necessario atentar no carater relijiozo da raça, em seu temperamento submisso, amante e animozo. Igual foi o valor de ambas as partes; o sacrificio, não".

A epopéa desse sacrificio merece ser feita pelos paraguaios de hoje. A do régulo que dele se aproveitou para prolongar sua agonia miiltar e politica, nunca. E para fazê-la é precizo fraudar a historia e caluniar áqueles que combateram Solano López. Necessariamente, como nessa guerra foi o Brazil quem suportou, como ainda Nabuco o diz, "quazi todo o

pezo do sacrificio", imposto á Aliança, é ele o mais atinjido.

Outróra, quando as rubras tropas de Bárrios, Resquin e Estigarribia trousseram seus feros instintos guaranis ao nosso territorio, todo o paiz vibrou ao apelo da patria em perigo e as legiões de voluntatrios marcharam ao encontro dos invazores. No prezente, quando as trombetas do lopismo fôram

Busto de Solano López marcando o lugar onde foi morto, em Cerro Corá, Paraguai, marjens do Aquidaban. Fotografia tirada em 1925, figurando nela os oficiais brazileiros majores Julio Pacheco de Assis e Bandeira de Mello, da guarnição de Mato Grosso

mandadas alvoroçadamente tocar pelo seu chefe ostensivo, D. Juan O'Leary, não faltaram guerreiros que o afrontassem, impavidos, nas lides do pensamento e da pena, afim de responder-lhe as diatribes, os insultos, as leviandades e as invencionices, como os cadetes de Gasconha, ao *tic au tac*. Na falange brazileira, que opôz o dique da lojica, da documentação e da critica historica aos dislates e destemperos do lopismo, logo se viu na primeira linha o

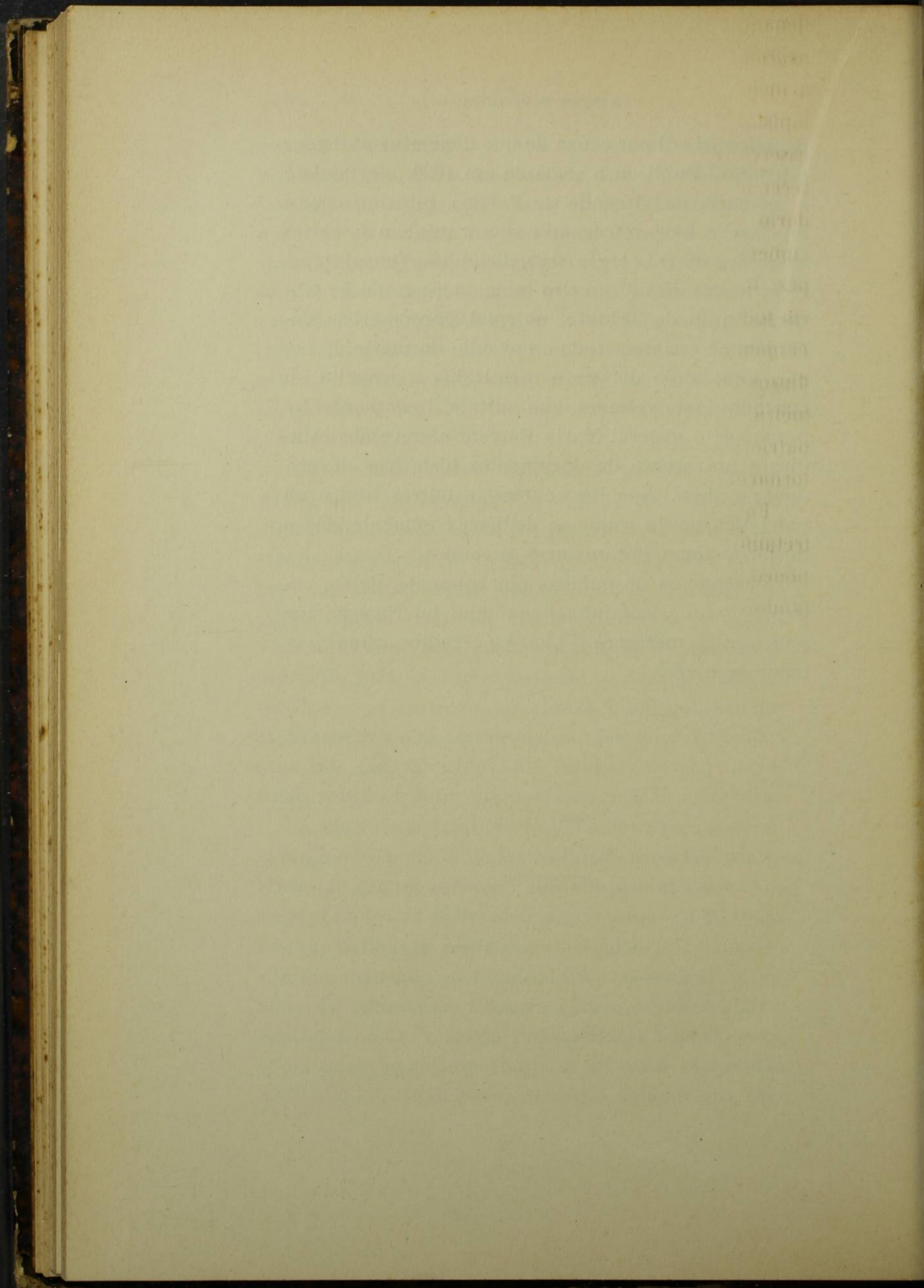
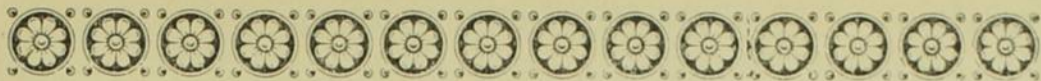
general Mario Barreto. Nas colunas da imprensa, primeiro; em livros, depois, ele tem repelido uma por uma as caluniozas asserções de O'Leary contra a atuação brazileira na guerra do Paraguai. E continúa perseverante e pacientemente a sua grande tarefa, com a conciencia de quem cumpre um dever sagrado. Não esmorece, não se afadiga, não se entedia. Com o seu rizo ironico nos labios, curva-se sobre os livros, esgaravata os arquivos poeirentos e de quando a quando, com achados excelentes, canta glorioza vitoria.

Adversario temivel, os lopistas vêm nele o empenho tenaz do brazileiro quando se rezolve a levar mesmo uma couza a termo e que contrasta com a sua errada reputação de descuido, empenho esse que o povo paraguaio sentiu quando nossos ezercitos lhe penetraram o territorio e o percorreram entre mil vicissitudes do Passo da Patria á serra do Amambaí, varrendo infatigavelmente todas as rezistencias: os esteiros e os carrizais, os chacos e as emboscadas, as trincheiras e as fortalezas, as mezetas fortificadas e os rios desconhecidos, até ultimar, no seu derradeiro refujio a fera que ouzára ameaçar o Imperio.

A obra do general Mario Barreto merece a admiração e o respeito de todos os brazileiros. Ela reprezenta um grande esforço e um alto dezinteresse. Nos seus periodos se inflama o patriotismo e por todas as suas pajinas se espraia a sinceridade. O primeiro volume, dedicado ao Conde d'Eu, o marechal da Vitoria, foi editado em 1923, dá o troco devido a alguns capitulos do "El mariscal Solano López", de O'Leary, e sua parte mais importante se refere á escravidão no Paraguai, significativa resposta áqueles que con-

denam o Brazil por cauza do que denominam *as suas negradas*. Publicou o segundo em 1920, ofertando-o á memoria do visconde de Pelotas, injuriado pelos lopistas, e nele retrucando com vantajem a varias asserções de O'Leary e seus dicipulos. Vem de aparecer nestes dias o terceiro tomo, consagrado ao lendario barão do Triunfo, no qual pormenoriza, documenta e esclarece todo o epizodio da morte de López, liquidando de vez a mentiralha a respeito. E em todos esses volumes, que intitula *A campanha lopezguaya*, o general Mario Barreto oferece aos estudiozos um acervo de documentos historicos de primeira ordem. Não lhe sobrassem outros titulos na patriotica tarefa a que se dedicou e sómente este o tornaria digno dos maiores encomios.

Fazendo-os de publico, sinceramente, deixo, entretanto, cair da minha pena uma interogação um pouco sutil: merecerá O'Leary a cêra que vamos gastando com ele?

——«*»——

A BELDROEGA

Ha sempre uns tantos sujeitos sem escrupulos, que exploram os rancores, prevenções e desconfianças entre os povos, para fazer nome ou para vender jornal e livro. A's vezes, sua exploração tem fundamentos de peor natureza: não passam de *camelots* pagos pelos vendedores de armamentos.

Tem se passado isso entre varias nações, em diversas épocas, tanto na Europa como na America. O interessante e o triste ao mesmo tempo é que homens de certa responsabilidade se deixam arrastar muitas vezes pela influencia do ambiente envenenado por essas publicações suspeitas e fazem livros comprometedores e perigozos, respondendo-lhes.

O tempo e a mudança de rejimen ainda não conseguiram acabar definitivamente com as prevenções dos espano-americanos contra nós, prevenções filhas da má compreensão por parte deles da politica do Imperio e duma tradição de competições metropolitanas e coloniais entre luzos e espanhóis. As gentes platinas, mais prossimas, fronteiriças, cuja ezistencia anarquica nos obrigou a algumas intervenções vitoriozas, essas guardam maiores sentimentos de des-

confiança do que as outras e, mesmo, pequena bôrra de despeito e odio antigos.

O iniludivel dever do brazileiro patriota e culto, como o do arjentino, paraguaio ou uruguaio nas mesmas condições é esforçar-se por diminuir tais sentimentos, fazendo com que todos se estimem, respeitem e colaborem na mesma obra de progresso e de paz. Entretanto, de quando a quando lá vem um aventureiro dos negocios ou das letras e procura com o artigo ou com o volume semear a sizania e colher os proveitos da intriga. Felizmente, um insucesso providencial tem coroado todas as tentativas dessa natureza.

Varias têm sido elas; porém duas se distinguiram das demais, pelo seu carater agressivo e pelo momento em que fôram efetuadas.

Quando a conflagração mundial estendeu as chamas de seu pavorozo incendio pelo mundo inteiro, algumas nos tostaram a pele, obrigando-nos a tomar parte pelos aliados na grande guerra. A politica internacional arjentina julgou de seu dever manter sempre a neutralidade. O momento era de extremas medidas e logo se acuzou a nobre nação platina de ser favoravel aos germanos e querer conservar-se em ponto oposto ao Brazil. Aproveitando a oportunidade, um germanofilo ou um intrigante qualquer editou em Buenos Aires uma brochura soez contra o Brazil. Intitulava-se *Nuestra Guerra,* deixava entrever que era obra dum militar, mostrava nosso paiz fraco e impotente — "gigante dos pés de barro" e prégava nossa facilima derrota pelos soldados diciplinados e de raça superior dos nossos vizinhos.

Uma revista carioca anunciou uma resposta á publicação insidioza e insultuoza, resposta encomen-

dada a distinto oficial de estado-maior. Seria denominada *A nossa vitoria* e deveria parecer com aquele livro dum general francez, saído a lume pouco tempo antes da declaração de guerra de 1914 — *Como a França invadirá a Allemanha*... A expozição do cartaz dessa futura obra determinou, em frente da vitrine da Avenida Rio Branco, onde o puzeram, alguns incidentes noticiados pelos jornais, os quais motivaram sua retirada. Armado com a ditadura do sitio, o governo impediu essa resposta. Por sua vez, o governo arjentino abafou o escandalo do tal *Nuestra Guerra,* declarando ter verificado ser obra dum ajente alemão ou couza que o valha. E não teve o cazo maior importantcia.

Recentemente, um dos nossos vespertinos denunciou o aparecimento, em Buenos Aires, de novo, duma novela *Belleguese,* atribuida a um oficial do ezercito, na qual se fantazia uma guerra em que o Brazil é lamentavelmente derrotado pela Arjentina, e terrivelmente caluniado e caricaturado. A couza é mal pensada e peor escrita, revela crassa ignorancia de nossos assuntos mais comezinhos e não merece resposta. Só lhe cabe um nome *Beldroega*...

Não podia o nosso governo deixar de averiguar si de fato tal livro partia dum oficial arjentino, embora estivesse *a priori* convencido de que nenhum oficial arjentino seria capaz de tamanha tolice e indelicadeza. Chegou facilmente ao conhecimento de que o autor da *Beldroega* era simplesmente um enjenheiro de quinta classe e um literatélho de oitava...

Seja como fôr, a nós brazileiros o que compete deante desses escritos de ajentes estranjeiros ou de enjenheiros baratos é encolher os hombros e sorrir...

Adolfo Diez Gómez é o nome que encima a capa do romance *Belteguese*, ou ,melhor, *Beldroega*. E o seu editor preveniu ao publico: "Este libro, en el que el autor nos coloca en dias angustiozos, provocados por un avance del ejercito brasileño sobre nuestro territorio (?), ha sido escrito con un fin altamente patriotico, toda vez que en el se quiere poner de manifiesto el peligro que nos amenaza, haciendo ver al pueblo que todo esfuerzo que tienda a alianzar nuestras instituciones armadas es siempre bueno, en salvaguarda de nuestra integridad territorial". Livro, pois, de pura propaganda armamentista.

A trama do romance de amor, que suaviza as pajinas mavorticas do volume, se tece no meio da espionajem e da guerra. O espião é um oficial brazileiro, o capitão de corveta *Dom Luiz Nilo Peçanha* (deliciozo!), que se apodera do coração duma pobre moça, filha dum general arjentino. A guerra é levada pelo Brazil, impulsionado pelas missões militares estranjeiras, ás terras do Prata, no delirio de conquistar o Iguassú. A superioridade numerica e de armamento é formidavel no mar e em terra. Porém o valor dos arjentinos supera tudo isso e mais alguma couza. Somos catastroficamente derrotados, depois de termos devorado os *hors d'oeuvres* de alguns triunfos parciais. O banquete é para os nossos caros vizinhos...

A pintura da sociedade portenha, feita pelo Sr. Diaz Gómez é horrivel. Decerto, a tal *verdad a veces amarga* a que alude, *paginas que son gotas de hiel*. As moças de alta roda prostituem-se ou são semi-virjens, os rapazes não são rapazes... "Esas non son mujeres!" clama um dos personajens. Outro, um alemão, responde-lhe: — " *Ni ellos son hombres!*"

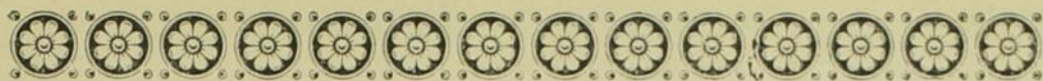
Segue o romancista o processo antigo do *chama antes que te chamem* e escreve isto: "... en el Brasil, la prensa diariamente se ocupa del imperialismo arjentino, presentando a nuestra patria como el fantasma de esta parte de America..." "Nuestro vecino nos odia, nos envidia y nos teme. Su más grande alegria seria ver el fracaso nuestro. La dirección que pretende en esta parte del continente, se ve entorpecida por nosotros. No suporta sombras! Ante el mundo, quiere presentarse como el amo de Sud America, y al ver la superioridad indiscutible de nuestro comercio, de nuestras industrias, de nuestras instituciones y de nuestro pueblo, estalla en ira y hace peligrar la paz". "Sus compras de armamentos en estes ultimos tiempos han sido enormes"...

Nossa imprensa nunca se ocupou com qualquer pretenso imperialismo arjentino, não odiamos nem invejamos nossos vizinhos, em geral, vivendo nossa vida, nem nos lembramos deles, estamos publica e notoriamente dezarmados... O mais está certo.

Não posso deixar de transcrever este paralelo aureo entre o Brazil e a Arjentina. Dá bem a medida do modo de sentir geral, sem duvida, de nossos muito amaveis vizinhos: "El Brasil, pais costero por excelencia, pues su interior está tan virgen como antes del descubrimiento de America, jamás podrá competir con el nuestro en comercio. Por otra parte, su población, con un porcentaje enorme de gente de color, inapta para ciertos trabajos, le hacen estar muy por debajo de la Argentina vigorosa y emprendedora. Sus riquezas son cuantiosas, pero inexplotadas; alli no hay brazos capaces de derribar esta selva que guarda millones de contos, ni corazones con el suficiente empuje para las grandes empresas.

Las continuas revoluciones de sus Estados, que jamás estan contentos con sus gobernantes, lo empequenecen moral y materialmente. Y es claro, convencidos de su impotencia, se revuelven contra nosotros, como puede hacerlo la iguana que se arrastra, contra el condor que vuela!"

Isto acompanhado pela marcha de Ituzaingó, é estupendo e, ao mesmo tempo, adoravel!

Este livro e todos os mais no genero com que se está rapidamente enriquecendo a bibliografia platense, quando ao contrario na nossa ainda falta o primeiro, demonstra que o Brazil é uma preocupação para a Arjentina. Ela, entretanto, não é preocupação para nós. Vejam-se como são as couzas...

"OCARA-POTY"

A lingua guarani não morreu. Falada pela grande maioria das tribus que os conquistadores peninsulares encontraram, vagueando entre a Amazonia e os pampas sulinos, tão dificil de entender na sutileza de seus sons, que o padre Vieira afirmava não conseguir compreender-lhe vogais e consoantes, mesmo chegando o ouvido "á bòca dos barbaros", não dezapareceu completamente da face da terra, embora tivesse sido destruida pelo caldeamento com os elementos brancos e negros, ou a ferro e fogo, a raça, glutona, preguiçoza, incapaz de progresso, que a falava. Da humanidade tupiguarani tudo naufragou e só se salvou a lingua. Não somente ela continuou a viver entre tabas esquecidas dos sertões brazileiros e na nomenclatura geografica de trez quartas partes da nossa área, porém uma nação a apertou sobre o coração e com ela tem vivido até hoje, vazando nas suas fórmas rudes quazi todas as expressões da sua vida intima, da sua historia, dos seus uzos e das suas manifestações sociais e politicas.

O guarani, que Montoya e Couto de Magalhães carinhozamente queriam, é uma lingua ás vezes as--

pera, selvajem, recendendo ao perfume das selvas floridas de orquideas. Lingua duma raça decadente, que a conquista estranjeira varreu a espada, a chuço, a arcabuz e a dente de cão do solo nativo, legou unicamente aos seus pósteros as fórmas a que atinjira com o limitado grau de civilização dos indijenas sul-americanos. Entretanto, ha nela bellezas rudes, encantadoras injenuidades e um véu cinzento de profunda melancolia cobrindo tudo.

Morta a humanidade que lhe deu vida, ela subzistiu falada por um povo inteiro, que foi justamente o mais insulado do continente.

Com efeito, a grande baze da rezistencia nacional do Paraguai, esteio inquebrantavel da sua vitalidade e muralha intransponivel da sua independencia, foi, certamente, essa velha e selvatica lingua guarani ou tupi, que todos os seus filhos falam, em que todas as suas mulheres pronunciam palavras de amor, em que os seus poetas cantam e os seus homens politicos discursam, com que os seus guerreiros se incitam uns aos outros, no campo de batalha, e com que os velhos contam aos novos as glorias do passado.

Deve o Paraguai á educação jezuitica de sua formação, que izolou os indijenas nas "reduções", para reduzi-los á civilização, o grande serviço da conservação da lingua dos seus avós de raça aborijene. Deve á instrução militar dos mesmos, que o padre tirolez Antonio Sep prezenciou em 1691, seu alto valor guerreiro. Foi essa magnifica organização dos missionarios da Companhia, tão gabada por Montesquieu e Voltaire, que mereceu um livro de Boehmer e cujos defeitos a vista percuciente de Alexandre

de Humboldt descobriu, o motivo principal da conservação do idioma abanheé. Si em diocezes brazileiras, onde havia menos intensa catequeze de indios pelos padres de Jezus do que nas missões do sul, se crearam cadeiras, nos seminarios, para o ensino do falar do selvajem, imajine-se a que dezenvolvido estajio de progresso não chegou a divulgação e estudo dessa fala geral no Paraguai, inteiramente entregue á Companhia.

Fariña Nuñez ezajera por certo seu proprio modo de pensar e de sentir, quando escreve que o guarani tem qualquer coisa do Verbo, do Logos primitivo. Não está na sua força intrinseca a razão de sua duração no Paraguai, queremos crer; antes, no concurso das circunstancias historicas e sociais, desde o inicio de sua colonização até hoje. Entretanto, estamos de pleno acôrdo com o publicista paraguaio Bernoni, quanto ao direito desse idioma americano formar ao lado de outras linguas cultas, desde que lhe dêm organização definitiva, dotando-o de regras ortograficas e gramaticais lojicas e uniformes. E tambem achamos que a nação paraguaia tem motivos de sobra para se orgulhar da posse, em pleno vigor inteira e indiscutivel, da unica lingua aborijene escapa á conquista européa.

Mais antigos talvez, mais nobres, mais completos, sossobraram para todo o sempre o maia culto, o nahôa, que Fray Geronimo Mendieta elojia, falado pelos aztecas, o tolteca vetusto, e o quichua e o aimará do Perú. Na vastidão do nosso Noroéste, tribus errantes ainda falam o guarani; mas até das nossas manifestações folcloricas ele começa a dezaparecer.

Eruditos como von Den Steinen e Capistrano de Abreu podem salvar do esquecimento, com infatigavel labor, dialetos "panos" dos Sisibos e dos Caxinauás; porém nenhum povo falará mais esses rã-txa-hu-ni-ku-i, nos dias após aquele em que a onça tiver comido ou as doenças tiverem matado o derradeiro filho da tribu. Com o abanhée ou "lingua geral" dos cronistas dos descobrimentos não se dará o mesmo cazo. Uma nação fala; não sómente fala: ama-o, o que vale muito mais. Ha jornais que nele se publicam: o "Kavure-i", de Assunção, por ezemplo. Ha livros e mais livros impressos em guarani.

As melhores mentalidades do Paraguai contemporaneo ezalçam a lingua-geral. Vimos um Fariña Nuñez compara-la ao Logos geneziaco. Veremos, agora, o escritor Justo Benitez falar dele com este belo entuziasmo:

"Son verdaderamente asombrosos el numero como el donaire, de sus modismos; giros que hablan de una honda penetración; equineos que se prestam a una sutil ironia; palabras que resumen todo un estado de alma; suaves y delicadas nas voces para el amor; expresiones de energia y afirmación como un grito de guerra, y toda la gama del alma de una raza que vivia en contacto intimo con la naturaleza... Idioma chispeante, el guarani se caracteriza por la precisión y propriedad de sus nombres; y si bien sus adjectivos no son muy ricos en matices, son expresivos e llenos de gracia; copía e imita la rica naturaleza tropical como puede observarse en el nombre de los animales y de las plantas; la onomatopéa es predominante y no falta la musica que hace armoniosa a las lenguas. Fuerza es conservalo como vin-

culo social; cultivarlo como exponente de nacionalismo inquebrantable, frente a las immigraciones y a las veleidades del tiempo; estudiarlo como fuente fecunda de enseñanzas".

O guarani falado no Paraguai moderno, influenciado pelo castelhano, afirma-se sobretudo como uma lingua patriotica, desfralda-se como um estandarte de nacionalismo. Podemos dizer isto, com segurança, folheando as paginas dos dois volumes do poeta paraguaio Narciso R. Colmán, intitulados "Ocara Poty", em segunda edição da casa Ariel de Assunção, contendo as Flôres Silvestres (tradução do titulo) do autor, poezias em guarani, e uma pequena antolojia de trovadores da mesma lingua. Tanto na primeira como na segunda parte da obra, quazi dominam as produções patrioticas, quer epicas, quer narrativas, quer tristes, quer entuziasticas e quer satiricas. Mas, no fundo, sempre a mesma nota ardente de amor pelo paiz e pelas tradições.

Com a metrica castelhana, na escola romantica de Campoamor, aplicada ao idioma indio, Narcizo Colmán canta, no poemeto *Lope-Cué,* os invalidos da guerra da Triplice-Aliança contra o seu paiz, vitimas da ingratidão da gente nova. Nas quadras do "Combate-Paraguari", dezenha a ultima etapa da revolução de Albino Jara. No epizodio de Pancha Garmendia, lanceada por ordem de Solano López, em Igatemi, condena o crime feroz de Madame Lynch. Na ode ao "Yvága-Rapé", descreve o Paraguai paradiziaco, uberrimo coração da America meridional.

Entre seus colegas da antolojia ha mais fortes, talvez, nesse entuziasmo. Natalicio Veras infunde corajem aos que rezistiam á invazão brazileira, ao

tempo de López, com o seu "Cai, yaguá jha mbopi" em que os chefes de Estado da Triplice entram nesta quadra:

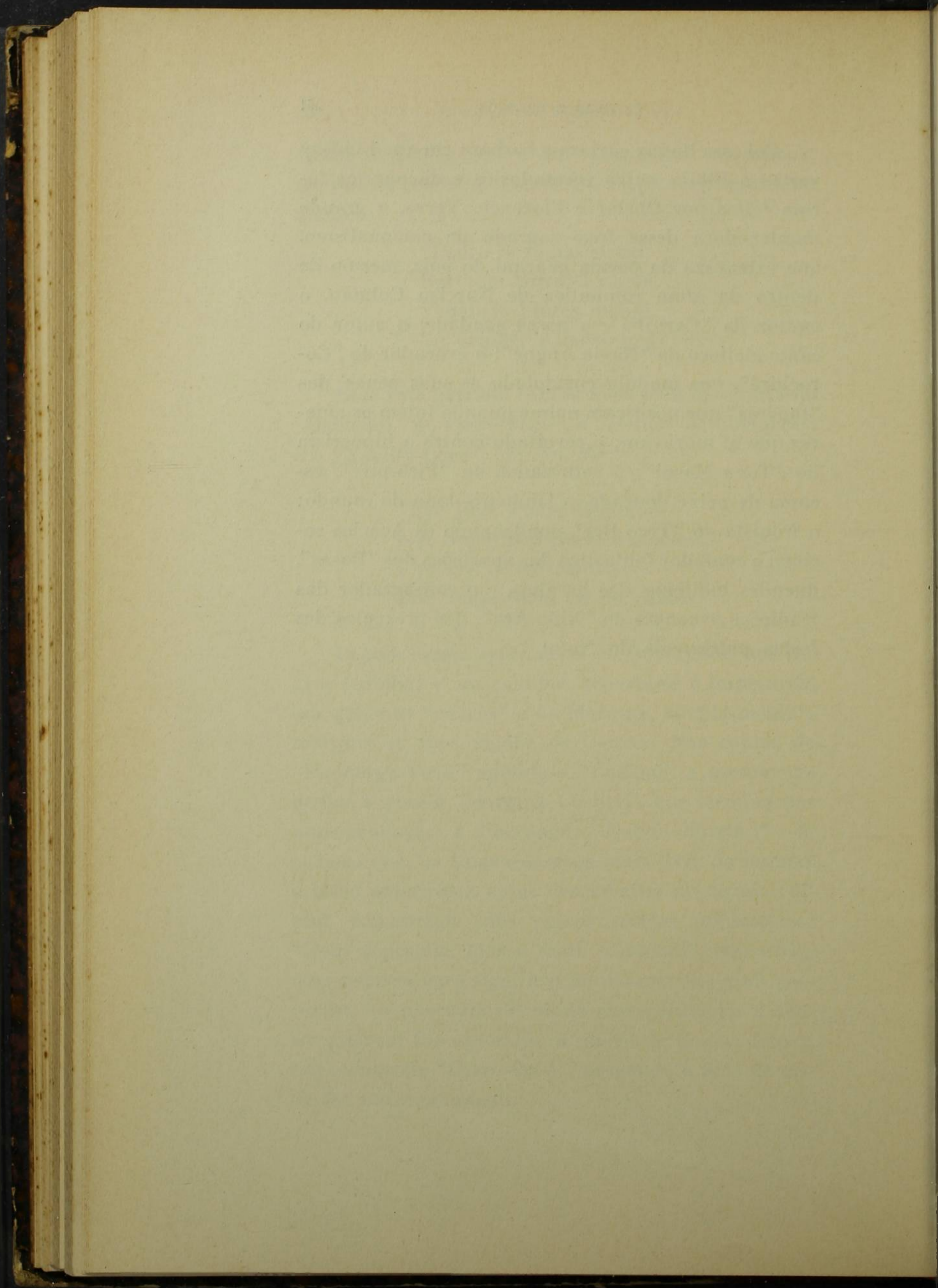
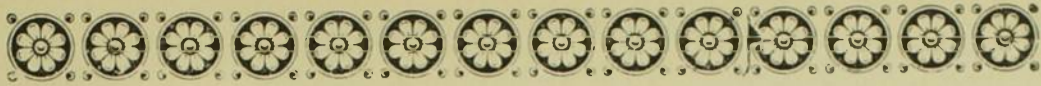
> "Pedro Segundo el cai
> Bartholo Mitre el yagua,
> Venancio Flôres mbopi,
> La Triplice Alianza guá".

Esse vate patriota cantou mais pela tipografia do "Cabichui", no Passo-Pocú", o "cielito" de Curupaity, e o "Yataity-Corá", em que diz:

> "Eye jhyá Pedro Segundo
> Nde reipyjhyhi chéve Asuncion,
> I pituvá co ne cambá
> Iiha ndipú acai co ne cañon."

Depois dessas referencias ao imperador, aos negros (cambá) e aos canhões, reporta-se á imperatriz, aos generais "cuéras" e ao Marques, simplesmente o marquez e, após, duque de Caxias. Nas coplas do "Pandorga-Vevé" apelida-o "Cachiai" e mesmo lhe dedica a poezia "Marqués Cãchiãi", que termina por uma saudação á liberdade: "Nande libertá !" E' curiozo que, na lingua da raça mais livre do mundo, o indio americano, cujos decendentes mestiçados dizem comumente nos nossos sertões nordestinos: "Deus é grande, mas o mato é maior!", não ezista uma palavra para significar aquilo que eles mais possuiam:—a liberdade! E ainda nessa antolojia o cantor guarani faz um elojio á morte de Solano López, sob a epigrafe "Cerro-Corá", prégando a idéa de erijir-lhe um monumento...

Foi essa lingua curioza e barbara em que Lindsay verteu a Biblia, cujos vocabularios e dicionarios foram feitos por Obelar e Florencio Veras, a grande mantenedora desse fogo sagrado de nacionalismo, que extravaza da poezia guarani do paiz, mesmo de dentro da alma romantica de Narcizo Colmán, o cantor da "Carujhá", a nossa saudade, o autor do canto elejiaco da "Novia Angué"; o evocador do "Corochiré", que modula engaiolado as suas penas, das "taperas" que nos ficam nalma quando fojem os amores que aí moravam; o revoltado contra a hipocrizia do "Tova Mocoi"; o satirizador do "Pirá-piré", escama de peixe dourado, o Dinheiro-dono do mundo; o ironista do "Teco Rei", condenando os Acacios sociais; o contador fantastico das aparições das "Poras", duendes indijenas das brenhas, e o consagrador das tradições avoengas do "Niño-Ara", dos prezepios das festas patriarcais do Natal.

——«*»——

QUANDO A ARJENTINA AMANHECIA

O sr. Roberto B. Cunnighame Graham é, atualmente, um dos mais notaveis escritores inglezes. Em carta, o embaixador Domicio da Gama, falando-me dele, salientava a importancia de seu nome literario e dava-me alguns pormenores sobre sua pessoa. E' inglez, mas nacido em Cadix, e já foi deputado. Um "gentleman" na mais completa acepção da palavra. Tem viajado muito, sobretudo nos paizes latino-americanos, cuja vida acha encantadora. Anda cheio de saudades dela. No *Explanatory Preface* que fez á tradução em inglez de minha novela *Mapirunga,* editada em Londres, por Heinemann, refere-se a esses sentimentos, saudozo dos campos da Arjentina, onde passou dias esplendidos: "Down that steep, winding, road in fine and rainy weather (but mostly rainy, I admit), have I ridden Pampa, my black Argentine, on whom I hope to ride again, when I have joined him somewhere or another, for a plague upon your heaven where a man has got to go afoot... Hill road, Curamúlan, and Pampa, all are gone, but I retain *saudades* of them and shall do down to my last hour. I think now I have made

plain the meanning of *saudades*, and this once more brings me back to the Sertão".

Um homem de espirito superior que naceu na Andaluzia e viajou demoradamente nas nossas livres terras de sol não podia deixar de ficar lhes querendo bem para toda a sua vida. E a saudade dos lugares vistos e amados o faz pegar da pena para escrever sobre eles. Eis em rapidos traços a psicolojia do grande escritor inglez e eis por que, quando o inverno começa a enevoar a velha Caledonia, ou os *fogs* a tornarem Londres um borraceiro humido, quer esteja no campo, quer na capital, o meu amigo Cunnighame Graham me escreve dezolado: "Começo a descrer da ezistencia do sol".

Fôram essas inclinações espirituais que conduziram o autor de *Brought Forward*, do *The Dream of the Magi* e de *A Hattchment*, a escrever obras interessantes e utilissimas, em que a documentação historica abunda e o estilo encanta, contando epopéas sertanejas, façanhas de conquistadores e navegadores, ou a vida das cidades que morreram. Assim, ele narrou á Inglaterra o fenomeno sociolojico de Canudos, no seu *A Brazilian Mystic*. Assim, ele se recordou dos soberanos ibericos pretendentes ao reino *daquem e dalém mar, em Africa*, descrevendo vida e historia marroquinas, no *Moghreb el Aksa*. Assim, ele nos pinta a grandeza dum antigo emporio colonial sul-americano, na Colombia, fazendo resurgir o que foi a hoje morta cidade de Cartagena das Indias, no *Carthagena and the banks of the Sinú*. E, assim, nos oferece o seu ultimo livro *The conquest of the River Plate*, narração fiel de como se alongaram da Espanha e lutaram naquele estuario

todos quantos contribuiram para a fundação dos primeiros estabelecimentos castelhanos ali e o alicerçamento das bazes do futuro Vice-Reinado, de que haviam de sair mais tarde trez republicas.

Bem merecia este volume o titulo que deu Alberto Rangel a um de seus livros sobre o Brazil, transmudado sómente o nome do paiz, e por isso o puz neste capitulo: *Quando a Arjentina amanhecia.*

Um escritor com o nome que Cunnighame Grahan desfruta hoje na Inglaterra não preciza de elojios ao seu estilo; todavia, não posso deixar de salientar a clareza da sua expozição e a lojica de seus raciocinios nesta ultima obra. E surpreende-nos, em verdade, a sua erudição em assuntos historicos americanos. Ele sabe o que se póde saber sobre a questão. Leu Barcio e Schmidel, Cardenas e de Angelis, Ruy Diaz de Guzman e o Deão Funes. Herrera e Varnhagen, Manuel Teles e Montoya, Charlevoix e del Techo, o Padre Lozano e W. H. Hudson, Ardoino e os *Commentarios* de Alvaro Nuñez, Fray Pedro Simon e Pedro Cieza de Leon, Fray Martin de Sarmiento e dezenas de outros, tanto antigos como modernos.

Nas trezentas pajinas do livro, desfilam as grandes figuras da Conquista, uma teoria de aventureiros bizarros, heroicos, ávidos, generozos, ou infames. Juan Diaz de Solis, comandando suas altas caravelas nas aguas amarelas do estuario, onde deixou a vida; Sebastião Caboto, ancorando a esquadra nas ilhas de S. Gabriel, mandando explorar os rios e trocando bujigangas pela prata que os indios traziam, vinda do Perú. Depois, Aleixo Garcia e seus bandeirantes, indo do Brazil até além de

Assunção. As lutas dos espanhóis com os indios, a primeira fundação de Buenos Aires e a destruição de todos os estabelecimentos pelos selvajens. Vemos se erguerem, majistralmente descritos, os tipos dominadors de D. Pedro de Mendoza e de Alvaro Nuñez Cabeza de Vaca. Vemos a fundação de Asuncion e a vida ajitada dos colonizadores: as rebeldias, os crimes, as intrigas e as guerras com os guaranís. Emfim, D. Juan de Garay restabelecendo a cidade, que é a metropole arjentina de hoje, e as dissenções e os vultos dos Caceres e dos Oberás, dos Zarates e de D. Isabel de Guevara até a ultimação da aspera conquista.

——«*»——

UM GRITO DE BRAZILIDADE

O ano passado, o prezidente Adolfo Konder realizou uma excursão ás fronteiras de Santa Catharina com as Missões arjentinas, que valeu por uma bela lição de brazilidade. Entre aqueles que o acompanhavam nessa bandeira oficial, figurava o escritor Othon d'Eça. Suas notas de viajem, tomadas pelo caminho ao sabor dos pouzos e bivaques, no paneiro das embarcações ou na lua da sela das mulas paxorrentas, reunidas em volume sob o titulo "Aos espanhois confinantes", foram editadas recentemente.

Um formozo livro pela clareza do dizer e a orijinalidade dos comentarios sobrios, leves, incizivos. Todo de esbocetos, ás vezes primorozos. Aquarelas. Duas, trez pinceladas dão as paizajens e os individuos perfeitos, vivendo, bolindo. E uma nota de bom humor, de alegria, alviçareira, sempre. De quando a quando, uma lenda local, um trapinho de *folclore* acenando como um galhardete, uma observação sagaz ou um traço de epicurismo natural. E, ezercendo absoluto dominio: "como um palio aberto, a ezaltação enternecida da terra brazileira, o amor pelo Brazil."

Pela rota que seguiam rumo aos espanhois confinantes, os excursionistas toparam o rio das Antas, cujas aguas, ao tempo em que por ali passou a famijerada coluna Prestes, perseguida pelo coronel Claudino, lavaram os cadaveres de duzentos cavalos cansados que o general rebelde fez sacrificar para que seus perseguidores os não aproveitassem. Contaminaram-se as aguas de virus pestilentos na podridão. "E — diz Othon d'Eça — por espaço de seis mezes, batida pela febre tifoide e pelo paratifo, toda a gente daquela imensa rejião pagou a grande culpa de viver em terras por onde passaram os *patriotas*..." "Em outro ponto, no meio das brenhas, uma cruz carunxoza e tôsca" assinala a tumba dum "negro velho que mostrara á coluna Claudino o rastro da gente de Carlos Prestes: o rio das Antas, cheio de cadaveres. Quando Leonel Rocha, em novembro de 1927, passou por Mondaí, um facinora da sua horda o prendeu. E no Vorá, naquele mesmo lugar, um paraguaio zarôlho, retáco e de cabelos vermelhos, meteu-lhe dois dedos da canhota no nariz e correu-lhe o ferro na garganta de *viaje intêra*. Foi em pura perda que o negro velho — que abrira antes sua propria sepultura — suplicou que lhe poupassem a vida, que o deixassem viver pelo amor de Deus ! O paraguaio retáco e de cabelos vermelhos não entendia portuguez."

A coluna, segundo o depoimento desse homem de letras, não deixou unicamente por ali os rios inficionados pelos corpos da cavalhada e as cruzes dos degolados nos êrmos. Nos rincões da Derrubada, outrora, "floreciam fazendas e lavouras fartas... Mas a revolução passou; e os rebeldes vieram, mais

a sua rebeldia avassaladora. Quando eles se foram embora, acossados e enfurecidos, por ali quedaram apenas as taperas e os campos vazios e imensos. As hervas bravas cobriram canhadas e coxilhas, e um ser unico voltou a imperar em toda aquela redondeza: o tigre. Depois nem mesmo as taperas tristes ficaram a desmantelar-se no abandono: Leonel Rocha, destroçado em S. Joaquim, por ali passou no rumo de San Xavier, na Arjentina. E o fogo consumiu as derradeiras traves..."

Varadas as montanhas portentozas, transpostas as selvas intricadas, vencidos os rios encachoados, o prezidente catarinense e seu pequeno sequito chegaram á fronteira do Brazil com a Arjentina, no fundo de saco missioneiro. Ali, ha uma povoação do mesmo feitio comun de dois de Sant'Ana e Rivera no Rio Grande do Sul. "Barracão e Barracon — descreve o cronista — são uma só e unica povoação cortada por um fiapo de agua abandonado..." E eis aqui o quadro triste: no lado arjentino, ordem, organização, escola, autoridades vindas diretamente de Buenos Aires, escolhidas a dedo e bem pagas no seu desterro, nunca pessoas do lugar; escrituras de venda de imoveis situados no lado brazileiro, certificados de nacimento de crianças nacidas no Brazil, brazileiros natos sorteados para o serviço militar no ezercito arjentino, meninos brazileiros pasmados para a bandeira da patria que não conheciam! Tudo por que ? E Othon d'Eça responde: "Pelo abandono, pelo impatriotico desdem, pelo anacronico setarismo que fazia os nossos homens publicos, até ha pouco, se babarem deante da bojuda Humanidade, dando de hombros ao Brazil."

Naqueles confins ignorados de nossa terra, o escritor itinerante avistou crianças saindo de uma escola. Eram quazi todas brazileiras, moravam do *lado de cá* e frequentavam as aulas do *lado de lá*, porque do *lado de cá* não havia escolas... Ele entrou naquela e assistiu a uma lição. O mestre indagou em castelhano dos alunos quais eram os grandes vultos da historia patria. A maioria dos brazileirinhos respondeu juntamente com a minoria de arjentininhos: — San Martin — Sarmiento — Rivadavia — Mitre... Qual a mais bela e glorioza bandeira ? — A arjentina... Uma vitoria do ezercito nacional ? — Ituzaingó...

Felizmente, o prezidente Adolfo Konder viu isso e estou certo que isso lhe doeu. Estadista moço e cheio de brazilidade, empreendeu essa remota excursão bandeirante para se informar *in loco* do que se passava e logo providenciou para o inicio do abrazileiramento da zona fronteiriça, creando em primeiro lugar a escola brazileira.

O *servicio de la frontera* entre os nossos vizinhos é couza séria e, por meio dele, os arjentinos, que tão alto apregoam nosso imperialismo absorvente, "submetem, absorvem as populações brazileiras da zona fronteiriça e, si lhes não impõem o espanhol, forçam-nas, de resto, á dependencia humilhante do azilo, da proteção legal — até aqui um *farrapo vil de neblina* na banda brazileira."

O livro do escritor catarinense é um grito de brazilidade. O governo federal devia ouvi-lo, meditar sobre ele e, acabando de vez com o inutil serviço de catequeze oficial dos selvicolas, ninho de

pepineiras para militares pozitivistas e pozitivoides, crear o serviço de fronteiras, não de inspeções espetaculozas feitas por individuos atacados de cabotinismo telegrafico, mas de organização perene e vijilancia constante pela escola, pela proteção legal, pelo conforto possivel, de maneira a não permitir a absorção de brazileiros pelos espanhois confinantes. E' um grave e urjente problema a rezolver.

——«*»——

FARDAS E TROFÉUS

O BATALHÃO DE ENJENHARIA

Na historia militar do Brazil, o corpo de enjenheiros aparece, no inicio, sómente com oficiais, prezo aos serviços do Estado Maior, tendo como distintivo o castelo tradicional envolto em folhajens bordadas. Apezar de varias tentativas infrutiferas da parte dos governos para a organização definitiva dessa arma indispensavel, as reformas levadas a cabo na Rejencia e no Segundo Imperio, mesmo a grande reorganização de 1852 não conseguiram realizar essa aspiração.

Ainda nessa época, o corpo imperial de enjenheiros é uma especie de estado maior unido ao outro, ao verdadeiro, composto de oficiais fardados de cazaca azul ferrete com vivos brancos, punhos e gola bordados, banda vermelha, chapéu armado de penacho verde e o castelo simbolico entre as nobres folhajens entretecidas.

Nessa intima união com o Estado Maior, fala dele o decreto de 25 de abril de 1842, e o seu emblema tradicional vem mencionado pela primeira vez no decreto de 7 de outubro de 1823, um ano só apoz a Independencia.

Mas a creação definitiva do batalhão de enjenheiros, hoje com o numero um, data de 1855. Deram-lhe quatro companhias e em 1856 o aquartelaram na praia Vermelha.

O plano de seus fardamentos, baixado com o decreto que o creou, não lhe dá primeiro uniforme, como todas as outras tropas possuiam.

Não resta memoria das razões que levaram o governo a não conceder-lhe a grande gala. Talvez porque o destinasse a arduas tarefas e achasse, por isso, inutil enfeita-lo.

Evoquemos o fardamento e equipamento de seus soldados nesse tempo, ha mais de meio seculo. Traziam calças brancas ou azues sem listas, carcelas e golas negras nas tunicas azues ferretes com botões dourados, quepi "cavaignac" da mesma côr da farda com pala de virola de metal, cinto negro e vivos brancos, dragonas de escovinha branca, correames negros, sabre, mosquetão, mochila, pá e outros apetrechos, uma verdadeira "ærumna" de lejionario romano.

Quantas vezes mudou de farda de então por deante! Em 1858, encontramos seus oficiais com aquela cazaca orlada de branco de 1852, mas já o penacho preto e branco, e sem bordados nos calções e golas.

Cobre-se de gloria na guerra do Paraguai, vestindo as mesmas côres; quatro anos apoz sua terminação, já os punhos e golas dos oficiais de enjenharia se enfeitam com cazas douradas, e as cazacas foram substituidas por sobrecazacas fechadas. Em 1881, as sobrecazacas tornam-se abertas com duas ordens de botões, as cazas dezaparecem e os galões

se enrolam nas mangas. Perde-se o vivo branco por completo. Em 1884, o vivo passa a ser vermelho, continuam os paramentos negros nas tunicas azues, uzam-se meias botas e guritões de couro envernizado. Em 1889, ao morrer a monarquia e ao nacer a republica, já possue a grande gala que lhe negara o decreto organizador de 1855. Ela obriga-o ao capacete de pano e couro, preto, com penacho pequeno, alvi-negro. Os vivos continuam vermelhos e os punhos negros; porém a gola se torna encarnada. No primeiro uniforme, os oficiais têm alamares de ouro na sobrecazaca e banda sob o talim.

Em segundo uniforme, os oficiais têm capacete com lança dourada em lugar do penacho e, em terceiro, o boné de couro lustrozo. As carcelas e vivos passam a ser carmezins.

Em plena republica, no ano de 1890, a modificação dessa farda é pequena. As listas das calças, os vivos e carcelas da tunica voltam á côr vermelha, e as golas só têm encarnado até a metade. Adota-se o quepi mole no segundo uniforme e a côr mescla com barretina de bicos em serviço de campanha. Esse pano já fôra uzado pouco antes da guerra do Paraguai e, provavelmente, durante esta. Quatro anos mais, em 1894, o preto volta a ser a côr distintiva da arma, cujos oficiais retomam o chapéu armado de 1855 e de antes dessa data, sem penacho. A banda é verde e amarela, e o castelo de prata brilha izolado na gola negra. O capacete é mantido no segundo uniforme dos oficiais com penacho todo preto. Mais tarde, nesse mesmo ano, surjem na enjenharia as calças garances, volta a côr vermelha ás carcelas e á meia gola, do lado da

nuca. Os castelos brilham nos braços e os penachos do capacete são pretos e brancos. Em segundo uniforme, o quepi mole, tunica singela e calças brancas. Começam os vivos azues. Vai esta côr ser o sinal da arma, definitivamente substituindo o branco, o preto, o carmezin e o encarnado. Em 1903, o aspeto da tropa é outro. Dolmans tomaram o logar das sobrecazacas. Os vivos azues orlam golas e carcelas negras e não vermelhas, como anteriormente. As peças do fardamento tornam todas a ser azul ferrete. O capacete colonial inglez, todo branco, acorrentado de oiro e empenachado de alvo e negro, expulsa para sempre o chapéu armado, o capacete escuro, o guritão, o "cavaignac". Mantem-se o quepi mole nos pequenos uniformes. No ano de 1908, as calças encarnadas novamente invadem a enjenharia, os capacetes dezaparecem e nos quepis de fundo vermelho tremulam penachos pretos. Adota-se o caqui. Os soldados têm tunicas simples, charlateiras e compridos ponpons em grande gala, quazi como hoje. E, emfim, a tropa de enjenharia chega ao caqui elegante atual, com castelos bronzeados e á grande gala que conhecemos nas paradas, conservando os vivos azues.

Durante todo esse tempo, o batalhão de enjenharia não fez sómente mudar de uniforme. Ele deu, galhardamente, seus esforços e seu sangue pela patria. No dia 1° de abril de 1923, completou 68 anos de ezistencia. Comemorando esse aniversario, seu comandante, o coronel Malan d'Angrogne leu aos seus subordinados uma ordem do dia em que relembrou os feitos, no passado, dessa brioza unidade. Ela distinguiu-se em Humaitá, em Tuiu-cuê,

no Chaco, sempre na vanguarda do 3º corpo do nosso ezercito.

Cada uma das suas citações em ordem do dia, durante a luta memoravel, é uma corôa de louros:

"O batalhão de enjenheiros trabalha dois dias e duas noites, debaixo de fogo, na abertura de trincheiras..."

"Trabalhou desde as 3 da madrugada até ás 7 da noite, sem descanso, na ponte sobre um tremedal, para a passajem do ezercito, sem abrigo para a chuva e sem alimentação, até deixa-la pronta..."

"Estivou o pantanal com grande sacrificio, trabalhando dentro da agua, na estação invernoza..."

E assim se sucedem os retalhos de gloria com que se cobre a sua vida, ezemplo de constancia, abnegação, valor e diciplina.

Desse batalhão de escól sairam nomes dos mais brilhantes e prestijiozos da nossa historia militar, desde o humilde pontoneiro Antonio Augusto Machado, condecorado com a fita rubra de Cristo, morto bravamente, combatendo no Chaco contra os paraguaios, até o memoravel Deodoro da Fonseca, generalissimo e prezidente da republica, que foi seu ajudante, na organização.

O programa organizado no batalhão de enjenharia, na Vila Militar, para as festas comemorativas desse aniversario, é um catalogo desses nomes notaveis, epigrafando as suas varias partes. Nele figuram, além dos que citamos, o tenente Emiliano de Carvalho, que dirijiu as companhias do batalhão no assalto e bombardeio de 10 de abril de 1866; o tenente Mascarenhas Arouca, morto no combate de

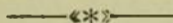
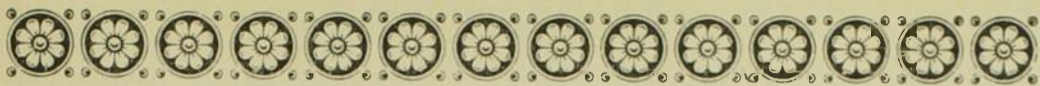
Pirajú; Floriano Peixoto, que comandou uma de suas companhias, em 1866 e 1867, no Paraguai; Tiburcio, o valente general cearense, que nele serviu como tenente e o comandou mais tarde; Hermenejildo de Albuquerque Porto Carrero, seu organizador e primeiro comandante, o formidavel defensor do forte de Coimbra; Conrado Maria da Silva Bitencourt, que o comandou, no posto de capitão, de 1861 a 1862, que o dirijiu no ataque de Humaitá e, depois, o comandou durante 13 anos; Vilagran Cabrita, o herói de Redenção; Juvencio de Menezes, o herói da Laguna; Gomes Carneiro, o herói da Lapa; Bibiano Costallat, ferido em Humaitá, quando quartel-mestre; Cursino do Amarante, comandante dos pontoneiros, ferido no Chaco; Alencastro Guimarães e Magalhães Bastos, oficiais mais do que ilustres.

Vê-se bem que lição de historia é a vida dessa tropa excelente, coberta de serviços ao paiz. Talvez no nosso ezercito atual sómente o 1° rejimento de cavalaria e o 1° rejimento de artilharia, aquele mais que secular, possam assim contar o seu passado. Os outros têm sofrido tais modificações e trocado tantas vezes de numero e até de arma que lhes é impossivel narrar sua ezistencia desde o nascedouro até hoje.

A brilhante historia do batalhão de enjenharia é tambem um ezemplo de quanto vale a tradição nas unidades militares. Com que orgulho fala do passado do seu batalhão o comandante Malan, na sua ordem do dia de 1° de abril:

"Não desmereceremos dos nossos maiores. Olhos fitos no lábaro que resplandeceu no sol das bata-

lhas, saberemos cultivar, na paz, o mesmo ideal... Honremos a memoria dos que nos precederam na trilha da honra!..."

Que em todos os corpos do nosso ezercito ferva esse entusiasmo sagrado pela tradição e pela patria. Só assim saberemos vencer sempre os nossos inimigos, que nunca nos derrotaram no passado e, apezar de tudo, estou certo, não nos derrotarão no futuro, si algum dia vierem contra nós, que só desejamos paz.

———«*»———

A ESPADA DE SAN MARTIN

Um circulo de oficiais da nossa vizinha, a Arjentina, querendo oferecer uma lembrança simbolica á nossa Escola Militar, mandou-lhe precioza cópia da espada de San Martin, que o patriotismo de seus compatricios considera libertador da America, rival de Bolivar.

A arma do general arjentino é um sabre de cavalaria recurvo e de estilo mourisco, que os francezes denominam "bancal", ou cambaio, e nós apelidamos rabo-de-galo. Depois da campanha do Ejito, os generais napoleonicos começaram a uza-los. Eram infaliveis nos rejimentos de hussardos do começo do seculo. E reprezentam o gosto militar de uma época.

Escolhendo esse mimo, os militares do paiz amigo fizeram grande honra aos nossos, porque o culto simbolico do guerreiro dos Andes atinje ali as raias do ezajero. O arjentino não admite mais que San Martin seja um herói local, projeta-o sobre o mapa da America e faz com que sua sombra vá topar a sombra fecunda de Simão Bolivar. Aliaz, a

alma dos platinos tende ao aumento desmezurado das couzas, obra da hereditariedade. Corrêa Luna não chega ao ponto de dizer que Ituzaingó foi a derradeira batalha travada a prol da independencia dos povos americanos? Entretanto, a derradeira parece que foi Monte Caseros, sinão Cerro Corá...

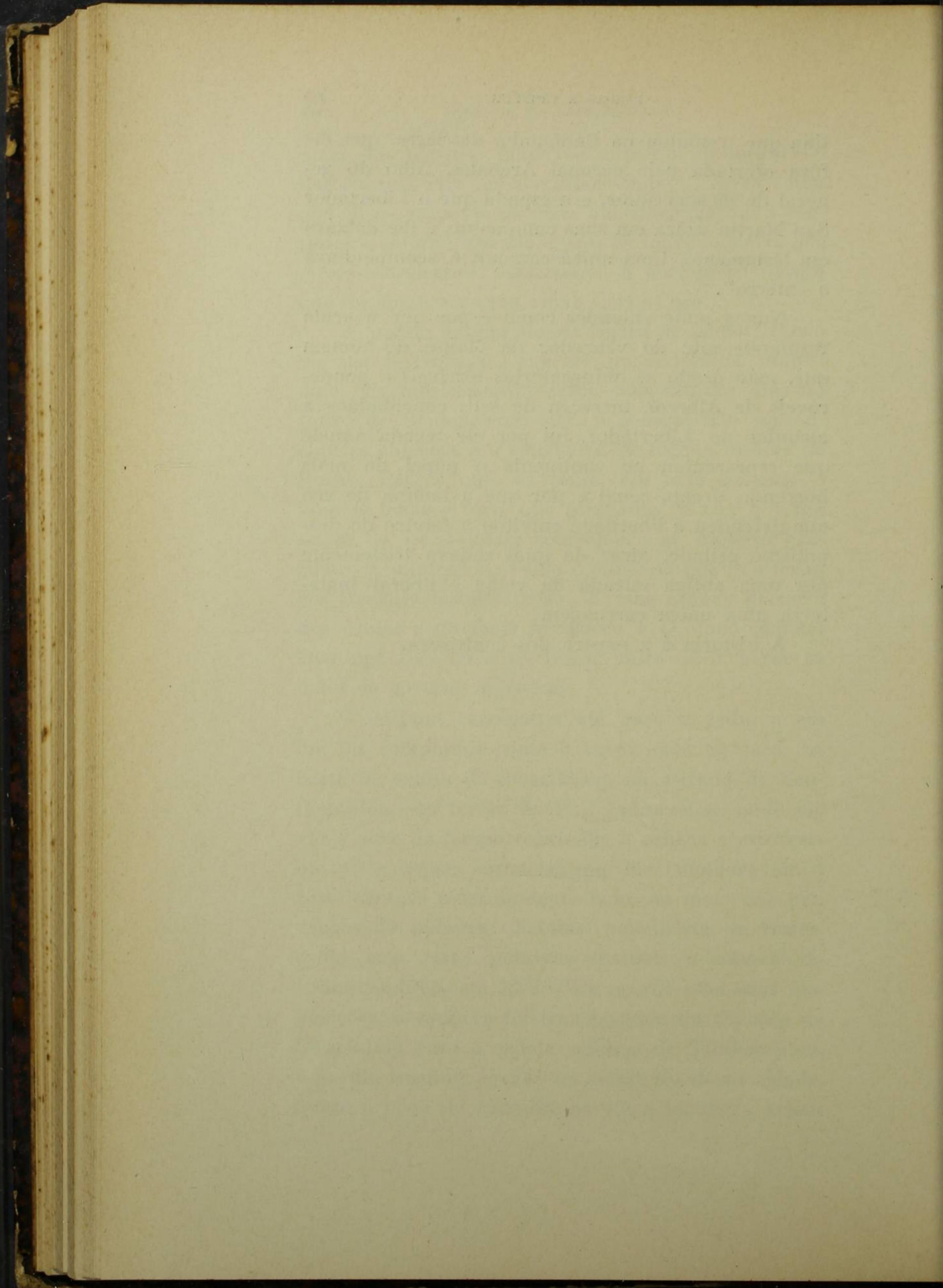
A espada de San Martin figura de modo curiozo no seu testamento. Auzente da Arjentina muitos anos, vivendo tranquilamente seus ultimos dias no retiro de Boulogne-sur-Mer, o general não prezenciou as abjeções e a sangueira da tirania infame de Rozas. Parece que, de lonje, viu nele sómente o homem tenaz e forte que pretendia refazer o velho sonho do vice-reinado contraposto ao imperio brazileiro e admirou-o. Tanto o admirou que lh'a legou em clauzula testamentaria. E essa espada glorioza dos Andes e do Perú pertenceu a D. Juan Manuel Domingo José Ortiz de Rozas antes de ir parar ás mãos do governo arjentino.

O despota carregou-a até para o ezilio e ela lhe fez companhia vinte e cinco anos na caza coberta de colmo de Swartkling, na estrada de Southampton, em terras de lord Palmerston, onde ele viu a neve do tempo cobrir-lhe a cabeça e escorrerlhe pelas longas costeletas que lhe emolduravam o rosto sempre masculamente belo, no meio das privações da pobreza. Saldias, panejirista de Rozas, conta com estas palavras textuais o enterro do velho caudilho, em 1877: "De acôrdo com suas dispozições, o cadaver foi transportado da chacara de Swartkling para a capela catolica de Southampton, e no dia seguinte levado ao cemiterio dessa cidade. Sobre a urna de carvalho se via a bandeira arjen-

tina que tremulou na Campanha da Serra, que lhe fôra ofertada pelo coronel Arenales, filho do general do mesmo nome, e a espada que o Libertador San Martin uzára em suas campanhas e lhe deixára em testamento. Uma unica carruajem acompanhava o enterro".

Nunca pude entender como e por que a arma resplandecente do vencedor de Maipú, do homem que, máu grado as objurgatorias terriveis e ponderaveis de Alberdi, mereceu de seus concidadãos a alcunha de Libertador, foi por ele legada áquele que reprezentou no continente o papel do mais horrendo tirano, como e por que a lamina de aço que defendeu a liberdade enfeitou o feretro do despotismo ezilado, atraz do qual rodava tristemente por uma antiga estrada da velha e liberal Inglaterra uma unica carruagem.

A historia é a mestra dos contrastes.

——«*»——

A FACA DE SOLANO LÓPEZ

A' redação dum dos jornais de Fortaleza, capital do Ceará, compareceu ha tempos o sr. Raimundo do Carmo Filho, cego e pai de dezeseis filhos. Chamando a atenção para o seu triste estado de pobreza, esse velho cearense trazia comsigo uma precioza reliquia historica, da qual se queria desfazer para atender a necessidades pecuniarias. E ezibiu aos olhos dos redatores uma faca de aço, de fabricação espanhola, com o cabo de prata lavrada, a lamina incrustada de ouro de má liga e a bainha de prata com folhas e frutos de videira burilados. O suporte da bainha representava uma figura de mulher vestida á antiga, pisando sobre um florão.

Declarou o sr. Raimundo do Carmo Filho que possuia aquela arma havia trinta e dois anos e dela só se desfazia por grande necessidade. Já recuzara uma feita pela mesma cento e cincoenta mil réis.

Assegurava mais que aquela faca pertencêra ao ditador do Paraguai, Francisco Solano López. Contou então o seguinte:

"Quando o chefe do ezercito e da nação paraguaios tombou ferido nos charcos do Aquidaban,

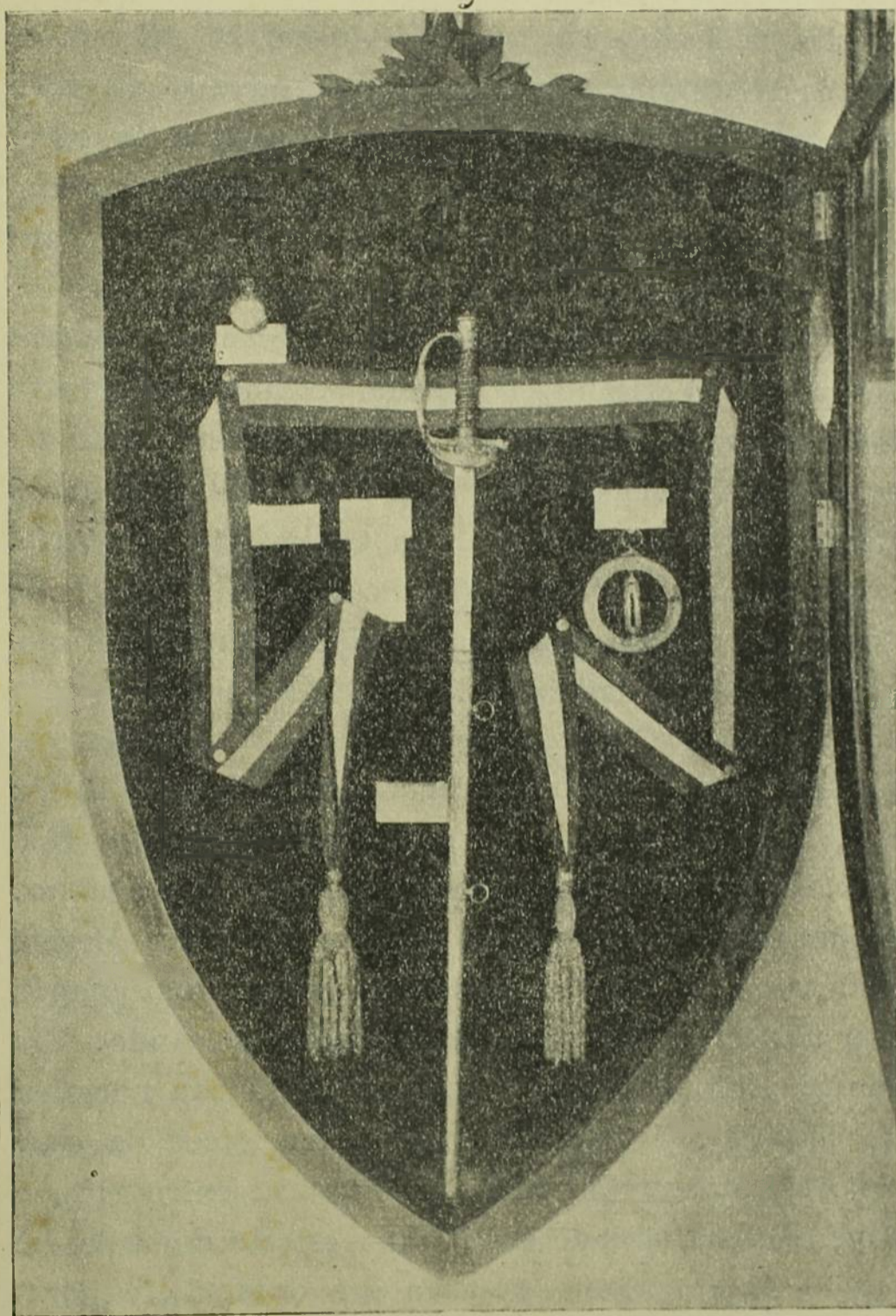
um oficial cearense, prezente ao epilogo da guerra, retirou do cadaver de Solano López a faca que ele trazia. Por esse tempo, vivia em Fortaleza o padre Antonino Pereira de Alencar, professor de latim do Liceu e um dos próceres do partido liberal da monarquia. Gozando de real influencia no Ceará, esse sacerdote era amigo do oficial referido e cujo nome não foi possivel descobrir. Detentor da precioza arma, o guerreiro cearense remeteu-a ao padre Antonino, como lembrança da peleja e testemunho de amizade".

Acrecentou que, por morte do citado sacerdote, a arma ficou em poder do sr. Washington Pereira de Alencar, contador e distribuidor do fôro de Fortaleza, que conheci muito, pessoalmente, e tinha o apelido de Azinha. Antes de morrer, o sr. Washington deu a faca de prezente ao seu amigo Antonio Nogueira Lima, no dia do aniversario deste. Ha 32 anos, o sr. Nogueira transferiu a reliquia ao seu cunhado Raimundo do Carmo Filho.

Eis aí a historia da faca de Solano López, tal como a contam no Ceará. Todas essas transferencias repouzam na tradição oral do proprio possuidor da lamina.

Nela nenhum carateristico autoriza a afirmar que tenha pertencido ao ditador paraguaio. E os documentos relativos á morte do mesmo não se referem a uma faca.

Dos ultimos objetos em poder de Francisco Solano López, quando foi morto na sanga do Aquidanigui, guarda o Muzeu Historico Nacional os mais preciozos. O album de ouro, guardado num estojo de ouro e prata, que lhe fôra oferecido pelas mu-

lheres do Paraguai; a espada com que quiz acutilar a Camara; o relojio de ouro que trazia no bolso

Vitrine no Muzeu Historico, Rio, contendo a espada, a banda de marechal, o relogio de ouro e o relogio de sol do ditador Solano Lopez

da camiza; a banda de marechal; o carimbo oficial, e o relojio de sol portatil, que uzava prezo á sela. O

album já é um documento autentico por si. A espada está documentada por ela propria, pela riqueza do punho, as armas do Paraguai, as inscrições, os oficios de remessa e varias fotografias oficiais de Lopez. O relojio tem as armas paraguaias e inscrições que o autenticam. A banda mostra as côres nacionais e os canutões de oficial general. A chancela prova por si sua procedencia. O relojio de sol foi trazido pelo velho marechal Mendes de Moraes.

Mas ha em poder de particulares muitas outras reliquias do tirano. O Muzeu Simoens da Silva ezibe o quepi rubro florido de oiro encontrado na barraca de Lomas Valentinas. Decendentes do barão de Muritiba, como de outros titulares do imperio, possuem outros objetos. Tenho noticia da placa da Orden del Merito, que uzava. Não é impossivel que a faca seja verdadeira.

Entretanto, dela nunca ouvi falar e quer me parecer que se não aprezenta com documentação suficiente. Na qualidade de diretor do Muzeu Historico, ponho sempre essas historias de quarentena. Na maioria dos cazos, não passam de lendas. Recebi uma vez de eminente senhora a dadiva dum chapéu armado de Estigarribia. Ezaminei-o, sorrindo. Era um bicornio de oficial superior da guarda nacional do imperio. Trazia os dragões heraldicos da caza de Bragança na prezilha bordada e, entre eles, o tope nacional creado em 1831: a estrela dourada em fundo verde. Como poderia ser dum chefe paraguaio ? A dama custou a convencer-se da verdade. Um jarrão de Saxe — peça lindissima e riquissima, que me foi proposta a adquirir como sendo prezente da fabrica de porcelana da Saxonia por mo-

tivo do cazamento da princeza Leopoldina, trazia no bojo o escudo da Lituania...

São couzas que acontecem todos os dias. Uma caza de joias da rua Uruguaiana costumava expôr na sua vitrine uma velha e curioza arma: o primeiro revólver — de espoleta externa com cinco canos, pondo-lhe este distico assombrozo: Pistola de Caramurú.

Recentemente, segundo li num artigo do brilhante homem de letras pernambucano Mario Melo, se mostrava ao publico numa loja de Recife uma espingarda de chispa, marca Tower, regulamentar no primeiro reinado, como reliquia da guerra flamenga, em que só havia arcabuzes de mecha e, quando muito, de rodete.

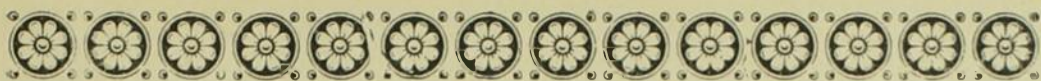
Dirijo o Muzeu desde agosto de 1922, quando foi creado, portanto ha oito anos. Neste prazo, já me foram oferecidos e por diferentes pessoas trez relojios de Tiradentes ! Trez, é verdade ! E o martir da Inconfidencia nunca foi relojoeiro.

O mais interessante é que todos bem documentados. Vá, pois, uma pessoa se fiar em todas as reliquias que lhe apareçam.

Todavia, varios objetos do tirano fôram distribuidos a militares depois de Cerro Corá, como lembranças, por aqueles que deles se apoderaram. Floriano Peixoto, que comandou ali uma ala do 9º de infantaria, numa carta ao general Tiburcio, publicada pelo ilustre general Mario Barreto no 4º volume da "Campanha Lopezguaya", refere-se a uma manta que lhe coube em partilha. Um inventario em meu poder dos objetos historicos e reliquias do conde de Porto Alegre menciona a cadeira em que

Lopez se sentava em sua barraca e fôra oferecida a Marques de Sousa pelo visconde de Pelotas.

Andaram os pozitivistas e pozitivoides do Rio de Janeiro assanhados para restituir troféus paraguaios ao prezidente Guggiari, quando esse ilustre estadista nos vizitou. Cortei-lhes as vazas e não lhe entregaram nada. Como ficha de consolação, poderiam agora adquirir a tal faca, que está exposta á venda em Fortaleza, e remete-la para Assunção. Dou minha palavra de honra que me não oporei de maneira alguma...

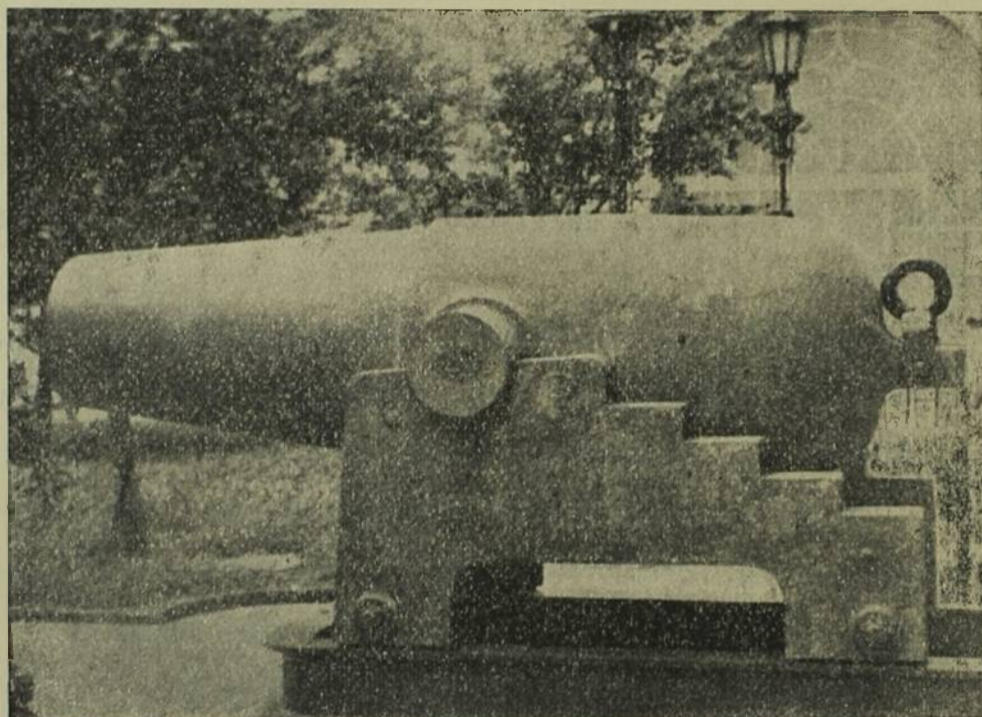
——«*»——

NOSSOS TROFÉUS

Rapida estatistica dos troféus conquistados aos inimigos do Brazil em combate, feita atravez das *Efemerides* de Rio Branco, dá o seguinte curiozo rezultado:

Campanha de Caiena — 1809: no dia 8 de janeiro, o commandante Yeo, á frente de 80 marujos inglezes e 100 soldados brazileiros, toma em Torcy, na Guiana, duas peças de campanha aos francezes. Uma delas, fundida por Dupont, no arsenal de Rochefort, em 1793, eziste no Muzeu Historico.

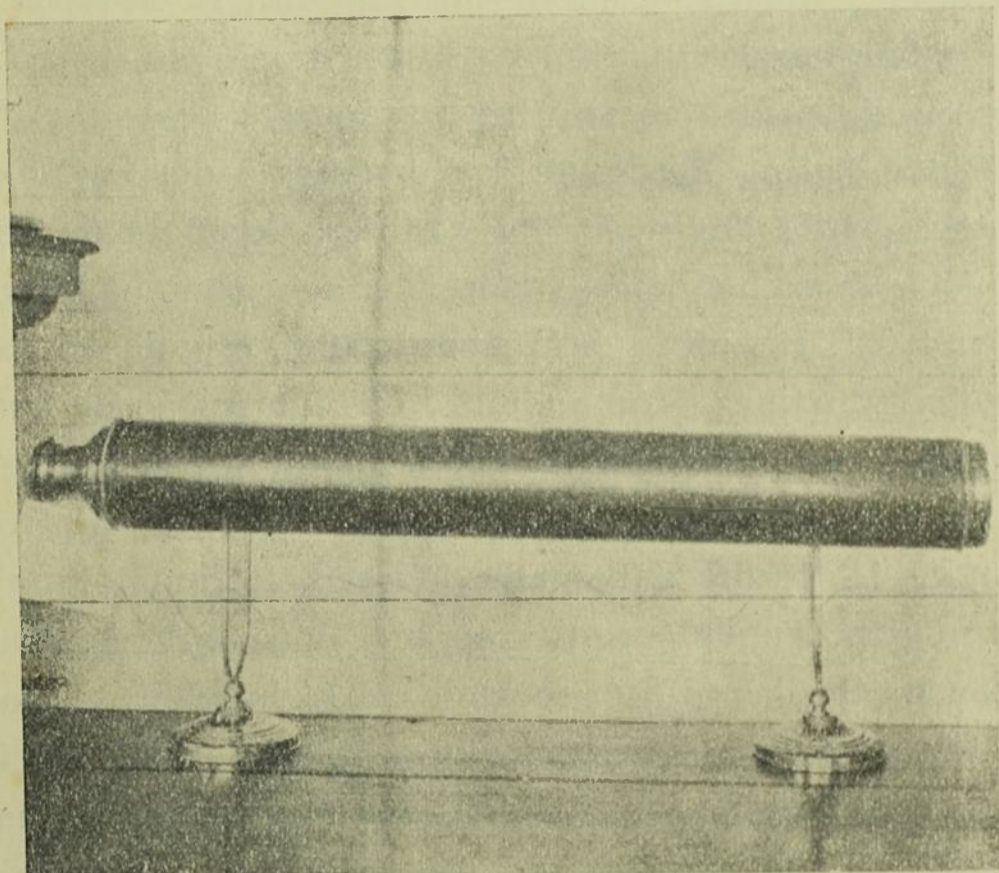
Campanha contra Artigas — 1816-1820: combate do passo do Itaqui, um canhão. Capitulação de Montevidéu, 292 canhões e trez morteiros. Batalha de Taquarembó, uma bandeira. Combate de Itacurubi, um canhão. Combate do passo de Santo Izidro, espada do coronel Andrés Artigas, aprizionado. Batalha de India Muerta, um canhão. Combate de Carumbé, dois estandartes e sete tambores. As espadas dos coroneis Berdun e Mosquera, feitos prizioneiros por Bento Manoel. Numa *razia* do mesmo, as peças das baterias de Calera de Barquin, Perucho Berna e Passo de Vera, a espada de Gregorio Aguiar, o

estandarte de Artigas perdido no Arroio da China. De tudo, restam sómente no Muzeu Historico dois canhões de bronze.

Campanhas da Cisplatina e naval do rio da Prata — 1825-1828: combate de Barracas, uma bandeira da canhoneira arjentina n. 11. Combate do Monte Santiago, uma bandeira do brigue arjentino *Independencia*. Combate do Salado, duas bandeiras da escuna *Honor* e do brigue *Felix*. Combate de Mal-

Obuz paraguaio *El Cristiano*

(Muzeu Historico)

donado, duas bandeiras arjentinas. Aprizionamento do brigue-escuna *Ocho de Febrero,* uma bandeira do navio, uma espada do comandante Espora e o oculo do almirante Brown, que este dera áquele. Uma bandeira do *Hijo de Julio* tomada pela *Izabel*. Uma bandeira do *Peruano* aprizionado por Grenfell na altura de Cabo Frio. Combate de Punta Chaparro, uma bandeira do lúgar *Martin Garcia*.

Combate da Ensenada, duas bandeiras dos brigues *Congreso* e *Harmonia*. A unica couza que se conserva ainda e está no Muzeu Historico é o oculo de Brown.

Oculo do almirante arjentino Guilherme Brown
(Muzeu Historico)

Campanha contra Rozas — 1851-1852: batalha de Monte Caseros, 22 canhões e uma bandeira, tomados aos arjentinos. O governo imperial restituiu a bandeira.

Campanha do Uruguai — 1864-1865: toda a artilharia e varias bandeiras tomadas em Paisandú, havendo duvidas quanto ao numero ezato, mas podendo-se calcular, dentro da verdade, em 20 canhões e quatro bandeiras.

Campanha do Paraguai — 1865-1870: combate de Lomaruguá, uma bandeira. Combate de Laguna Si-

rena, dois canhões e uma bandeira. Combate do Estero Bellaco, trez canhões e uma bandeira. Primeira batalha de Tuiuti, quatro canhões, duas bandeiras e um estandarte. Tomada de Corrientes, trez canhões e uma bandeira. Combate de Tupium, 12 canhões e trez bandeiras. Batalha naval de Riachuelo, trez figuras de prôa dos vapores paraguaios *Marquez de Olinda, Salto e Paraguari,* trez bandeiras dos mesmos, trez espadas dos seus comandantes. Combate de Sapucaí, duas bandeiras. Tomada de Corumbá, uma bandeira. Rendição de Acauanguassú, espada do coronel Martinez, comandante da guarnição de Humaitá, seis canhões, uma bandeira e um estandarte. Combate de Botuí, duas bandeiras. Ocupação de Humaitá, 182 canhões. Tomada do Estabelecimento, uma bandeira. Tomada de Cerro-Corá, dois canhões. Ataque de Peribebuí, um morteiro e 14 bandeiras. Tomada do Taji, uma espada, 10 canhões e seis bandeiras. Combate de Piquisiri, 30 canhões e 11 bandeiras. Batalha de Campo Grande, 23 canhões e seis bandeiras. Combate de Caraguataí, 12 canhões, uma bandeira e uma espada do tenente-coronel Bernal. Combate do Potrero Obella, uma espada do coronel Gonzalez. Combate do Potrero Recalde, trez canhões. Tomada de Curuzú, 13 canhões e trez bandeiras. Capitulação de Uruguaiana, uma espada do coronel Estigarribia, seis canhões e sete bandeiras. Combate de Surubi-i, um estandarte. Combate do Capão das Duvidas, oito estandartes. Combate do Paso Maranjai, dois canhões e trez bandeiras. Combate de Tatajibá, dois estandartes. Combate de Curuguati, trez bandeiras. Segunda batalha de Tuiuti, uma bandeira e um estandarte. Combate de Jegui-mi, dois canhões e uma

bandeira. Combate de Capito-Cuê, um estandarte. Batalha de Villeta ou de Avaí, 18 canhões, dois tambores e 11 bandeiras. Passajem de Itororó, seis canhões e uma bandeira. Batalha de Lomas Valentinas, cinco bandeiras, entre as quais a dos *riffleros* da guarda de López. Rendição de Angostura, duas espadas, de Thompson e Carrillo, 16 canhões e trez bandeiras. Combate de Ita-Ivaté, 29 canhões. Aquidabanigui, a espada de López. Além disso, as bagajens deste, de sua mãi, os arquivos, etc.

Tudo isto dá os seguintes totais: 773 canhões e morteiros, sem contar os que tomou Bento Manuel e cujo numero não sabemos; 132 bandeiras, trez figuras de prôa, 15 espadas de chefes inimigos e nove tambores. Não creio que nenhuma nação sul-americana possa arrolar a mesma quantidade de troféus conquistados por suas armas vitoriozas.

Felizmente, do Paraguai alguma couza a mais se conservou e está no Muzeu Historico: oito canhões, as bandeiras do *Paraguari*, do *Salto* e do reduto do Sstabelecimento, cinco tambores, as trez figuras de prôa, as espadas de López, Martinez, Bernal, Estigarribia, Thompson, Mongelós, Villamayor, Irala, Cespedes, Alcaraz, Ortiz, Robles, José Lopez. Além disso, sabres, espingardas, lanças, alguns restos da prataria que conduzia a mãi de López, o cofre deste, outras couzas de sua propriedade, como o relojio, a faixa tricolor. Sabe-se que em mãos de particulares ha espadas, objetos, mesmo bandeiras.

O mais que fim levou?

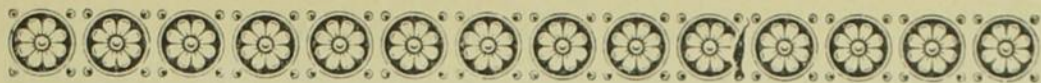
O governo imperial restituiu os troféus tomados em Caseros á Arjentina e os de Paisandú ao Uruguai, menos uma bandeira trazida para o Rio de Janeiro,

que mais tarde tambem se restituiu, a pedido do diplomata oriental D. Andrés Lamas. Na Cruz dos Militares devem ezistir, si o tempo não as destruiu ou o descazo não as extraviou, 22 bandeiras: as 11 tomadas por Mena Barreto, no Taji, Sapucaí e Piquisiri, e as 11 trazidas em 1869, pelo duque de Caxias e ali depozitadas, que são as de Avaí.

Devido a essas restituições que, patrioticamente, podemos chamar criminozas, e a distribuição com a Arjentina e o Uruguai dos troféus paraguaios, não seria possivel ter todas essas reliquias. Entretanto, si fossemos um paiz que fizesse cazo dessas couzas, não teriamos desprezado e perdido 12 bandeiras que arriamos, vitoriozos, de vazos de guerra arjentinos.

Nas "Efemerides", o barão do Rio Branco indigna-se contra a divizão de troféus pelos aliados, denominando-as *prezentes de bandeiras* e ajuntando: "Os troféus pertencem á nação que os conquista, e são conservados com o maior cuidado e respeito em algum templo, ou muzeu militar".

Essa é a lição do bom senso que, de continuo, temos desprezado. E por isso perdemos, sem saber como, os troféus tomados ao inimigo pelos nossos antepassados e prégamos ainda a restituição dos poucos que restam, como si eles nos envergonhassem ou os tivessemos roubado...

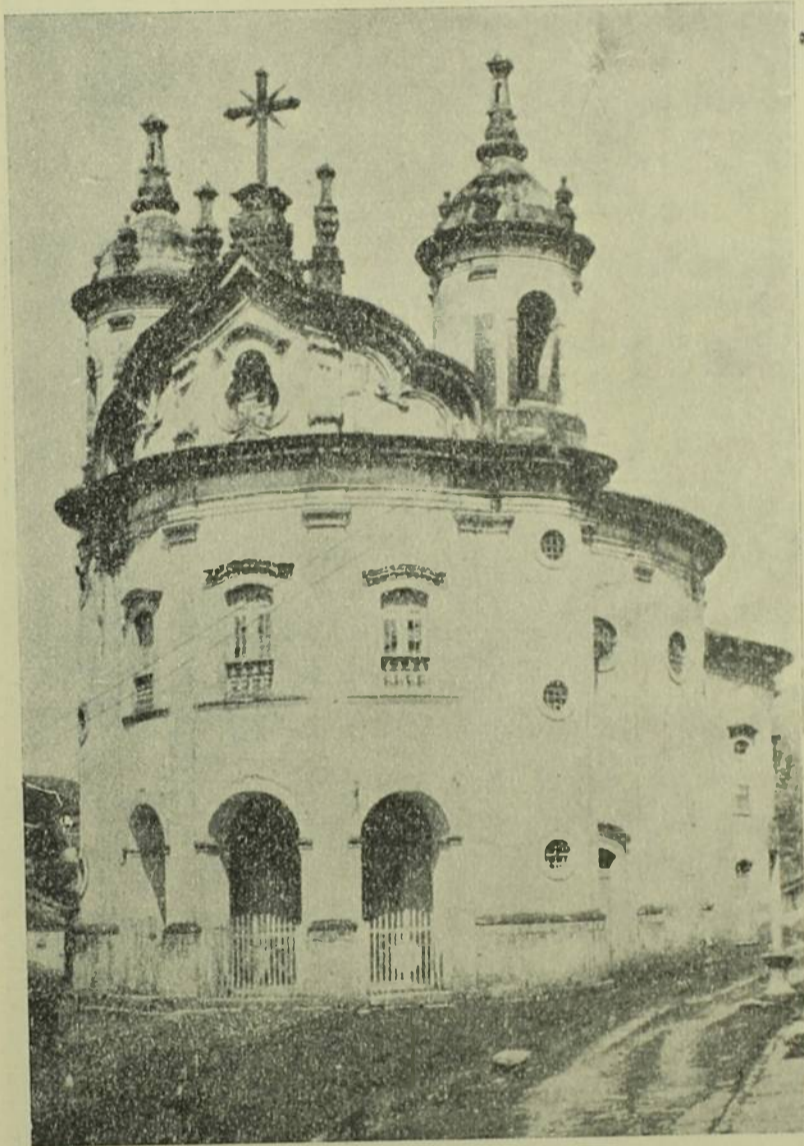
———«*»———

SUPRA MONTEM

A rejião de Minas Gerais, geralmente chamada campo, é uma das mais interessantes pajinas da historia do Brazil. Quem por ela viaja como que penetra no proprio passado da nossa terra e da nossa raça. A cada passo, as lembranças nos enchem de emoção. Aqui estão as minas, com seus respiradouros e seus sarilhos esquecidos. Delas saiu o ouro que permitiu a D. João V o luxo oriental da sua côrte, que deu a Portugal os favores pontificios, e Queluz, e Mafra, e tantas outras riquezas. Ali está a estupenda Villa-Rica, com uma igreja de atalaia no cimo de cada monte e uma lenda em cada viela. Eis os pulpitos de pedra, lavrados pelo Aleijadinho, o ouro betando os ribêtes dos altares, a severa e triste Caza dos Contos, e o logar de reunião dos inconfidentes, e o calabouço sob a escada, onde se matou Claudio Manuel, e o terreno salgado da mansão pobre de Tiradentes. Eis os templos celebrados pelo fausto da arte barrôca, que, com os Vignolas na mão, os artistas brazileiros do seculo XVIII, alevantaram com profundos carateristicos locais: o Rozario, as duas Mercês, os dois S. Franciscos, o Carmo.

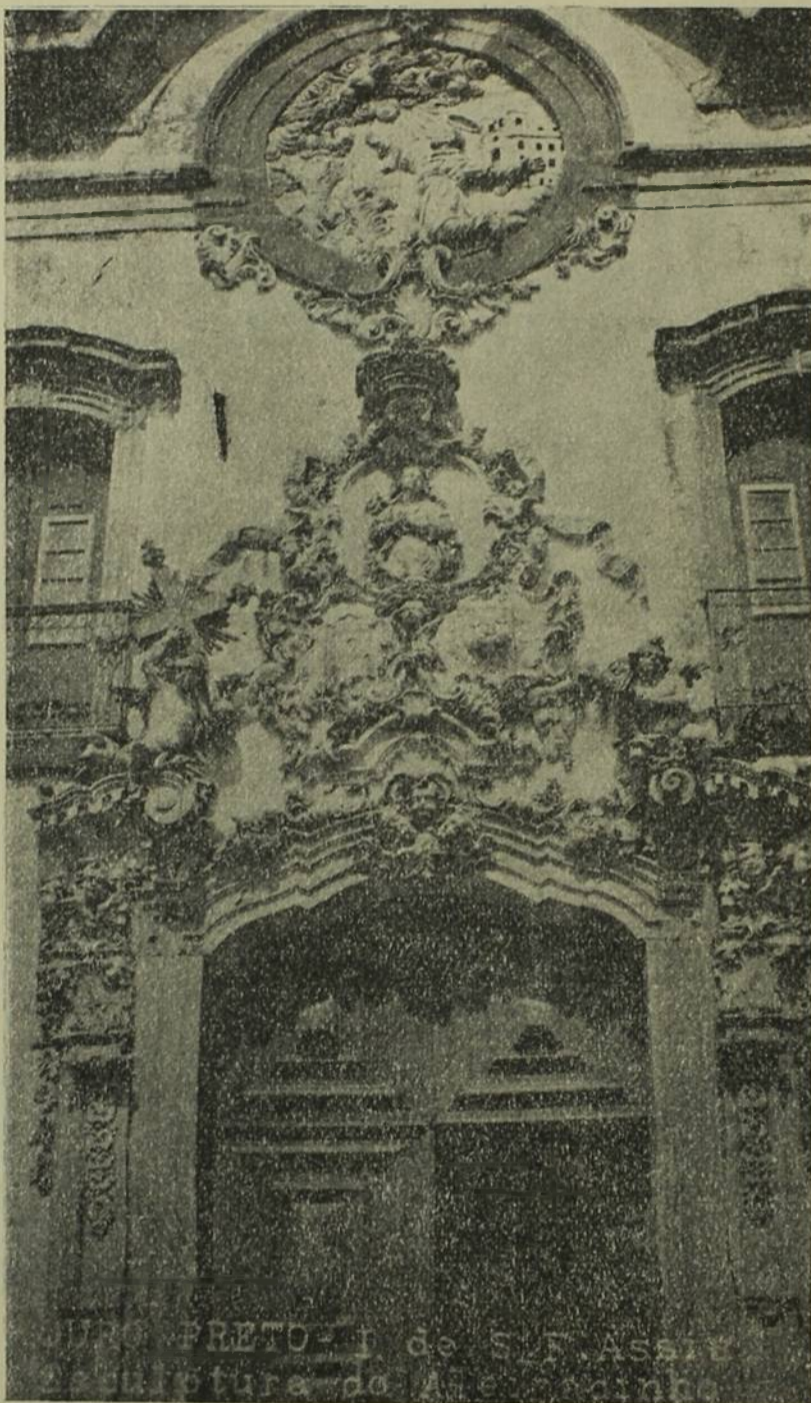
Eis a caza arruinada de Marilia de Dirceu e a janela de balcão de ferro, onde o lirico Tomaz Antonio Gonzaga bordava a seda o enxoval da noiva. Eis as fontes publicas encimadas pelos brazões e pelas cruzes,

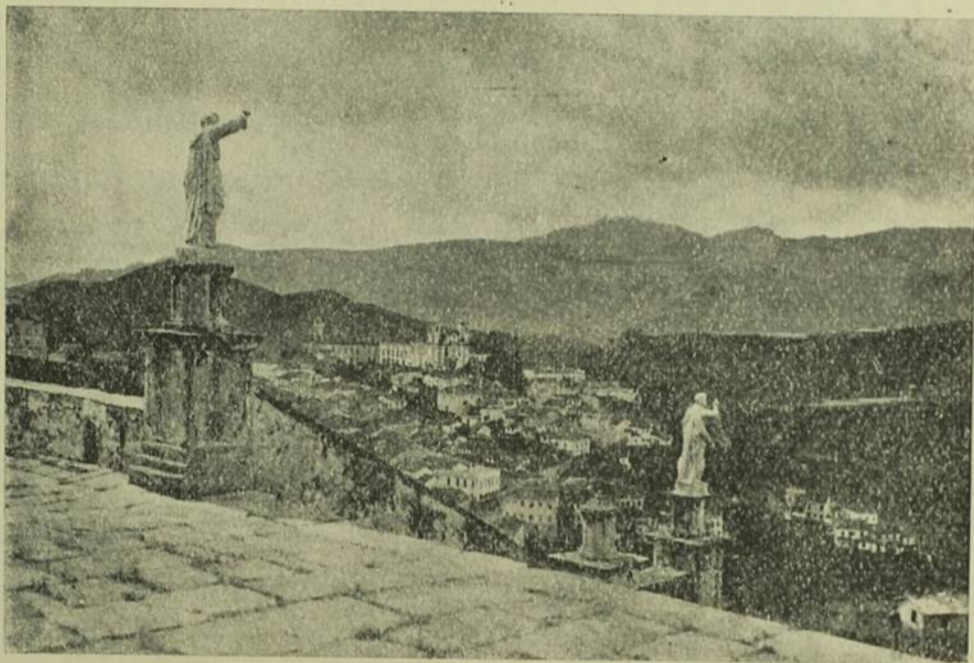
OURO PRETO — Igreja de S. Francisco de Assis

com as marjelas das bacias roidas pelo roçar dos pescoços dos animais. Eis o alto onde se erguia a forca e aquele em que se expunham as cabeças dos condenados. Além, é o planalto da serra dos Tabões com suas estradas calçadas de lajes como as vias ro-

manas e uma bica de meia em meia legua para refrigerio das tropas. Dominam tudo os espetros das cazas do arraial de Pascoal de Morais, o que recuzou pagar os quintos de ouro, no morro da Queimada, mandado incendiar pelo duro conde de Assumar. E

OURO PRETO — Igreja do Rozario

por esses vales e ribeirões em fóra, os olhos da nossa imajinação podem vêr sem ser precizo grande esforço, de tal modo o passado impregna aquela terra, as sombras dos bateadores, dos faiscadores e dos tropeiros. Quando a noite dece, da mesma fórma, os nossos ouvidos pódem adormecer, escutando o tropél

dos terriveis Dragões das Minas e os gemidos lancinantes de Felipe dos Santos, arrastado pelos cavalos por monte e vale...

Adeante, é Mariana, mais velha, mais acabada, com igrejas cheias de tezouros, onde as cazulas antigas enchem os gavetões, nos cadeirais dos conegos ha pinturas orientais, as mãos do Aleijadinho mode-

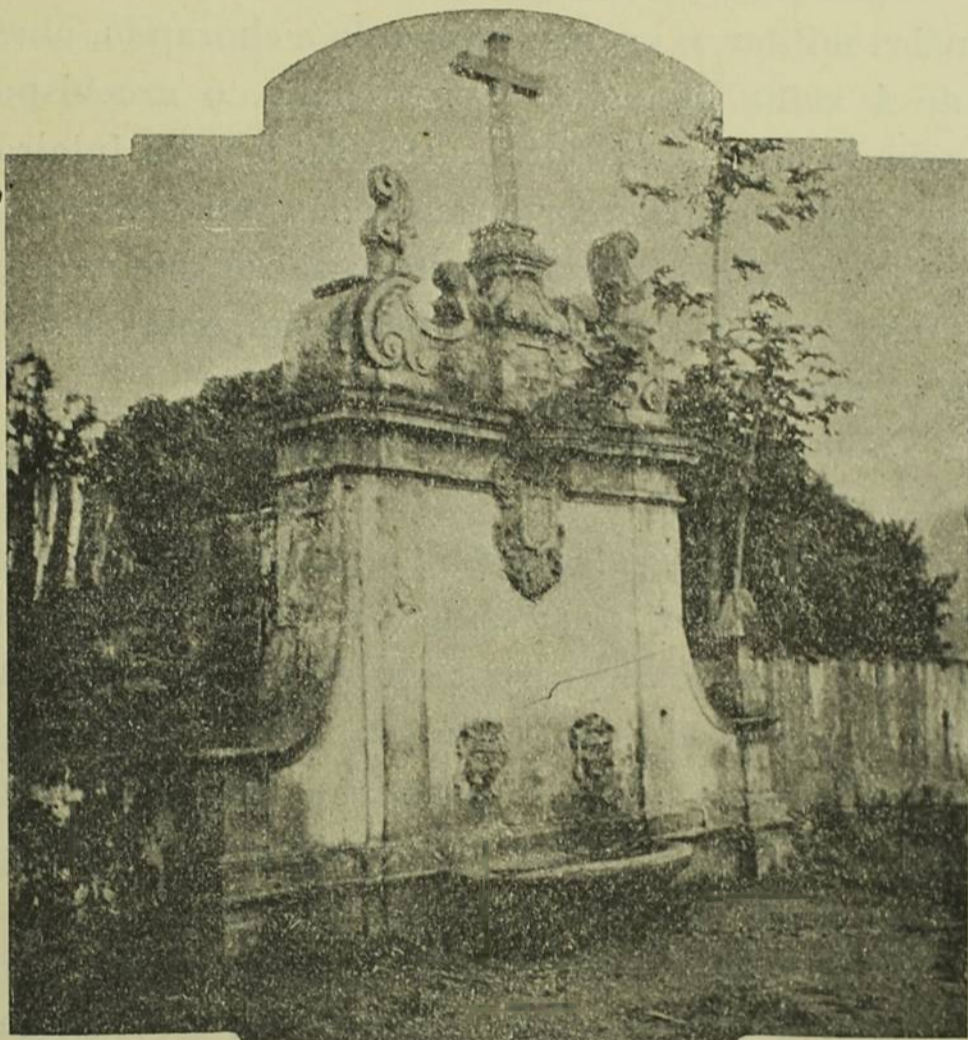
laram os relevos azulados das pedras-sabão, os jacarandás preciozos retorcem-se em espirais, que fariam inveja a João d'Arbois e em volutas que maravilhariam o proprio Chippendale, e ha manuscritos enluminados e historiados com tanta arte quanto o celebre missal da Sé de Vizeu, de Estevam Gonçalves. Vêde ainda, em frente da Sé, o pelourinho vetusto, simbolo comunal e poste de infamia. Vêde a fachada do velho paço desse conde de Assumar, cuja passa-

OURO PRETO — Vista da escadaria monumental de S. Francisco de Paula

jem por Minas deixou uma esteira de fogo e de sangue. Duvidais que, nas noites de luar, ele se debruce duma daquelas sacadas de ferro batido com pinhas aos cantos, cismarento e torvo? Pois eu não duvido. Como Ouro Preto, como Olinda, como outras tantas cidades mortas do mundo, as vizões do passado enchem de tal sorte Mariana, que é possivel, deante dos nossos olhos surjirem os vultos daqueles, cuja vida ali atinjiu ao fastijio do crime, do sonho, ou do poder...

Cidade arquiepiscopal, a velha dioceze mineira guarda a tradição de episcopos notabilissimos, desde frei Manuel da Cruz, que veiu por terra do Maranhão a Minas, a frei Pontevel, ao santo e sabio D. Viçozo, ao sabio e santo D. Silverio. Quem se senta no "aureo trono" de tão ilustres antecessores, nos dias que correm, é um prelado que, si por ele é honrado, tambem o dignifica. D. Helvecio Gomes de Oliveira é, como diz Augusto de Lima Junior, uma alma de Leão X desterrada nos sertões brazileiros. Ele ama o belo em todas as suas manifestações artisticas e seus olhos de idealista voltam-se para o passado, á procura de tudo quanto a fé e o amor nele produziram de elevado. Nobre figura, que, si de lonje interessa pela harmonia de sua vida, de perto atráe como um abismo de bondade cristã.

Transformando a igreja inconcluza de S. Pedro, que fica a cavaleiro de Mariana, em um Muzeu de Arte e Historia, ele presta ao nosso paiz, onde tais couzas são tão descuradas, um serviço admiravel e dá, ao mesmo tempo, áqueles cuja inação tem permitido se carregue do Brazil para o estranjeiro as maiores preciozidades das nossas igrejas e estabelecimentos antigos uma lição que dezejamos seja proveitoza.

Para a inauguração desse Muzeu, o arcebispo de Mariana organizou uma ceremonia social, relijioza e patriotica, que, si não foi a mais rica, a mais imponente, ou a mais esplendoroza que meus olhos têm visto, foi a mais emocionante que jámais prezenciaram. A bandeira do 17° de voluntarios da patria, famozo no coração de Minas, que tremulou sobre as dores, as mizerias e os heroismos da retirada da La-

guna, trapo descorado, que o incendio dos macegais tostara e que os olhos moribundos de Camizão e os olhos sonhadores de Taunay viam adejar entre o brilho das baionetas, estava guardada, desde o fim da campanha do Paraguai, na catedral de Mariana. Ali

SABARÁ, MINAS — Chafariz colonial

a puzeram as proprias mãos que a benzeram quando partira para a luta: as mãos emaciadas de D. Viçozo.

Para Mato Grosso e o Paraguai, levou-a o pulso forte do alferes Joaquim Jozé de Sena. Fôram as suas mãos trigueiras e seguras de veterano daquelas campanhas que a entregaram ao bispo de Mariana, de volta das refregas. Agora, quem deveria le-

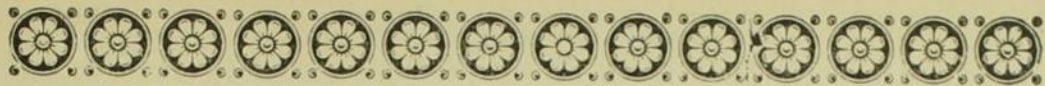
var a bandeira augusta, da Sé para o Muzeu de São Pedro? As mãos tremulas do octogenario do heroico Joaquim José de Sena! E bastou este facto raro e extraordinario para tornar essa festa patriotica de Mariana a mais cheia de alma que tenho prezenciado.

Entre alas de caçadores do ezercito, ao som da muzica militar, o ancião, tremendo e chorando, abraçado á velha bandeira. Sob o palio, o arcebispo. O mundo oficial, em torno. Depois, o povo inteiro. O ar, cheio pelo clangor bronzeo dos velhos sinos. E os aljófares das lagrimas, mais preciozas que as mais preciozas perolas, dando um brilho inigualavel a todos os olhos...

Tudo isso naquela moldura historica de Minas, onde, em Ouro Preto, da capela do Padre Faria á caza de Marilia, ainda se sentem as pegádas da bandeira de Antonio Dias; onde, em Mariana, nos arcos retorcidos de S. Pedro, se julga a arte extraordinaria dos nossos avós, tudo isso era de emocionar profundamente mesmo áqueles que, eivados de ceticismos tão em moda, até da Patria e de Deus descrêm, porque descrêm de si proprios...

Certo estou de que todo brazileiro sincero, apoz essa grande comemoração, olhará com afeto e com respeito a figura alta e nobre do atual Arcebispo da historica Mariana, cidade que dorme lá no sertão mineiro, entre suas tradições, embalada pelas aguas murmurantes desse velho ribeirão do Carmo, que tanto ouro deu á corôa de Portugal. Hoje, ali já é raro o ouro nas aguas e nas terras; sobra, porém, nos corações...

———«✻»———

QUESTÕES SUL-AMERICANAS

O CONFLITO PARAGUAIO-BOLIVIANO

O conflito boliviano-paraguaio foi encarado no Brazil com sereno otimismo. A opinião publica não se deixou enganar por boatos tendenciozos, nem se equivocou com os ezajeros, filhos das excitações do momento. E em toda a gente havia a esperança de que as duas nobres nações não recorreriam á guerra. A America é, em verdade, no cenario universal, aquela parte que póde ser denominada o continente da paz e seria bem triste que, precizando de cultura e de incentivos á sua novel civilização, carecendo de valorizar suas terras e sua produção, de aumentar seus povoadores e de fomentar sua riqueza, fôsse perder em pugnas fratricidas seus melhores esforços. Esperemos que esteja entre nós definitivamente encerrado o ciclo das batalhas e que os nossos duelos, de ora em deante, sejam sómente os do dezenvolvimento cultural e do progresso dentro da ordem e da confiança.

Essa opinião, cheia de sincero, de verdadeiro americanismo, é a que predomina tanto na nossa patria como nos paizes vizinhos. Nenhum estadista, publicista ou jornalista sul-americano dezejou que

a pendencia paraguaia-boliviana assumisse maiores proporções e se complicasse com factos mais graves do que os ocorridos. A mentalidade brazileira sobre o cazo foi pozitivamente essa, aliáz profundamente tradicional, pois, *quoiqu'on dise,* nunca fizemos a guerra sinão forçados pelas circunstancias e em grau de ultimo recurso.

A questão que explodiu entre o Paraguai e a Bolivia é antiga. Não a desconhecem os que se preocupam com as couzas americanas. Ha uns quarenta anos já, ela perturba a atmosfera de cordialidade dos povos do continente e preocupa suas chancelarias. De vez em quando, se abranda e se ofusca. De vez em quando, chameja e explode. E' curiozo notar a ezistencia nos arquivos do Itamarati de comunicações de nossa legação em La Paz aí por 1893, ao tempo de Floriano Peixoto, nas quais nossos reprezentantes noticiam a tensão formidavel nas relações dos dois vizinhos, receiando-se mesmo a guerra dum momento para o outro. Isto ha quazi quarenta anos...

No fundo desse litijio do Chaco boreal, grandes e graves interesses em jogo. O Paraguai está na posse do terreno disputado. E' o dono de facto e afirma sê-lo de direito. A Bolivia nega-lhe esse direito e considera uma questão vital o seu territorio atinjir a marjem do rio, por cauza do gozo da navegação do mesmo. E' uma saída para o Atlantico, imprecindivel á sua respiração de paiz interior, ilhado no altiplano da America meridional. Dizem tambem que, sob os lameiros do Chaco, eziste apreciavel lençol de petroleo...

Quando mais se azedou a pendencia entre o Paraguai e a Bolivia foi aí por 1907. Então, era incon-

testavel a hejemonia brazileira na vida politica do continente. Na verdade, o dezenvolvimento militar e naval, diplomatico e politico da Arjentina, sua projeção no mundo têm crecido desses vinte e poucos anos para cá. Nesse tempo, entre o Brazil e a grande republica do Prata havia maior diferença em tudo do que ha hoje. E a figura excepcional de Rio Branco estendia sobre a America o prestijio da sua gloria.

Aquecidas as pretenções paraguaias e bolivianas, houve uma ameaça de guerra. Foi necessaria a intervenção de terceiros. E o Brazil não teve ou não quiz ter oportunidade para isso. A' republica Arjentina coube ser a mediadora. E' de prezumir mesmo que, embora a situação admiravel do nosso paiz, o barão, com sua profunda penetração dos asuntos internacionais e sua rara habilidade, tivesse preferido que a mediação fôsse parar ás mãos de nossa simpatica vizinha... Quem sabe não a consideraria uma *batata quente* que se passa adeante o mais depressa possivel?...

O certo é que, virtualmente, desde essa data, o cazo ficara afeto á mediação arjentina, a qual, durante tão longo periodo, se manifestou sem consequencias apreciaveis, o que ficou provado pela ultima recrudecencia da questão.

A pozição do Brazil na pendencia do Chaco é a melhor possivel. Guardamos, como nenhum dos outros paizes direta ou indiretamente nela interessados, a mais estrita neutralidade. Somos amigos intimos de ambos os licitantes e sómente dezejamos que rezolvam a diverjencia em bôa harmonia e na segurança dos melhores tratados.

A equidistancia brazileira, nas disputas entre nossos vizinhos, é uma glorioza herança diplomatica dos nossos antepassados. Assim, obramos no imperio. Assim, ajimos na republica. Assim entendeu a nossa politica exterior, norteada pelo claro espirito do Sr. Otavio Mangabeira.

No atual estado de couzas, fatos concretos provam a esplendida equidistancia da politica externa do Brazil. Celebramos um tratado de limites com o Paraguai e outro com a Bolivia.

——«*»——

O CHACO BOREAL

O espirito de fragmentação domina o cenario historico dos povos espano-americanos. Manifesta-se nos albôres da independencia e se propaga seculos além. Um rapido olhar ás divizões coloniais dos territorios espanhóis, e, depois, ás nações surjidas á voz de Hidalgo, de Bolivar e de San Martin nos mostra como toda a sua vida decorre dentro dessa segmentação, creadora de inimizades mortais e geradora de fraquezas improdutivas.

Nenhum dos vice-reinados dos Filipes e dos Carlos subsiste integro á face das trez Americas. O de Nova Espanha biparte-se em Mexico e America Central. O primeiro fermenta longo tempo em convulsões intestinas, que o debilitam e permitem a segregação de imensos latifundios. O ezemplo da republica proclamada no Texas lembra a formação do Uruguai, com uma diferença: os Estados Unidos a engoliram definitivamente. A America Central não consegue viver sob a fórma federal ou sob a confederada. Está de tal modo minada pelo odio e pelas prevenções de provincia a provincia, que dela resulta um feixe de republiquetas pobres, rebeldes e prepa-

radas para cair ás mãos de gente mais forte. O que se passa em Nicaragua está mostrando isso...

Sobre os escombros do vice-reinado de Nova Granada erguem-se trez nacionalidades. A Grã-Colombia de Bolivar foi um sonho politico como a Grande Bohemia dos Ottókars ou a Grande-Servia dos Jupans. Sua morte encheu de mortal desgosto para sempre o maior homem do continente. Em logar dela, aí temos a Colombia, a Venezula e o Equador, titulo dado á antiga provincia de Quito. E o desmembramento continúa até nossos dias com o famijerado cazo do Panamá...

Outras trez republicas surjem em lugar do antigo vice-reinado do Perú, ao lampejo das espadas de Sucre, de O'Higgins e de San Martin. O Chile é uma; o Perú outra; e o Alto Perú ezije a separação e inventa um nome que relembre o Libertador: eis a Bolivia. Mais tarde, a mão forte de Santa Cruz tenta cozer os dois maiores pedaços do vice-reinado na efemera confederação Perú-Boliviana e sómente consegue que, apoz, seja maior o dissidio.

Como cauzas da dezagregação espano-americana, o sociologo paraguaio Cardús Huerta enumera a falta de unidade do poder publico colonial, a auzencia do comercio de idéas, o izolamento das provincias, o desconhecimento completo da solidariedade economica e a tendencia guerreira das populações livres e tumultuarias. E, quando chegou o dia da liberdade, se viu este belo quadro: "La anarquia más espantoza, reinaba en todos los ordenes. No existia otra brújula que la ambición de mando de los jefes militares, ni otra idea de organización que la seguridad del poder personal, con una absoluta indife-

rencia por el porvenir comun. La fuerza era el unico criterio con que se trazaba la linea de separación entre las diversas colonias. La distribución administrativa del regimen español constituia el precedente del desmigajamiento. Los Virreinatos y Capitanias Generales eran la sede de las nuevas nacionalidades, que palpitaban de vida anarquica á merced de las contingencias locales. Los más altos fines de la federación y organización de un gobierno central, que asegurase la prosperidad común, no podian guiar á los grupos adjacentes, completamente entregados a los caprichos de sus jefes y sin los intereses colectivos a defender que contrabalanceasen las impulsiones separtistas". Daí a beleza desta estatistica: "Colombia ha tenido setenta revoluciones; Venezuela, ciento cuatro en tres cuartos de siglo; Bolivia y Chile no han permanecido más tranquilos. Y que decir de las republicas centro-americanas, esos paraisos donde los politicos generan grandes infiernos?"

Ajunte-se ao quadro o elemento historico, o espirito de dezunião nato do espanhol, tão bem observado por Theophile Gautier nestes termos: "L'Espagne n'existe pas encore au point de vue unitaire: ce sont toujours les Espagnes, Castille et León, Aragon et Navarre, Grenade et Murcie, etc.; des peuples qui parlent des dilectes différents et ne peuvent se souffrir". Repetiu-se aquem Atlantico o fenomeno. Nada mais.

Já o vice-reinado de Buenos Aires, nos tempos coloniais, discutia fronteiras com o vice-reinado do Perú. O Alto-Perú, a Bolivia atual, era disputada por ambos. E daí se orijina em grande parte a con-

fuza e dificil questão do Chaco, que, nos dias prezentes, quazi conflagra o interior da nossa America.

O VERDADEIRO RETRATO DO BRAZIL

Quando Carlos Pereyra, nosso figadal inimigo, escreveu que somos o contraste e a opozição ao espanhol na America, de certos pontos de vista não mentiu. Nós o somos sobretudo pelo espirito de coesão, que se manifesta na nossa unidade nacional atravéz dos tempos e de mil tropeços. Ela começa nos mais remotos periodos do rejimen colonial. Para expulsar os francezes do Rio de Janeiro, vem a gente da Baía e a gente de S. Vicente. Nortistas e sulistas dão-se as mãos em plena guerra. Para expulsar os mesmos do Maranhão, acorrem paraibanos, pernambucanos e baianos. As lutas com o flamengo unem pelo mesmo ideal de reconquista os povos nordestinos de toda a vasta rejião compreendida entre o S. Francisco e o Paraíba. Os bandeirantes de S. Paulo e da Baía, varando os sertões e decendo os rios, levam o espirito da mesma raça e o sentimento inicial dos mesmos destinos ao sul e ao norte, ás Missões e á Amazonia, ao mesmo tempo que recuam, definitivamente, o meridiano traçado pelos papas e pelos reis.

Eu não conheço na historia milagre mais assombrozo do que essa área de oito milhões de quilometros quadrados, cujos habitantes são em qualquer parte brazileiros e falam a mesma lingua e amam a mesma bandeira. Quem conhece o nosso sertão, as nossas montanhas, as nossas selvas, as nossas brenhas, as nossas monstruozas bacias fluviais, toda a aspereza da vida e da natureza do nosso interior, é que póde bem avaliar o tamanho desse milagre.

As provincias naceram em grande parte das capitanias feudais, e mesmo na constituição delas o espirito de coezão continuou. Tão raras as que se desdobram em outras. O Amazonas sai do Grão Pará como Alagôas se destaca de Pernambuco, Sergipe da Baía e o Paraná de S. Paulo. E é tudo. O Brazil-Reino troussèra a união e esmagára o primeiro prurido de secessão, imitado do espanhol, no Nordeste, em 1817. O grito vitoriozo de Pedro I — *Pernambuco é nosso!* — exprime a sua sensação de dezafogo ante os primeiros sintomas de coezão nacional, mau grado todos os esforços dissolventes das Côrtes de Lisboa. Mais tarde, a mão de aço de Feijó aperta os liames que ligam as provincias e dez anos de luta fratricida nos pampas do sul, a prossimidade do estranjeiro, a proclamação de Piratinim, os interesses dos sub-espanhóis prossimos e os ezemplos das anarquias fronteiriças, nada disso conseguiu segregar do colosso imperial o Rio Grande do Sul.

Meio seculo de monarquia e de politica conservadora estratificaram essa união a que a guerra do Paraguai poz os derradeiros retoques, fazendo o paiz inteiro vibrar ante o insulto e a violação, fazendo o paroára e o gaúcho, o barriga-verde e o baiano, o maranhôto e o paulista, o mineiro e o pernambucano, o piauizeiro e o goiano, o carioca e o cabeça-chata se irmanarem nos acampamentos, pelo convivio na mesma saudade; nas marchas, pela participação nas mesmas privações; e, nos combates, pelo mesmo sangue derramado.

Sintamos a grandeza da obra realizada pelos nossos antepassados, conquistadores de bugres e de ouro, vencedores de serranias e dominadores de rios, sin-

tamos as dificuldades com que tiveram de lutar os pujilos de heróis que nos colonizaram como lhes foi possivel, creando na America, em face de uma America espanhola, dividida por odios e competições marcadas com muito sangue, uma America portugueza, uma America brazileira assombrozamente unida. Seremos injustos para com eles si assim não fizermos.

Esse é que é o verdadeiro *Retrato do Brazil.*

DIVIDA DA MOCIDADE...

A fragmentação espano-americana é um processo historico que se prolonga além da divizão geralmente ternaria dos vice-reinados. Sentimo-lo na America Central, na Colombia e, mais profundamente ainda, na Arjentina. São os seus melhores historiadores que no-lo asseguram, Alvares, na *Historia de la Provincia de Santa Fé,* diz: "Por el norte, Araoz resultó presidente de la Republica Tucumana, Estado independente también. En pocos años el mapa del virreynato habiase alterado hasta quedar incognocible. A' la Republica Tucumana agregóse la Republica de Entre Rios, entidad que ni siquiera como provincia figuraba en 1810". Lucas Ayarragary, que foi ministro no Rio de Janeiro, escreve en *La anarquia arjentina*: "Santiago del Estero se constituye en un Estado de Ibarra; Tucuman en una Republica de Araoz; Ramirez funda también su satrapia indigena; Artigas, su "imperio barbaro" y guerrero, y lo mismo Santa Fé, La Rioja, San Luis y San Juan; todas las tenencias". Alvares descreve a mesma situação em Santa Fé. Ainda em 1857, cinco anos depois de Caseros, Mitre fôra dos desfalecidos ante a anarquia das provincias arjentinas, segundo afir-

mou Juan Carlos Gómez, tendo pensado que o remedio seria separar Buenos Aires e constituir a republica do Prata.

No dia 17 de dezembro de 1869, o citado Gómez escrevia o seguinte en *La Tribuna* de Buenos Aires: "Tenho em meu poder instruções escritas pelo seu proprio punho" ("de Mitre") ao nosso enviado no Rio de Janeiro, instruções que d. Pastor Obligado não quiz assinar, em que lhe pedia que se informasse da atitude do Brazil no cazo em que Buenos Aires se declarasse nação independente".

Ainda ha mais. Lugones afirma, na *Historia de Sarmiento,* que, para combater Rozas, os unitarios arjentinos não relutaram em tentar o desmembramento da patria, oferecendo ao Chile, em troca de sua intervenção, as provincias de Mendoza e San Juan, e á França e á Inglaterra, o protetorado das republiquetas de Corrientes e de Entre Rios. Sarmiento chegou a atribuir, numa carta, em 1867, a guerra do Paraguai ás influencias "reciprocas y inevitables entre los Estados del Prata". Em 1857, Buenos Aires teve o topete de nomear ajentes diplomaticos no estranjeiro por sua propria conta, o que motivou protesto enerjico de Derqui. Está tudo isso na obra de Rivarola. Daí o continuado temor de Sarmiento: "Si el Entre Rios, el interior y Buenos Aires se segregan, cada uno por su lado, que va a ser en seis años de estos fragmentos (Uruguay y Paraguay además) hostiles entre si, sin cohesión posible sinó por afinidades de mal y expuestos a ser presa, el uno por el otro, de toda presión exterior".

E' no estudo do que ele denomina as "anarquizadas provincias arjentinas" que Luiz Alberto de Her-

rera se basêa para justificar o artiguismo e o lavalejismo, a libertação, emfim, da Banda Oriental do Prata do poder de Buenos Aires. A mão forte de Rozas, quando quiz unificar federalmente a Arjentina, não esqueceu que o Uruguai era uma nacionalidade creada pela batalha indeciza de Ituzaingó, arrancada pelo seu proprio esforço e pelo imperio ás carnes do vice-reinado, que ficaram sempre sangrando, como ficaram sangrando com a obra de Pimenta Bueno junto a Francia, em 1842. A independencia do Paraguai, feita sob a égide do imperio, levou 40 anos para ser reconhecida por Buenos Aires, depois de reconhecida pela Arjentina, e, em 1865, uma carta do ministro Elizalde a Mitre sobre a guerra da triplice aliança dizia, a propozito da antiga provincia guarani: "E' uma divida da mocidade que pagamos, já velhos e com juros".

O SONHO DE CANSANÇÃO DE SINIMBÚ

Nessa anarquia, filha dum turbulento espirito de caudilhismo e de localismo, em que o sentimento da nacionalidade é informe, filiam-se historica e filozoficamente as grandes questões de limites no continente americano. Acreçam-se a tais cauzas os dezertos, as extensões selvaticas e despovoadas, e os parcos conhecimentos geograficos dos primeiros desbravadores das terras virjens, o que tudo traz o eterno flutuamento das linhas lindeiras.

O Brazil teve papel preponderante nas situações de limites entre os paizes que o circundam, em primeiro lugar pela sua desmezurada extensão, em segundo pela audacia de seus exploradores, que atinjiram primeiro e primeiro se assenhorearam de vas-

tidões dezertas, "res nullius", e em terceiro pela sua coezão de territorio, de organização politica e de sentimento nacional em face da fragmentação espano-americana, levada á mais alta dinamização.

Tanto assim que nunca o estranjeiro conseguiu influir, diretamente, fortemente, nas nossas aberrantes e infecundas, raras e fracas lutas separatistas, emquanto que a sua vida anarquizada transbordante de incidentes sobre nossas fronteiras nos permitiu aussiliar a creação de Estados como o Uruguai e o Paraguai, e mesmo o sonho de Cansanção de Sinimbú e outros, apoiados nos localismos dos Madariagas e dos Urquizas, de erijir em republicas a Corrientes e a Entre Rios...

PENDENCIA VELHA E AZEDA

No substrato dessas anarquias e localismos se vai prender a raiz mestra da atual questão que preocupa a America e faz o seu sentimento de paz vibrar contra qualquer ameaça de guerra.

A questão do Chaco Boreal é quazi tão velha quanto a independencia americana. A Arjentina pretendeu sempre ser dona da provincia de Tarija, que faz parte da Bolivia, por ter a mesma pertencido ao antigo bispado de Salta. Ela fôra separada depois da batalha de Aiacucho por Bolivar e Sucre, sendo considerada uma das provincias do Alto Perú, que deveria formar a futura Bolivia. Entretanto, ao se fazer a independencia arjentina, mandou um deputado ao Congresso do Prata, o Sr. Schazá, e chegou mesmo a subscrever a constituição de 1826. Em 1825, Bolivar fizera-a ocupar militarmente. Alvear, prezidente da Arjentina, reclamou e ela foi-lhe entregue. Elejeu

deputados. Em 1828, assegura o publicista Adolfo Saldias, aproveitando a anarquia platina, a Bolivia apoderou-se de Tarija e do Chaco. A perda definitiva, na opinião de Baldrich, se deu graças á guerra contra o Brazil, de 1825-1828.

Daí uma velha pendencia entre a Arjentina e a Bolivia. Velha e meio azêda, sinão azeda de todo. Em 1833, o general André Santa Cruz, protetor ou, melhor, ditador da confederação Perú-Boliviana, recuza-se a receber uma delegação arjentina para estreitar vinculos entre os dois povos e reclamar a restituição de Tarija. Trez anos mais tarde, ainda mantêm os mesmos propozitos hostis, favorecendo a revolução unitaria de Salta contra Rozas, chefiada por Latorre, e a de Tucumán, chefiada por Javier López. O "Rejistro Official" de Buenos Aires, á pajina 224, do anno de 1837, publica uma carta de Santa Cruz ao caudilho unitario Lavalle, interceptada pelos rozinos, com as mais incendiarias idéas contra a Arjentina. E a situação chegou a um alto ponto de gravidade. Santa Cruz negou-se a quaisquer entendimentos e Rozas, pelo decreto de 13 de fevereiro de 1837, declarou proibidas terminantemente todas as relações e comunicações com a Bolivia. Houve até hostilidades, localizadas, como as de agora, entre paraguaios e bolivianos, entre os soldados arjentinos de Herédia e os destacamentos bolivianos do general Brun.

Em 1841, depois da sua vitorioza campanha contra Lavalle, no norte da republica Arjentina, Oribe propoz a Rozas a imediata ocupação de Tarija. Rozas recuzou assentir a esse plano, diz Saldias, seu panejirista, por entender ser melhor obter tudo por meio

de negociações pacificas. Mas nunca deixou de considerar aquelle trato de chão como couza arjentina, pois, em 1847, numa nota ao nosso visconde de Cairú, o seu ministro Guido declarava, referindo-se á arjentinidade do Uruguai e do Paraguai, secessionados do antigo vice-reinado, que Tarija sempre fôra arjentina.

Depois da guerra do Paraguai, a Arjentina fez um avanço contra o Chaco. O Paraguai reconheceu seu direito até o Bermejo, pouco acima de Humaitá. Ela queria atinjir o Pilcomaio, pouco abaixo de Assunção. Nessa ocazião, Pimenta Bueno achava que convinha ao Brazil ceder a margem do Paraguai até o Pilcomaio á Arjentina, entrega-la daí ao Pão de Assucar ao Paraguai e do Pão de Assucar á Baía Negra á Bolivia. As instruções do governo imperial a Otaviano, em 1866, davam a entender que o imperio se interessava pela posse boliviana das terras entre o Pilcomaio e Baía Negra. Nabuco escreve que o interesse do imperio era assimilar a Bolivia em proveito proprio. Porque assim se limitaria a ambição arjentina. Naturalmente, ao governo de D. Pedro convinha mais a vizinhança boliviana em Mato Grosso do que a arjentina. Dessa opozição de interesses devia sair ganhando a Bolivia. Era esse o pensamento de Nabuco.

O FRACASSO DA MEDIAÇÃO ARJENTINA

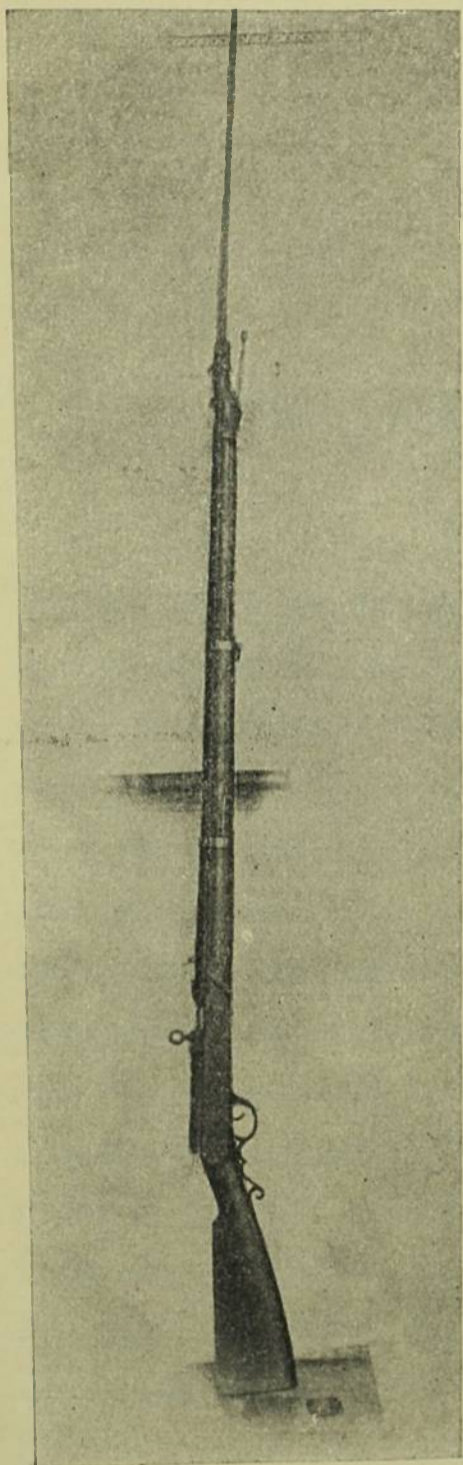
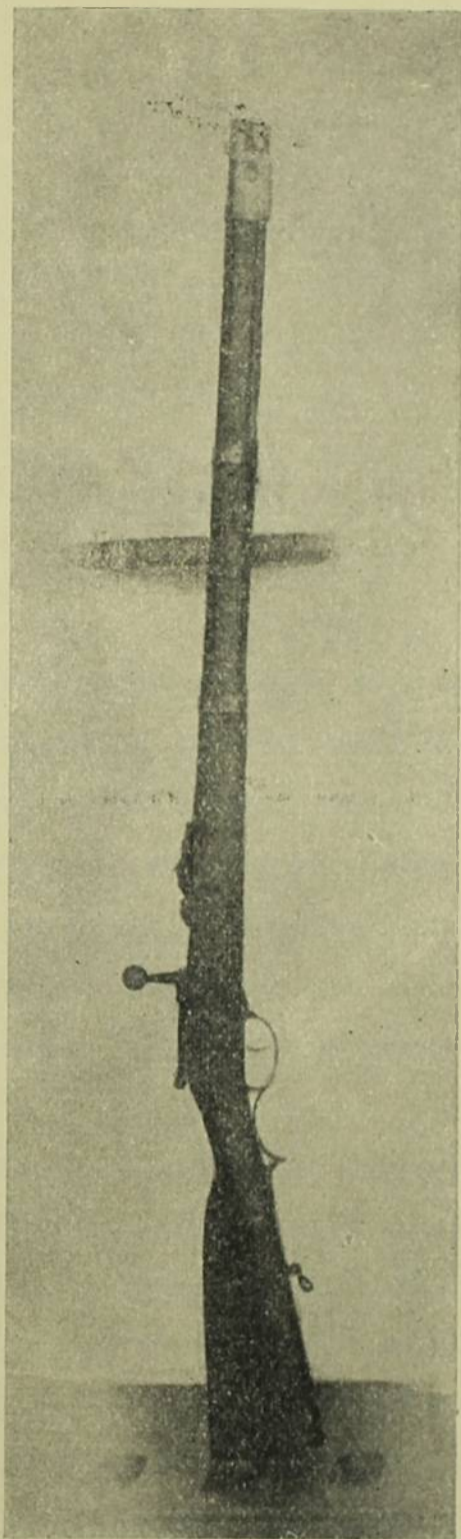
Ora, conhecidos desta fórma alguns dos principais elementos da questão, verifica-se quão habil foi a politica de Rio Branco, deixando, em 1907, nas mãos da Arjentina, a responsabilidade da mediação entre a Bolivia e o Paraguai, no cazo do Chaco Bo-

real, irmão gemeo de Tarija. Vinte anos levou a nossa amavel irmã do Prata tratando da pendencia e, no fim desses quatro lustros, quazi explode a guerra entre os litigantes. Houve sangue derramado. Felizmente, pouco. A conciencia do horror da guerra acordou na alma dos lutadores, abrandando-lhes os impetos e dando tempo a que outros paizes menos interessados no conflito e mais sinceros, interpuzessem a sua habilidade conciliadora.

E' forçoso reconhecer que a mediação arjentina, apoz vinte anos de trabalho, rezultou em formidavel fracasso diplomatico.

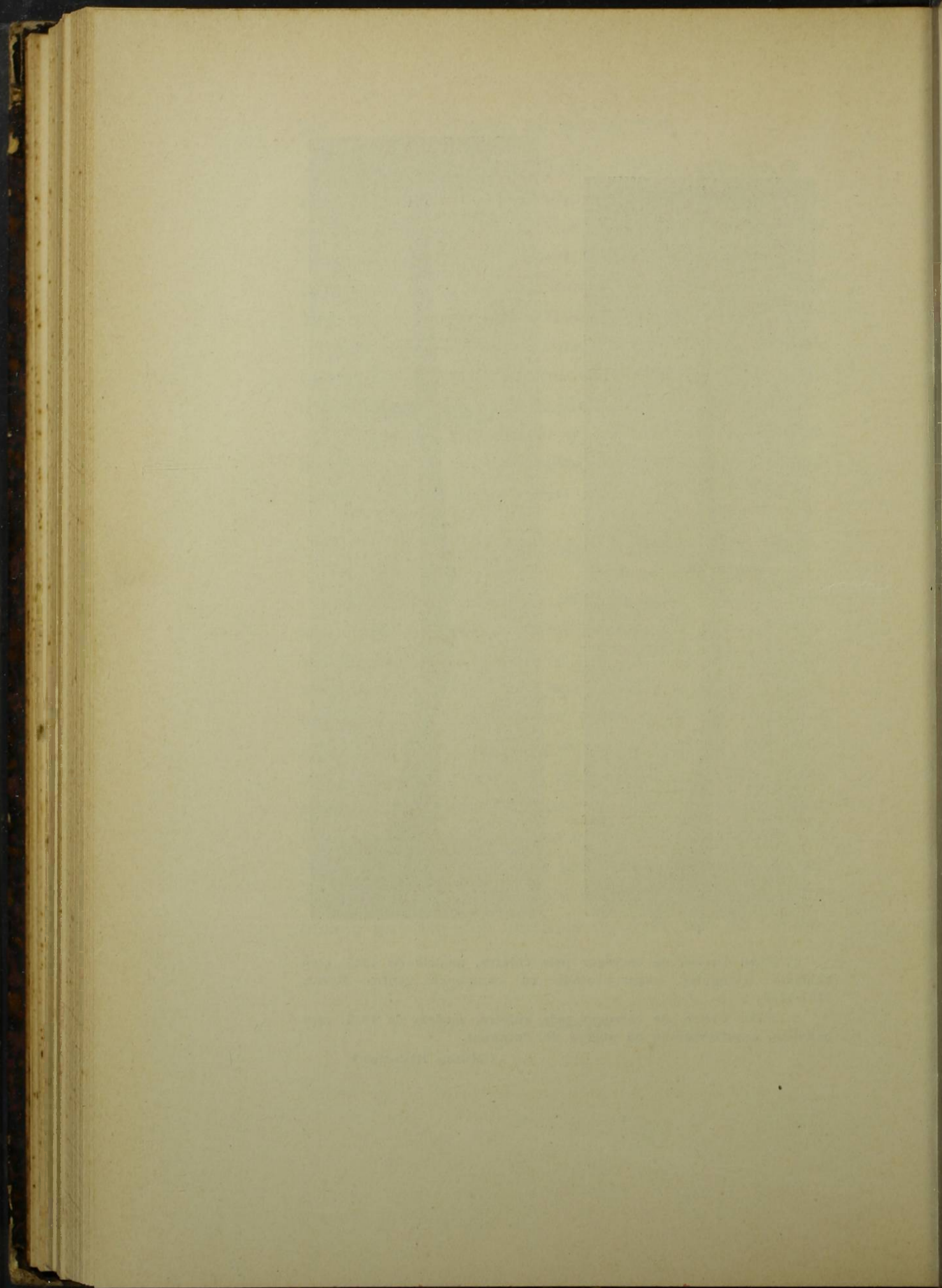
A COMPENSAÇÃO MERECIDA DO BRAZIL

Alheiado agora pela propria natureza das couzas e pelo proprio dezenvolvimento da questão atravez do tempo, o Brazil teve, por felicidade nossa, uma atitude excelente e uma ação coerente, sutil e digna, mantendo a equidistancia entre os demandantes e aussiliando-os a achar com certa rapidez, antes de um derrame de sangue tal ou de uma injuria tão grande que impossibilitasse qualquer entendimento, uma fórmula de esperança numa solução pacifica. E, depois de ter fixado seus limites com o Paraguai, no dia de Natal, fixou-se com a Bolivia, em toda a extensão que vai dos marneis do Acre aos do Chaco.

——«*»——

1

2

1. Fuzil Dreise, de carregar pela culatra, modelo de 1847, com baioneta triangular, experimentado na campanha contra Rozas, 1851-1852.

2. Fuzil Dreise, de carregar pela culatra, modelo de 1851, sem baioneta, experimentado na guerra do Paraguai.

(Muzeu Historico)

FRONTEIRAS DO BRAZIL

No meio da fragmentação dos antigos vice-reinados espanhóis do continente, a coezão brazileira argúe um milagre historico, para o qual contribuiram cauzas as mais complexas. Entre elas, não se póde deixar de enfileirar o cuidado continuo dos nossos estadistas, desde os tempos coloniais em defender as menores parcelas do territorio ameaçadas de absorpção pelos vizinhos.

Percorramos a historia, revolvamos os arquivos e chegaremos á concluzão de que raros foram os momentos em que o Conselho de Estado ou o Ministerio dos Negocios Estranjeiros se descuidaram do problema de nossas fronteiras. Tal foi sempre a continuidade dessa defeza prolongada no rejime republicano e levada ao mais alto grau pelo barão do Rio Branco, que quatro annos de asneiras consecutivas praticadas pelo Sr. Felix Pacheco não nos fizeram o mal que deviam fazer ou que receiavamos que fizesse.

O barão do Rio Branco foi aquele que maiores serviços prestou á patria na delimitação de suas li-

nhas fronteiriças. São de tal modo notorios os seus trabalhos que não ha necessidade de especifica-los. E foi tal a defeza que ezerceu do nosso patrimonio territorial que um estadista colombiano, no seu tempo, nos chamou o paiz geofago...

Mas a delimitação das fronteiras numa área de oito milhões de quilometros quadrados, onde a civilização caminha, lentamente, do litoral para o interior e os limites estão geralmente situados em rejiões dezertas, invias, de dificil acesso ou insalubres, constitue uma tarefa muito longa, trabalhoza e ardua. Não é uma geração suficiente para rezolve-la, e, pois, um homem só seria impotente para termina-la.

Rio Branco fixou as linhas gerais da nossa politica de fronteiras, bazeada na historia e no direito, com uma superioridade de vistas inigualavel. Dentro, porém, do amplo quadro por ele delineado, toda uma obra tinha de ser realizada. Infelizmente, si um dos seus sucessores foi Lauro Muler, outro foi o Sr. Felix Pacheco.

O Sr. Otavio Mangabeira recebeu a herança deste esperançozo poeta e grande capitalista. O Itamarati estava cheio de cupins. S. Ex. limpou-o desde o travejamento ás organizações de serviços. A sua intelligencia percuciente compreendeu logo o valor das tradições daquella grande caza.

E retomou-as com uma notavel habilidade. Sentindo o que é para o Brazil a continuação de sua fixação de fronteiras, dando o desconto devido ás condições atuais e aos novos fatores intercorrentes, dedicou o maior interesse ao problema e tem procurado rezolve-lo na medida do possivel, com rara felicidade.

E' na verdade bastante notavel que o Sr. Mangabeira fez no Itamarati. Poz ordem numa caza onde imperava a dezordem e campeava a injustiça semeadas pelo feliz proprietario do *Jornal do Comercio*. Em dois annos, S. Ex. simplesmente realizou o que vou expôr para conhecimento dos leitores, que se interessem de verdade pelo assunto:

Organização permanente dos serviços de limites.

Tratado com o Paraguai, de 21 de maio de 1927, complementar do de 9 de janeiro de 1872, relativo ao trecho de fronteira entre a fóz do rio Apa e o dezaguadouro da Baía Negra.

Convenção com a Arjentina de 27 de dezembro de 1927, complementar do tratado de 6 de outubro de 1898, relativa á ilha Brazileira, na embocadura do rio Quaraim.

Acordo com o Uruguai, de 24 de dezembro de 1927, relativo ás duvidas levantadas na ezecução da convenção de 27 de dezembro de 1916 sobre a caraterização da fronteira brazileiro-urugaia.

Inspeção de toda a linha territorial de limites do Brazil com o Paraguai e a Arjentina, em 1927.

Acordo com a Arjentina, de março de 1928, para a reparação de marcos e outros serviços conexos na fronteira commum.

Concluzão da demarcação dos limites entre o Brazil e o Perú, de acôrdo com o tratado de 8 de setembro de 1909.

Negociação com a Colombia dum tratado para o definitivo fechamento da fronteira entre Tabatinga e a fóz do Apapóris, e para demarcação da parte restante. (Assinado posteriormente.)

Negociação com a Bolivia dum tratado para revizão dos protocolos de 1925.

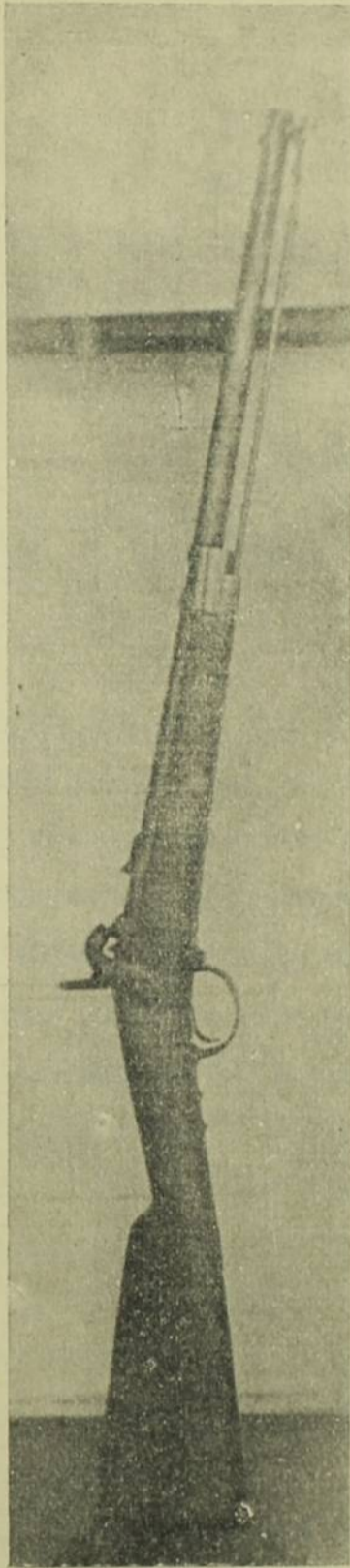
Negociação com a França para a demarcação da fronteira com a Guiana.

Negociação com a Holanda para a ezecução do que determina o art. 2º do tratado de 5 de maio de 1906, sobre a demarcação dos limites com a Suriname.

Protocolo com a Venezuela, de agosto de 1928, para o levantamento e demarcação de toda a fronteira descrita já no tratado de 5 de maio de 1859.

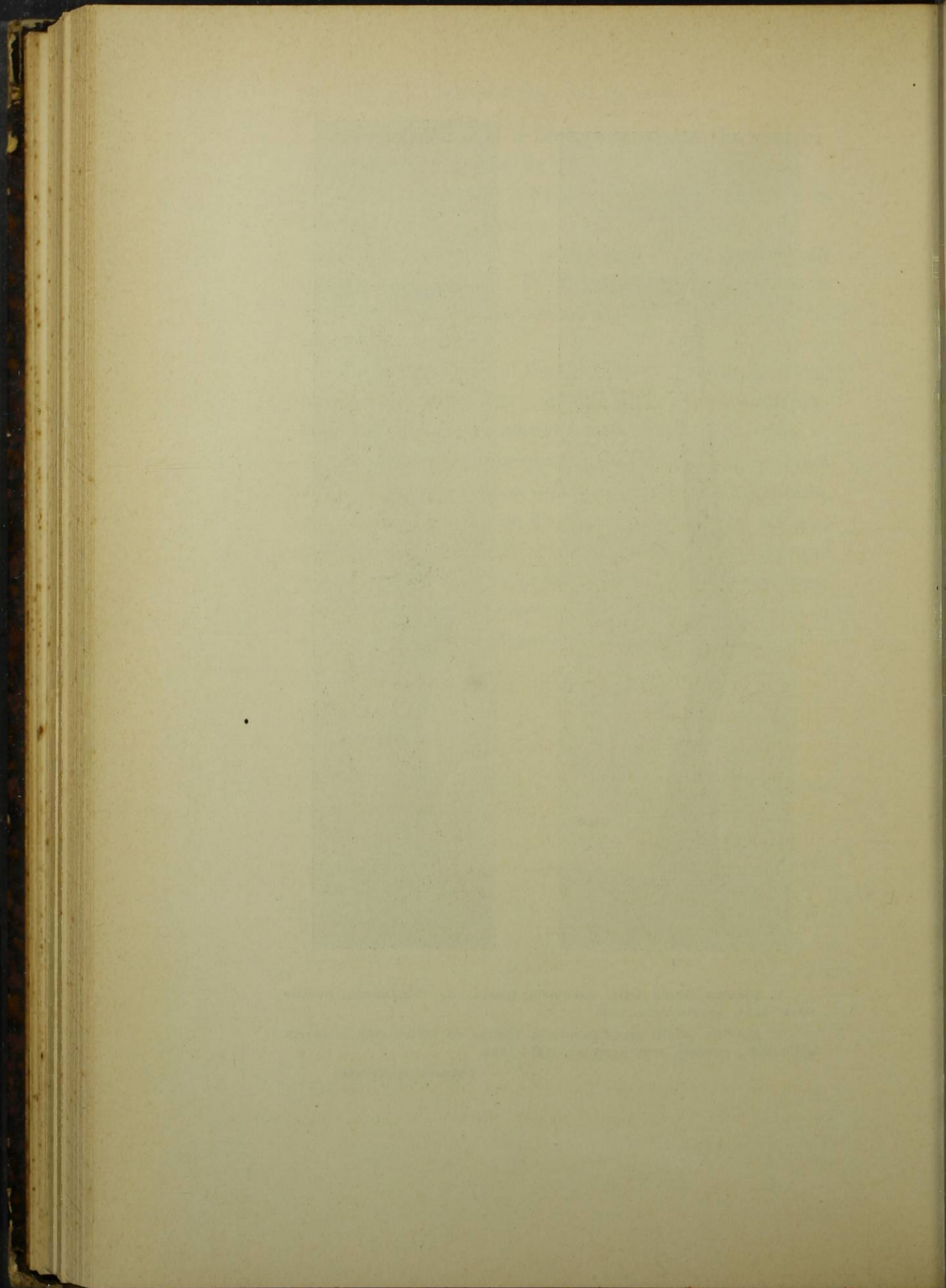
A simples enumeração desses trabalhos orijinais ampliatorios de outros, ou esclarecedores, é de molde, por si só, sem carencia de comentarios, a mostrar que o chanceler brazileiro merece a confiança dos que amam o Brazil e se preocupam com seus destinos. O Sr. Otavio Mangabeira, em verdade, continúa a obra dos nossos melhores estadistas.

——«*»——

1

2

1. Clavina Minié para cavalaria lijeira, de fulminante, modelo Bros, 1864, vareta articulada.

2. Clavina Minié, para cavalaria lijeira, de fulminante e vareta articulada, modelo regulamentar, 1864-1865.

(Muzeu Historico)

HOOVER ATRAVÉZ DAS AMERICAS

Eziste, infelizmente, um certo dissidio entre a America espanhola e os Estados Unidos. Os paizes latino-americanos, com excepção do Brazil, estão divididos geralmente por odios, rancôres e prevenções. Entretanto, são irmãos e, apezar dessa dezunião, formam incontestavelmente uma unica familia pelo sangue, pela tradição e pela lingua. Desta sorte, ha entre eles um liame forte, de maior aparencia do que realidade, ao qual se convencionou denominar americanismo. E esse americanismo explode sempre que uma nação poderoza atropela os direitos reais ou imajinarios de qualquer republica espano-americana; explode em protestos muitas vezes bastante violentos e de outras em silencios altivos e frios.

A desconfiança sul-americana para com os Estados Unidos vem de longa data. Começou, póde-se dizer, nas guerras contra o Mexico tiranizado pelo general Sant'Ana, em 1844. A sucessão dos acontecimentos entre os dois vizinhos, tão diferentes na formação etnica, social e politica, na historia e nos destinos, dia a dia foi contribuindo para esse latente mal

estar. A transformação em Estados da grande União de rejiões com nomes acentuadamente de sabor espanhol como Colorado, Nuevo Mexico e Nevada; a secessão do Texas, primeiramente fantaziado de republica; a mal compreendida detenção de Cuba sob uma administração ianqui apoz sua libertação da Espanha; o reconhecimento da independencia do Panamá e a concessão imediata pelo novo paiz da Canal-Zone; as intervenções semi-policiais um pouco bruscas no Haiti e na Dominicana; o choque dos interesses petroliferos no territorio mexicano, gerando aqueles continuados cazos de dificil e aspera solução, que faziam o general Carranza denunciar a todos os povos do continente, textualmente, que seu paiz era "um paiz atropelado" e que criaram na America o sentimento quazi geral de ser o Mexico o paladino bardado de aço, enristando a lança á marjem do rio Bravo, a deter a marcha do rolo compressor do imperialismo ianqui; por fim, a recentissima intromissão na triste anarquia de Nicaragua, que veiu definir perfeitamente essa situação; tudo isso preparou uma mentalidade de suspeição para com o colosso da "Star spangled banner".

O IMPERIALISMO

Deduzidas as diversidades de tempos e de meios, o fenomeno que na America hoje se passa com os Estados Unidos foi o mesmo que se passou com o Brazil monarquico. A nossa fórma de governo dava aos espano-americanos a impressão falsa de que o Brazil não se tinha libertado dos liames coloniais e continuava no seio do novo continente o absolutismo

das corôas européas. Eles nunca puderam compreender que soma de liberdade, e de ordem reprezentava o nosso rejimen e, quando nos defendemos dos caudilhismos circunstantes e das anarquias muito prossimas, aconselhando, emprestando dinheiro, favorecendo recursos, criando Estados, cedendo tropas ou fazendo a guerra para expulsar tiranos e libertar nações, sómente viam nas nossas atitudes propozitos imperialistas.

A mentalidade atual é a mesma. Unicamente houve mudança de objeto. A vitima dessa desconfiança não é mais o Brazil, porém a America do Norte.

A SITUAÇÃO BRAZILEIRA

Nossa terra está fóra desse circulo de temores e de suspeitas. Embora dezarmados no momento, somos um pedaço muito grande para sermos engolidos. Oito milhões de quilometros quadrados e quarenta milhões de habitantes não passam em qualquer garganta. Ha um grave perigo de engasgar... Gravitamos em outras orbitas politicas e sociais, apezar de nação sul-americana. Obra da nossa tradição e duma compreensão diversa, mais larga, mais humana, talvez, do americanismo. Uma velha amizade nos liga aos Estados Unidos e as condições de nossa vida, de nosso dezenvolvimnto social, economico, politico e mental nos têm, não alheiado propriamente, porém alongado um pouco de certos acontecimentos continentais mais ou menos lonjinquos. São questões que, pela sua propria natureza e por um conjunto de circunstancias independentes em absoluto de nossa vontade, não afetam entre nós o mesmo grau de im-

portancia que no seio de muitos dos nossos irmãos do mesmo continente.

LIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Si nenhum dos habeis diplomatas do Departamento de Estado de Washington informou o presidente Herbert Hoover dessas — permitam a expressão — condições atmosfericas das nações por onde ia viajar, ele tudo compreendeu e aprendeu tudo por si proprio, vendo, tratando e pelejando, como diria Alexandre a Formião, segundo o poeta.

Para um homem essencialmente pratico como Hoover, cuja biografia de "self made man" é, pozitivamente a mais completa e admiravel; para um homem de enerjia, de pensamento proprio, de ação serena como ele, destinado a guiar os destinos da nação que Jorge Washington denominou com orgulho "The model Republic", essa viajem, embora rapida e protocolar, atravez das Americas deve ter sido proveitozissima. Lição magnifica sobre os homens que as dirijem. Lição excelente sobre as couzas a elas atinentes. Lição unica sobre os sentimentos dominantes nos corações dos povos vizitados.

FRIEZA E DEZAGRADO

Herbert Hoover foi recebido em toda a America espanhola de duas maneiras sómente: friamente protocolar ou entre as mais dezaçaimadas manifestações de dezagrado. E' o que dizem alguns telegramas, ou jornais de todas as partes, e noticias de fonte particular e oficial. No proprio Perú, muito vinculado aos Estados Unidos, a recepção foi de notabilissima

frialdade. Nem um viva. Piquetes de cavalaria. Uniformes. O mundo oficial. Elementos sociais, culturais, populares, moita! La Paz ajiu como Lima, que imitara Quito e outras capitais.

Nos nossos vizinhos do Prata, a couza fiou mais fino. Foi muito peor. Em Buenos Aires, os trajetos da comitiva prezidencial eram feitos entre grandes manifestações populares a favor de Sandino e anti-ionquis, e violentas cargas de cavalaria. A pata do cavalo e a lamina do sabre é que lhe abriam caminho. Os periodicos portenhos, por sua vez, não foram muito gentis para com o seu hospede. Em Montevidéo, tudo ainda peor! As autoridades, sentindo-se impotentes para dominar a excitação do povo, marcaram o embarque de Hoover para certa hora e fizeram-no seguir para bordo uma hora mais cedo, assim mesmo entre um quadrado de tropas. Além disso, o prezidente do Uruguai não se dignou leva-lo a bordo; mandou um reprezentante...

Nessas e noutras miudezas sente-se como que o propozito de demonstrar a pouca importancia que os Estados Unidos merecem... Será possivel?

Hoover no Rio de Janeiro

Ora, esta expozição explica, quer me parecer, perfeitamente, o radiograma de bordo do "Utah", dizendo que Hoover partiria sem falta no domingo, ás 4 horas e, por ser puritano, não compareceria ás corridas, pois era logar de apostas. O ministro Mangabeira ficou dezolado. Isso equivalia a tornar uma couza inteiramente protocolar a sua passagem por aqui. Estavam inutilizados os dois unicos numeros de valor do programa oficial, porquanto almoços em

embaixadas e banquetes em paços de governo, ele recebeu por toda a parte. Seu comparecimento ás corridas dar-lhe-ia ensejo de conhecer uma boa reunião do povo carioca e de sua alta sociedade num ambiente de civilização e de cultura, de elegancia e de bom gosto, dentro duma das mais suntuozas molduras naturais do mundo. E a partida á noite era o deslumbramento da Guanabara, sob o luar, as luminarias aladinescas e os efeitos fulgurantes dos fogos de artificio. Um espetaculo para gravar-se na memoria e para sempre lembrar a passajem pelo Brazil.

Não havia, decerto, má vontade nem puritanismo da parte do prezidente eleito. Os factos provaram-no á saciedade. O que havia era receio de ir a um lugar publico, onde estaria sujeito a uma manifestação semelhante ás da Arjentina e do Uruguay; o que havia era o dezejo de encurtar a estadia para diminuir a frieza incomoda e a contrariedade de vaias e de vivorios agressivos. O seu procedimento posterior demonstrou isso mais do que tudo.

Porém Hoover desembarca sem grande aparato policial ou militar, atravessa as avenidas entre uma multidão alviçareira que o viva, que lhe sorri, que extravaza de simpatia pela sua nação poderoza, que o cobre de flôres. E levam-no a um palacio do governo, ele que em todas as capitais americanas, incluzivé a faustoza Buenos Aires, fôra hospedado nos edificios das legações ou embaixadas de seu paiz. Sentiu que pizava terra de amigos. No outro dia, foi passear á vontade, sem ajudantes, batedores ou escoltas. Logo se convenceu da ordem, da consideração e do prestijio que o cercavam. Segurança. Tranquili-

dade. E foi ao Jockey, numa tarde glorioza, para ver um espetaculo deslumbrante e receber uma rara manifestação, não encomendada, frizou elle proprio muito bem, "porque ás mulheres não se encomendam manifestações". E saiu, ao anoitecer, para ter a maravilhoza vizão da Guanabara prateada pelo luar, dourada pelas luminarias e incendiada pelos fogos...

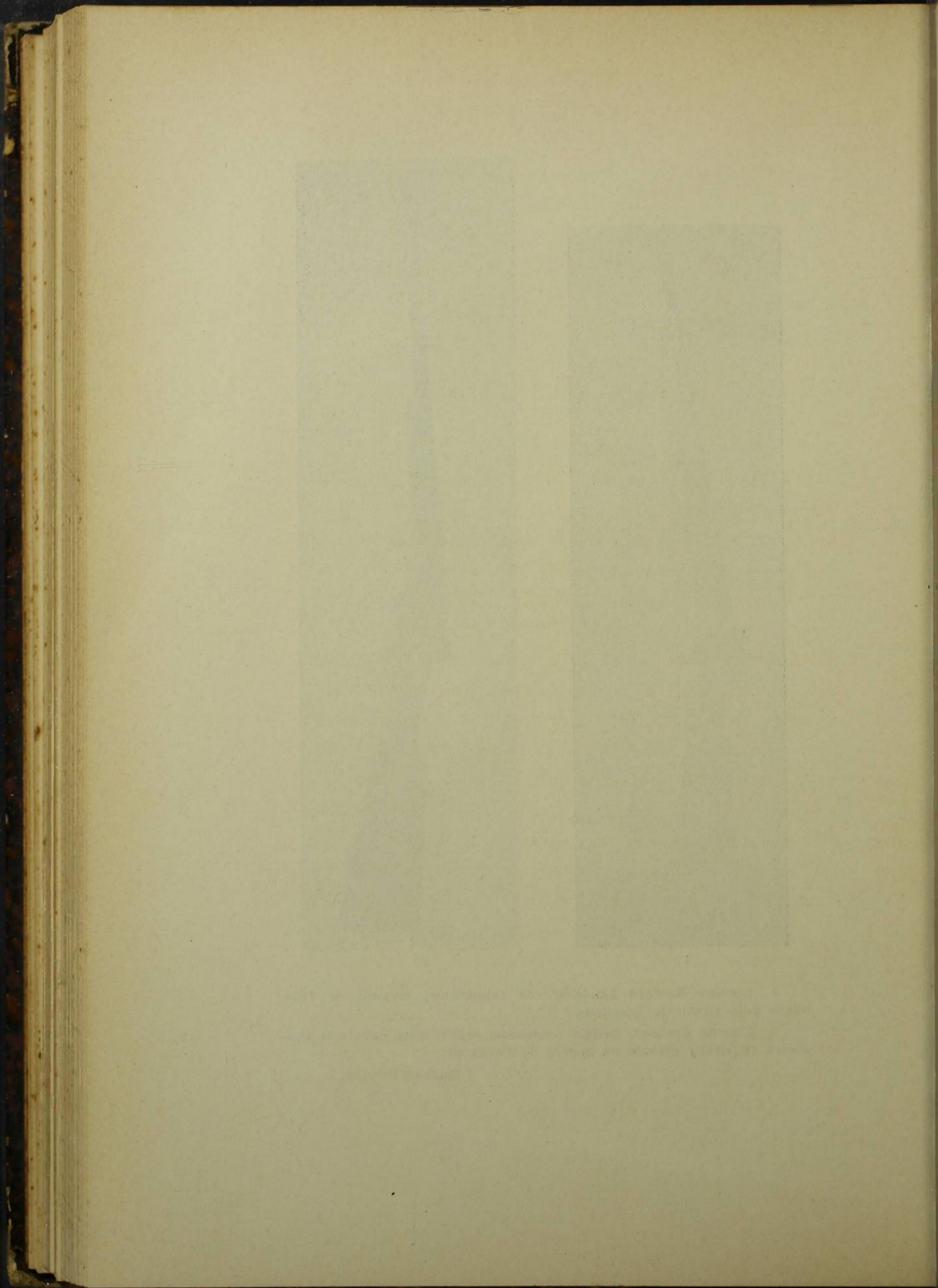
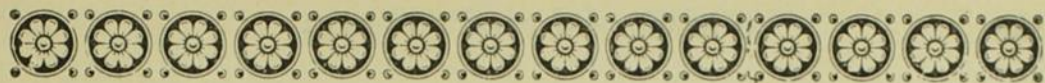
Hoover verificou pessoalmente uma grande verdade historica: na America do Sul, nós somos diferentes...

——«*»——

1 2

1. Clavina Edward Lindener, de fulminante,. modelo de 1859, uzada pela cavalaria brazileira.

2. Clavina Spencer, modelo americano, uzada pela cavalaria brazileira no ultimo periodo da guerra do Paraguai.

(Muzeu Historico)

UM PAIZ ENCARCERADO

A Bolivia é um paiz encarcerado no altiplano andino, que preciza absolutamente de um respiradouro maritimo, sob pena de vêr comprometido para sempre o seu futuro. De que modo dezenvolver-se em qualquer ramo da atividade humana, si o seu izolamento não lhe permite o livre cambio de idéas e de productos, não sómente em relação á America como aos outros continentes? E esse problema, profundamente americano, não póde deixar de — conforme declarou Baltazar Brum no Senado uruguaio — provocar um movimento de solidariedade continental para com a irmã constranjida pela fatalidade geografica. "A conciencia pacifista da America, disse o eminente politico oriental, não deve aceitar no continente da paz, da democracia e do direito a ezistencia da Bolivia enclauzurada nas alturas dos Andes". Um deputado arjentino, de cujo nome não me recordo neste momento, tambem falou no parlamento de seu paiz sobre o mesmo assunto, afirmando que "el pueblo argentino no puede ver con satisfación el emparedamiento de Bolivia". A essa corrente se filiam

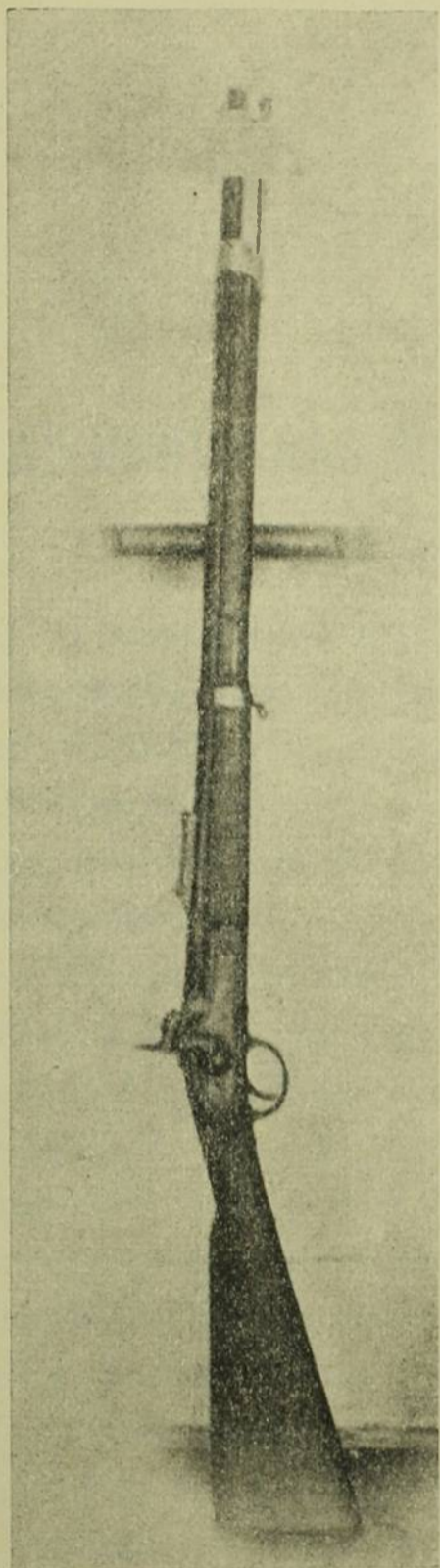
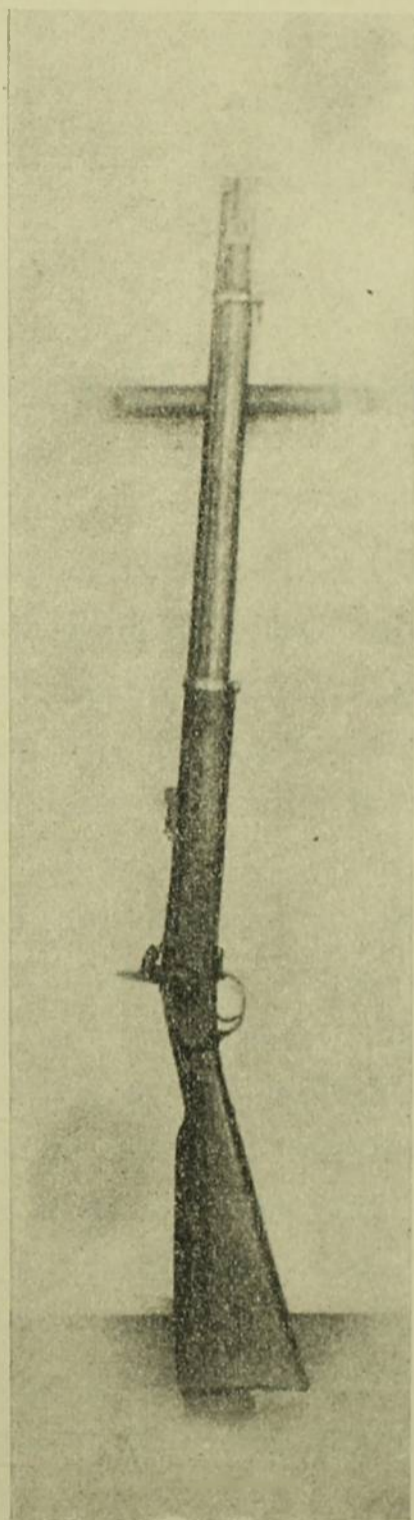
vultos notaveis, conciencias esclarecidas como Lugones e Jozé de Vasconcelos, Ugarte e Souza Reilly, Cabrera e Borgono, Ross e Vicuna Fuentes. E o publicista Adolfo Otero escreve no *Diario de Barcelona* estas palavras: "... la necessidad de una salida al mar para Bolivia responde a un imperativo vital"...

Na guerra do Pacifico se deve ir buscar a fonte de onde dimana esse encarceramento do povo boliviano. Desde 1842, o Chile se preparava com a politica de Diego Portales para a luta. Sentindo-se ameaçados, o Perú e a Bolivia aliaram-se em 1864. O Chile venceu-os no rude embate de 1879. E ainda hoje se está liquidando com o famijerado caso de Tacna e Arica o rezultado daquela pugna memoravel. Nessa liquidação, queixa-se a Bolivia da unilateralidade das negociações, em que ela tem sido posta de parte, como si sómente o Perú tivesse perdido territorios maritimos. E o já citado articulista assim discorre sobre os alicerces dos dezejos de seu paiz: "Las aspiraciones de Bolivia reposan sobre la base ancha de los constantes y solemnes ofrecimientos por parte del gobierno de Chile, que se han venido produciendo desde la firma del tratado de Tregua de 1884 hasta el año 1926. El calendario diplomático de Bolivia es rico en fechas, en las que se manifiesta la generosidad chilena. Ahi está el protocolo de 1895, por el cual Chile se comprometió a dotar a Bolivia de una salida propia, ahi está el ofrecimiento formal que también hizo dicho pais a Bolivia el año 1919 por su representante diplomático en La Paz, Don Emilio Bello Codecido. Recuerdese, por último, que el presidente de la dele-

gación chilena ante la Liga de las Naciones el año de 1921, manifestó que Chile está dispuesto a contemplar directamente los mejores médios para llegar a un arreglo directo con Bolivia, cuando este pais planteó ante ese alto tribunal la revisión del tratado de 1904, denunciándolo por incumplimiento por parte de Chile. El año 1926, frente a la proposición Kellog, consistente en ceder a Bolivia a perpetuidad los territorios de Tacna y Arica, Chile manifestó que aceptaba tratar en principio sobre dicho extremo".

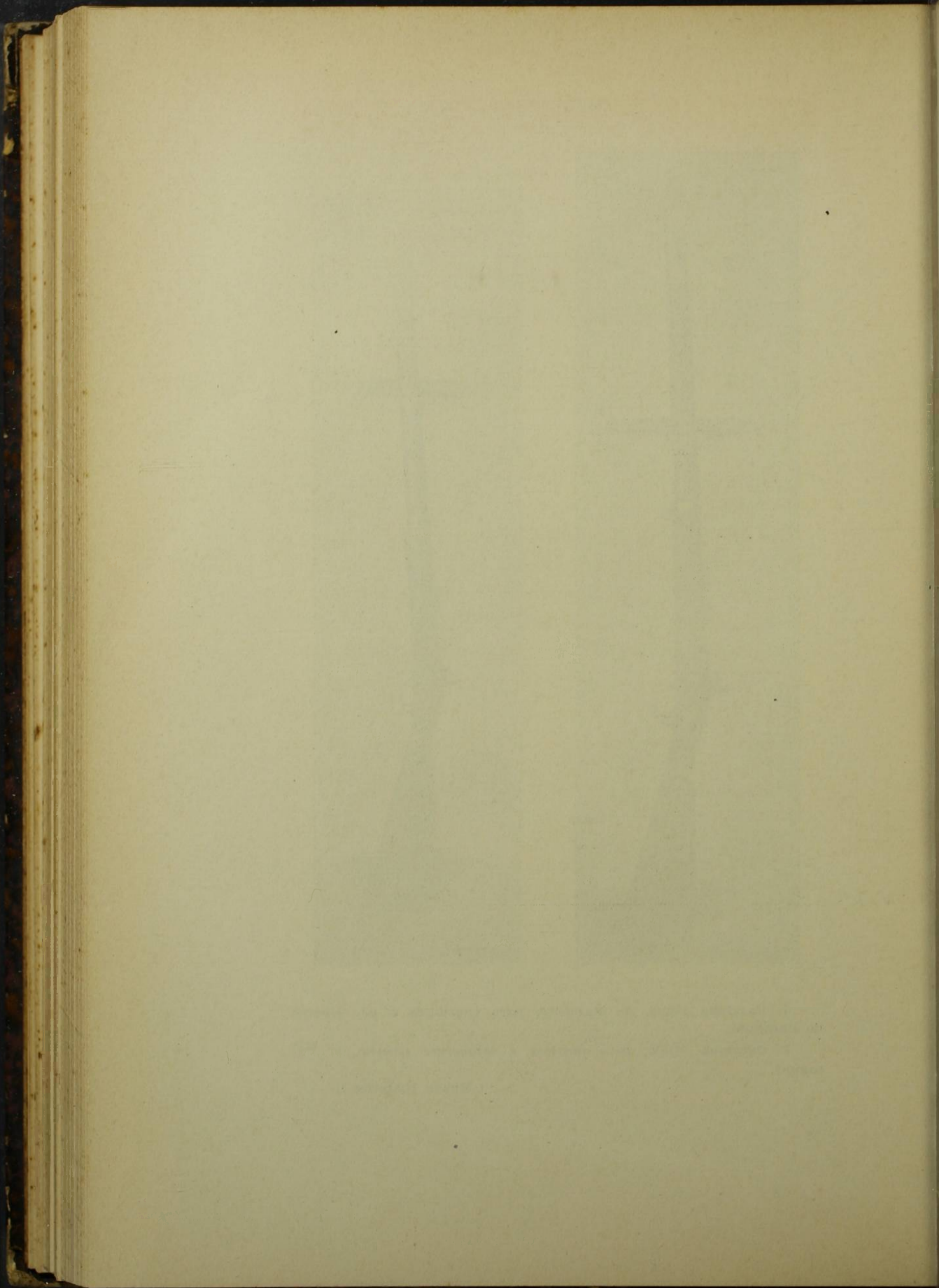
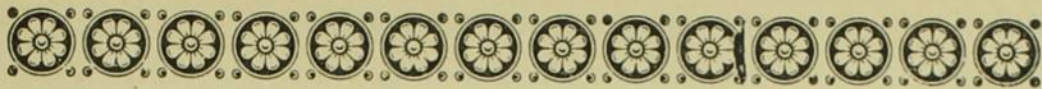
A ultima conferencia panamericana em Havana votou uma moção, pela qual os paizes mediterraneos poderão, para sua defeza, gozar de franquias atravez dos territorios de seus vizinhos. Isto, contudo, não é suficiente para a Bolivia e ela pleiteia o mar livre, receioza da asfixia. A questão do Chaco, com o Paraguai, prende-se fundamentalmente a essa necessidade iniludivel. E' o escoadouro do Atlantico que ela demanda, não podendo obter o do Pacifico. Não o buscou Solano López em 1865, fazendo a guerra a trez nações?

A clauzula boliviana representa até certo ponto um perigo para a America. Porque ou essa nação rompe as muralhas que a cercam ou para sempre renuncia ao direito de se dezenvolver de acôrdo com suas ambições. As asfixias geram fatalmente convulsões. As da sua politica interna talvez não tenham outra cauza. Portanto, os espiritos pacificos e as conciencias nobres fazem de coração votos para que a fraternidade americana consiga sobrepôr-se aos interesses rejionais e encontre uma fórmula satisfatoria para rezolver essa grave questão.

——«*»——

1

2

1. Carabina Minié, de Malherbe, para caçadores a pé. Guerra do Paraguai.

2. Carabina Minié, para muzicos e tambores. Guerra do Paraguai.

(Muzeu Historico)

AS BANDEIRAS EUROPÉAS NA AMERICA

O arquipelago austral das Malvinas, que a talassocracia ingleza crismou de Falkland, pertenceu outróra á Espanha e passou, de pleno direito, a constituir parte integrante do territorio da nação arjentina, quando esta se emancipou no principio do seculo passado.

A republica Arjentina ocupou sempre as Malvinas e procurou coloniza-las; mas foi vitima da cobiça das grandes potencias, e a Inglaterra, mancomunada com os Estados Unidos, fez audaciozo reide ao arquipelago e dele se apossou violentamente, como pretendeu fazer com a nossa ilha da Trindade. A Gran-Bretanha entende que o mar é seu e, portanto, tudo o que nele eziste lhe pertence. Hoje, talvez se não atrevesse a tanto, porém no momento em que ajiu a nossa vizinha não possuia a riqueza e a força de agora.

O interesse panamericano está a ezijir um movimento geral em todo o continente para pôr termo ás possessões européas no mesmo. A America, para levantar de vez a cabeça, preciza proclamar um dia ao mundo que nenhum pedaço de suas terras

jaz escravo de nação alguma. O problema é complexo. Entretanto, não é insoluvel. Questão de tenacidade, de união de vistas, de dinheiro e de tempo. Tentar essa obra seria um ato que eternizaria o nome dum estadista ou diplomata.

Das colonias européas na America, uma já passou ao poder dos Estados Unidos, o Alaska, a antiga America Russa. Das inglezas, uma é verdadeira nação independente: o Canadá. Visitei-o ha uns dez anos e fiquei assombrado do seu progresso em todos os sentidos. Vive na mais completa liberdade e suas relações com a metropole póde-se dizer que são de pura cortezia. A corôa limita-se a nomear um alto fidalgo Governador Geral, mas esse titular nada governa. O Dominio é dirijido pelo seu parlamento com um senado vitalicio e pelo seu conselho de ministros, responsavel perante aquele.

Um convenio entre o Brasil e a Venezuela poderia trazer a solução da questão das Guianas, verdadeiras feitorias que jámais atinjirão sob o rejimen em que se encontram a conciencia duma nacionalidade. São trez, como toda a gente sabe, e servem de paradigmas do que são e ao que levam as colonizações ingleza, holandeza e franceza. E' chocante a comparação entre elas e as nações surjidas das colonizações espanhola e portugueza. Por que não compra-las, como fez o ianqui com a America Russa, que era uma rejião atrazadissima e agora progride ?

E as ilhas ?

Estas seriam adquiridas aos seus detentores, libertadas e erijidas em nações as que para tanto já estivessem mais ou menos maduras. Postas sob

a fiscalização dos paizes mais cultos as que ainda precizassem de tutoria. E reunidas aos territorios prossimos aquelas que virtualmente deles dependem, como as Malvinas.

A Inglaterra possúe farrapos de terra por toda a parte, ás vezes conquistados de modo inesplicavel no territorio alheio. E' o cazo, por ezemplo, de Aden e de Gibraltar. E' o cazo, na America Central, da Honduras Britanica, a Costa dos Mosquitos. Que isso fôsse extirpado e se acrecesse á superficie da Honduras independente.

Sómente uma grande liga americana poderia iniciar e levar a cabo o admiravel, gloriozo tentamen de arrancar das Americas as bandeiras das potencias européas. E' obsoleto que elas ainda por aqui flutúem e o ponto a que já atinjiu nossa civilização não permite mais que continue o velho estado de couzas sem uma verdadeira *capitis diminutio* continental...

A idéa parecerá dificilima, sinão perigoza. Sem duvida. A verdade, porém, é que as idéas faceis e que não demandam esforços, sacrificios e lutas não fazem honra a ninguem...

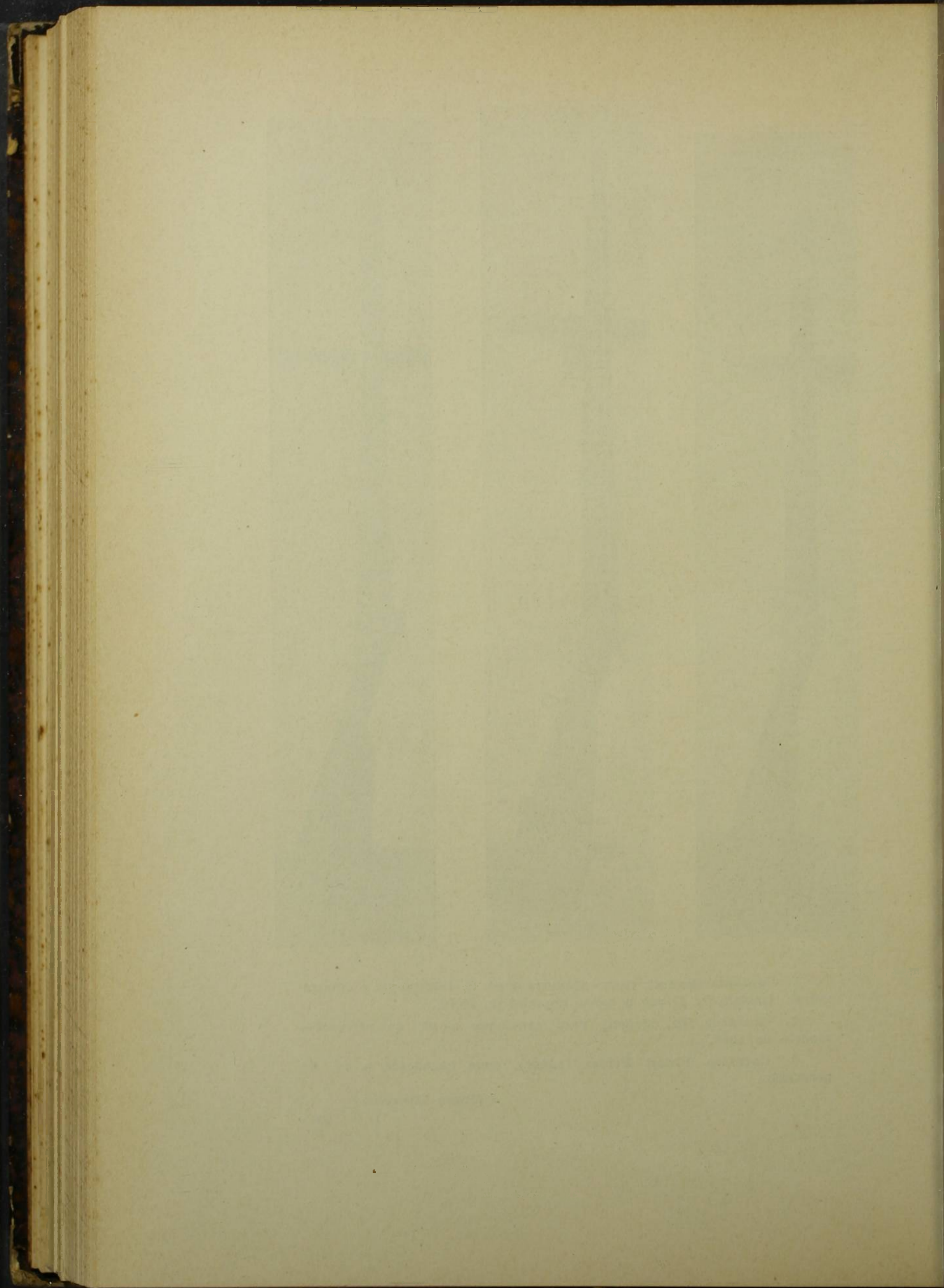
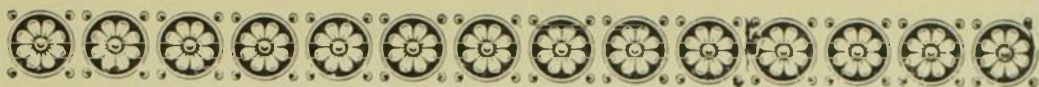
——«*»——

1 2 3

1. Carabina Barnett, para caçadores a pé, de fulminante e culatra movel. Iniciais P. II sob a corôa imperial no fêcho.

2. Carabina Th. Sederl, para caçadores a pé, de percussão, modelo de 1858.

3. Carabina Pirloft Fréres (Liége), para caçadores a pé, de percussão.

(Muzeu Historico)

APENDICE

POR QUÉ OCURRIÓ LA GUERRA DEL PARAGUAY

(Documento I)

La Nacion — Domingo 7 de octubre de 1928

En 1856, Héctor Varela, en busca de un buen clima para su salud, realizó un viaje al Paraguay. Era presidente don Carlos Antonio López; y su hijo Francisco Solano, ministro de la guerra. Una noche, a los pocos dias de su llegada, Varela y Francisco Solano conversaban como camaradas en la bien puesta casa del joven ministro. Habían hablado de mujeres, y de otras cosas. Llevaban ya algunas copas de un excelente Jerez dentro del cuerpo, cuando surgió este fascinador tema para todo sudamericano: Europa. López dijo que él nunca podría volver allí.

— ¿ Por qué ? Se lo diré a usted, mi amigo, con toda franqueza. Quizá usted se sorprenda de mis palabras; pero este es un pensamiento fijo en mi. Tome usted otro poco de Jerez.

López, según cuenta Varela, estaba un tanto "espiritualizado", vale decir, con el ánimo alegre, los ojos brillantes, la palabra fácil, la inteligencia a flor de piel, situación harto lejana de la embiaguez.

— ¿ Sabe usted por qué no podré volver a Europa ? Porque mi suerte está completamente ligada a la de mi pueblo. Mi señor padre está viejo: padece de una enfermedad crónica que, a más de lo avanzado de su edad, ha de precipitar su muerte. Su voluntad y la de mis compatriotas es que yo le reemplace en el mando. Ese día yo haré lo que no ha querido hacer él, a pesar de mis consejos. Yo sé que el Brasil y ustedes, los argentinos, codician al Paraguay. Aquí tenemos elementos suficientes para resistirlos a ambos; pero yo no he de esperar que ustedes me traigan el ataque: "He de ser yo quien se los lleve". Al efecto, con el primer pretexto que me den, "declararé la guerra al Imperio y a las dos repúblicas del Plata, que, si viven constantemente recelando las unas del otro, se habrán de unir para combatirme".

Varela, naturalmente, negó que existiese semejante codicia entre los argentinos.

— Es usted muy joven todavía, mi amigo — le contestó el futuro mariscal. — Yo tampoco soy viejo; pero estoy en posesión de secretos que usted ignora completamente. Yo no podré afianzar la independencia y la seguridad del Paraguay sin abatir, antes, la preponderancia del Imperio y de las repúblicas del Plata. Para cuando llegue el caso, "nos empezaremos a preparar".

Si todo esto lo hubiera contado Héctor Varela durante o después de la guerra, sus palabras pudieran atribuirse a fantasia suya; pero publicó una síntesis de su entrevista en "Tribuna", de entonces. El artículo de Varela es, pues, un anuncio de hechos que, nueve años después, se cumplieron.

López, en efecto, se empezó a preparar para la guerra. Cierto que D. Carlos Antonio, aunque hombre pacífico, no se había descuidado, pero desde que su hijo regresara de Europa aumentaron los preparativos bélicos. Humaitá fué fortificada, se contrataron técnicos ingleses para instruir al ejército y dirigir la fábrica de explosivos, se instaló el telégrafo y se construyeron una línea férrea y varios barcos, uno de los cuales hacía el viaje directamente desde la Asunción a Europa. Al subir al gobierno Francisco Solano, en 1862, casi todas esas obras estaban realizadas. Pero ahora, dueño absoluto del Paraguay, dió un empuje formidable a la organización militar. Estableció en el ejército una disciplina de hierro, como no se conocía en ningún país americano: aumentó el efectivo de soldados; dispuso la fabricación, en grande escala, de pólvora, municiones, armas blancas, ropas y diversos objectos de talabartería, necesarios a um gran ejército.

No hay para qué decir que la Argentina no tenía la más remota intención de atacar al país hermano. Cuando López conversó con Varela, nosotros vivíamos en plena anarquía. Cuatro años habían pasado. apenas, desde la caída de Rosas. No voy a repetir aquí, porque eso se encuentra en los manuales de historia, las revoluciones, guerras civiles, motines y otras calamidades que ocurrieron entre 1856 y 1865, el año de la guerra. Pero conviene recordar que en ese tiempo, que no alcanza a dos lustros, tuvieron lugar las luchas entre la Confederación y Buenos Aires, varias, grandes invasiones de indios, revoluciones en San Juan y en otras provincias y la montonera del Chacho, que durante un año y medio tuvo

en constante guerra y devastación a seis provincias. ¿ Podriamos pensar en "codiciar" al Paraguay en semejantes condiciones ? No teníamos unidad nacional, ni ejército, ni dinero.

No es imposible que López creyese sinceramente en nuestras intenciones imperialistas. Pero la verdad debe ser otra. Para comprenderla es preciso conocer el carácter de Francisco Solano.

No voy a hacer ahora un retrato del presidente paraguayo, pero diré algunas palabras sobre su interesante personalidad. López, joven, con dinero y presidiendo una lujosa comitiva, había sido enviado a Europa por su padre. Iba en representación del gobierno paraguayo y tenia por misión recorrer las cortes europeas. Aunque procedía de un país republicano, cesiderábasele como una especie de príncipe heredero, pues nadie ignoraba que, a la muerte de su padre, asumiría el mando. Eran los tiempos del Segundo Imperio. Napoleón III y la emperatriz Eugenia le trataron con simpatía. En unas maniobras militares, el Emperador le ofreció el mando de las tropas, en lo que López se desempeñó habilmente. Eran también los tiempos de la guerra de Crimea, en que las noticias de las grandes batallas y del sitio de Sebastopol emocionaban a las gentes en Europa. Ahora bien: esta vida fastuosa, el contacto con los monarcas europeos y el conocimiento de las glorias militares debieron influir sobre su imaginación fácilmente excitable. Y tanto influyeron que, al año de ejercer la presidencia, ya pensaba seriamente en hacerse coronar como emperador. Al ministro norteamericano Washburn le refirió que D. Pedro II así se lo aconsejara, cuando, de regreso de Europa, lo

visitó en Rio de Janeiro; y agregó que a él nada le costaria, pues el pueblo paraguayo aceptaría qualquier cosa que él hiciese; pero no era su propósito. No obstante, en un gran baile dado en 1863 en el Club Nacional, con motivo de su cumpleaños, se arregló para él un asiento que era un verdadero trono. Y por aquella época, en algún distrito lejano del Paraguay se le llamó Francisco I.

López, a mi juicio, era un megalómano, y el espectáculo cortesano y militar se le subió a la cabeza. Todo prueba su manía de grandezas: el respeto absurdo que impuso a los demás hacia su persona debiendo sus hermanos tratarlo de vuecelencia y no pudiendo nadie reir delante de él ni hacer chistes, a los que era aficionado; la adulación que permitía y fomentaba, habiendo llegado el padre Maíz, para salvar su vida, a compararle con Jesuscristo; la convicción de su genio militar, que le hacía prescindir de todo consejo, habiendo consultado sólo una vez a un hombre, al general Díaz, durante toda la guerra; su desprecio del Brasil, país superior al Paraguay en todo, salvo en la calidad de sus soldados, si bien su extensión y otros motivos le colocasen, militarmente, por entonces, en estado de inferioridad con respecto al Paraguay; y su vanidad extraordinaria, que, como gobernante, le condujo a querer establecer el equilibrio en el Río de la Plata. Inteligente, más aun, talentoso y probablemente genial, como lo creyera el general Paz, era el hombre menos razonable que pueda imaginarse. Procedía por instinto, por puro capricho, por impulsos. Habituado a no ser discutido en nada, absolutamente en nada, no era extraño que llegara a

creerse un ser providencial. Durante la guerra, reveló la psicologia del perseguido-perseguidor. Veía conspiradores por todas partes. Hasta creyô que su madre y sus hermanas habían intentado envenenarle. Y persiguió a todos los que le rodeaban, a sus mismos parientes, al Paraguay entero. No creo que su megalomanía fuese un caso de sanatorio, pero sí una fuerte tendencia.

¿ Qué faltaba, pues, para que la guerra estallase? Un pretexto cualquiera, como dijo López a Varela. Y el pretexto apareció.

El partido blanco había caído en Montevideo, y había asumido el gobierno provisorio el general Flores, el triunfador. Flores habíase embarcado en Buenos Aires, acompañado por la simpatía de los porteños. En el Uruguay — el Estado Oriental como decíase entonces — combatió con el apoyo del ejército brasileño, que había intervenido en contra del gobierno blanco para vengar algunos atropellos contra la vida y haciendas de ciudadanos brasileños en el estado de Río Grande. López encontró un pretexto para invadir Río Grande y el Uruguay. Ya estaba en guerra con el Brasil, desde fines del 64, de modo que ahora, voluntariamente, iba a echarse encima dos nuevos enemigos. Pedió permiso al gobierno argentino para cruzar por nuestro territorio como lo hicieron los alemanes en Bélgica en 1914; y el gobierno argentino, como en 1914 las autoridades belgas, lo negó. No correspondía otra cosa. Y así como el mundo entero aplaudió la actitud del gobierno de Bruselas, debemos igualmente aplaudir la actitud del gobierno de Mitre.

Los defensores de López sostienen que nuestro país tenía una alianza de hecho con el Brasil, y

recuerdan que los marinos de la expedición Oliveira bajaron en nuestro territorio, donde hicieron ejercicios. Pero la expedición Oliveira no iba con propósitos de guerra sino de reclamación, y su regreso lo prueba. Por otra parte, si los marinos brasileños bajaron a tierra fué tan sólo para hacer ejercicios, ocupación inocente, no para atacar desde allí a un país amigo nuestro. Con el Brasil se iba formando una alianza pero no existía por entonces. Una alianza no es cosa que se realiza en un día, ni siquiera en un año, sino una obra lenta, delicada, que reclama previos actos de mutua simpatía. Estos actos conducen a la alianza aunque no siempre; no son la alianza todavía. Y en la suposición de que hubiese existido un pacto con el Brasil, habría sido simplemente amistoso, o de defensa contra el gobierno de López, jamás de carácter ofensivo o imperialista.

La negativa del gobierno de Mitre a que las tropas del Paraguay pasasen por Corrientes para invadir el Brasil y el Uruguay, bastó para que López declarase la guerra. Engreído por sus triunfos en Matto Grosso, considerando medio vencido ya al Brasil, el único de sus enemigos que podría resistirle, López imaginó que la guerra contra la Argentina sería un paseo militar hasta Buenos Aires. Estaba convencido de que su gran ejército acampanaría pronto en la Plaza de la Victoria.

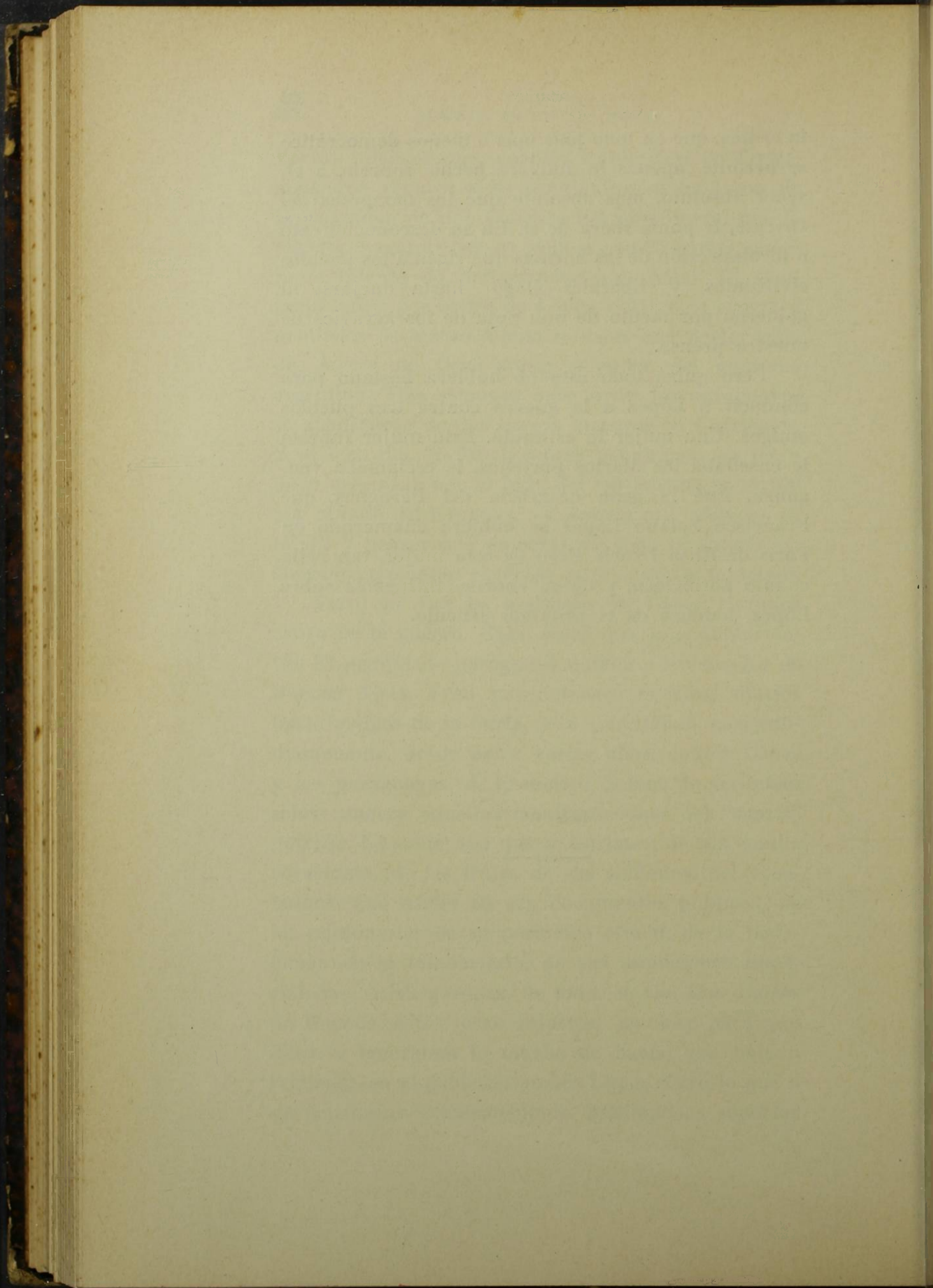
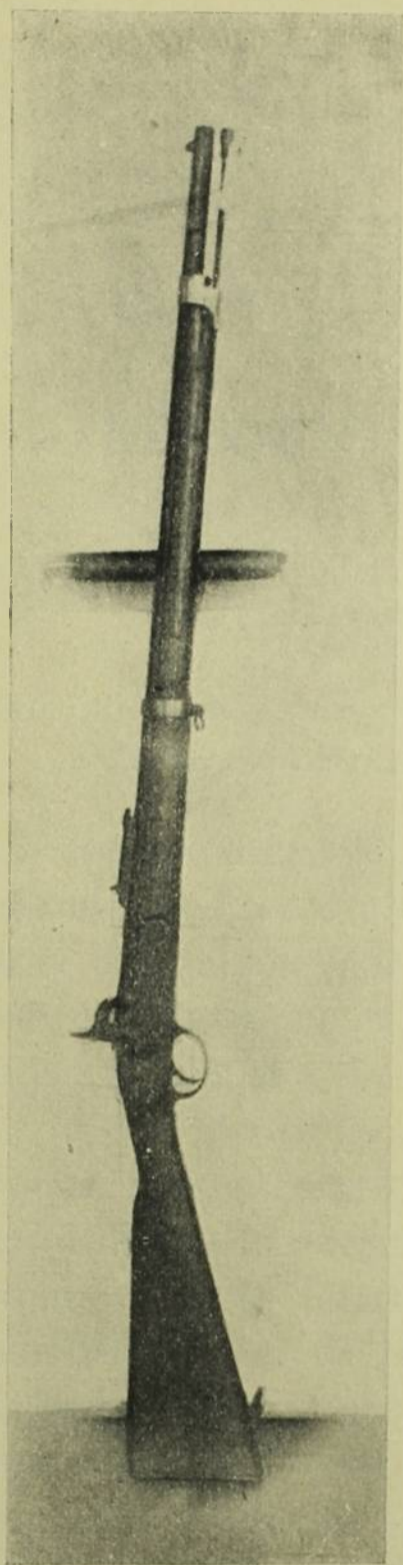
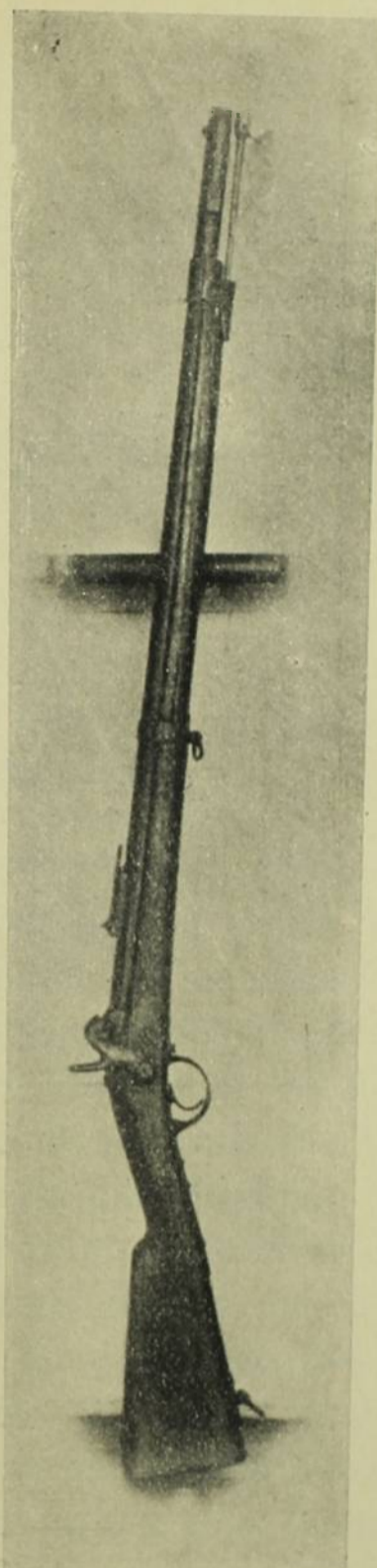
Y convocó al Congreso. No era éste un parlamento normal, sino una asamblea extraordinaria. En el Paraguay no existía el poder legislativo. López dictaba leyes y disponía de la vida y haciendas de todo el país. Aquella asamblea extraordinaria, por demás pintoresca, carecía enteramente de libertad.

Varios infelices que, cuando la elección de López, opusieron reparos a su candidatura o hablaron de la necesidad de una Constitución más liberal que la vigente, pagaron con su vida o con la cárcel semejante intento de independencia personal. El Congreso, pues, por orden de López, declaró la guerra a mediados de marzo. Como se sabe, esta declaración de guerra no llegó nunca a poder del gobierno argentino. Tres semanas más tarde, los paraguayos se apoderaron de dos barcos nuestros en Corrientes. Y al otro día, 25.000 hombres penetraron en territorio argentino por el lado del río Paraná, y 15.000 por el lado del Uruguay. ¡ Cuarenta mil soldados en total ! Y pensar que nosotros, en toda la guerra, no llegamos a mandar ni 20.000, porque no los teníamos.

Pero no fué la ambición de López la única causa de la guerra. Hubo otras dos, muy importantes. El presidente paraguayo odiaba a los diarios de Buenos Aires. Eran por entonces nuestros diarios harto amigos de la burla, y la ejercitaban, casi cotidianamente, desde hacía varios años, contra López y los paraguayos. A Francisco Solano le irritaban sobre manera aquellas manifestaciones del "esprit" porteño. Le sublevaba que se burlasen de sus condecoraciones, de los trajes de sus soldados, del vocabulario que usaba en sus documentos públicos, de las adulonerías de su periódico oficial, de la instalación de la talabartería, de sus ambiciones imperialistas, de su gordura, de todo, en fin. Los diarios de Buenos Aires eran injustos, no hay para qué decir, e ignoraban lo mucho de bueno que habían realizado en el gobierno ambos López. Pero lo que a un gobernante experimentado, habituado a soportar

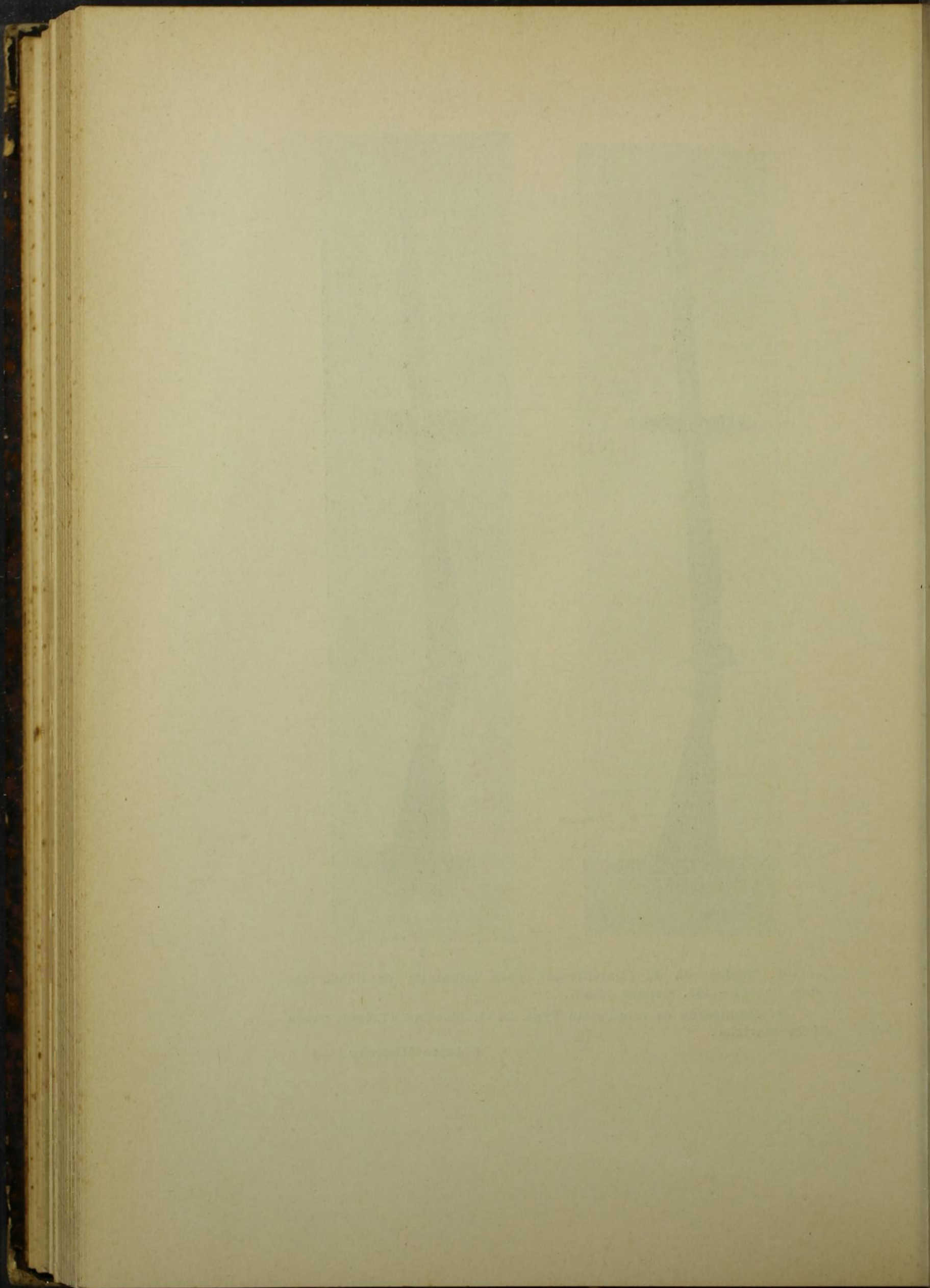
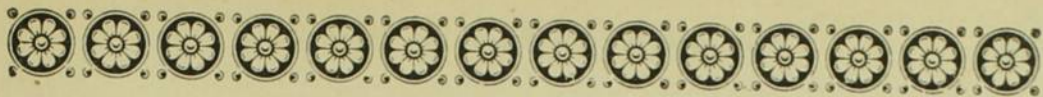
la crítica, que en todo país más o menos democrático se permite, apenas le hubiera hecho sonreír, a el, señor absoluto, más absoluto que los monarcas del Oriente, le ponía fuera de sí. En su desconocimiento o incompresión de las normas que rigen a los pueblos civilizados y liberales llegó hasta quejarse al gobierno por medio de una nota de los agravios de nuestra prensa.

Pero quizá todo esto no hubiera bastado para conducir a López a la guerra contra tres pueblos amigos. Una mujer lo estimuló. Esta mujer funesta le enseñaba los diarios porteños, le reclamaba venganza. Fué la gran desgracia del Paraguay que Francisco Solano López se hubiera enamorado en París de Elisa Lynch. Pero de esta mujer, tan bella cuanto perniciosa, y de su enorme influencia sobre López, hablaré en el próximo artículo.

——«*»——

1 2

1. Espingarda da Chatellerault, para infantaria de linha, modelo de 1853-1855, sistema Minié.

2. Espingarda de fulminante Tyge, de G. Mordant (Liége), uzada pela marinha.

(Muzeu Historico)

RENCILLAS FRATERNALES

(Documento II)

(*Artigo publicado na revista* Criterio, *de Buenos Aires, numero de junho de 1929*)

Un escritor brasileño, Gustavo Barroso, autor de libros tan notables como *Tierra de sol,* acaba de publicar tres largos artículos sobre *Los caminos de la muerte*. Primeramente, elogios generosos al colega argentino y a su novela. Luego, intentos de refutar lo que el considera mis errores de información. La naturaleza de sus cargos; su autoridad literaria; su conocimiento de la guerra del Paraguay revelada en dos volumenes de interesantes relatos; y la alta tribuna del *Correio da Manhã,* donde fueron insertados, obliganme a responderle. De tener razón Gustavo Barroso quedarian malparados nuestros historiadores y aún los jefes arjentinos que condujeron las operaciones de guerra.

Mi libro, a su juicio, es un eco lejano de las calumnias rioplatenses contra la actuación del Brasil en la campãna del Paraguay. Imparcial y caballerescamente cita frases de mi libro en alabanza de los brasileños, pero observa que, de cuando en

24

cuando, aparece "la injusticia contra nosotros, la repetición de sedicentes verdades a nuestro respecto, que revelan cuan perversa fué la propaganda anti-brasileña, cuan profundas sus raices y que, desgraciadamente, Manuel Gálvez desconoce nuestros libros y nuestros documentos". No me cree capaz de mala voluntad y mucho menos de mala fe. "Por eso, agrega, solo podemos atribuir ciertas cosas contrarias al Brasil a su ignorancia de lo que hemos escrito y publicado ultimamente sobre el asunto."

Pero en mi libro nada hay contra el Brasil. Talvez alguno de mis entes novelescos diga una palavra adversa a un jefe brasileño; o profiera una burla, que nunca será hiriente. Y esto ocurre en el dialogo, jamás cuando habla por si mismo el autor, que no hace sino reflejar el ambiente de la época. Sus palabras, en todo caso, nada tienen que ver con el Brasil actual, ni con el Brasil eterno. Mi simpatia hacia el Brasil la he demostrado en varias ocasiones. Puedo afirmar que ningún escritor argentino ha hecho tanto como yo, para que se conozca entre nosotros la literatura del pais hermano. Y basta ler los párrafos que en *Los caminos de la muerte* dedico a los cantares y a los bailes brasileños para advertir que conservo del Brasil y de sus cosas una emoción profunda y admirativa.

Barroso incurre, sin cesar, en dos graves olvidos: el carácter novelesco de mi libro y el ser obra inconclusa, pues integra una serie. Las criaturas del novelista tienen vida y opiniones propias, y, asi, juzgan las cosas de diverso modo. Mientras, por ejemplo, unas defienden al Paraguay y aún al mismo Mariscal López, otras se burlan de los para-

guayos o condenan al tirano. Por otra parte, mi obra no termina sino en el tercer volumen. Si cada novela de la serie es independiente de las otras, no sucede lo propio en cuanto al juicio sobre la guerra. En esto, los tres libros se completaran mutuamente. Y, si en *Los caminos de la muerte* predomina el punto de vista argentino y en *Humaitá* el paraguayo, en *Jornadas de agonia* predominará el brasileño. Me culpa Barroso de atribuir a los brasileños el fusilamiento de Leandro Gómez. Pero mis personajes no dicen que aquellos lo mataron, sino lo "sacrificaron." Y sacrificar significa "poner a una persona o cosa en algún riesgo o trabajo, abandonaria a la muerte, destrucción o daño, en provecho de un fin o interés que se estima de mayor importancia." Es exactamente el caso de que se trata. Los jefes brasileños entregaron el caudillo a Goyo Suárez. No podían ignorar la suerte que le esperaba. Eran, pues, cómplices, aunque Gómez prefiriera ser prisionero de sus compatriotas y aún que los colorados prometiesen hipocritamente no matarlo. Y recordemos, para mayor abundamiento, que los colorados eran no solo aliados del Brasil: hicieron la campaña con dinero del Imperio, como lo reconoce el proprio Barroso. Y si una de mis figuras de ficción, el doctor Carvajal, acusa a los brasileros de haber sacrificado a Leandro Gómez, en lugar de decir que los colorados lo fusilaron, es porque, en ese punto de la conversación con otra de mis figuras novelescas, lo que se está y lo que a el le interesa es la actitud del Brasil en el Uruguay. Esta actitud, a su juicio, justificaria que los blancos se uniesen a López para combatir contra los colorados, que los arrojaron del gobierno.

La esclavitud... El autor de *Tierra de sol* ha tomado a mal que en mi novela alguien hablara de "las negradas" que podia movilizar el Brasil. Arguye a mi frase, a la que erroneamente supone despectiva, que también nosotros teniamos negros, los cuales eran la mejor materia prima en nuestros ejercitos. Siempre hubo negros, a la verdad, entre las tropas argentinas; pero eran pocos y libres, absolutamente libres. Dice Barroso que en el Paraguay también existia la esclavitud. No ignoro que Mario Barreto calcula en cincuenta mil los esclavos paraguayos, de los cuales seis mil combatieron contra la Triple Alianza. Aparte de que el argumento no me afecta, pues soy argentino y no paraguayo, me parece que ello no disculpa al Imperio. Por otra parte, esos esclavos pertenecian al gobierno, si bien el autor de *La campaña Lopezguaya* reproduce un recibo según el cual López habria comprado un esclavo para su servicio. De cualquier modo, los ciudadanos no poseian esclavos y repudiaban la esclavitud.

Mi colega, por defenderlo todo, hasta niega la lentitud de la escuadra imperial. Tratase, sin embargo, de un lugar común, descrito y comentado por todos los historiadores y por los diarios de la época. Ante el cumulo de citas, me abruma *l'embarras du choix*. No se abre un diario de la época, argentino o uruguayo, que no comente la inacción de la escuadra, y estas cinco palabras llegaron a ser un título habitual de editoriales. He aqui, por ejemplo, lo que en un articulo sensato, nada adverso al Brasil, decia *La Opinion Nacional*, de Montevideo: "El Brasil no puede estar satisfecho, aspirando a constituirse en poder marítimo, después de haber creado una

escuadra tan grande como no la tienen algunas potencias européas, de ver a esa escuadra hacer un papel tan secundario en la guerra, que teniendo enemigos que combatir no va a buscarlos, que no ha sabido dominar los rios y que no ha avanzado un paso mientras el ejercito de tierra no le ha despejado el camino." Cito esta larga frase por su tono serio e imparcial y porque contiene una sintesis de cuanto pudo hacer la escuadra y no hizo.

Abramos ahora el *Diario de Campaña* del coronel uruguayo Palleja, hombre sencillo, verídico, incapaz del menor engãno. "Es de balde — afirma — a la escuadra siempre le falta alguna cosa." Y en otra parte: "Dicen malas lenguas que para el 24 la escuadra dará señales de vida; veremos si nos salen con alguna empanada; basta ya de reconocimientos y pruebas." Y es curioso que su última frase, escrita el dia anterior a su heroica muerte en el Boquerón, fuese para criticar a la escuadra. Mil citas pudiera hacer, pero es suficiente con las palabras de un hombre honesto y veraz que asistió a todas las operaciones que relata y que escribió sus paginas dia a dia, no por recuerdos ni con propósitos tendenciosos. Pero dejemos a los diarios y escritores argentinos o uruguayos y véamos que han dicho los mismos brasileños. Ignora mi colega que en el propio parlamento brasileño se condenó a Tamandaré, jefe de la escuadra ? El barón de San Lorenzo, interpelando al ministro de Marina, dije: "Se recela de los torpedos, pudiendo suceder muy bien que el enemigo, para entreternos, hubiera mandado colocar algunas pipas y cajones pintados, a los cuales tomariamos por aquellas terribles maquinas (Hilaridad). Acaso

se va a la guerra para no correr riesgos y peligros?" E agregó con ironia: "Si la razón es la conservación de nuestro material de guerra que tanto nos costó, mejor seria conservarlo en nuestros puertos y en los diques, para mayor seguridad."

A renglon seguido, Barroso transcribe este gran elogio a los oficiales brasileños: "Eran de una fineza que los argentinos y los orientales no poseian." Nada mejor que esta frase, pues, para demostrar mi imparcialidad. Pero Barroso no acepta la menor crítica. Protesta por estas palabras: "En el campamento no se hablaba sino de la desidia brasilera. Habian dejado la Uruguayana llena de provisiones, no impidieron la nueva entrada de los paraguayos, que habian abandonado la plaza, esperaban refuerzos innecesarios y que no llegaban; el Emperador y su sequito, que habian salido havia diez y ocho dias, no aparecian." Todos estos hechos son exactos, bien conocidos y irrefutables.

Barroso me acusa de creer que el *choradinho* se canta y que el *caxambú* se baila, siendo simplemente un tambor de los negros. Pero yo no he dicho que el *choradinho* se cante. El personaje, un oficial brasileño, está rodeado de argentinos, de uruguayos y de brasileños, y tiene una guitarra en la mano. Cantó un *lundú*, entusiasmando a todos. Y agrego: "Luego: vinieron las *modinhas*, los *sambas*, los *choradinhos*, los *caxambús*, los *cucumbys*." El oficial pude haberse limitado a tocar esas piezas en la guitarra. Yo no especifico que las cantara. Por otra parte, en su *Historia de la musica brasileira*, Renato de Almeida dice: "tangos y sus multiples variantes, tales como *miudinhos, choradinhos, caxambús*." El tango bra-

sileño se baila principalmente, pero también se canta. Y siendo los *choradinhos* y los *caxambús* (1) variantes del tango, es evidente que pudieron ser cantados. Pero si he incurrido en un error seguramente leve, en uno harto grave ha incurrido mi ilustre colega. El *caxambú* será un instrumento de los negros; mas también es una danza, y Barroso lo ignoraba (2). Seria como si yo dijese que el *pericón* es una guitarra de los gauchos...

Sobre la batalla naval del 11 de junio, dije: "La escuadra brasileña habia destruido por entero a la paraguaya. " Pero a Barroso no le agrada que, más adelante, el novelista se refiera a las criticas de que era objeto la escuadra por haber dejado al enemigo la huida. He escrito esta frase después de haber leido *La Nacion Argentina, El Nacional, Tribuna, El Pueblo, El Correo del Domingo y Le Courier de La Plata,* de Buenos Aires; *El Siglo, La Oposición Nacional* y *Tribuna,* de Montevideo; y *La Esperanza,* de Corrientes. Todos los diarios criticaban la escuadra. No he dicho que las criticas fueran merecidas; solamente refiero un tema de las conversaciones de entonces. Thompson dice, del jefe de la escuadra: "En cualquier otro pais hubiera sido sometido a un consejo de guerra, no solo *por no tratar de cortar la retirada de los vapores paraguayos,* sino por el rumor que corria a bordo de su mismo buque, sobre su cobardia, donde se decia que perdió completa-

---

(1) O caxambú poderá ser um tango, pois o nome do instrumento passa a denominar a dansa communmente. Mas canto, nunca.

(2) Eu não disse que ignorava. Limitei-me a citar o tambor que deu o nome ao samba. — *G. B.*

mente la cabeza, y que el piloto correntino fué el verdadero jefe de la escuadra." Creo que sobra con esto.

Y ahora, un cargo singular: no haber descrito más minuciosamente el combate del Riachuelo. Es que me interesaba poco, puesto que ninguno de mis personajes, todos argentinos, pudo actuar alli. Me limité a evocar el combate en una pagina. En procura de lo característico y pintoresco hablé de las chatas cargadas de paraguayos. Teme mi colega que el lector considere a estas chatas o lanchas como si fuesen toda la escuadra de López. Pero es que unas lanchas constituyen una escuadra ? Barroso, excesivamente quisquilloso, ve omisiones tendenciosas donde no las hay. Pero ocurre algo más importante: y es que no hay ninguna omisión. Barroso transcribe cinco lineas de mi párrafo, y ahi se detiene para hacerme su reproche. Sin embargo, cuatro lineas más abajo, el novelista argentino sigue diciendo. "Tumbadas las canoas, ahogados los hombres, echados a pique *los barcos paraguayos...*" Dejo al lector que juzgue.

Y no he confundido con el asalto a los acorazados el 2 de marzo del 68, estupendo hecho de guerra que describo en *Humaitá, recientemente* aparecido. Un ilustre marino y escritor brasileño, el barón de Teffé, que asistiera al combate, dice: "... esa escuadra paraguaya traía, además de las guarniciones completas, un refuerzo de mil y tantos hombres escojidos para el abordaje." Y más adelante: "A remolque traía (el primer vapor enemigo) una embarcación de forma indefinida; parecia a la distancia, una larga plancha sobre la que hormi-

gueaba una multitud." Y por fim: "Conté 8 buenos vapores y 6 baterias flotantes. Los vapores traían trepados sobre la borda de estribor, formados en fila, los soldados escojidos y destinados al asalto." En consecuencia, el elemento principal con que contaban los paraguayos eran esos hombres destinados al abordaje, puesto que su presencia impedia el manejo de los cañones. Aún los vapores, algunos apenas de ciento veinte toneladas, iban cargados de hombres. No he faltado, pues, a la verdad histórica haciendo decir a uno de mis entes novelescos que los paraguayos, en el Riachuelo, "asaltaron en canoas a los grandes buques". "Respecto a la naturaleza de las embarcaciones de forma indefinida", bien podia el oficialito decir que se trataba de inmensas canoas. En realidad eran balsas. Los paraguayos las llamaban chatas, lanchas o lanchones.

En su segundo artículo, Barroso escribe largamente sobre el combate de los lanchones contra la escuadra. Le sublevaron estas palabras de una de mis criaturas de ficción: "Aqui, no hace muchos dias, una chata con un solo cañon ha tenido en jaque a la poderosa escuadra brasilera." Y estas otras, del interlocutor: "Si, ya sé. Cincuenta jefes y oficiales del Tamandaré se refugiaron en la casamata, temblando de miedo, y alli los vino a matar o a herir el cañon de la chata paraguaya". Barroso sostiene que no se refugiaron en la casamata, pues alli les correspondia estar. "La casamata, asegura, es el lugar donde queda la tripulación todo el tiempo, y no creo que nadie, en su perfecto juicio, exija que, en las horas de bombardeo, los tripulantes salgan de las casamatas y vayan a aparecer en la cubierta". Con

este criterio, no cabe sino dejarse bombardear. o poner en manos de los artilleros, que podian ser inexpertos, y lo eran, la defensa del barco. Los oficiales debian estar dirigiendo los servidores de las piezas. Si asi hubiese ocurrido, el singular combate no habria durado una hora. El almirante brasileño Nogueira, que asistió a la acción, dice que los paraguayos pudieron resistir a la escuadra porque el Brasil no tenia artilleros que sirviesen. Esto quedó demostrado en Curupaity. El mismo Nogueira refiere que solo dos oficiales no fueron heridos. Los demás estaban reunidos en la casamata. Ahora bien: la casamata es un lugar blindado, de reducidas proporciones: dos metros por dos, a lo sumo, en los actuales acorazados. Talvez en aquellos años fuesen mayores, pero no tanto como para que en ella cubriesen 50 hombres. Es evidente que solo el temor a la punteria del paraguayo Fariña, el héroe de aquella hazaña, pude llevarlos alli. Las palabras "temblando de miedo" las pronuncia en mi novela un muchacho sin gran responsabilidad, exagerado en el hablar. Es absurdo creer, por ellas, que se hace eco de calumnias el novelista, el cual, en otra parte de su libro, elogia el valor del general brasileño Osorio.

El autor de *La guerra de López* me discute la versión sobre el conflicto entre los jefes aliados. Llamado Mitre a resolver la cuestión del mando entre Flores y los jefes brasileños, encontrose con que tampoco se reconocia su autoridad de generalisimo. Con su habitual prudencia, y sabiendo que don Pedro se acercaba, dejó que el Emperador resolviera, ya que, estando en territorio del Brasil, a el hubiera correspondido el mando. Don Pedro,

irresponsable, según la ley brasileña, no podia dirigir el ejercito. Con habilidad resolvió el conflicto diciendo a Mitre, delante de varios generales: "Yo mando; su excelencia hará", palabras que significaban una delegación de la autoridad militar en el general Mitre. Bien: esta escena la citan los historiadores argentinos. La he tomado de Garmendia, que actuó en la guerra y la recogió de los jefes que la oyeron. Garmendia era un mal escritor, pero un caballero. Incapaz de inventar semejante frase. Su libro *Campaña de Corrientes y de Rio Grande* lleva como prólogo una carta de Mitre, quien jamás desmintió esas palabras. Y Barroso juzga que toda mi pagina, a fuerza de falso, es ridicula...

Menos acepta la frase que pongo en labios de Mitre, en la reunion de los altos jefes, por causa de le negativa de los brasileños a atacar a Uruguayana. Los anotadores de Thompson, Diego Lewis y Angel Estrada, afirman: "El general Mitre, después de insistir con firmeza, dijo a Porto Alegre, para demostrarle su resolución: el general Flores y yo atravesaremos de nuevo el rio, bien entendo que dejando nuestros ejercitos, y usted quedará con el mando y nosotros presenciaremos desde la otra ribera lo que ustedes hagan. Tamandaré, que estaba presente, dijo, en tono de broma, que eso no sucederia, porque el estaba alli para impedir el pasaje." En mi novela figuran estas palabras con escasas modificaciones, adaptadas al dialogo novelístico. Barroso juzga que esto parece broma. Acaso don Pedro, Porto Alegre, Caxias, Canabarro eran unos cobardes y unos estupidos? Pero Mitre no quiso decir eso, sino afirmar su disidencia. No ame-

nazó; habló en tono amistoso — definido por la respuesta de Tamandaré — pero firme. Cierto que los argentinos y los uruguayos estaban en menor número frente a la plaza sitiada, pero Mitre era presidente de la República y a el correspondia el mando del ejercito aliado, según el tratado de la Triple Alianza. No ignoro que Schneider, su comentador Paranhos y otros historiadores brasileños niegan todo. Pero su unico argumento es la tercia negativa. En buena logica, vala más la afirmación que la negación. Los jefes brasileños pudieron no estar presentes, o no haber oido las palabras de Mitre, o no recordarlas. Para nosotros el hecho de que Mitre aprobase los libros en que aquellas palavras se le atribuyen tiene un formidable valor probativo. Porque si algún hombre hubo en el mundo incapaz de amparar una falsedad, ese fué Mitre.

Pero Barroso va más allá que los historiadores de su país: niega que Mitre ejerciese el alto comando frente a Uruguayana. Para refutarle, bastaria citar unas palavras de la *Historia da guerra do Brasil contra as republicas do Uruguay e Paraguay*, esplendida colección de documentos, en sua mayoría oficiales, publicada en Rio de Janeiro en 1870. En este libro se dice que Mitre, "apenas llegado a Uruguayana, asumió el comando en jefe de las fuerzas sitiadoras de la plaza." Y repite: "Como dijimos, apenas el general Mitre estuvo frente a Uruguayana, tomó el comando en jefe de todas las tropas aliadas que cercaban la plaza." Palleja, en su diario, que es la veracidad misma, escribió frente a Uruguayana: "Como tengo referido, el presidente Mitre, general en jefe aliado..." El proprio Mitre, en su informe al

vice-presidente Paz, escribió desde Uruguayana: "Llegué hoy a este punto, habiendo sido saludado a bordo por los generales Flores y Barón de Porto Alegre, con quienes bajé a tierra, pasando en seguida a visitar los tres campamentos de los aliados. He sido muy bien recibido en todos ellos, quedando salvadas todas las dificuldades que habían surgido, y hecho yo cargo del mando en jefe del ejercito aliado." Y ahora conviene preguntar: quién está mal informado, el escritor argentino o el brasileño ?

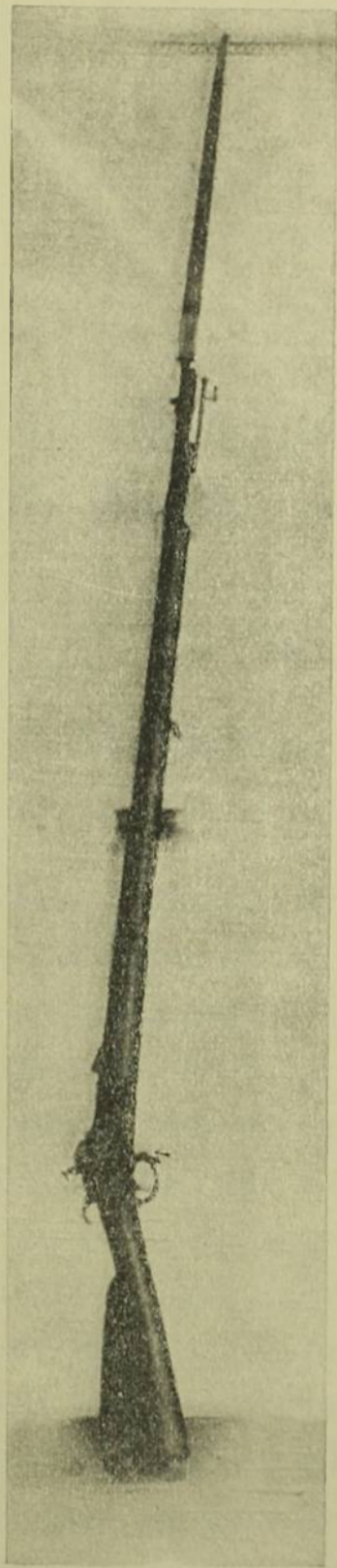
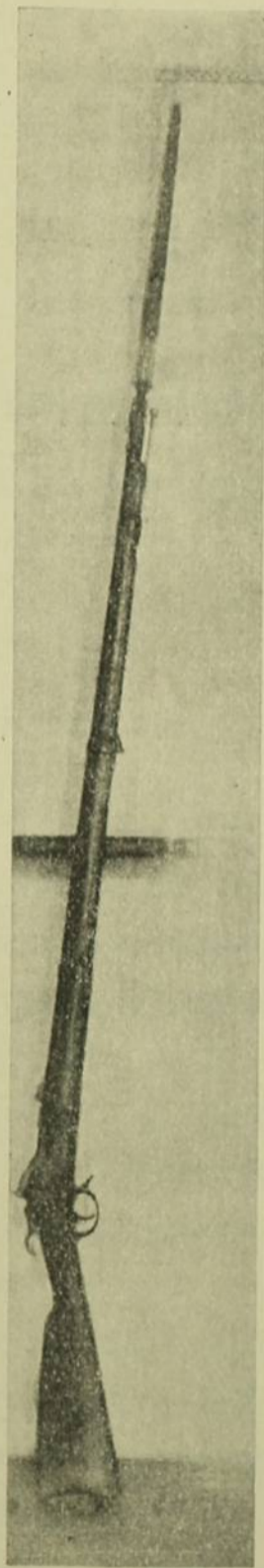
Y cosa curiosa: las palabras que se atribuyen a don Pedro redundan en elogio suyo. Pero algunos de nuestros hermanos de habla portuguesa no quieren admitir que los generales hayan aceptado el comando de Mitre ni que el Emperador lo haya delegado en el. Son más papistas que el Papa. Hasta ridiculas considera Barroso las palabras de Mitre. Yo le preguntaré que opina del majadero de Jourdan, un reputado historiador de su patria, que le llama a Porto Alegre, por haber combatido contra Rosas junto a Urquiza... el vencedor de Caseros !

Termina mi ilustre colega defendiendo a Tamandaré. Todos los diarios rio-platenses, aún los enemigos de Mitre, y todos los historiadores, condenan la inepcia del almirante. Citaré a un brasileño, a Nogueira. Dice textualmente, en su carta del 19 de julio de 1866: "Desgraciadamente un hombre fatal trastornó todo. El almirante no estaba en la escuadra y ni dejó instrucciones. El jefe mandóle dar parte de lo que pasaba y no obtuvo respuesta. No quiso, sin embargo, tomar sobre si la responsabilidad. La escuadra quedó fondeada, perdiendose la mejor ocasión. Verguenza ! Y a hombres como estos, el

Brasil entrega sus destinos ! A la noche dió señal de si: mandónos un boletin informando sobre el combate, diciendo ser nuestra la victoria, y nada más. Basta. La indignación me ha llevado, sin querer, a hablar del hombre que habia hecho algo por mi." Estas palabras elocuentes y sinceras se comentan solas.

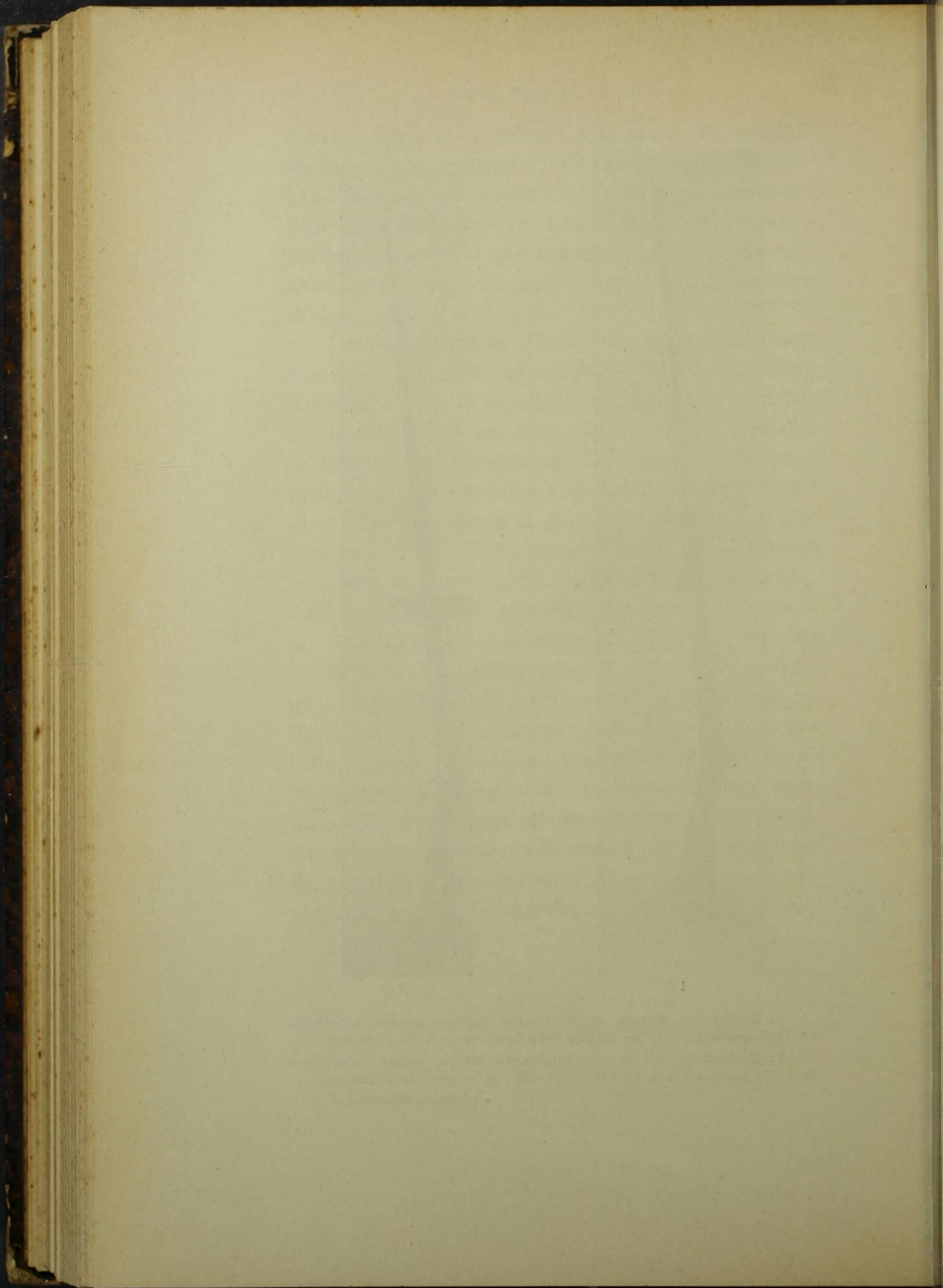
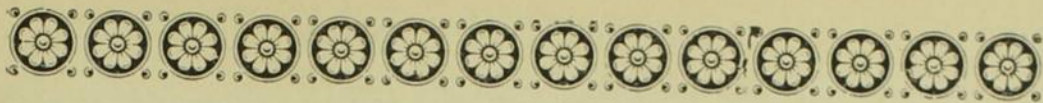
Pero concluyamos. Gustavo Barroso puede estar seguro de que si en mi novela aparece en situación desfavorable algún brasileño, no lo presento asi por ser brasileño. Si me intención fuera ten pequeña, no habria elogiado el coraje de Osorio y la fineza y cultura de los oficiales brasileños. No hay en mi libro nada que afecte al gran pais hermano, al que admiro y quiero. Si he cometido errores, — y nadie está libre de equivocarse — ha sido sinceramente. Pero insisto en que no se trata de errores, sino, en la mayoria de los casos, como el lector ha visto, de interpretaciones equivocadas de mi ilustre colega, que se ha olvidado del caracter novelesco de mi libro. En otros casos trátase de hechos relatados por historiadores argentinos, uruguayos y aun brasileños. Mi documentación era buena y muy completa. Si estos historiadores ignoraron la verdad, que solo poseen Gustavo Barroso y algunos escritores de su pais, no es culpa mia. Al novelista no le corresponde rehacer la historia.

Manuel Gálvez

——«*»——

1 2

1. Espingarda Robert, do fabricante Savage, modelo americano de 1867, posta em uzo no ultimo periodo da guerra do Paraguai.

2. Espingarda Robert, do fabricante Mason, modelo americano de 1867, posta em uzo no ultimo periodo da guerra do Paraguai.

(Muzeu Historico)

Parte do brigadeiro Marques de Souza (Porto Alegre) sobre a batalha de Caseros

(Documento III)

(*Aprezentada ao conde de Caxias*)

3 de fevereiro de 1852

Illmo. e Exmo. Sr. — Na qualidade de comandante da primeira divizão do ezercito brazileiro, nada me póde ser tão satisfatorio como a honra que hoje me cabe de levar ao conhecimento de V. Ex. o brilhante feito d'armas desta divizão na glorioza batalha campal que na provincia de Buenos Aires, junto ao povo de Moron, quatro leguas distante da capital, teve logar no dia 3 do corrente.

Este dia, Exmo. Sr., tornou-se memoravel para o Brazil inteiro; arremessou para longe a tempestade que lhe estava sobranceira, e fez aparecer um futuro rizonho para o nosso saudozo paiz.

Uma parte do ezercito brazileiro, reunida em nobre aliança ao do valente general Urquiza, derramando seu sangue nos campos de Moron pela liberdade de um povo inteiro, adquiriu para o nosso ezercito honra, gloria e reputação. Desculpe V. Ex.

este pequeno preludio, filho do entusiasmo de quem viu brilhar nossos soldados no meio de 50 a 60.000 homens que se bateram dezapiedadamente.

Depois das penozas marchas que fizemos pelo centro de uma campanha esteril e balda de recursos, sofrendo a sêde, o calor, a fadiga e um milhar de outros contratempos, chegámos no dia 2 do corrente á vista do inimigo, que se achava colocado sobre a Coxilha, situada á margem oriental do arroio das Conchas, no logar denominado Ponte de Marques.

Suposto a sua pozição nesse lugar tivesse muita vantajem sobre nós porque dominava a ponte sobre a qual tinha de desfilar o ezercito, contudo o inimigo a dezamparou depois de um pequeno tiroteio de guerrilhas com as avançadas da nossa vanguarda.

Dezassombrado o campo, fez alto o ezercito, e acampou sobre a Coxilha, dezocupada pelo inimigo. Entregues ao prazer de uma vitoria certa, cuidámos todos em aumentar os preparativos para o combate no dia seguinte. Por essa occasião tive ordem do general em chefe para incorporar á força que V. Ex. confiou ao meu commando o corpo de artilharia de D. Jozé Maria Piran, com 21 bocas de fogo de varios calibres, e mais trez batalhões de infantaria de Buenos Aires, que pertenceram ao ezercito do general Oribe, e dos quais tinha o comando em chefe o coronel D. Matias Rivero.

No dia 3, ás 4 horas e 30 minutos da manhã, principiámos a marchar para o campo de batalha, e ás 5 horas e 30 minutos avistámos o inimigo colocado em uma pozição eminentemente militar, não só por dominar todas as alturas que podiam ser por nós ocupadas, como tambem por se achar senhor de

duas cazas de sotéa, onde entrincheirou trez batalhões de infantaria, tendo além disto a sua direita apoiada por um forte banhado. Não obstante esta superioridade, o ezercito tomou a formatura conveniente, ocupando as forças de meu comando o centro da linha de batalha.

A's 6 horas e 15 minutos principiou o combate á nossa esquerda pelo fogo das fortes guerrilhas, no qual teve parte o 2º regimento de cavalaria lijeira, como adiante mencionarei, com o fim de chamar a atenção do inimigo para o seu flanco direito, emquanto se operava o movimento que, segundo as ordens do general comandante do ezercito, deviam fazer algumas colunas de cavalaria sobre a retaguarda e flanco esquerdo da linha do inimigo. Acossada por força maior, retirou-se a nossa guerrilha, repassando o banhado, em que estava apoiada a nossa esquerda.

Tendo ás 8 horas da manhã feito o inimigo jogar sua artilharia sobre nossa linha, mandei imediatamente responder-lhe pelas nossas baterias; reconhecendo, porém, que os tiros erão ineficazes nesta distancia, atenta a diferença de calibre, fiz cessar o fogo, e ocultar a bateria, para não ficar exposta inutilmente.

Das 8 ás 9 horas, o general em chefe do ezercito aliado, percorrendo da direita para a esquerda a nossa linha de batalha, deu vivas a S. M. o Imperador e á nação brazileira, e preveniu-me de que tinha mudado de plano, e ordenou-me que atacasse o centro da linha inimiga logo que sentisse os movimentos da infantaria que ficava á minha direita ao mando do coronel Galan, devendo a divizão

oriental carregar sobre o flanco direito e a brigada arjentina sobre o esquerdo da mesma linha inimiga.

Dispuz as forças para este movimento, e só depois das 11 horas é que o general Virasoro, ponderando-lhe eu a demora que havia em hostilizar o inimigo, respondeu-me que o general em chefe estava naquele momento acometendo o flanco esquerdo e retaguarda do inimigo, e que a divizão oriental ia avançar pelo flanco direito.

Logo que vi esta divizão pôr-se em movimento entendi que, além de outras providencias a tomar, a devia protejer por se dirigir ao ponto mais forte; mandei avançar a artilharia para lugar de onde pudesse bater o inimigo, e distrair seus fogos de sobre aquela divizão. A' primeira brigada determinei que avançasse em aussilio dos Orientais, no entanto que eu á testa da segunda o fazia de frente sobre a dita pozição.

Este movimento arriscadissimo teve um brilhante ezito; a divizão oriental, encontrando obstaculos que a obrigáram a retardar a sua marcha, foi corajozamente precedida pela primeira brigada, que, estendendo duas companhias de atiradores dos batalhões 11 e 13 dirijidos pelo tenente-coronel Francisco Vitor de Melo e Albuquerque, em colunas de ataque cobertas pelos atiradores, não obstante o fogo vivissimo que lhes dirijia a bateria inimiga, de 12 peças de calibre 18 e 12, quatro obuzes de cinco polegadas, e uma estativa de foguetes a Congréve, guarnecida por trez batalhões de infantaria, avançou a peito descoberto, subindo por um terreno suavemente inclinado o espaço de oito a dez quadras de extensão.

Ao aproximar-se ás cazas de sotéa, junto as quais se achava colocada a artilharia, chega a 2ª brigada, que marchou por um terreno irregular, atravessando tambem um banhado que ficava a trezentas braças, pouco mais ou menos, á frente da pozição a que nos dirijiamos. Investiu o intrepido tenente-coronel Vitor á frente de seus atiradores, e foi o primeiro que, transpondo o valo que circumdava as cazas de sotéa onde o inimigo se achava acastelado, rompeu sobre ele um fogo vivissimo, que foi seguido sem demora por outra descarga horrivel dirijida pelo valente e intrepido comandante da primeira brigada, o coronel Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.

Tomada a pozição inimiga pelo flanco direito, a segunda brigada, a cuja frente me achava, e que era comandada pelo digno coronel Feliciano Antonio Falcão, realizava o ataque pela frente: não obstante a corajem dezesperada com que o inimigo se defendia, a intrepidez dos comandantes dos corpos, oficiais e mais praças dos nossos batalhões, cuja temeraria ouzadia, amedrontando aos mais temiveis chefes inimigos, fez de todo dezaparecer a corajem que o prestijio de Rozas, ha pouco dali saido, ainda lhes inspirava, e puzeram-se em precipitada fuga.

Ficando sobre as cazas de sotéa a sustentar o fogo nuns cento e cincoenta a duzentos soldados, não obstante ter chegado a divizão oriental, que denodadamente secundou nossos esforços, rezistiram ainda por espaço de quinze minutos com corajem por sem duvida digna de melhor cauza.

Ao passo que os nossos soldados se apoderavam das pozições mais fortes do inimigo, a brigada ar-

jentina ao mando do valente coronel D. Matias Rivero, que avançava em consequencia da ordem que eu lhe havia dado, teve de fazer alto por não se terem abalado da linha primitiva os batalhões que lhe ficavão á direita, apezar de eu haver mandado prevenir ao respetivo comandante, o coronel Galan, do movimento que se ia fazer, deixando assim descoberto o flanco direito da linha que eu comandava. Vendo, porém, o coronel Rivero que as colunas da minha divizão emprehendiam a carga, carrega sobre o centro da linha inimiga, pondo-a em completa fuga.

Apezar de tão assinalada derrota, comtudo ainda o inimigo conservava á nossa direita uma bateria de quatorze bocas de fogo: avancei a ela com o batalhão 6° de infantaria, e tal foi o valor dos defensores que sómente abandonaram o seu posto quando nos viram a 80 ou 100 passos de distancia.

Sendo de muita importancia o trem e petrechos de guerra que tomámos ao inimigo nas pozições que ocupava, e vendo que continuava o fogo de uma outra bateria de oito peças, que ficava á esquerda daquelas já tomadas por nós, avancei contra ela com a 2ª brigada, e ordenei á primeira que destacasse a ala de um batalhão para tomar conta dos prizioneiros, e seguisse com o resto os movimentos que eu fizesse á frente.

Ao aproximarmo-nos á bateria, o chefe de uma força de cavalaria veiu dizer-me que ela, apoiada ainda por alguma infantaria e cavalaria inimiga, estava cauzando grandes prejuizos aos seus soldados. Fazendo então avançar a passo de carga duas com-

panhias de atiradores, consegui tomar a artilharia, pondo em fuga a tropa que a guarnecia, e mandando acossa-la pelo piquete de cavalaria do 2º rejimento, composto de 20 praças, comandadas pelo valente alferes Luiz Joaquim de Sá Brito, conseguiu este pô-los em completa debandada, e tomar-lhe ainda de 40 a 50 prizioneiros.

Por esta mesma ocazião, tendo eu já requizitado ao major-general Virasoro força de cavalaria, que me era de absoluta necessidade para o caso em que me achava, e que nesta ocazião seria por mim empregada com extraordinaria vantajem, não havendo quem atendesse ás minhas reclamações, mandei ordem á um corpo de cavalaria que vi mais prossimo para ajudar-me a perseguir o inimigo que se retirava; isto mesmo não podendo obter, lamentei ainda uma vez a falta do 2º rejimento, e com os atiradores infantes perseguimos o inimigo com velocidade tal que conseguimos fazer prizioneiros alguns soldados de cavalaria. A' 1 hora da tarde já não havia inimigo a combater.

Os objetos tomados ao inimigo foram: trinta e quatro bocas de fogo de diversos calibres, entre estas quatro obuzes de seis polegadas, duas estativas de foguetes a Congréve, e, além dos artigos constantes da relação junta, grande numero de carretas com munição, petrechos de guerra, armamentos, equipamentos, fardamentos, bagajens, etc. que se abandonou no campo por não ser possivel naquela ocazião conduzir.

Segui então com a coluna a meu mando o movimento das forças que me precediam em direcção aos Santos Logares, onde acampámos ás 4 horas da tarde.

O segundo rejimento de cavalaria lijeira, tendo sido destacado desta divizão por ordem do Sr. general Urquiza, para fazer parte da vanguarda do ezercito aliado, foi incorporado á divizão do comando do general La Madrid, da qual fazia a testa. Flanqueando aquela divizão a esquerda do inimigo, teve ordem do referido general para destacar uma linha de atiradores com o designio de o hostilizar pela retaguarda; mas encontrando resistencia de força muito superior em numero, foi reforçada por todo o esquadrão de atiradores ao mando do capitão da guarda nacional adido ao mesmo rejimento Jozé de Oliveira Bueno, e ás imediatas ordens do capitão fiscal João Daniel Damazo dos Reis.

O referido esquadrão assim dirijido conseguiu penetrar até o centro da retaguarda da linha inimiga, praticando prodijios de valor, acossando-o na sua retirada por espaço de uma legua, e fez alto nos Santos Logares, onde recebeu ordem de reunir-se á divizão, que por dispozição do Sr. general Urquiza devia marchar para a esquerda da nossa linha de batalha, o que verificou levando 80 prizioneiros, compreendidos neste numero um major, dois tenentes, um medico, 3.000 cavalos e a carruajem do famijerado coronel Santa Coloma, forçando o inimigo na sua marcha a abandonar nove carretas carregadas.

Com este triunfo lamenta-se a perda dos valentes tenente Manoel Francisco Monteiro, e alferes Norberto Xavier Rozado, vitima este de sua excessiva corajem, sendo feridos dois soldados, e faltando outro, que se supõe morto por se ter perdido entre o inimigo.

Tendo depois ordem o rejimento de marchar para a frente da esquerda da linha inimiga, aí formou em batalha, e por ordem do referido general La Madrid avançava a trote sobre uma bateria que dirijia seus fogos sobre a divizão Oronho, quando surpreendidas as guarnições da mesma bateria pela audacia com que o rejimento assim as investia, abandonaram as peças, fujindo com os armões; mas, sendo perseguidas por um esquadrão de atiradores, são obrigadas a abandona-los, perdendo vinte e tantos homens, muitos prizioneiros, deixando em nosso poder cinco bocas de fogo, cinco carros de munições e varios artigos de guerra.

O comandante deste rejimento, na parte que me dirijiu, diz que cumpre um dever recomendando a V. Ex. o brilhante comportamento do esquadrão de atiradores, fazendo especial menção do valente e habil capitão João Daniel Damazo dos Reis, do capitão da guarda nacional adido Jozé de Oliveira Bueno, tenente Pedro Luiz Ozorio, e destemido alferes Hipolito Antonio Ribeiro, todos oficiais do referido esquadrão, bem como dos cadetes, servindo de oficiais, Jozé Tomaz Vieira da Cunha, Felisbino Antonio Mendes, Sebastião Xavier de Azambuja Junior, Anjelino de Carvalho, Francisco Rodrigues de Lima, Manoel Jacintho Pereira; segundos cadetes Miguel Benicio dos Anjos, Tertuliano Turibio Alonso, e soldado Jozé Martins, que tomou uma bandeira do inimigo; finalmente, que todo o rejimento durante a batalha se conduziu com muita bizarria, manobrando com a maior precizão, sendo dignos de particular louvor pela pericia com que dirijiram seus esquadrões os valentes capitães João Francisco

Mena Barreto, e graduados Jozé Crispiniano de Contreiras e Silva e Manoel Inacio da Silva; o cadete Diogo Alves Ferraz, fazendo serviço de oficial e secretario interino deste rejimento, pelo discernimento, dezembaraço e corajem com que transmitiu as ordens que por ele expedira.

Pelas partes dos comandantes de brigadas e corpos, que junto a esta tenho a honra de apresentar a V. Ex., verá V. Ex. quais os oficiais e mais praças da divizão que por seu brilhante comportamento durante a batalha se fizeram dignos de especial menção: entretanto, julgo indeclinavel o dever que me impõe a pozição que V. Ex. me confiára de emitir o meu juizo a respeito daqueles que se tornáram mais merecedores das recomendações de V. Ex.

O coronel Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, comandante da primeira brigada, além da atividade, intelijencia e zelo que dezenvolveu durante as marchas na conservação da diciplina e bôa ordem dela, manifestou na batalha aquela bravura, discernimento e sangue frio que caraterizam o verdadeiro soldado, tornando-se por isto digno dos maiores encomios.

O coronel Feliciano Antonio Falcão, comandante da segunda brigada, esforçando-se para manter durante as marchas a ordem e diciplina da sua brigada, comportou-se dignamente na batalha.

O tenente-coronel Luiz Jozé Ferreira, procurando bem cumprir os seus deveres durante as marchas, na batalha, quer no ataque geral á primeira pozição, quer no especial, em que lhe coube tomar a segunda bateria, dirijiu seu batalhão em muito bôa ordem e portou-se corajozamente.

O tenente-coronel graduado João Guilherme de Bruce, comandante do 7° batalhão, procurou bem dezempenhar os seus deveres nas marchas: na batalha mostrou, no ataque da primeira pozição, muita ouzadia; e sendo por mim encarregado de, com a ala do seu batalhão, guardar os prizioneiros e arrecadar as bocas de fogo e petrechos ali tomados ao inimigo, dezempenhou esta comissão satisfatoriamente, aprezentando-se no acampamento ás 9 ½ horas da noite com tudo quanto lhe foi possivel conduzir, e consta da relação junta.

O tenente-coronel graduado Francisco Vitor de Melo Albuquerque, empenhando-se em manter a diciplina e ordem no batalhão 11 de seu interino comando, dirijindo duas companhias de atiradores do seu batalhão, que cobriam as colunas da primeira brigada a que pertencia, denodado foi o primeiro a transpor o fosso que aumentava a defeza daquela pozição, ouzadia que, imitada por seus soldados, encheu de terror ao inimigo, que procurou na fuga evitar a morte; além disto, reforçado por uma companhia de atiradores do 6° batalhão, com o mesmo denodo investiu a terceira bateria, e tomando-a, tão vivamente acossou o inimigo que o obrigou a debandar, fazendo-lhe grande numero de prizioneiros e tomando-lhe as bocas de fogo, carretas, carros, etc. constantes da sua parte oficial junta.

O major Manuel Lopes Pecegueiro, comandante interino do 5° batalhão de infantaria, empregou-se com zelo durante as marchas em manter a ordem e diciplina do seu batalhão, e na batalha soube dirijí-lo com tino e sangue frio.

O major graduado Antonio Vaz de Almeida, comandante interino do 8° batalhão de infantaria, no curto espaço de tempo que o comanda conservou durante as marchas a diciplina e ordem que no mesmo encontrou; e na batalha, sob a direção do coronel chefe do mesmo batalhão, cumpriu satisfatoriamente o seu dever.

O major comandante interino do corpo de artilharia a cavalo, Jozé Joaquim Gonçalves Fontes, procurando manter nas marchas a diciplina e ordem no dito corpo, tirava da sua experiencia e zelo recursos para remediar ás faltas de elementos de mobilidade necessarios á sua arma; e, na batalha, á sua pericia, refletida corajem e excelente direção dos fogos de sua bateria, se deve em grande parte a tomada da primeira pozição.

Além destes, merecem especial menção o tenente-coronel graduado Antonio Jacintho da Costa Freire, fiscal do 6° batalhão, e major graduado Manuel da Gama Lobo d'Eça, aquele por haver mais esta vez dado provas de sua reconhecida corajem e sangue frio, e este por ter sido o primeiro que, levado de bravura e entuziasmo proprio de seus anos, penetrou a caza de sotéa no começo do ataque, expondo temerariamente sua ezistencia.

O alferes Luiz Joaquim de Sá Brito, comandante do piquete do 2° rejimento que nas marchas fez a vanguarda da divizão, é igualmente digno de meus louvores pela diciplina e ordem em que conservou o piquete a seu mando, e valor com que, á testa de uma força tão diminuta, carregou sobre a força inimiga, consideravelmente maior, pondo-a em debandada e fazendo-lhe crecido numero de pri-

zioneiros; sendo tambem digno de elojio o comportamento que nessa ocazião teve o primeiro cadete do mesmo piquete, fazendo o serviço de oficial, Antonio Germano de Andrade Pinto.

Os Drs. Policarpo Cezario de Barros, encarregado da repartição de saude da divizão, Alexandre de Araujo Ribeiro, Pedro Tito Rejis e Jonatas Abott filho, e o segundo cirurjião da guarda nacional Joaquim Freire de Andrada Ramos, não só nas peniveis marchas que teve de fazer a divizão com mais de trezentos doentes a seu cargo, dezempenharam de uma maneira digna dos maiores elojios a ardua tarefa de sua profissão, como no hospital de sangue, o unico que teve o ezercito aliado, e onde foram recebidos todos os feridos, se conduziram de uma maneira que faz honra ao corpo de saude do ezercito brazileiro, tornando-se mais saliente o Dr. Jonatas Abott pela sua pericia operatoria.

Faz-se digno de muito particular menção o reverendo padre capelão do 5º batalhão de infantaria, Manoel de Vera Cruz, pela caridade verdadeiramente evanjelica com que dezempenhou as funções de seu ministerio, levando seu zelo ao ponto de prestar-se como enfermeiro ao curativo dos feridos.

O tenente-coronel da guarda nacional Candido Jozé de Figueiró, a quem confiei durante a batalha o cuidado e defeza das bagajens, pondo ás ordens, além da companhia de transportes, os doentes que espontaneamente pediram armas para defende-las é digno de louvor pelo bem que dezempenhou esta commissão; bem como o tenente Delfino Rodrigues de Almeida, comandante da referida companhia,

pelo zelo e atividade com que nas marchas se empregou na direção das munições, rezervas e hospital.

O encarregado da pagadoria junto á divizão, Miguel da Rocha Freitas Travassos, cumpriu sempre com honra e probidade os deveres da repartição a seu cargo.

Resta-me finalmente fazer justiça aos oficiais empregados junto ao quartel-general, o que faço com tanta maior satisfação, quanto foi distinta, nobre e esforçada a maneira por que cada um dezempenhou as ordens que por mim lhes foram dadas.

O capitão André Alves de Oliveira Belo, deputado do ajudante general junto á divizão, além do dezempenho das obrigações a seu cargo, distinguiu-se na batalha coadjuvando ao tenente-coronel Vitor nas linhas de atiradores que este dirijiu.

O capitão Augusto Frederico Pacheco, deputado do quartel-mestre-general, dezempenhou satisfatoriamente as funções, a seu cargo; na batalha mostrou sangue-frio e corajem; do mesmo modo os assistentes do deputado do quartel-mestre-general tenente do segundo batalhão de infantaria Manoel Porfirio de Castro Araujo, e do quartel-mestre-general alferes do segundo rejimento de cavalaria lijeira Adolpho Sebastião de Ataíde, na transmissão rapida das ordens aos diferentes corpos da divizão.

O capitão do imperial corpo de enjenheiros Ernesto Antonio Lassance Cunha, encarregado do itinerario e parte historica da divizão, além de haver com intelijencia e zelo bem cumprido seus deveres nesta parte de suas funções, distinguiu-se no reconhecimento que lhe ordenei fizesse sobre a pozição

mais importante da linha inimiga, dezempenhando satisfatoriamente com sangue-frio e valor tão importante e arriscada comissão.

O tenente Frederico Augusto do Amaral Sarmento Mena, sendo encarregado do itinerario e parte historica da primeira brigada da divizão que a precedera na sua viajem pelo Paraná á Ponta do Diamante, bem preencheu sua missão, sofrendo um vivo fogo quando passou pelas baterias inimigas assestadas no Tonelero, e durante a batalha conduziu-se com sangue-frio e corajem.

O alferes do 4º rejimento de cavalaria lijeira, José Bethzebé de Oliveira Neri, meu ajudante d'ordens de pessôa, sendo a primeira vez que entrava em fogo, distinguiu-se pelo discernimento e bravura com que transmitiu minhas ordens, honrando dest'arte a memoria de seu benemerito pai o brigadeiro Felipe Neri de Oliveira.

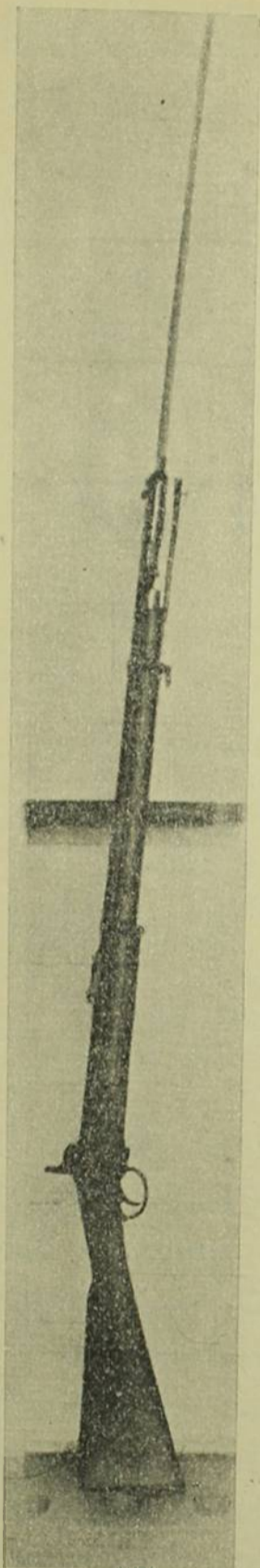
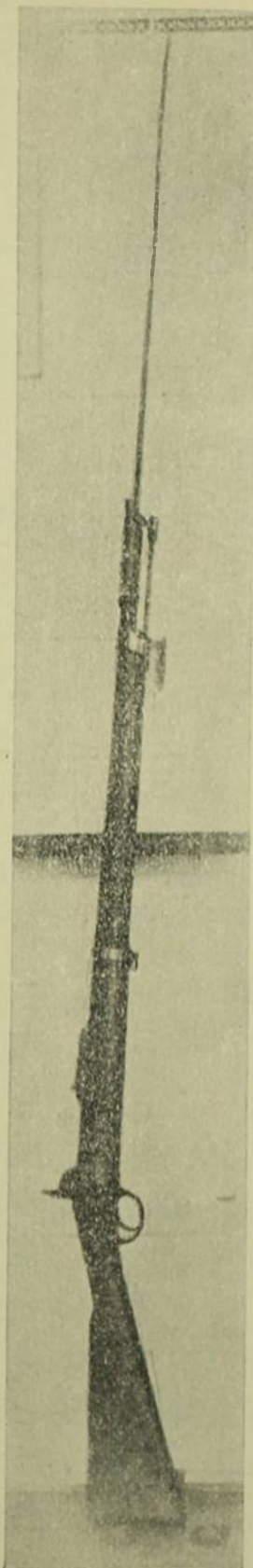
Finalmente, Exmo. Sr., sinto a maior satisfação em poder assegurar a V. Ex. que todas as praças da divizão nos campos de Moron mostraram-se dignos soldados do ezercito brazileiro.

Temos a lamentar a morte dos bravos tenente Manuel Francisco Monteiro, alferes Norberto Xavier Rozado, ambos do 2º rejimento de cavalaria lijeira; um sarjento, um cabo e nove soldados dos diferentes corpos da divizão; foi mortalmente ferido o capitão graduado Domingos Rodrigues Tourinho; feridos gravemente o capitão graduado Henrique Jozé Moreira, alferes Manuel Antonio Soares da Gama, cabo Apolinario Ferreira, forriel Francisco Pereira da Costa, dito Jozé Leite Pereira, e 21 soldados; levemente feridos os capitães Mauricio de Souza Freire

e Jozé Antonio de Oliveira Botelho, alferes Leandro Corrêa do Lago, Antonio Cardozo da Costa, Jozé Mario de Carvalho, Antonio Carlos Pereira de Melo, 2º cadete 2º sarjento Domingos Augusto Gonçalves, 1º sarjento Cristovam Werner, e 17 soldados; contuzos, o capitão Guilherme Leopoldo de Freitas e sete soldados; extraviados, sete soldados.

Quanto á perda do inimigo, posto que não se possa ainda menciona-la com ezatidão, foi consideravelmente superior á do ezercito aliado. O numero de prizioneiros tomados pela divizão monta a cêrca de 2.000.

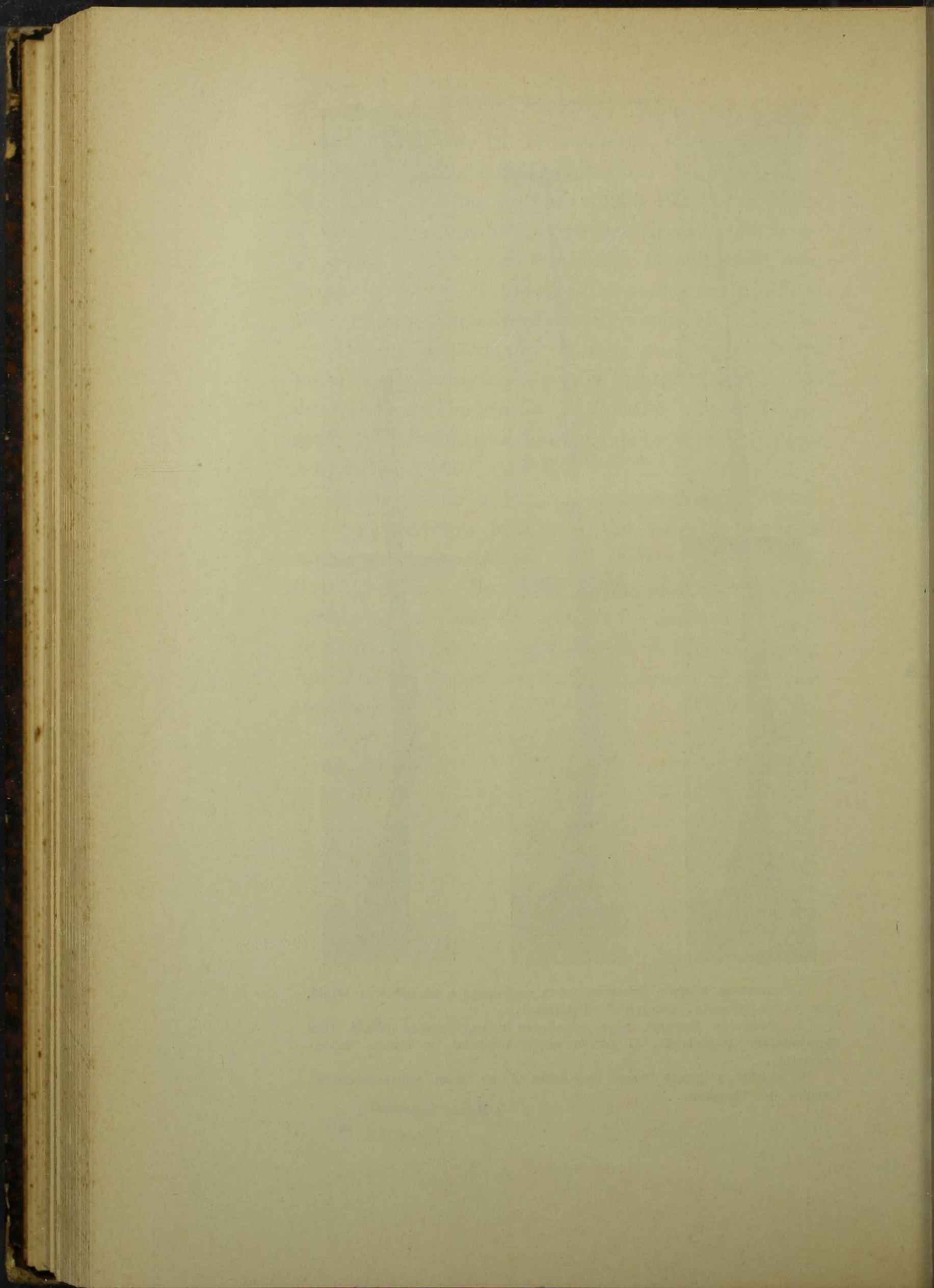
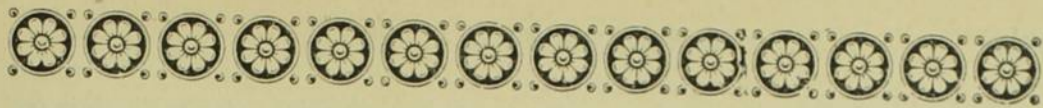
Deus guarde a V. Ex. Quartel-general da divizão aussiliadora brazileira, em Palermo junto á capital de Buenos Aires, em 4 de fevereiro de 1852. Illmo. e Exmo. Sr. general conde de Caxias, comandante em chefe do ezercito. — *Manuel Marques de Souza,* brigadeiro comandante. — Está conforme, *José Bazileu Neves Gonzaga,* secretario do general em chefe.

——«*»——

1 2 3

1. Carabina Withon Brothers, para caçadores a pé, sistema Minié, com sabre-baioneta. Guerra do Paraguai.

2. Carabina Barnett, para caçadores a pé, sistema Minié, com tapa-ouvido. Iniciais P. II sob a corôa imperial no fêcho. Sabre-baioneta.

3. Carabina Minié, para caçadores a pé, com sabre-baioneta. Guerra do Paraguai.

(Muzeu Historico)

PARTE DE LA BATALLA DE CASEROS

(Documento IV)

VIVA LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA !

El Mayor General del Ejercito Aliado, Gobernador y Capitán de la Provincia de Corrientes.

Cuartel General en Palermo de San Benito, Febrero 6 de 1852.

Excelentísimo señor General en Jefe del Ejercito Aliado etc., Gobernador y Capitán General de la Provincia de Entre Rios.

Tengo el honor de poner en manos de V. E. el parte detallado de la memorable jornada del 3 del presente, en que las armas aliadas se han cubierto de gloria.

En conformidad de las ordenes de V. E., el dia dos del corriente mes, terminado el pasaje del puente de Márquez por el Ejercito Grande Aliado, descubriendose a la distancia disposiciones del enemigo para aceptar una batalla, dispuse la colocación de las fuerzas en una linea paralela a la cañada de Morón, que teniamos a nuestro frente, y en orden oblicuo con respecto al del enemigo, en la forma siguiente: Tres grandes masas de las tres armas con fuertes reservas de caballeria, calculadas

las dos extremas en su composición, para obrar activamente sobre los flancos del enemigo, formaban la linea de batalla de este dia. El ala derecha, compuesta de la coluna de caballeria del señor Brigadier General don Anacleto Medina, con los batallones Urquiza y Entrerriano, mandados por el Coronel Basavilbaso, y dos de corentinos, por el Teniente Coronel don Cayetano Virasoro, y el batallón Constitución, mandado por el de igual clase don José Toledo, y todos ellos a las órdenes del Coronel don José Miguel Galán, que apoyandose en dos baterias de artilleria dirigidas por el Teniente Coronel don Marcelino Martinez, dejaba a su izquierda también las divisiones de caballeria de los Coroneles Oroño y Susviela, a las inmediatas órdenes del General don Juan Madariaga, mandado el todo por el Brigadier General don Anacleto Medina.

Las fuerzas flanqueadoras y de reserva del ala derecha, que eran en su totalidad de caballeria, se componian de la columna a las inmediatas órdenes del General don Gregorio Araoz de la Madrid, de la division del Coronel don Miguel Galarza, los regimientos de Escolta de V. Excelencia, al mando de los Coroneles Salazar y Gorordo, todas ellas a las inmediatas órdenes de V. E., que reservaba aquella masa bajo su mando, para decidir de la suerte de la batalla con un golpe audaz que premeditaba de antemano y que más tarde tuvo su cumplimiento.

El centro medio de nuestra linea, dispuesto para una resistencia tenaz (*sic*), era mandado por el Brigadier del Imperio, Jefe de la Division Brasilera, don Manuel Marques de Souza, componiendo seis

batallones de infanteria, doce piezas de artilleria y cuatro cohetes a la congreve, de la columna brasilera; los batallones San Martin, Buenos Aires y Federación, mandados por los Coroneles Tejerina, Echenagusia y el Mayor Rodriguez, a las órdenes del Coronel don Matias Rivero, mediando entre estas dos masas dos divisiones de artilleria, compuestas de ventiuna piezas de distintos calibres, mandadas por los Tenientes Coroneles don Bartolomé Mitre y don Bernabé Castro, y dirigidas por el Coronel don José Maria Pirán.

Se apoyaban sobre el centro, formando nuestra izquierda, la columna oriental con sus piezas de artilleria, a los órdenes de su jefe Coronel César Diaz y su Jefe de Estado Mayor, el de igual clase don Julián Martinez; seguian los regimientos del General Avalos con la división del Coronel Burgoa, a las órdenes de dicho general, y cerraba por esta parte la división del Coronel don Manuel Antonio Urdinarrain, ocupando la extremidad las fuerzas del comandante Páez. Esta linea obedecia a las órdenes del Brigadier General don Juan Pablo López.

Los cuatro regimientos que mandaba el Coronel don José Antonio Virasoro, las divisiones de los Coroneles Palavecino, Almada, Salazar, y ambos González, a mis inmediatas órdenes, autorizado por V. E. para acudir a donde las circunstancias lo exigiesen, constituian las fuerzas flanqueadoras de la extrema izquierda. El ejercito vivaqueó en estas posiciones, hasta que al romper el dia 3, en este mismo órden, en columnas paralelas por divisiones se adelantó a atravesar la cañada de Morón por dos puentes, situados a vanguardia de su extrema de-

recha, al mismo tiempo que el Coronel José Antonio Virasoro con sus regimientos se conservaba en posiciones llamando la atención del enemigo al lado opuesto y sobre su flanco derecho.

Después que la masa del Ejercito Grande hubo salvado el obstaculo y habiendo V. E. dispuesto cambiar subitamente el plan de ataque, en vista de la posición y linea de la batalla que ocupaba el enemigo; reforzando para ello con los regimientos del Coronel Virasoro, que estaban a la izquierda, las fuerzas de reserva y flanqueadores de la derecha, a las inmediatas órdenes de V. E. para maniobrar en persona sobre la izquierda y centro del enemigo; y mientras que todas las fuerzas acumuladas del Ejercito Grande se echaban sobre las posiciones fortificadas que aquél ocupaba a su derecha, ordené a las baterias del centro sostener un fuego nutrido sobre las posiciones enemigas, hasta que sirviendo de gloriosa señal las polvaredas de la división de reserva y flanqueadores que mandaba V. E., da cual arrollaba la caballeria del ala izquierda del enemigo, dejando rota su linea por un tercio de ella, dispuse el ataque general ordenando a la división de caballeria del Coronel Urdinarrain se corriese al frente de nuestra izquierda a desbordar la derecha del enemigo, al mismo tiempo que la division oriental, apoyada por dos batallones del Ejercito Brasilero y descabezando un obstaculo, atravesaba los pantanos del centro de la Cañada intermediaria entre ambas lineas, bajo el amparo de los fuegos de las baterias del centro, que adelantaban para traer sobre si la atención de las baterias enemigas, a fin de tomar posiciones en columnas

de ataque, formando angulo recto sobre la derecha del enemigo, amenazando su retaguardia y dando frente a las fortificaciones de carretas que las defendian.

Durante el progresso de esta evolución, efectuada con poca perdida y con una limpieza de ejecución que hace honor a la disciplina de los veteranos que componian la izquierda, el centro (*a divizão brazileira*) avanzaba en columnas de ataque sobre las posiciones de su frente, sostenido en este movimiento por todas las baterias del Ejercito, que en aquel momento decisivo respondian con viveza al fuego nutrido de los enemigos. Envuelta la derecha enemiga y asaltada a la bayoneta por las fuerzas orientales y brasileras, al mismo tiempo que nuestro centro (*a divizão brazileira*) se aproximaba a su linea, la derrota no tardó en pronunciarse, no obstante la resistencia tenaz de las baterias y batallones atrincherados en la Casa de Monte Caseros, y el incendio del campo por ese lado, y en el frente que tenia que recorrer nuestro centro (*a divizão brazileira*), en su avance sobre el enemigo.

Tomadas a la bayoneta las posiciones fuertes de la derecha, el enemigo operó todavia un cambio de frente sobre su izquierda, y apoyandose en dos baterias de lo que antes habia sido su izquierda y centro, hizo frente a cinco batallones de nuestra derecha, intentando, si no disputarnos la victoria, demorar al menos la derrota final. Apagados los fuegos de estos ultimos atrincheramientos, la derrota del enemigo se hizo general, y el teatro de la persecución abrazó una área en todas direcciones de algunas leguas en cuadro.

Cincuenta y seis piezas de artilleria, la comisaria e inmensos parques y trenes militares, cubrian con sus despojos toda la extensión de trayecto desde Monte Caseros hasta Santos Lugares, donde el enemigo logró incendiar siete almacenes de pertrechos militares.

Siete mil prisioneros quedaron en el campo de batalla y en él y en los adyacentes, el armamento de más de veinte mil hombres, debiendo deplorar, más bien que hacer alarde de ello, el número de víctimas sacrificadas a la dura necesidad de derrocar la más espantosa y duradera tirania que ha pesado jamás sobre nación alguna.

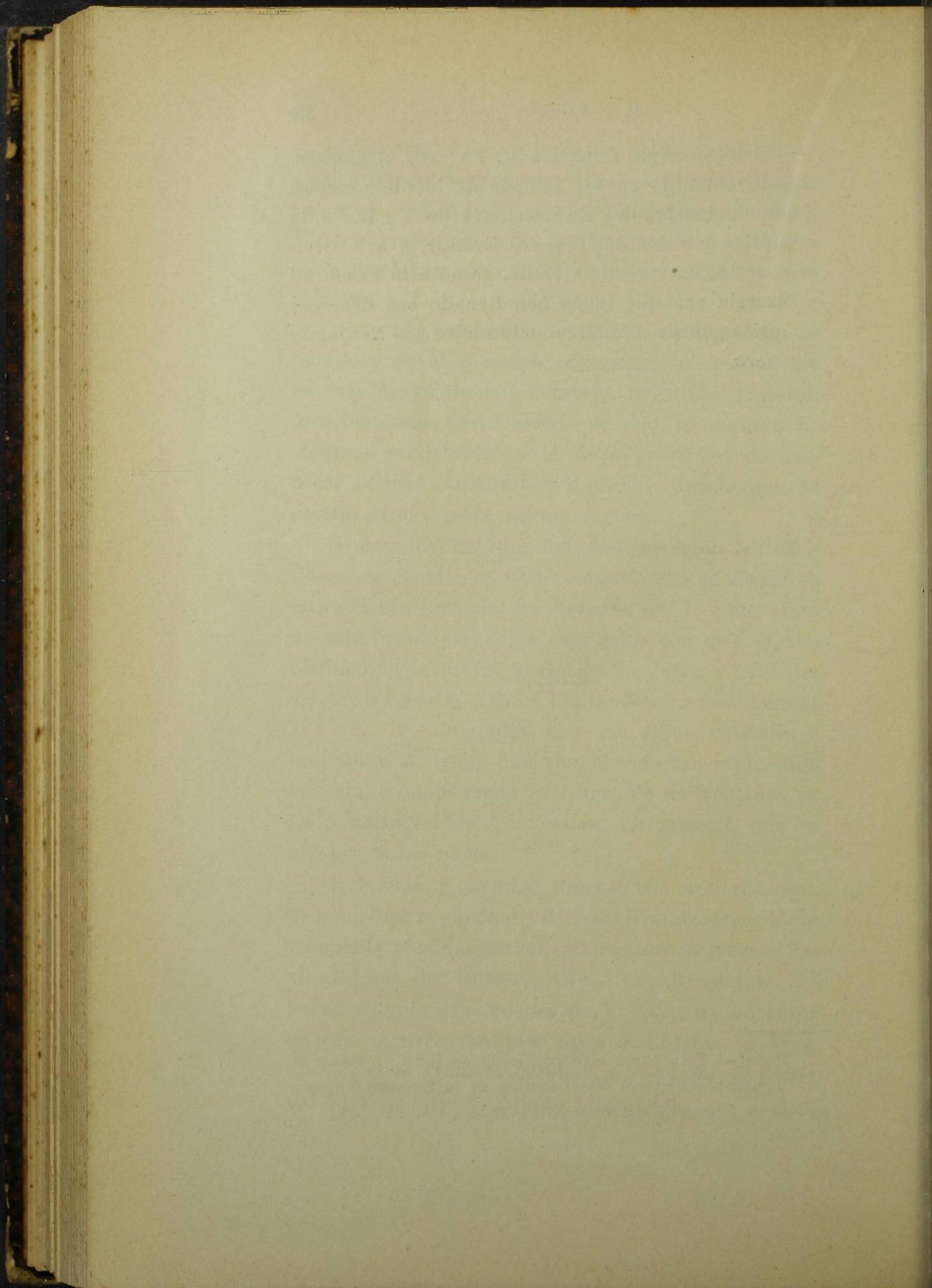
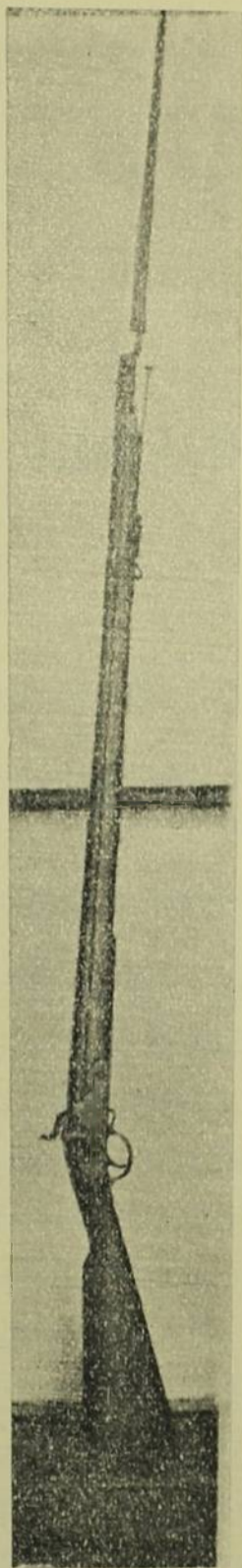
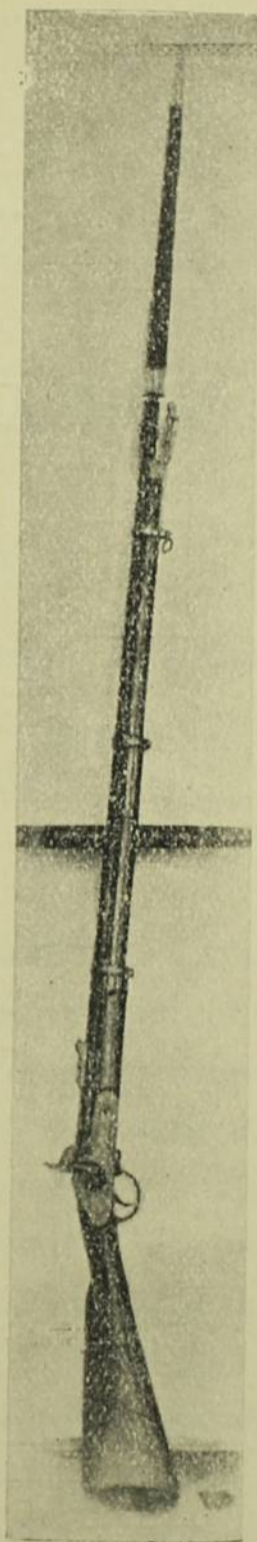
Todos los cuerpos del ejercito como las divisiones de caballeria, han cumplido con su deber en esta célebre jornada, no permitiendo la naturaleza de este parte, especificar los actos con que se han distinguido la mayor parte de los Jefes y Oficiales del Gran Ejercito Aliado, limitandome a recomendar a V. E. la humanidad con que Jefes, Oficiales e individuos de tropa han ennoblecido tan esplendida victoria, economizando la sangre de los vencidos, al grito universal de "no maten, no maten", que se oia per todas partes.

Habiendo el enemigo, deseoso con su descalabro, de mancillar la gloria del Ejercito Grande, organizado friamente partidas de salteadores que saqueasen los alrededores de Buenos Aires, el infrascripto ha hecho cumplir las órdenes de V. E., para reprimir de una manera ejemplar tales desordenes, y dejar satisfecha la vindicta pública, e incólume el honor del Ejercito Grande Aliado Libertador.

El infrascripto felicita a V. Ex. por el glorioso triunfo obtenido en los campos de Monte Caseros, debido a las habiles disposiciones de V. E., a la disciplina y valor del Ejercito Grande, y a la decisión de los cuerpos de ejercito, como a la exactitud y bizarria con que todos han llenado sus deberes.

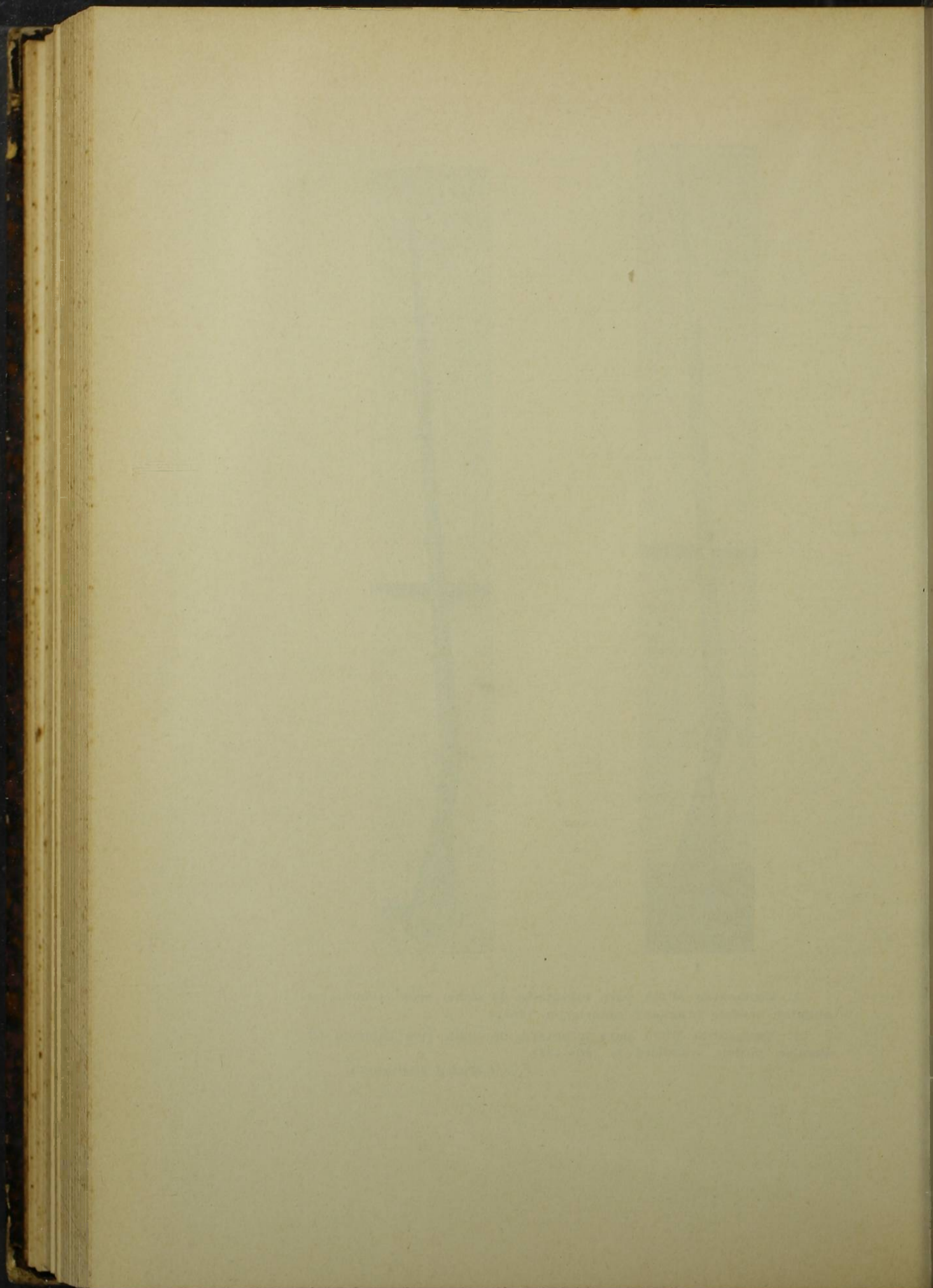
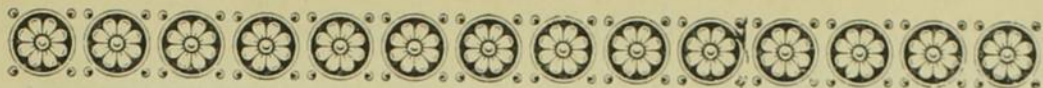
Dios guarde a V. E. muchos años. — *Benjamin Virasoro*.

---«*»---

NOTA — Esta parte vem publicada no livro de Eduardo de Urquiza — *Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza* — Buenos Aires, 1928, pájs. 64 a 68.

1

2

1. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, modelo brazileiro anterior a 1864.

2. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, modelo brazileiro de 1864-1865.

(Muzeu Historico)

CAMPANHA CONTRA ROZAS

(Documento V)

PROCLAMAÇÃO DO CONDE DE CAXIAS AO EZERCITO

Quartel-General nas pontas de Cunha-Perú, 4 *de Setembro de* 1851

(Ordem do dia n. 18)

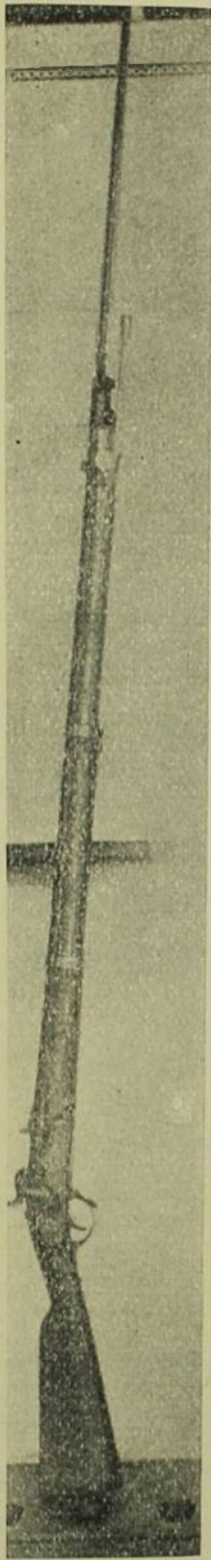
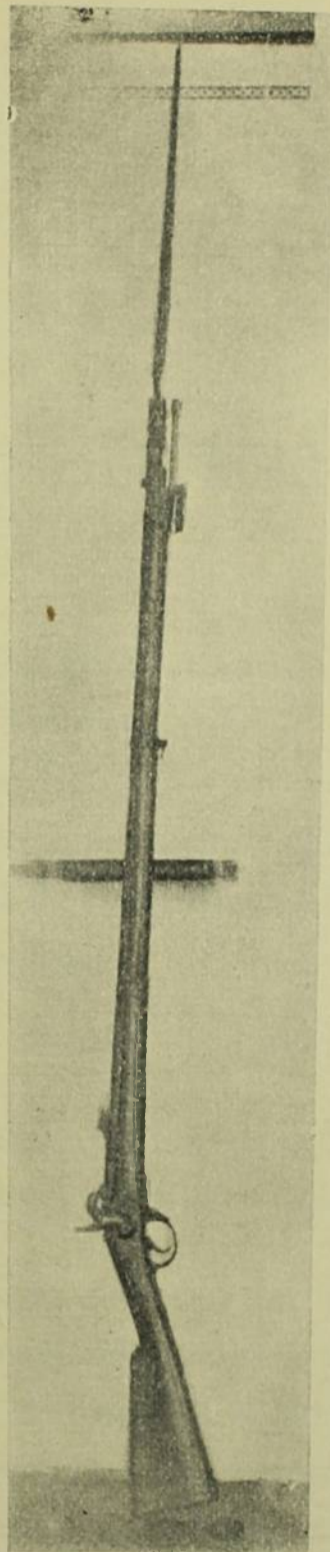
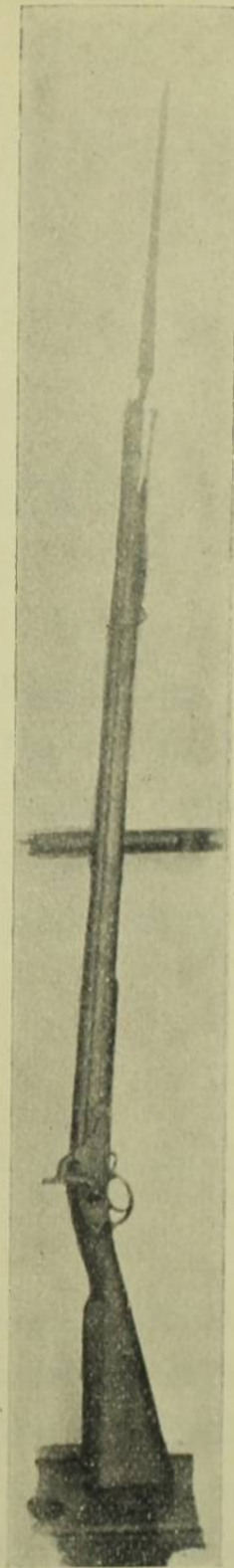
O Marechal de Campo Conde de Caxias, comandante em Chefe do Ezercito, intimamente convencido da nobreza dos sentimentos, moralidade, subordinação e diciplina dos bravos. que tem a honra de comandar; contando com a eficaz cooperação dos seus distintos Chefes e Oficiais, não póde, todavia, precindir do dever, que lhe impoz a tão honroza, quão ardua tarefa, que ás suas debeis forças confiara o Governo de S. M. o Imperador, de hoje, que o grosso do Ezercito de operações piza a Banda Oriental, traçar a seus comandados a policia militar, que cumpre relijiozamente observar. Soldados: ides combater a par de bravos amestrados no combate; esses bravos são nossos amigos, são nossos irmãos de armas. A mais perfeita e fraternal união deveis, pois, com eles manter.

Que nenhum outro sentimento em vós se manifeste, além do dezejo de excede-los, a ser possivel, nas virtudes do verdadeiro soldado.

Não tendes no Estado Oriental outros inimigos, sinão os soldados do General D. Manoel Oribe, e esses mesmos emquanto iludidos empunharem armas contra os interesses de sua Patria; dezarmados, ou vencidos, são americanos, são vossos irmãos, e como tais os deveis tratar. A verdadeira bravura do soldado é nobre, generoza e respeitadora dos principios da humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional, estranjeiro, amigo ou inimigo, é sagrada e inviolavel; e deve ser tão relijiozamente respeitada pelo soldado do Ezercito imperial, como a sua propria honra. O que por desgraça violar, será considerado indigno de pertencer ás fileiras do Ezercito, assassino da honra e reputação nacional, e como tal severa e inezoravelmente punido. Soldados! E' bem pouco o que vos prescreve o vosso General: sua ezecução facil é de suma trancendencia para nossa Patria. Não vos recomendo resignação, constancia e valor, porque essas virtudes são inatas no soldado brazileiro. Eia pois: Marchemos a cumprir o que á Patria devemos.

CONDE DE CAXIAS. (1)

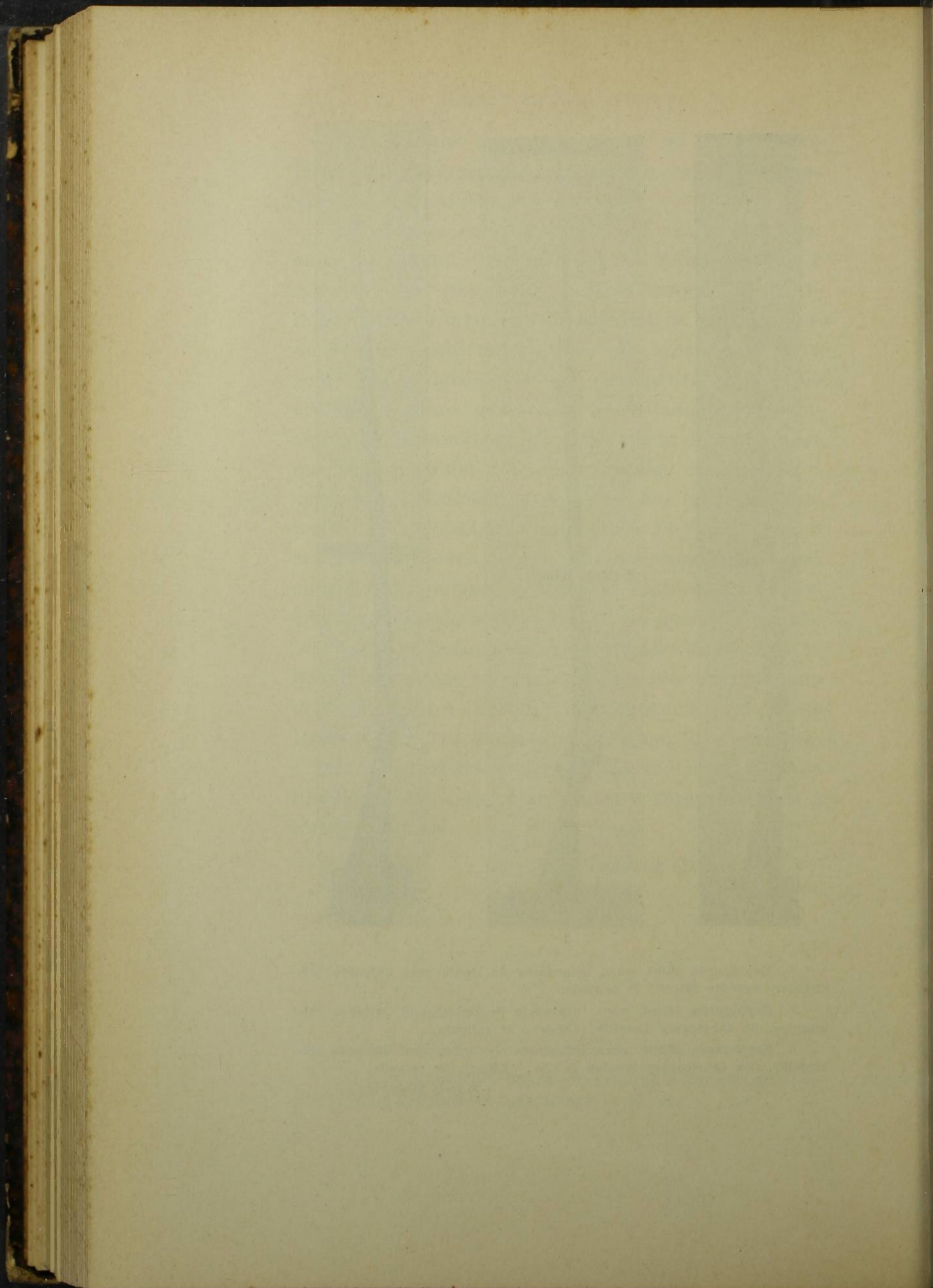
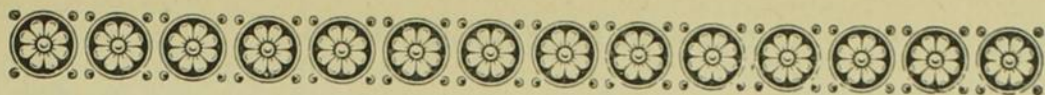
——«*»——

(1) Este documento honra um general, e a nação que nele confiava os destinos de suas armas. — *G. B.*

1 2 3

1. Espingarda Suhl, para infantaria de linha, com baioneta triangular, sistema Minié. 2º reinado.

2. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, do fabricante Lemille (Liége). 2º reinado.

3. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, dos fabricantes Ancion & Cie. (Liége), 2º reinado.

(Muzeu Historico)

O LIVRO DE BLAS GARAY

Por intermedio do meu amigo e colega Dr. Afonso de Escragnolle Taunay, diretor do Muzeu do Ipiranga, o Sr. Celso Schroder envia-me alguns comentarios feitos á marjem da obra de Blas Garay "Compendio Elemental de Historia del Paraguay", os quais merecem divulgação.

Ei-los:

(Pajinas do livro "Compendio Elemental de Historia del Paraguay", de Blas Garay):

"López assumia o poder em momentos dificeis: caducados os prazos dos acôrdos de limites; em perfeita intelijencia a Republica Arjentina e o Brazil, cujos interesses estavam em opozição com os nossos e cujos lentos preparativos militares não eram um segredo, e mais evidente cada dia a intervenção que os dois paizes tomavam na guerra civil da Republica Oriental, teve López tambem que se dispôr para qualquer eventualidade. Consagrou, pois, toda a sua atenção ao ezercito, e chegou a colocar sob as armas de 20 a 25.000 homens. Procurou, não obstante,

firmar a paz e manter cordiais relações com os Estados vizinhos, e com este objeto iniciou com o general Mitre, prezidente da Confederação Arjentina, uma correspondencia confidencial, da qual haveria rezultado a solução de todas as divergencias, si á lealdade do paraguaio houvesse correspondido a do arjentino.

Entretanto, o governo oriental, cada vez mais ameaçado pelo prezidente Mitre, que prestava franco apoio á rebelião do jeneral Flôres, até o ponto de dar-lhe armas dos depozitos do Estado, e tambem hostilizado pelo Brazil, com o pretexto da não satisfação de reclamações de mui duvidozo fundamento, enviou uma missão especial a solicitar a intervenção do Paraguai para impedir que as couzas seguissem por aquele caminho."

(A asserção feita pelo autor de que Mitre forneceu armas a Flôres, tiradas dos depozitos do Estado, orijinou-se do fato de afirmarem naquela época que nas fileiras revolucionarias ezistiam armas com o escudo arjentino e que muitas balas encontradas nos campos de batalha eram fabricadas no Parque de Buenos Aires. Garay certamente não leu o livro "La Cruzada Libertadora y la Alianza con el Imperio del Brasil", de Adolfo H. Pérez Olave (1900), o qual demonstra que essas armas saíram do seio das classes populares da provincia de Buenos Aires e nunca dos arsenais oficiais da Arjentina. Quanto ao trecho em que o autor se refere ás reclamações, feitas pelo Brazil ao

Uruguai, escuzo-me de comenta-lo, porque é sabido que, desde 1852, o nosso governo reclamava contra as violencias, roubos e assassinios cometidos contra os seus suditos, como se póde ver na obra "A Campanha do Uruguai", do general Bormann (1907), demonstrando escrupulo em assumir uma atitude enerjica, até que se viu obrigado a toma-la, forçado pelo clamor publico e da imprensa, muito concorrendo tambem a ida do general Antonio de Souza Neto ao Rio de Janeiro, que foi saber "si os 40.000 brazileiros rezidentes no Uruguai tinham direito á proteção do seu paiz ou si deviam confiar sómente na sua força e seu valor", como disse em sessão da Camara de 5 de abril de 1864 o deputado Ferreira da Veiga.)

"O Paraguai fez, então, notar á Republica Arjentina a inconveniencia da proteção prestada a Flôres e pediu explicações sobre a fortificação da ilha de Martin Garcia, que ameaçava a liberdade fluvial; porém o governo do general Mitre respondeu em 2 de outubro, com palavras amistozas e evitando dar as explicações ezijidas. Ofereceu tambem López sua mediação para conseguir um acôrdo entre a Republica Oriental e o Imperio, e foi repelida pelo ultimo, que declarou que entregava ás armas a questão, sem comunicar, não obstante, ao governo paraguaio tão grave rezolução. Acreditou López posto em perigo o equilibrio sul-americano pela atitude que o Brazil se mostrava rezolvido a assumir, e, apezar de negar-se a celebrar aliança alguma com o gover-

no oriental, manifestou sua rezolução de manter aquele principio."

> (Ignoro em que se bazeia a afirmação de que o Imperio declarou que entregava ás armas a solução de sua questão com o Uruguai, pois é sabido que o ministro Saraiva respondeu ao oferecimento do governo paraguaio, dizendo-lhe que a mediação lhe parecia sem objeto, por nutrir fundadas esperanças de obter amigavelmente a solução dos assuntos, pois na ocazião (junho de 1864), Aguirre se mostrava disposto á paz com Flores, com a mediação dos ministros inglez e arjentino.)

"Em 30 de agosto de 1864, o ministro das relações exteriores do Paraguai oficiou ao ministro rezidente, Sr. Viana de Lima, protestando contra o ultimatum entregue ao governo de Montevidéu pelo ministro plenipotenciario, conselheiro Saraiva, manifestando que o governo paraguaio consideraria qualquer ocupação temporaria ou permanente de territorios orientais como um atentado contra o equilibrio dos Estados do Prata, e que se ezonerava da responsabilidade dos factos que sobreviessem, si o Brasil persistisse em realizar as ameaças do ultimatum de Saraiva.

Esta proposta foi desprezada e invadida a Republica Oriental por forças brazileiras, e o governo paraguaio oficiou de novo ao ministro imperial, em 12 de novembro, ratificando sua nota de 30 de agosto, expressando seu propozito de recorrer aos meios conducentes a impedir os funestos efeitos da politica do

Imperio, e declarando, como consequencia de provocação tão direta, rôtas as relações diplomaticas e proíbida a navegação das aguas paraguaias á bandeira brazileira de guerra ou mercante, sob qualquer pretexto ou denominação. Naquele mesmo dia, a canhoneira paraguaia "Tacuari", saida de Assunção a perseguir o paquete brazileiro "Marquez de Olinda", aprezou e conduziu á capital, onde ficaram incomunicaveis todos os passajeiros, entre os quais se achava o prezidente de Mato Grosso. O temor de López de que o "Marquez de Olinda" conduzisse importantes petrechos e armas, que lhe convinha impedir que chegassem a seu destino, não basta para justificar esta agressão inesperada."

> (Não é ezato que o "Marquez de Olinda" fôsse aprezado depois do ministro brazileiro em Assunção, barão de Jaurú, ter sido notificado do rompimento das relações diplomaticas, pois em 11 de novembro López fez sair o "Tacuari", em perseguição do vapor, o qual foi aprezado no dia 12, pela manhã, e trazido á capital, o que deu lugar no dia seguinte, 13, tambem de manhã, a que o barão de Jaurú dirijisse uma nota ao governo paraguaio, perguntando-lhe o motivo desse atentado e só depois disso tudo, na noite de 13, foi que o citado governo paraguaio entregou ao ministro brazileiro a notificação do rompimento, antedatada de 12).

"A Legação Imperial protestou e saiu do paiz no vapor "Paraná", da marinha paraguaia, posto á sua dispozição pelo governo.

O povo, que havia visto com simpatia a intervenção de López e seu protesto contra o ultimatum de Saraiva, rcebeu com jubilo a noticia de que a guerra estava declarada de facto. López marchava, pois, neste ponto, de acôrdo com ele, e este entuziasmo dos primeiros momentos não decaíu nunca.

Immediatamente se aprestou uma forte expedição dirijida para apoderar-se das povoações brazileiras do Norte, situadas nos antigos territorios espanhóes, uzurpados lentamente por Portugal e Brazil."

> (Essa afirmação de que os antigos territorios espanhóes fôram uzurpados por Portugal e Brazil é estupenda, visto o nosso paiz sempre ter estado de posse deles, pois o tratado de 1750 determinou claramente os limites pelo rio Igurei acima e da orijem deste buscariam a vertente mais prossima de um afluente do rio Paraguai, que no cazo era o rio Jejui, muito ao sul do Apa.
>
> O tratado de 1777 fez recuar a fronteira mais para o norte, isto é, para os rios Iguatemi e Ipané, sendo, ainda assim, mais vantajoza para o Brazil do que a reclamada posteriormente pelo Brazil e estabelecida definitivamente em 1872. Convém recordar que desde 1775 e 1778 estavam os portuguezes estabelecidos no Forte de Coimbra, em Corumbá e Miranda.)

"Em 14 de dezembro de 1864, cinco vapores, trez goletas e duas chatas saíram de Assunção, conduzindo a seu bordo duas baterias de campanha e 3.000

homens, força com a qual devia operar combinada outra de 3.500, em sua maior parte de cavalaria, que havia já saido da vila de Concepción ao mando do coronel Francisco Izidoro Resquin. O chefe da expedição era o coronel Vicente Bárrios, cunhado de López. Este ezercito apoderou-se do forte quazi inexpugnavel de Coimbra e invadiu toda a provincia de Mato Grosso, dezalojando dela as tropas brazileiras que achou, sem muita rezistencia, e conquistando tão consideravel quantidade de petrechos e armamentos, que eles só reprezentam a maior parte do consumido pelo Paraguai durante a guerra. Esta grande aglomeração de material bélico obedecia aos preparativos que o Brazil e a Republica Arjentina vinham fazendo desde tempos atraz contra o Paraguai."

(A afirmação de que Bárrios se apoderou do forte quazi inexpugnavel de Coimbra e invadiu toda a provincia de Mato Grosso, dezalojando dela as tropas brazileiras, não está bem explicada, porque o autor não relata que o forte, defendido sómente por 155 homens, repeliu os assaltos dos seus numerozos atacantes nos dias 27 e 28 de dezembro e que ás 11 horas da noite os seus defensores se retiraram sem que os paraguaios percebessem, ocupando estes a fortaleza abandonada ás 2 horas da tarde do dia seguinte.

Apenas uma pequena parte (em relação á sua extensão) da provincia de Mato Grosso, no sul (Nioac, Miranda, Corumbá, etc.), foi ocupada pelos invazores. Com os elementos de que Bárrios dispunha não foi grande proeza, porque, para a defeza de mais de

> 400 leguas de fronteira, dispunha a provincia de quatro corpos de linha, com pouco mais de 1.300 homens, disseminados, e de uma flotilha de cinco pequenos navios, quazi dezarmados, e dos quais só um tinha artilharia, o que demonstra á saciedade que o Brazil não estava acumulando elementos em Mato Grosso para guerrear o Paraguai, como falsamente afirma o autor. Quanto á consideravel quantidade de petrechos e armamento que permitiu aos paraguaios sustentarem toda a guerra com os aliados, deve ser fantazia, sabendo-se, com referencia ao material bélico depozitado em Miranda, que o paiol da polvora era um rancho esburacado e que a polvora estava imprestavel em barris apodrecidos, os cunhetes de munição estragados pela humidade e com as tampas corroidas pelo cupim, selins, fardamento e correame estragados, 600.000 capsulas arruinadas de carabina Minié, reparos de artilharia desmanchando-se de pôdres, os carros e forjas imprestaveis. — ("Impressões Militares", de Dantas Barreto, 1910).

Em 14 de janeiro de 1865, López dirigiu-se ao govêrno arjentino, solicitando para os ezercitos paraguaios o tránzito inocente pela provincia de Corrientes ás do Brazil.

Fundava-se o pedido, além de outras razões, em que a Republica Arjentina havia feito 10 anos antes igual concessão ao imperio, quando da expedição Oliveira, e em que estavam permitindo a aglomeração em suas aguas de uma poderozissima esquadra bra-

zileira, com o propózito vizivel e não dissimulado de atacar o Paraguai; porém o prezidente Mitre, não só negou contra toda justiça a permissão que se lhe pedia, como estendeu sua negativa ao territorio nacional das Missões orientais do Paraná, reclamando urjentes explicações sobre a prezença e objeto de nossas forças por aquela parte (9 de fevereiro)."

(A alegação de López, de que a Arjentina concedêra 10 annos antes licença para a esquadra do almirante Pedro Ferreira de Oliveira remontar o Paraná e por esse motivo dezejava atravessar o territorio arjentino com o seu ezercito, o que lhe foi negado "contra toda justiça", diz o autor, não era procedente, porque, de acôrdo com os tratados em vigor, a navegação do Paraná era livre para os belijerantes e assim como a esquadra de Oliveira o subira quando se dirijia ao Paraguai, numa época de paz e em missão diplomatica, os navios de López tambem o podiam decer para atacar o Brazil, sem necessidade de permissão. Si a Arjentina désse consentimento para López servir-se do seu territorio, afim de atacar o Brazil, este, por sua vez, tinha o direito de nele penetrar para combater as forças paraguaias, ficando assim os males da guerra oprimindo os habitantes de um paiz neutro (?), o que seria um absurdo e uma prova de lamentavel fraqueza da parte do governo arjentino.

A violação do territorio arjentino por Lopez não foi mais do que uma antecipa-

ção do ato da Alemanha, invadindo a Beljica na recente Guerra Européa, ato esse que o autor naturalmente verberou, aplaudindo a recuza oposta pela Beljica ao pedido alemão.)

"Em 15 de fevereiro, convocou López um Congresso extraordinário, que se reuniu em 5 de março e ao qual o prezidente da Republica deu conta minucioza e muito bem documentada de todos os incidentes referidos. O Congresso, depois de madura deliberação, sancionou, em 18 de março, uma lei, aprovando a conduta de López quanto ao Brazil e declarando guerra á Republica Arjentina pela sua aliança com o Imperio. Esta declaração foi comunicada em nota de 29 de março."

(Garay diz que López comunicou em 29 de março ao governo arjentino a declaração de guerra e não perdeu tempo em começar as hostilidades. Seria mais de acôrdo com a verdade dizer que ele atacou os navios arjentinos e a cidade de Corrientes em 13 e 14 de abril, de surpreza, e só muito depois disso, em 3 de maio, notificou a declaração de guerra, antecipada de 29 de março. A aliança invocada para esta ultima, não ezistia em março, pois só foi firmada em 1º de maio.)

"López não perdeu tempo em começar as hostilidades, e em 13 de abril cinco vapores paraguaios aprezaram no porto de Corrientes os arjentinos "Gualeguay" e "25 de Mayo", e em 14 o jeneral Robles, á frente de 3.000 homens, entrou na cidade, onde pe-

netraram tambem naquele mesmo dia 800 soldados de cavalaria, sem que se lhes fizesse, nem a uns nem a outros, opozição alguma. As autoridades aditas ao governo central foram substituidas por um triunvirato de tres correntinos, Gauna, Silveiro e Cáceres, favoravel ao Paraguai.

Em 1° de maio de 1865, firmou-se em Buenos Aires um tratado entre o Imperio do Brazil e as Republicas Arjentina e Oriental, no qual se comprometeram a uma aliança ofensiva e defensiva contra o Paraguai até derrocar Lopez, fazer pagar á União os gastos da campanha e as indenizações, demolir todas as suas fortificações e despoja-lo de todas as suas armas ou elementos de guerra sem permitir-lhe construir ou adquirir outros, e obriga-lo á celebração de tratados de limites, cujas clauzulas se estabeleciam desde logo, e importavam no mais iniquo despojo, no mais cruel atropelo aos direitos do Paraguai."

> (As frazes com que Garay mimozeia as clauzulas do tratado que se referiam aos limites, tão têm cabimento, ao menos na parte referente ao Brazil, como já tive ocazião de demonstrar em uma anotação anterior. Quanto ás despezas de guerra, ainda ha pouco tivemos um ezemplo na ultima guerra européa, em que os aliados, apezar de fazerem a guerra contra Guilherme II e não contra o povo alemão, a quem dezejavam libertar, ezijiram o pagamento delas do governo elevado pelo mesmo povo, já libertado, em substituição do chamado "Militarismo Prussiano". Si se objetar que o povo alemão,

durante a guerra, esteve solidario com o seu imperador, poderá se contestar que os paraguaios não o estivessem com o seu ditador?).

"Tão convencidos estavam os Aliados da irritante injustiça de suas estipulações, que combinaram em uma delas mante-las ocultas "até que o objeto principal da aliança se haja obtido"; porém deitou por terra todas as suas rezervas o governo inglez, publicando o tratado em seu "Livro Azul". Dele o reproduziu em abril de 1866 um periodico de Buenos Aires, e sua divulgação cauzou escandalo em todo o mundo e mui particularmente na America, onde o Perú e seus aliados do Pacifico, Bolivia, Chile e Equador, protestaram contra a projetada iniquidade; e, quando López caiu em Cerro Corá com os ultimos soldados que lhe restavam, o Congresso de Colombia deu em sua honra um decreto, recomendando sua memoria ás gerações futuras e ezaltando o heroismo do Paraguai.

A declaração de guerra foi recebida na Republica Arjentina com grandes alardes patrioteiros, e o general Mitre, num discurso, que se fez celebre por sua fanfarronice, disse: "dentro de 24 horas estaremos nos quarteis, dentro de 15 dias em campanha e aos tres mezes em Assunção". Porém, já no terreno dos factos, as vontades fraquearam, e antes de começar as operações um ezercito de 10.000 homens, alistados por Urquiza, a quem o general Mitre constranjia com atenções ezajeradas para evitar que se aliasse com o Paraguai, debandou-se quazi totalmente em Basualdo, vendo-se Urquiza obrigado a licenciar aos mui poucos soldados que lhe ficavam para evitar que tambem se lhe escapassem.

"Entretanto, Robles com o grosso das forças paraguaias havia saído de Corrientes, onde só deixou 1.500 homens ao mando do major Martinez. Em 25 de maio, oito navios brazileiros e dois arjentinos, com 4.000 soldados de dezembarque, aprezentaram-se em frente á cidade, e, emquanto a esquadra a bombardeava, atacaram-na por terra. Travou-se encarniçado combate, em que os navios tiveram parte eficacissima, e ao cabo de muito tempo de heroica luta, os paraguaios retiraram-se a uma milha de Corrientes, que tornaram a occupar no outro dia.

Em 8 de junho, o marechal López saíu de Assunção para Humaitá, deixando encarregado do governo o vice-prezidente Sánchez. Imediatamente á chegada ordenou que se preparassem seus debeis navios de madeira para atacar a esquadra aliada em Riachuelo. Saídos ao anoitecer de 10 para surpreender o inimigo antes de vir o dia, não puderam avista-lo até ás 8 da manhã. Os navios paraguaios, que mandava o capitão Meza, eram oito, mercantes armados em guerra, com as maquinas muito fóra da linha de flutuação, e tinham 30 canhões, um total de 2.591 toneladas e 500 homens de combate; os vapores aliados eram nove, todos de guerra, encouraçados, com numeroza infantaria e 59 canhões. O combate se dava, pois, em condições enormemente desvantajozas e peorou-as a tardança das manobras, que deu lugar ao inimigo a se preparar, e a falta de ganchós de abordajem. Os paraguaios, comtudo, lograram apoderar-se de alguns navios; porém o aussilio dos demais, que pelo infiel cumprimento das instruções ficaram livres, os obrigou a abandona-los. Quatro vapores dos nossos ficaram inutilizados em troca de um brazileiro, que se

perdeu; os restantes retiraram-se sem ser inquietados. 300 brazileiros e 200 paraguaios fôram as perdas da ação. Os soldados do rejimento n. 2 de artilharia, que, ao mando de Bruguez, atuaram em terra, receberam uma medalha comemorativa."

> (A esquadra paraguaia era composta de oito vapores e seis chatas, com 47 canhões e 2.500 tripulantes (e não 30 canhões e 500 homens, como assevera o autor) e era aussiliada por 30 canhões, um rejimento de artilharia e varios batalhões de infantaria, postados na barranca do rio. A esquadra brazileira (pois nela não ezistia nenhum navio arjentino ou uruguaio), compunha-se de uma fragata, seis canhoneiras e dois vapores, com 1.113 marinheiros e 1.174 soldados do ezercito, todos brazileiros, sendo esses navios tambem de madeira, como os seus antagonistas, pois só em 1866 teve a nossa esquadra quatro couraçados e em 1867, 10. As nossas perdas na batalha fôram de 247 mortos e feridos e dos vencidos 1.500.)

"Entretanto, o general Robles era destituido, trazido a Humaitá e passado pelas armas. No mando de suas tropas, ficou Resquin, que, chamado de Mato Grosso, lhe foi adido como imediato.

Ao mesmo tempo que Robles invadia Corrientes, o tenente-coronel Estigarribia marchava ao Uruguai com 12.000 homens, para atacar a provincia do Rio Grande, defendida por um ezercito de 30.000, sob as ordens do general Canabarro e do barão de Jacuí. Encontrando rezistencia muito pequena, chegou Esti-

garribia até Uruguaiana, onde acampou com 8.000, deixando seu imediato, o major Duarte, em Jataí, com os 2.500 restantes, pois as enfermidades haviam reduzido já a este numero a força invazora."

(Não é ezato que Canabarro e Jacuí tivessem 30.000 homens para opôr aos 8.000 invazores paraguaios, pois si tal se désse, só por muita covardia deixariam Estigarribia cometer os atos de vandalismo que praticou em nosso territorio. Sabe-se que naquela época, em toda a provincia do Rio Grande do Sul ezistiam de guarnição 13.300 homens, dos quais sómente 2.300 constituiam a força de Canabarro, guarnecendo Passo das Pedras, S. Marcos, S. Borja e um ponto a 50 leguas ao sul — "Cauzas da guerra com o Paraguai", de Souza Doca (1919). "Historia Naval Brazileira", de Teotonio Meireles da Silva (1884). Apezar disso, uma parte dessa força, comandada pelo coronel Antonio Fernandes de Lima, bateu 500 paraguaios em Botuí, tomando-lhes duas bandeiras.)

"Nesta pozição foi atacado Duarte em 17 de agosto pelo general Flôres, á frente de 13.000 homens. Depois de valoroza rezistencia, a divizão paraguaia foi completamente aniquilada e seu chefe feito prizioneiro, não sem cauzar perdas enormes aos aliados."

(Duarte dispunha de 3.220 homens e Flôres de 8.400; Garay diminue a força do primeiro para 2.500 homens e aumenta generozamente o efetivo do segundo para

13.000. As enormes perdas dos aliados reduziram-se a 83 mortos e 297 feridos.)

"Emquanto Duarte sucumbia desta maneira, Estigarribia, covarde, ignorante ou desleal, não pensava em acudir em seu aussilio, apezar de lhe haver pedido reforços antes da batalha."

(Parece-me injusto acoimar Estigarribia de covarde e desleal por não socorrer seu irmão de armas, pois desde 31 de julho o 1° tenente Floriano Vieira Peixoto, com um rebocador e dois lanchões, armados em guerra, percorria o rio Uruguai, destruindo as canôas paraguaias e interceptando as comunicações entre Duarte e Estigarribia, não podendo este transpôr o rio para acudir áquele.-

"Breve foi ele tambem sitiado por 30.000 homens, e, depois de rezistir algum tempo ás intimações de rendição, acossado pela fome e convencido da impossibilidade de salvar-se, entregou em 18 de setembro sua espada ao ministro da guerra do imperador. Este dezastre determinou a López ordenar a evacuação de Corrientes, e pouco depois partiu para o Passo da Patria e tomou em pessoa o mando do ezercito em 25 de novembro."

(Ha grande ezajero em fazer atinjir a 30.000 o numero dos sitiantes de Uruguaiana; o ezercito aliado ali era de 17.346 homens, dos quais 12.393 brazileiros. — "Efemerides Brazileiras", do barão do Rio Branco, 1918.)

No dia 16 de abril de 1866, passaram o rio Paraná sem nenhuma rezistencia e protejidos pela esquadra, 20.000 soldados da aliança, e em 18 ocuparam Itapirú, abandonado pelos paraguaios. Em 20, o Passo da Patria foi evacuado por toda a guarnição, e Lopez se estabeleceu e fortificou no Estero Bellaco."

> (Não é ezato que os aliados transpuzessem o Paraná sem rezistencia. O dezembarque das primeiras forças, que eram brazileiras, deu-se ás 8 1|2 horas da manhã e logo entraram elas em combate com os comandantes paraguaios Hermosa e Venegas, os quais foram perseguidos até Laguna Sirena, ás 2 horas da tarde. — "Historia do General Ozorio", de Fernando Luiz Ozorio, 1915.)

"Em 2 de maio, 5.000 homens ás ordens do tenente-coronel Diaz atacaram a vanguarda inimiga, mandada pelo general Flôres e a destruiram completamente, apoderando-se de seus canhões; porém Diaz deu tempo para que caissem sobre ele forças infinitamente superiores, que lhe fizeram pagar caro o triunfo, produzindo-lhe 2.300 baixas. As dos aliados fôram maiores: sómente a divizão de Flôres perdeu 1.600 soldados e 31 oficiais."

> (Diaz atacou com 5.000 homens, mas recebeu logo um reforço de 2.400 infantes. E' verdade que tomou quatro canhões, porém deixou em poder dos aliados quatro peças suas e duas bandeiras, tendo perdido cerca de 2.500 homens. Não é ezato que as baixas dos vencedores fossem maiores, pois os alia-

dos tiveram 1.560 homens fóra de combate, dos quasi 800 eram uruguaios e não 1.631, como escreve o autor.)

"O ezercito paraguaio constava de um total de 25.000 homens, e o aliado de 45.000, defendidos por 150 peças de artilharia moderna e armados de fuzis de repetição, emquanto aqueles em toda a guerra unicamente os tiveram de chispa."

(Segundo o testemunho de Thompson e de outros, não é ezata a afirmação de que o ezercito paraguaio estivesse armado só com fuzis de pederneira, como já foi observado por J. Arthur Montenegro, na tradução das "Monografias Historicas", de Iuansilvano Godoi. Montenegro assevera que vizitou o Muzeu Militar, instalado no Azilo dos Invalidos da Patria, na ilha de Bom Jezus, onde se achavam os trofeus tomados pelo nosso ezercito, e nele encontrou desde a abandonada carabina Kunfuss dos prussianos, do fuzil Witton, inglez, até a então modernissima espingarda bávara Turner, de agulha, tiro rápido naquela época. Toda a infantaria brazileira estava armada excluzivamente com espingarda Minié, das quais López possuia tambem, talvez, 25.000. Grande parte da infantaria paraguaia estava armada com o mesmo sistema da nossa e alguns corpos com espingarda de agulha, retrocarga, de superior qualidade para a época.)

"López, não obstante sua inferioridade, rezolveu levar um ataque ao inimigo em suas mesmas pozi-

ções e em 24 de maio 9.000 homens, ás ordens do general Bárrios, 9.000 ás do general Resquin e 5.000 ás do coronel Diaz, caíram sobre os aliados.

A ação foi empenhadissima por ambas as partes; as forças paraguaias levaram por deante varias divizões brazileiras e arjentinas e lhes tomaram sua artilharia; porém o numero venceu o valor, e ás 4 horas da tarde tiveram que retirar-se os paraguaios, deixando no campo 6.000 cadaveres e 350 prizioneiros, nenhum ilezo, sendo enviados 7.000 feridos aos hospitais, sem contar os que estavam levemente, que não entraram neles. Os aliados perderam mais de 8.000 soldados, e um general morto."

> (O ezercito paraguaio aprezentou na batalha de Tuiuti 24.300 homens, porque 13.000 ficaram ocupando as pozições de Sauce, Paso Gómez, Rojas, Paso Pocú, Curupaiti e Humaitá. Os aliados tinham 32.000, sendo 21.000 brazileiros, e não perderam artilharia alguma; nenhum quadrado da infantaria brazileira foi rompido.
>
> As baixas dos aliados fôram 3.913 mortos e feridos e não "mais de 8.000", como diz o autor. Os Paraguaios deixaram em poder dos vencedores quatro canhões, sete bandeiras e estandartes, 5.000 espingardas, 1.500 lanças, espadas e carabinas, nove caixas de guerra, 12 cornetas e uma estativa de foguetes a Congreve.)

"Completamente destruido seu ezercito, López transladou o acampamento a Passo Pocú. Em fins de junho, já o tinha aumentado até 20.000 homens,

dos quais grande parte eram anciãos e meninos. O inimigo recebeu tambem um reforço de 14.000 brazileiros."

> (O reforço trazido pelo conde de Porto Alegre era de 8.000 e não 14.000 homens. "Historia Militar do Brazil", de Leopoldo de Freitas.)

"Em vista da inação dos aliados, Lopez enviou em 11 de julho 6.000 homens contra as forças arjentinas acampadas em Iataiti-Corá, cauzando-lhes uma baixa de 500 soldados e trez oficiais superiores. Os paraguaios só perderam 400, lutando, como em todas as ações desta guerra, em muito grande desproporção numerica.

Em 16, na Punta Naró, onde 2.000 paraguaios haviam começado em 14 a construcção duma trincheira, foram estes atacados por 10.000 brazileiros, que, depois de obstinadissima rezistencia, conquistaram a pozição; e em 18 de julho acometeram os aliados a de Potrero Sauce, ou Boquerón, de onde fôram rechassados. Nesses trez dias, as perdas do inimigo alcançaram a 5.000 soldados e muitos oficiais de alta graduação. As nossas fôram de 2.500."

> (Póde ser que as trincheiras paraguaias de Punta Naró tivessem sido iniciadas por 2.000 homens em 14, porém no dia 16, em que se deu o combate, eram elas defendidas por 7.000, que fôram atacados por 5.520 aliados e não 10.000, como afirma Garay.
>
> Os muito oficiais de alta graduação que os aliados perderam nos combates de 16 e 18 de julho, reduziram-se ao general barão

de S. Borja, ferido, e aos coroneis Manoel Jozé Machado da Costa e León Palleja, mortos. Em compensação, morreu o general paraguaio Elizardo Aquino; os aliados tiveram 4.600 baixas, entre mortos e feridos.)

"Nenhum feito de armas notavel se produziu no que faltava deste mez nem no seguinte, até 3 de setembro, em que 14.000 brazileiros ás ordens de Porto Alegre tomaram as baterias de Curuzú, depois de uma heroica defeza dos 2.000 paraguaios, que a guardavam. Os brazileiros, que, apezar do desprezo em que seus aliados os tinham, sempre se bateram com valor e tiveram a melhor parte em quazi todas as batalhas, perderam nesta operação mais de 2.000 homens, e nós 700 mortos, sendo feridos quasi todos os demais. Este triunfo haveria sido muito mais importante, si o general Mitre não houvesse negado a Porto Alegre, com razões que não se esplicam, os reforços que lhe pediu para marchar sobre Curupaiti, que então estava muito mal defendido."

(O conde de Porto Alegre atacou Curuzú com 8.400 homens e não com 14.000 e os defensores da praça eram 830 a mais do que dá o autor. Não é ezato que as nossas baixas tenham sido de 229 mortos e 712 feridos.)

"Dezejozo López de pôr termo á guerra com uma solução decoroza para ambos os belijerantes, pediu a Mitre uma conferencia, que se celebrou em 21 de setembro, em Iataiti-Corá. Nela, o prezidente paraguaio propoz a paz, manifestando-se disposto a todo

genero de sacrificios, desde que a Aliança renunciasse a fazer efetivas suas estipulações sobre limites. Porém, não foi aceita esta condição e as couzas ficaram no mesmo estado."

> (A conferencia teve logar em 12 e não 21 de setembro. O autor esquece de mencionar que Mitre prontificou-se a encaminhar a paz desde que López consentisse em deixar o governo do Paraguai e retirar-se para a Europa, o que foi recuzado terminantemente pelo ditador.)

"Os generais inimigos rezolveram acelerar as operações, e, em 22 de setembro, Curupaiti, defendido por 5.000 homens, foi assaltado por mais de 18.000 aliados, mandados em pessoa por Mitre, emquanto os oito couraçados e as 13 canhoneiras da esquadra o bombardeavam furiozamente e Flôres com 4.000 soldados de cavalaria o atacava pela retaguarda. A batalha só durou duas horas; porém seus efeitos fôram terriveis: 9.000 mortos e feridos, dos quais 5.000 ficaram em poder dos paraguaios, 3.000 fuzis e grande quantidade de armas e troféus custou aos aliados a sua derrota. Os paraguaios perderam entre mortos e feridos 54 homens. Ficaram os inimigos tão profundamente abatidos com este dezastre, que não ouzaram durante muito tempo repetir seus ataques."

> (Os navios que bombardearam Curupaiti eram cinco couraçados, 12 canhoneiras e trez chatas, comandados pelo marquez de Tamandaré. O ataque por terra foi pu-

ramente frontal e as forças que tomaram parte nele eram sómente brazileiras e arjentinas, sendo inezato que Flores com mais 4.000 homens tivesse atacado a retaguarda das pozições paraguaias, que eram defendidas por 10.000 (e não 5.000). As perdas dos aliados, que atinjiram a 4.093, são ezajeradas pelo autor para 5.000 prizioneiros e 4.000 mortos e feridos. Quanto ás dos paraguaios, que o autor eleva á modesta somma de 54 mortos e feridos, foi de 250 homens, segundo declarações do proprio general paraguaio Resquin, tendo concorrido para elas o bombardeio feito pela esquadra e baterias de terra desde as 7 horas da manhã, o assalto pelas forças aliadas das 12 1|2 ás 3 horas da tarde e a explozão de um depozito com 2.000 quilos de polvora dentro do recinto fortificado. Os feridos aprizionados pelos paraguaios reduziram-se a algumas centenas. As armas e troféus conquistados pelos paraguaios não passam de pura fantasia: nenhum corpo brazileiro ou arjentino perdeu a bandeira; o armamento deixado foi sómente o que era conduzido pelos soldados que morreram na transpozição do fosso, por ocazião da retirada, pois o resto, incluzive os cadaveres e feridos, fôram trazidos pelo ezercito em sua retirada, a qual foi feita de bandeiras desfraldadas e ao som das bandas militares. A vitoria de Curupaiti não foi deciziva para López, porque os aliados apenas deram o assalto ás tricheiras para-

guaias e fôram repelidos, indo ocupar novamente as mesmas pozições que tinham antes do assalto, não tendo havido recuo algum, por conseguinte.)

"Em maio de 1867 uma expedição brazileira que, enviada a Mato Grosso, para combater os invazores, se entreteve em marchas e contra-marchas todo o tempo que tardaram em evacuar a provincia de bom grado, entrou, forte de 5.000 homens, em territorio paraguaio, ao mando do general Camizão. Sabendo López deste fato, mandou um pequeno reforço ao commandante Urbieta, chefe da tropa que operava no Norte. Este reuniu assim 2.000 soldados, com os quais se lançou a perseguir Camizão, fustigando-o tão constantemente, que os brazileiros perderam mais homens nos quatro combates em que fôram derrotados (Apami, Machorra, Mbotetei e Potrero de Nioac), do que na incessante luta que, ao se retirarem, tiveram de sustentar, sem achar ponto de repouzo, de maneira que foram muito poucos os que puderam voltar a Mato Grosso."

(Camizão era coronel e não general e invadiu o Paraguai em 21 de abril, com 1.600 homens, em lugar de 5.000, que lhe dá o autor e, quanto ás derrotas que sofreu, não passam de pura fantazia, pois é sabido que a coluna brazileira repeliu vitoriozamente todos os ataques das forças paraguaias e só as não perseguiu por não dispor de cavalaria, sendo por isso obrigada a se manter sempre na defensiva, não tendo caido em poder do inimigo nenhuma bandeira, nem

um só canhão. Os "muito poucos brazileiros que puderam voltar a Mato Grosso" atinjiam a 700. Os combates e tiroteios travados pela coluna foram nos dias 19 de abril (em Taquarussú), 20 (em Machorra)), 6 de maio (em Laguna ou Arroyo Primero), 8 (em Apami, no qual tivemos 15 mortos), 9 (nas ruinas do forte de Bela Vista), 11 (no passo de Bela Vista, no rio Apa), no qual tivemos 46 mortos e 32 feridos, e os paraguaios 184 mortos, sendo dois oficiais), 12 (nas pontas do rio Jozé Carlos), 14 (luta de artilharia), 15 (ao norte do rio Apa, no qual tivemos cinco baixas), 17, 18, 20 (no campo das Cruzes), 23 (no arroio Prata), 24, 25 e 1º de junho.

O cólera morbus foi que vitimou a maior parte da expedição e não as vitorias paraguaias.)

"Em julho de 1867, o ezercito aliado estava composto de cerca de 50.000 homens. Porto Alegre ficou em Tuiuti, com 30.000, e o resto se poz em marcha, em direção a Tuiucué, onde se deteve. Em 15 de agosto, a esquadra brazileira passou a todo o vapor, não sem sofrer gravissimo dano, sob a bateria de Curupaiti."

(O conde de Porto Alegre ficou guarnecendo Curuzú e Passo da Patria, com 11.000 homens e o resto do ezercito, 35.000 homens, marchou sobre Tuiucué, tendo o autor aumentado o efetivo dessas forças. O "gravissimo dano" sofrido pela nossa es-

> quadra na passajem "a todo vapor" por Curupaiti, reduziu-se a tres mortos e 22 feridos, tendo a passajem durado duas horas e a luta seis.)

"As operações militares sucessivas não tiveram maior importancia, apezar de nossos soldados raiarem nela a incomparavel altura por seu valor, como na ação de 24 de setembro, em que dois batalhões de infantaria e um rejimento de cavalaria arrebataram um comboio, vencendo cinco batalhões e tres rejimentos dos aliados e fazendo-lhes 600 mortos, sem ter elas mais de 20, e 68 feridos; como em 3 de outubro (Taji), em que o general Caballero, então major, com 1.000 homens, atacado por forças mui superiores, as derrotou contudo, cauzando nelas 500 baixas, e, como em 22, em que o mesmo Caballero caiu numa emboscada de 5.000 homens em Tatajibá, e teve que retirar-se rodeado completamente e pelejando corpo a corpo até pôr-se sob os fogos de Humaitá, de onde se retirou o inimigo, valendo ao chefe, estas duas ações, a promoção a coronel, e aos soldados, a ultima, a medalha de Tatajibá."

> (O combate de 24 de setembro está mal descrito. Os paraguaios, em lugar de dois batalhões e um rejimento, tinham seis batalhões de infantaria e tres rejimentos de cavalaria e não conseguiram tomar o comboio, que foi defendido pelos 2.300 brazileiros, que o guardavam, até a chegada de um reforço de 1.500 infantes brazileiros, retirando-se então os atacantes. As forças brazileiras (e não aliadas) não tiveram 600 mor-

tos, como afirma Garay e sim 148 mortos, 283 feridos e 30 prizioneiros.

O tópico sobre o combate de Taji, em que o autor diz que 1.000 paraguaios atacados por forças muito superiores conseguiram derrotar estas, não exprime a verdade, pois se deu o contrario: seis rejimentos paraguaios, com o efetivo de 2.500 homens, atacaram 400 brazileiros, os quais foram socorridos por mais de 2.200, durando o combate e a perseguição aos paraguaios, vencidos, tres quartos de hora. Nós perdemos 170 mortos e feridos (e não 500), e os paraguaios 500 mortos, 200 prizioneiros e oito estandartes.

O combate de Tatajibá deu-se em 21 (e não 22), nele tomando parte 2.500 brazileiros, tendo mais duas divizões aparecido sómente na perseguição.)

"Em 28 de outubro o general Mena Barreto com 5.000 homens apoderou-se duma trincheira, que defendia o potreiro Obella, guardada por 300 paraguaios, dos quais morreram 87 e foram feridos 56. O inimigo perdeu 370 homens, dando-se o curiozo cazo de que, depois de dezalojada já a pozição pelos nossos, continuaram fazendo fogo sobre ela muito tempo".

(Mena Barreto atacou Potrero Obella com seis batalhões (4.000 homens) e não é possivel o facto, narrado pelo autor, dos atacantes fazerem fogo sobre as trincheiras já abandonadas, porque os trez batalhões

> que carregaram pela retaguarda dos paraguaios, entreveraram-se com estes, lutando a arma branca, até se assenhorearem da pozição — "Reminicencias da Campanha do Paraguai", de Dionizio Cerqueira, 1910).

"Em 3 de novembro, 8.000 homens, mandados pelo general Bárrios e os coroneis Caballero e Giménez atacaram o acampamento aliado de Tuiucué, não com o propozito de ficar nele e sim com o de arrebatar-lhe alguns canhões. Ao amanhecer, caíram os paraguaios sobre o inimigo, levando-o por deante, incendiando o acampamento, fazendo voar os depozitos de polvora e fujir dezesperadamente até os vivandeiros e mercadores, e rechassando os reforços que acudiram em defeza do acampamento. A vitoria foi completissima, e quando todo o objeto da expedição foi conseguido, os paraguaios retiraram-se em perfeita ordem, levando 14 peças de todo calibre, trez bandeiras, uma arjentina e duas brazileiras, 80 mulas e muitos carros de provizões, e até as cartas que o general Mitre acabava de receber de Buenos Aires. Os aliados perderam 1.900 homens e 250 prizioneiros, e os paraguaios tiveram cerca de 1.000 baixas. Por esta ação se decretou outra medalha".

> (Segundo Resquín, Bárrios atacou com 9.000 homens o acampamento de Tuiuti (e não Tuiucué), que era defendido por 2.700 homens, os quais receberam depois o aussilio de mais 3.800.
>
> A afirmação feita pelo autor de que a vitoria foi completissima e que os para-

guaios se retiraram em perfeita ordem, não é verdadeira. O proprio general Resquín declarou que os atacantes foram desbaratados e só a cavalaria voltou com alguma ordem, tendo a pouca infantaria que regressou chegado ao acampamento de Lopez em completa debandada. Os brazileiros perderam um canhão e uma bandeira (e não duas) e os arjentinos 12 canhões e trez estandartes (e não uma bandeira). Em compensação, os primeiros se apoderaram de uma bandeira e um estandarte paraguaios. As perdas dos brazileiros e arjentinos fôram 1.789 mortos e feridos e 256 prizioneiros; os paraguaios tiveram 4.000 baixas (e não 1.000) das quais 2.227 mortos e 155 prizioneiros).

"Em 14 de janeiro de 1868, Mitre deixou o mando em chefe a Caxias para ir a Buenos Aires, de onde não regressou ao teatro da guerra. O ezercito aliado estava então composto de 50.000 homens sem se contar os enfermos, e Lopez tinha só 15.000, meninos e velhos na maioria, e horrivelmente açoitados pela fome e todo genero de mizerias.

Havendo os aliados passado mais abaixo de Humaitá, Lopez ordenou a evacuação da capital, e transladou o governo a Luque. Pouco depois, em 22 de fevereiro, Assunção foi bombardeada; porém os navios inimigos se retiraram ao achar rezistencia".

(Em 24 de fevereiro foi que os couraçados *Baía* e *Barrozo* e o monitor *Rio*

Grande bombardearam a bateria de Calera e o forte de Tocumbú, em Assunção. Dispenso-me de comentar a frase de Garay "os navios retiraram-se ao achar rezistencia", que parece querer insinuar que a nossa esquadra só atacava lugares desguarnecidos).

"O mesmo dia 19 de fevereiro em que a esquadra passou Humaitá, os brazileiros atacaram com 12 batalhões de infantaria, seis rejimentos de cavalaria e 12 canhões, o reduto Cierva, defendido por 600 paraguaios, que, depois de rechassarem varias vezes os assaltantes, retiraram-se por se haverem esgotado as munições. As baixas do inimigo fôram de 1.200, e as nossas 147 e nove canhões".

(A força paraguaia batida no reduto Cierva era de dois batalhões de infantaria e um rejimento de cavalaria e perdeu 606 mortos e 15 canhões. Os brazileiros tiveram 596 baixas, tendo sido o reduto acometido por cinco batalhões de infantaria e um corpo de cavalaria, conforme está no Boletim do Ezercito e, quanto á retirada da força paraguaia, não é ezata, pois a guarnição foi dezalojada e em precipitada fuga procurou abrigar-se em dois vapores que se achavam prossimos, mas muito poucos foram os que se salvaram).

"Dezejozo Lopez de apoderar-se de um dos couraçados brazileiros, na noite de 1 de março despachou contra quatro deles, situados mais abaixo de Humaitá, 24 canôas tripuladas cada uma por 12 ho-

mens armados de sabre. Mandava a expedição o capitão Genes, e seu rezultado haveria sido com toda a segurança a captura dos navios, si a forte correnteza não houvesse desviado as canôas. Os homens das que chegaram aos costados do *Herval* e do *Barrozo,* saltaram a bordo, e os tinham já conquistado, quando os outros dois vieram contra eles e os dizimaram terrivelmente com seus fogos. Os expedicionarios perderam 200 homens e os brazileiros 100, morrendo o chefe da divizão de couraçados".

> (Os assaltantes paraguaios eram em numero de 1.500 e não é ezato que os couraçados *Herval* e *Barrozo* tenham sido conquistados. Os couraçados abordados foram o *Cabral* e *Lima Barros,* cujas guarnições rezistiram das torres e cazamatas até serem socorridas pelo *Silvado* e *Herval,* primeiramente, e depois pelo *Brazil* e *Mariz e Barros* Os atacantes tiveram 400 mortos, 11 canôas aprezadas e muitas outras destruidas, e a guarnição dos navios oito mortos e 60 feridos. O oficial morto era o capitão de mar e guerra Joaquim Rodrigues da Costa).

"Esta tentativa se repetiu em 9 de julho, em que seis canôas com 35 homens cada uma fôram mandadas contra o *Barrozo* e o *Rio Grande,* estacionados sob a proteção dos canhões do Taji. Porém, como da primeira vez, o ataque não pôde ser simultaneo por cauza da correnteza: só o *Rio Grande* foi abordado, mortos seu capitão e a maior parte da tripulação e encerrado o resto na cazamata;

porém o *Barrozo,* ajudado pelos disparos do Taji, reconquistou o navio, metralhando os poucos assaltantes".

> "O fato deu-se da seguinte maneira: 260 paraguaios, em 20 canôas, abordaram o couraçado *Barrozo* e fôram repelidos. Quando já iam em fuga, o monitor *Rio Grande* os atacou, aprezando 18 canôas e 24 homens, voltando poucos paraguaios ao seu acampamento. Os brazileiros tiveram um morto (capitão-tenente Antonio Joaquim) e 12 feridos, sendo inezata a afirmação de Garay de que a maior parte da tripulação do *Rio Grande* foi morta).

"A guarnição de Humaitá compunha-se por esta época unicamente de 3.000 homens, em lamentavel estado de extenuação, encarregados de defender 15.000 jardas de trincheiras. Lopez havia passado ao Chaco com as forças que lhe restavam, abandonando as antigas linhas, inclusive Curupaiti, e os aliados haviam posto rigorozo sitio a Humaitá. Defronte desta fortaleza ezistia um reduto paraguaio, que em 15 de julho foi atacado pelo general Ozorio, em pessoa, com 12.000 homens. Os brazileiros acometeram rezolutamente, porém fôram rechassados, perderam 3.000 homens, e só 47 os nossos".

> (O general paraguaio Resquín declarou que em Humaitá ficaram 5.000 homens e não 3.000. O ataque de 16 de julho não foi feito só pelo marquez do Herval, nem o ponto atacado era um simples reduto. Os aliados atacaram as fortificações de Hu-

maitá, indo o marquez do Herval pela esquerda, o visconde de Itaparica pela direita e o general Gelly y Obes pelo centro e perderam 1.032 homens. Os defensores da fortaleza tiveram 300 mortos e feridos).

"Outro feito de armas importante foi o chamado de Acaiuazá, comemorado com a medalha deste nome; em 18 de julho o reduto Corá, defendido por um rejimento de infantaria e 200 soldados de cavalaria desmontados, foi assaltado pelos coroneis arjentinos Martinez de Hoz e Campos, que fôram tomados prizioneiros e rechassada sua força, deixando no campo 400 soldados".

(O coronel Martinez de Hoz não chegou a assaltar o reduto. Ele ia com esse fim, á frente de um batalhão arjentino e dois batalhões brazileiros e, fazendo deter os dois ultimos, seguiu na frente sómente com o primeiro e viu-se cercado no meio da mata e aprizionado de surpreza pelos paraguaios. Os dois batalhões brazileiros fôram em seguida investidos pelo inimigo e rezistiram vitoriozamente até serem socorridos por outro batalhão nosso e essas tres unidades (1.200 homens) puzeram em fuga os atacantes.

Os aliados tiveram 405 baixas e os paraguaios 260 mortos e prizioneiros, além dos feridos).

"Apezar destas vantajens obtidas por nossas armas, Lopez compreendeu a impossibilidade de conservar Humaitá e a fez evacuar nas noites de

23 e 24 de julho. Em 25 inteirou-se disso o inimigo e, ás 3 da tarde, tomou posse do que estava abandonado. Contudo, a escassa guarnição que ficou na fortaleza continuava rezistindo: duas vezes foi rechassado a balaços o parlamentario, que trazia a intimação de render-se; á terceira, o coronel Martinez, chefe da guarnição, consentiu numa entrevista que teve com o general Rivas em 5 de agosto, em capitular, conservando suas espadas os oficiais. O numero dos rendidos era de 1.300; 200 haviam morrido de fome, e muitos dos restantes estavam sem comer havia quatro dias. Naquela mesma noite 300 dos capitulados fujiram e, passando a nado o rio, se reincorporaram ao ezercito".

(Garay faz uma certa confuzão ao narrar este fato. A guarnição de Humaitá transportou-se para a ponta Acauanguassú, no Chaco, terminando ao amanhecer de 25 de julho a evacuação da praça. A's 11 horas da manhã, desse dia, penetraram nela os primeiros soldados brazileiros.

Martinez, cercado na ponta Acauanguassú, Laguna Verá e Isla Poi, sustentou combates diarios de 25 de julho a 5 de agosto.

Em 4 de agosto, o padre Inacio Esmerat, capelão da esquadra brazileira, teve uma conferencia com o chefe paraguaio, rezolvendo este render-se á discrição no dia seguinte, entregando espadas, espingardas, seis canhões e quatro bandeiras. Não houve, por conseguinte, capitulação, como afirma o autor).

"Perdida Humaitá, Lopez que só contava com 10.000 homens, abandonou suas pozições e fortificou as de Angostura e Piquisiri. O ezercito brazileiro, forte, de 32.000 homens, dezembarcou em 5 de dezembro em San Antonio. O general Caballero com 5.000 homens foi enviado a defender contra eles o passo do arroio Itororó, que, na manhã de 6, intentaram forçar os inimigos. A ponte, trez vezes tomada, foi outras tantas recuperada pelo general Caballero, que ficou dono dela; porém ao fim de cinco horas de um combate heroico, Caballero, atacado tambem pela retaguarda e esmagado pelo numero consideravelmente maior dos inimigos, retirou-se, tendo tido 1.200 homens fóra de combate e mais de 3.000 os brazileiros".

(Lopez dispunha de 20.800 homens e não 10.000 como escreve Garay. As forças que dezembarcaram em San Antonio tinham um efetivo de 18.667 homens e não 32.000 como diz o autor.

Dessa força sómente 11.000 tomaram parte na acção de Itororó; não sendo ezato que Caballero foi atacado pela retaguarda, pois o marquez de Herval, que levava essa missão, teve de efetuar uma marcha de 3 1/2 leguas atravéz do mato para contornar a pozição inimiga e só chegou ao outro lado da ponte quando o inimigo já fôra vencido e esta se achava em poder dos nossos. Segundo Resquin os paraguaios tiveram 1.600 mortos e prizioneiros e o nosso ezercito teve 1.864 mortos e feridos).

"Estes continuaram, então, avançando, e, em 11, no arroio Avaí, encontraram de novo Caballero, que com os restos de sua gente os deteve quatro horas com uma rezistencia dezesperadora, em que os paraguaios se bateram como leões; porém, rodeados completamente, os que não haviam sido mortos, foram feitos prizioneiros, sendo deles 100 ilezos e 500 feridos. Caballero, arrancado do seu cavalo e despojado de seu poncho e esporas, não foi reconhecido e pôde no dia seguinte reincorporar-se a Lopez, como fizeram tambem alguns outros chefes superiores e 200 soldados que fujiram depois. As perdas do inimigo chegaram a 4.000".

> (Não é ezato que Caballero tivesse travado a batalha de Avaí sómente com os 3.400 sobreviventes de Itororó, pois ele aprezentou-se nela com 5.100 homens, fazendo frente a 19.000 brazileiros e deixou 3.600 mortos e 1.400 prizioneiros, conseguindo fujir sómente com 100 homens. Os vencedores sofreram 1.750 baixas).

"O ezercito aliado marchou, então, sobre Ita-Ibaté, onde estava Lopez com as forças que lhe restavam, e em 21 de dezembro acometeu suas pozições, que fôram encarniçadamente defendidas. Rechassando muitas vezes o inimigo dos diversos pontos que atacou, outras tantas volveu este ao assalto, cauzando grandes perdas em nossas tropas, que tiveram de converjir ao quartel general. Os brazileiros perderam 3.500 homens".

> (Lopez opôz, segundo Resquín, 13.000 homens aos 19.400 brasileiros que deram

inicio á batalha de Ita-Ibaté ou Lomas Valentinas em 21 de dezembro e só no segundo dia chegaram as forças arjentinas e uruguaias. No dia 27, dispunha o ditador de 7.600 homens para enfrentar 16.000 brazileiros, 4.800 arjentinos e 600 uruguaios, e, nesse dia, o ultimo da batalha, deixou em poder dos vencedores mais 29 canhões, o que demonstra que não dispunha sómente de 1.000 homens e dois canhões, como afirma o autor).

"Nesta pozição, Lopez, reunindo a si todas as escassas forças que lhe restavam, sustentou sete dias de combate, que o debilitavam cada vez mais por mais vantajozos rezultados que tivesse, pois os aliados recebiam constantemente reforços, além de ser seu numero muito superior ao dos nossos.

Em 27, quando a Lopez só restavam 1.000 homens e dois canhões, os aliados com mais de 20.000 avançaram sobre suas pozições. A rezistencia foi dezesperada, logrando com grande trabalho salvar-se do exterminio Lopez, os generais Caballero e Resquín e poucos mais que se dirijiram a Cerro León.

Dois dias antes, haviam sido fuzilados como conspiradores o irmão do prezidente, Benigno Lopez, seu cunhado, o general Bárrios, o bispo Palacios, o coronel Alén, e outros. Estas não fôram as unicas atrocidades de Lopez, que, no curso desta guerra, fez ezecutar muitas e injustas condenações á morte, ditadas por tribunais incapazes de se opôrem ás vinganças do sanguinario prezidente. Nestes processos

eram geralmente fiscais o padre Fidél Maiz, os coroneis Crizóstomo Centurión e Aveiro, e outros.

Angostura era o unico ponto que restava em poder dos paraguaios, e sua pequena guarnição, completamente sitiada pelo ezercito aliado, viu-se obrigada a capitular depois de esgotar a rezistencia e de sofrer atrozmente a fome".

> (Angostura não fez rezistencia alguma e os seus 1.900 homens renderam-se em 30 de dezembro. Dois dias antes, os seus comandantes haviam escrito a Lopez dizendo que podiam manter-se por muito tempo ali e que, si os aliados os atacassem, seriam infalivelmente rechassados.
>
> Quanto á afirmação de Garay de que os aliados recebiam constantemente reforços, ela só é ezata com referencia aos brazileiros, porque os ezercitos arjentino e uruguaio, em vez de aumentarem, fôram decrecendo gradativamente no decurso da guerra, com as diversas retiradas de forças feitas pelos seus respectivos governos).

"Lopez retirou-se a Cerro León, onde reorganizou seu ezercito com todos os homens capazes de empunhar uma arma, ainda que fôssem mutilados ou meninos. Os recursos estavam esgotados quazi completamente; porém, persistiu na rezistencia e não cedeu um palmo de terreno sem disputa-lo bravamente. Estabeleceu em Caacupé uma fundição, onde se fundiram alguns canhões; porém perdeu a de Ibicuí, assaltada e destruida em 17 de maio de 1869 pelos aliados. Para maior desgraça, até os elementos

se haviam declarado contra si, e as enchentes, que haviam permitido a esquadra inimiga burlar as baterias que cerravam o rio, permitiram tambem entrar nos interiores e destruir os poucos e pequenos navios que restavam a López.

Entretanto, o conde d'Eu, genro do Imperador do Brazil, que havia substituido Caxias no mando dos ezercitos da aliança, ativou as operações, ocupou em 25 de maio de 1869 Pirajú e Tacuaral, e depois as vilas de Rozario, de Conceição e de S. Pedro, sem que melhorasse a situação de López o notavel triunfo que, no mez de junho, á frente de 4.700 homens, obteve o general Caballero em Ibitimi sobre um corpo dos aliados, nem o que, em Passo de Jara, no Tebicuari, conseguiu o coronel Roméro".

> (A notavel vitoria obtida por Caballero em Ibitimi deve ser o combate de 8 de junho de 1869, em que o general João Manoel Mena Barreto, com uma divizão brazileira, dezalojou o tenente-coronel Manoel Bernal do desfiladeiro de Sapucaí, perdendo o chefe paraguaio, que era subordinado a Caballero, 200 mortos, muitos feridos e duas bandeiras. (*A Campanha das Cordilheiras*, do general Antonio Jozé Dias de Oliveira.) Tivemos 10 mortos e 36 feridos.
>
> Em Passo de Jara, o general Jozé Gomes Portinho bateu o coronel Rozendo Roméro, fazendo-lhe 100 mortos, com a perda sómente de 10 mortos e 58 feridos).

"Em 12 de agosto de 1869, o conde d'Eu atacou a praça de Peribebuí, que tomou ao cabo de uma

empenhada defeza de cinco horas, e com a perda do general Mena Barreto e 500 homens que morreram na ação".

> (A luta em Peribebuí não durou cinco horas, pois o bombardeio da praça começou ás 6 1/2 da manhã e o assalto ás 8 1/2, estando o combate terminado meia hora depois. Os aliados não tiveram 500 mortos e sim 52; os feridos fôram 505).

"Lopez decidiu, então, abandonar a cordilheira e dirijir-se ao Norte, como fez. O general Caballero, encarregado de escoltar as bagajens, foi alcançado em 16 de agosto nos campos de Barrero Grande pelos ezercitos aliados; rechassou-os, apezar de sua grande superioridade numerica. e, aproveitando a confuzão, passou ao outro lado do arroio Peribebuí, onde, completamente circunvalado, o derrotaram depois de tenacissima luta".

> (Ignoro com que intuito Garay emprega o termo "circunvalado", pois as forças que atacaram Caballero não rodearam a pozição deste de fóssos ou trincheiras).

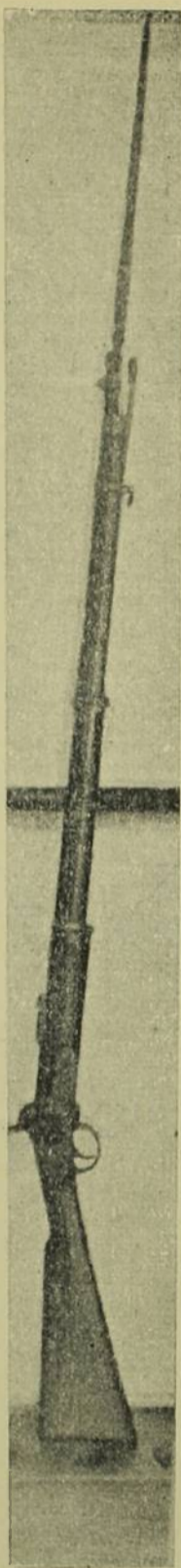
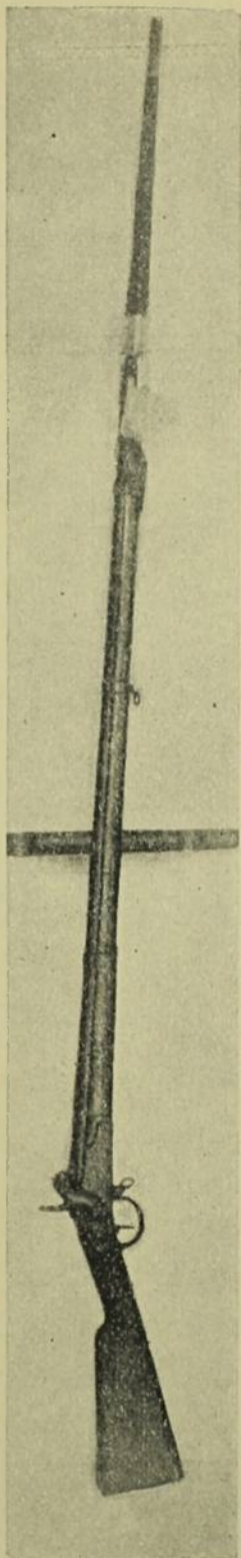
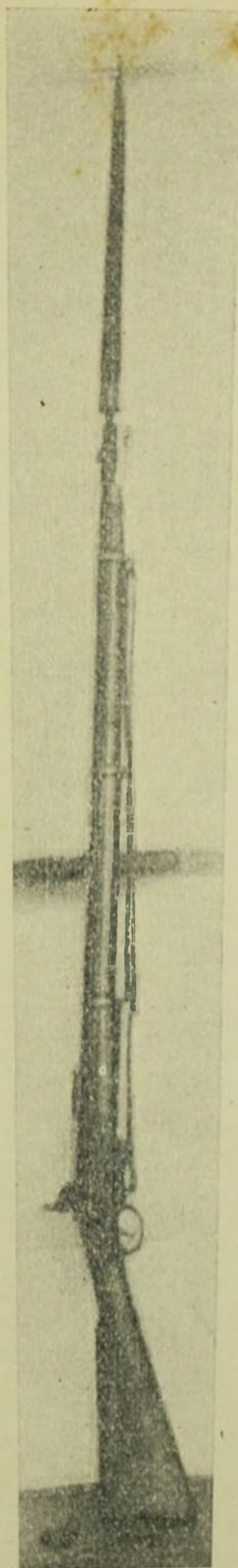
"Desde este ponto a marcha dos mizeraveis restos do ezercito paraguaio foi um penozo calvario, cujos rastos se podiam seguir pelos cadaveres que a fome e os pequenos combates iam deixando. Nenhum povo raiou mais alto no heroismo com que defendeu o sólo da patria; nenhum levou a tão extrema abnegação o sacrificio pela integridade do territorio: vencedores ou vencidos em vitorias que

faziam pagar muito caro, cada vez se debilitavam mais; combatidos pelas epidemias, pela nudez, pela falta de alimentos, pelas marchas penozissimas atravez dos bosques, continuavam sem desmaiar sua heroica luta, e os que caiam prizioneiros (o que, do ponto de vista do bem estar material, era uma fortuna) aproveitavam a primeira conjuntura para fujir e reincorporar-se a seu chefe. Jámais o orgulho nacional arrastou um povo a mais gloriozas ações: pelejavam os paraguaios com tão terrivel encarniçamento que, desde os primeiros combates, os aliados adquiriram esta convicção, que tem sido consagrada em copiozos documentos durante toda a guerra: aos paraguaios só se lhes colhe prizioneiros quando não podem já valer-se; caídos por terra, se defendem contra todos os que se lhes acercam; e, quando curados de suas feridas e obzequiados, recobram suas forças, fojem, assim que podem faze-lo, para ir ocupar seu posto nas sempre honradas fileiras do ezercito nacional.

Em 1 de março de 1870, López, que estava em Cerro Corá com 470 homens, foi atacado pelo grosso do ezercito inimigo, que deu fim á pequena força e morte a López, ao vice-prezidente Sánchez, ao ministro da guerra Caminos e a outros mais, que recuzaram render-se. Com este feito, terminou a guerra, que, desmentindo as predições do general Mitre, durou seis annos, durante os quais o Paraguai não recebeu do estranjeiro nem um só fuzil nem um só tiro, pois estava completamente encerrado pelo inimigo, que, sem contar as vantajens da pozição e do armamento, reprezentava uma força 12 vezes superior".

(O autor esquece-se de acrescentar, ao descrever o calvario do ezercito paraguaio, que não foi só a fome e os combates que fôram assinalando com um estendal de cadaveres o seu caminho e sim a crueldade de López, que mandava fuzilar e lancear os que se atrazavam na marcha. Em Cerro Corá, o ditador não foi atacado pelo grosso do ezercito aliado e sim pela coluna expedicionaria do visconde de Pelotas, organizada especialmente para descobrir o seu paradeiro e bate-lo. O Paraguai recebeu contrabandos de armas varias vezes e o seu armamento, como já está provado, não foi inferior ao dos aliados).

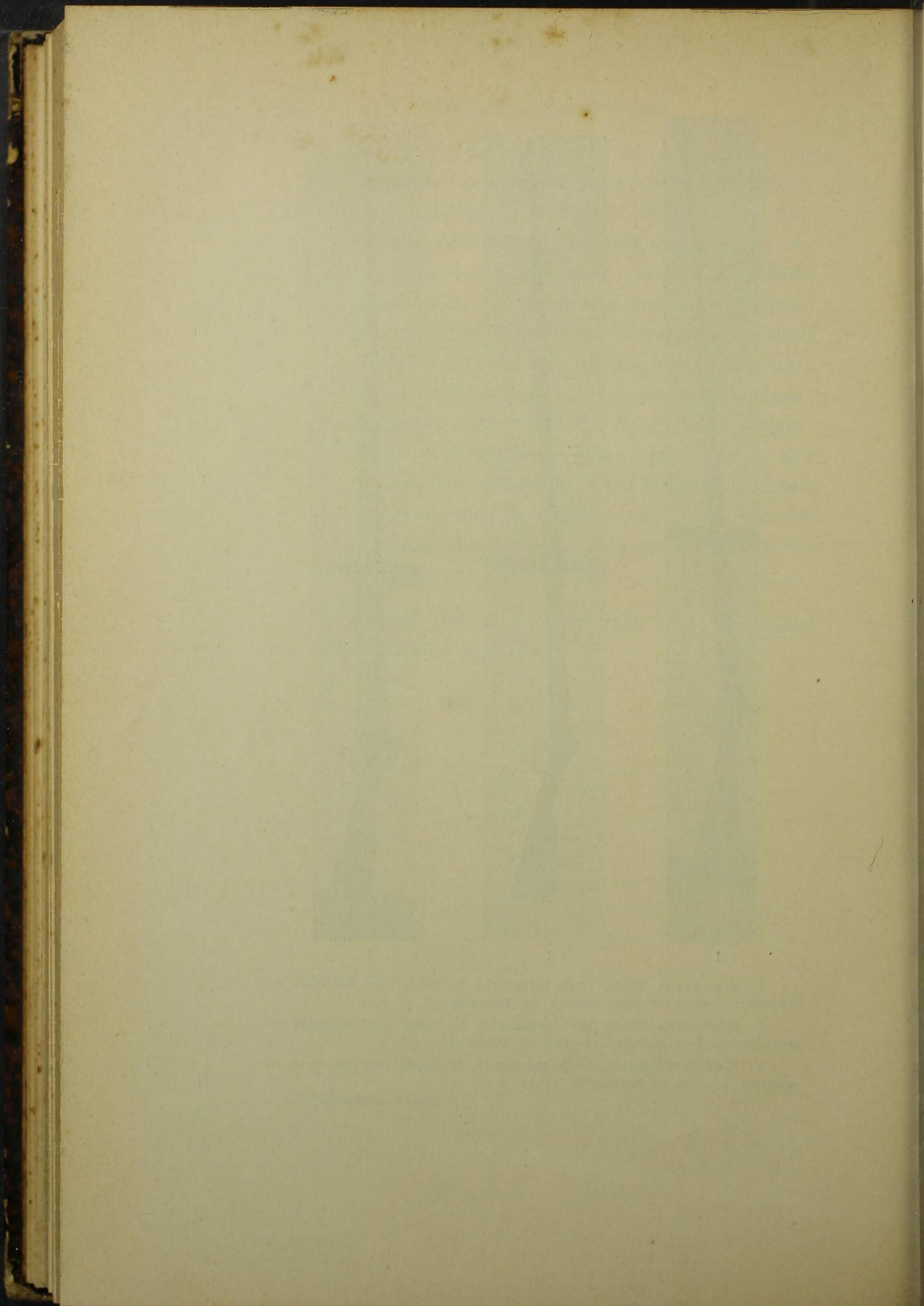
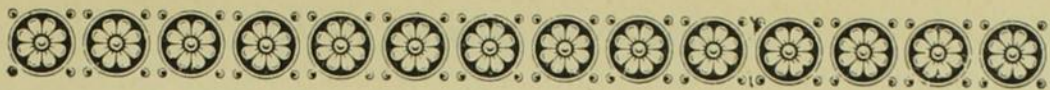
S. Gabriel (Rio Grande do Sul), 22 de novembro de 1929. — *Celso Schröder*.

——«*»——

1 2 3

1. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, modelo Tower. Guerra do Paraguai.

2. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, modelo Mutzig. Guerra do Paraguai.

3. Espingarda Minié, para infantaria de linha, com baioneta triangular, modelo de Malherbe, 1864.

(Muzeu Historico)

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

Apontamentos biograficos para as campanhas do Uruguai e Paraguai — 1866.

Arouche (Diogo Lara de Morais) — *Memoria da campanha de 1816.*

Aguiar — *Vida do marquez de Barbacena.*

Araujo Macedo — *Campanha de 1827.*

Alvear (general Carlos Maria de) — *Exposición.*

Acevedo Dias — *Biografia del general Dias — Epocas militares.*

Acevedo (Eduardo) — *Manual de historia uruguaya.*

Alberdi — *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina — Escritos póstumos — Las dissenciones de las repúblicas del Plata y las maquinaciones del Brasil — Grandes y pequeños hombres del Plata.*

Ayarragaray — *La anarquia argentina — Estudios historicos, politicos y literarios.*

Acevedo (Pablo Blanco) — *La impresión de Montevidéo ante la revolución de Mayo — Historia de la Republica Oriental del Uruguay.*

Alves Matheus (conego Joaquim) — *Oração congratulatoria pelo termo da guerra do Paraguai.*

Arquivo Nacional — *Dados biograficos inéditos de Marcilio Dias.*

Araujo (Orestes) — *Las grandes batallas — Sarandi.*

Abadie Soriano — *Historia del Uruguay.*

Albuquerque (sargento) — *Em caminho da guerra — A cilada arjentina contra o Brazil.*

Archivo del general Mitre.

Alvarez — *Historia de Santa Fé.*

Bilac — *Discursos e conferencias.*

Beverina (coronel Juan) — *La guerra del Paraguay — El general José Maria Paz.*

Burton — *The battlefields of Paraguay.*

Beccar Varela y Udaondo — *Plazas y calles de Buenos Aires.*

Barros Araña — *Compendio elemental de historia de America.*

Baltazar da Silveira — *A' marinha brazileira.*

Benitez (Gregorio) — *Anales diplomatico y militar de la guerra del Paraguay.*

Baez (Adolfo J.) — *Yataity-corá.*

Baez (Cecilio) — *La tirania en el Paraguay — Cuadros historicos y descriptivos.*

Bormann (marechal) — *Rozas e o ezercito aliado — Guerra do Paraguai.*

Bosche (Ed. Teodoro) — *Quadros alternados.*

Batista Pereira — *Civilização contra barbárie — O Brazil e a raça.*

Brown — *Memorandum.*

Berra — *Bosquejo historico de la República Oriental.*

Brandsen (Frederico de) — *Escritos.*

Baldrich (tenente coronel Amadeu) — *Historia de la guerra del Brasil.*

Boiteux Henrique — *Os nossos almirantes.*

Barrozo (Gustavo) — *Uniformes do ezercito — A Guerra do López — A Guerra do Flores — A Guerra do Rozas — A Guerra do Vidéu — A Guerra de Artigas.*

Batalha do Passo do Rozario: arquivo do general João de Deus Martins; anotações de Souza Doca.

Cardús Huerta — *Arado, pluma y espada.*

Cunha Matos — *O primeiro rejimento de artilharia a cavalo na batalha de 24 de maio.*

Carvalho (Alfredo de) — *Memorias de um oficial de caçadores.*

Capistrano de Abreu — *Sobre a colonia do Sacramento — Capitulo de historia colonial.*

Capurro — *La colonia del Sacramento.*

Correa Luna — *La campaña del Brasil y la batalla de Ituzaingó.*

Carranza (Angel) — *Campañas navales de la Republica Argentina.*

Cidade (Paulo) — *O soldado de 1827.*

Cárcano (Ramón) — *La misión Mitre en el Brasil — La cuestion del Chaco — Los tratados de Lamas — Los tratados de Paraná. Derqui y Paranhos — Diplomacia americana. Manuel Quintana y el barón de Cotegipe — De Caseros al XI de septiembre — Del sitio de Buenos Aires al campo de Cepeda.*

Capdevilla (Arturo) — *Las visperas de Caseros.*

Corvalan Mendilaharsu — *Rozas.*

Cascudo (Luis da Camara) — *López do Paraguai.*

Coroleu é Inglada — *America — Historia de su colonización, dominación é independencia.*

Carbonell Debali — *Historia nacional.*

Colman (Narciso) — *Ocara-Poty.*

Cerqueira (Dionizio) — *Reminicencias da campanha do Paraguai.*

Centurión — *Memorias.*

Cunnighame Graham — *The conquest of River Plate.*

Celso (conde de Afonso) — *Porque me ufano do meu paiz.*

Correspondence respecting hostilities in the River Plate — 1865.

Diez Gomez (Adolfo) — *Beltegeuse.*

Dantas Barreto — *Impressões militares.*

Dias (Antonio) — *Historia militar y politica de las repúblicas del Plata.*

Dias (Cesar) — *Memorias.*

Dominguez (Manuel) — *El Civico.*

Découd (Hector F.) — *Una decada de vida nacional — La masacre de Concepción.*

Diario do ezercito.

Danel (Alejandro) — *Autobiografia.*

Estrada (José Manuel) — *La política liberal bajo la tirania de Rosas.*

Eça (Othon d') — *Aos espanhois confinantes...*

El mariscal López en la Camara de Diputados, 1926-1927.

Fix (Theodore) — *La guerre du Paraguay.*

Fleiuss (Max) — *A batalha do Passo do Rozario.*

Fragozo (general Tasso) — *A batalha do Passo do Rozario.*

Fregeiro (Clemente L.) — *La batalla de Ituzaingó.* — *La defensa de Montevidéo y el general Urquiza.*

Frncisco Solano López — (*publicación de la Junta Patriotica.*

Fidel Lopez — *Historia de la República Argentina.*

Garmendia — *La cartera de un soldado* — *Del Brasil, Chile y Paraguay* — *Recuerdos de la guerra del Paraguay.*

Garcia Mérou — *Historia de la República Argentina* — *Alberdi.*

Godoi (Juansilvano) — *Monografias historicas,* 1ª e 2ª séries.

Garcez Palha — *Efémérides navais.*

Galanti (padre) — *Historia do Brazil.*

Garay (Blas) — *Historia del Paraguay.*

Gálvez (Manuel) — *Los camiños de la muerte* — *Humaitá* — *Jornadas de agonia.*

H. D. — *Ensayo de historia patria* — *Historia americana.*

Herrera (Luis Alberto de) — *La diplomacia oriental en el Paraguay.*

Impugnación a la respuesta dada al mensaje del Gobierno de 14 de setiembre, 1827.

Jourdan — *Historia das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai.*

Jusserand — *Histoire littéraire du peuple anglais.*

Lamas (fray Benito) — *Memorias.*

Lamas (Pedro S.) — *Etapas de una gran política.*

Loti (Pierre) — *Au Maroc.*

Lugones (Leopoldo) — *Historia de Sarmiento.*

Lafinur (Luis Mellian) — *Juan Carlos Gomez* — *Los treinta y tres* — *Las charlateras de Oribe.*

Lemos Brito — *Solano López e a guerra do Paraguay — Guerra do Paraguay.*

Leitão Bandeira (marechal) — *O marechal Leitão Bandeira a seus caros filhos.*

Lafinur (Guillermo Mellian) — *Los buitres de las glorias nacionales.*

Lima e Silva (general Luis Manuel) — *Anais do exercito brazileiro,* 1825-1828.

Mitre (Bartholomeo) — *Historia de Belgrano y de la independencia argentina.*

Machado de Olive ra — *Recordações historicas.*

Mastermann — *Siete años de aventuras en el Paraguay.*

Montenegro (J. Artur) — *Uma bala historica.*

Miltos (Cayo) — *Guerre du Paraguay.*

Moreira de Azevedo — *Quadros guerreiros.*

Meireles (Teotonio) — *Historia naval brazileira.*

Macedo Soares — *Falsos troféus de Ituzaingó.*

Maracajú (visconde de) — *Guerra do Paraguai.*

Moreno (Mariano) — *Escritos politicos y economicos.*

Mendieta (fray Geronimo) — *Historia eclesiastica indiana.*

Maupassant — *Le rosier de madame Housson.*

Mosquera (Silvano) — *Siluetas femeninas.*

Miranda (Julian O.) — *Apuntes sobre historia de la República Oriental del Uruguay — Nuestra guerra.*

Navarro Lamarca — *Apuntes de historia americana.*

Nabuco (Joaquim) — *Um estadista do imperio — La guerra del Paraguay.*

Nabuco (Carolina) — *Vida de Joaquim Nabuco.*

Nicolas I — Rey del Paraguay y Emperador de los mamelucos.

Nobre (Fernando) — *As fronteiras do sul.*

Ozorio (Fernando) — *Historia do general Ozorio.*

Ozorio (J. Luiz e Fernando) — *General Ozorio.*

O' Leary (Juan E.) — *El centauro de Ybicuí — Nuestra epopeya — 24 de Mayo. Tuiuty — El mariscal Solano López — Iataiti-corá — Paginas de historia — El libro de los héroes — Alberdi.*

Ouro Preto (visconde de) — *A marinha de outrora — A esquadra e a opozição parlamentar.*

Oliveira Lima — *O reconhecimento da independencia.*

Oneto y Viana — *La diplomacia del Brasil en el Rio de la Plata.*

Palleja — *Diario.*

Pereira da Costa — *Historia da guerra do Brazil contra as republicas do Uruguai e Paraguai.*

Pelliza (Mariano) — *El argentino — Urquiza, Alsina, Mitre — Historia argentina.*

Peña (David) — *Defensa de Alberdi.*

Paz (Carlos y Alvaro Barros) — *La politica brasilera y la juventud argentina.*

Paz (general) — *Memorias póstumas.*

Pereyra (Carlos) — *Francisco Solano López y la guerra del Paraguay.*

Pereira de Souza (Octaviano) — *Guerra do Paraguai.*

Pereira da Silva — *Historia da fundação do imperio.*

Pacheco (Ángel) — *Apuntes.*

Pinto de Campos — *Vide do Duque de Caxias.*

Pascual (Antonio Diodoro) — *Apuntes para la historia de la República Oriental del Uruguay.*

Porto Seguro (visconde de) — *Historia geral do Brazil.*

Puerreydon (Manuel Antonio) — *Escritos historicos.*

Quesada (Ernesto) — *La batalla de Ituzaingó — La época de Rosas.*

Relatorios dos ministros da guerra — 1850 a 1873.

Rossi (Vicente) — *Cosas de negros.*

Revista maritima e colonial — 1866.

Rodrigues da Silva (J. L.) — *Recordações da campanha do Paraguai.*

Rio Branco (barão do) — *Esboço biografico do general Jozé de Abreu — Esboço de historia do Brazil — Efemérides brazileiras.*

Rottjer — *Las operaciones de la guerra del Brasil y la batalla de Ituzaingó.*

Rondeau — *Autobiografia.*

Rossi (Romulo F.) — *Episodios historicos — Bombardeo y toma de Paysandú — Cruzada libertadora.*

Ramos Mejia — *Rosas y su tiempo.*

Rivarola (Rodolfo) — *Del régimen federativo al unitario.*

Rojas (Ricardo) — *Argentinidad.*

Registro oficial argentino — 1820 a 1840.

Ranjel (Alberto) — *D. Pedro I e a marqueza de Santos.*

Silveira Martins (José Julio) — *Silveira Martins.*

Sarmiento (Domingo F.) — *Conflictos y armonias — Argirópolis — Facundo — Campaña en el Ejercito Grande Aliado.*

Schneider — *A Guerra da Triplice Aliança.*

Siber — *Ruckblick auf den Krieg gegen Rosas.*

Sena Pereira — *Libelo arjentino — Memorias e reflexões sobre o Rio da Prata.*

Saldias — *Historia de la confederación argentina — Un siglo de instituciones.*

Seidler — *Zehn Iahren in Brasilien.*

Schlichthof — *Rio de Janeiro wie es ist.*

Sosa (Julio Maria) — *Lavalleja y Oribe.*

Souza Doca — *A convenção preliminar de paz de 1828.*

Southey — *History of Brazil.*

Seweloh — *Erinnerungen.*

Seifert — *Os sofrimentos dum prizioneiro ou o martir da patria.*

San Martin (Zorilla de) — *La epopeya de Artigas.*

Seeber — *Cartas sobre la guerra del Paraguay.*

S. Leopoldo (visconde de) — *Anais do Rio Grande do Sul.*

Studart (barão de) — *Dicionario bio-bibliografico cearense.*

Thompson — *La guerra del Paraguay.*

Taunay (visconde de) — *A retirada da Laguna — Diario do exercito — Cartas da campanha — Recordações de guerra e de viajem.*

Taunay (Afonso) — *Grandes vultos da independencia brazileira.*

Tavares (Raul) — *O papel da marinha na independencia.*

Titara (Santos) — *Memorias do Grande Exercito Aliado Libertador do Sul da America — Diario das operações do exercito brazileiro na campanha de 1851-1852.*

Udaondo — *Album de uniformes militares.*

Urquiza (Eduardo de) — *Historia numismatica de la campaña libertadora de Urquiza.*

Villanueva (Carlos A.) — *Resumen de la historia general de America.*

Victorica (Julio) — *Urquiza y Mitre.*

Velho da Silva — *Homens e fatos da historia patria.*

Varela (Alfredo) — *Duas grandes intrigas — Revoluções cisplatinas — O Rio Grande do Sul.*

Vera y Mitre — *El dean Funes y la historia argentina.*

Xavier (Carlos Frederico) — *Historia medico-cirurgica da esquadra brazileira.*

Washburn — *The war of Paraguay.*

Zinny (Antonio) — *Historia de los gobernantes del Paraguay.*

——«*»——

INDICE

INDICE

Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1930